



john
grisham
a
confraria

O golpe perfeito.
A vítima errada.

O BEST-SELLER NÚMERO UM

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

JOHN GRISHAM

(1955)

A CONFRARIA

Titulo original americano

THE BRETHERN

2000

Círculo de Leitores, Lisboa

JOHN GRISHAM

A CONFRARIA

Círculo de Leitores

Título original: THE BRETHERN

Tradução: MARIA FILOMENA DUARTE

Capa: JOSÉ ANTUNES

Foto da capa: PHOTODISC

Copyright 2000 by Belfry Holdings, Inc.

Impresso e encadernado para o Círculo de Leitores
por SIG – Sociedade Industrial Gráfica, Lda., Camarate
em Dezembro de 2001

Número de edição: 5318

Depósito legal número 170 372/01

ISBN 972-42-2605-0

UM

Na sessão semanal, o bobo da corte apresentava-se, como era habitual, de pijama castanho bastante puído e desbotado e de sapatos de pano turco cor de alfazema, sem meias. Não era o único recluso que executava a sua tarefa diária de pijama, mas mais ninguém se atrevia a usar sapatos cor de alfazema. Chamava-se T. Karl e já fora proprietário de bancos em Boston.

O pijama e os sapatos não eram tão incômodos como a cabeleira. Esta tinha um risco ao meio e precipitava-se em várias camadas sobre as orelhas, com caracóis apertados que se dividiam em três direções e lhe caíam, pesados, nos ombros. Era cinzenta-clara, quase branca, e lembrava as cabeleiras dos antigos magistrados ingleses de há vários séculos. Um amigo do exterior descobrira-a num estabelecimento de roupas em segunda mão de Manhattan, na Village.

T. Karl usava-a no tribunal com grande orgulho, e, apesar do seu aspecto insólito, com o tempo acabara por fazer parte do espetáculo. De qualquer modo, os outros reclusos mantinham-se à distância de T. Karl, com ou sem cabeleira.

O homem levantou-se atrás da sua frágil mesa desmontável na cantina da prisão, agitou um maço de plástico que fazia as vezes de martelo, pigarreou e anunciou com grande dignidade: .

– Atenção, atenção, atenção. Está aberta a sessão do Tribunal Federal Inferior do Norte da Florida. É favor levantarem-se.

Ninguém se mexeu, ou pelo menos ninguém fez um esforço para se levantar. Trinta reclusos refastelavam-se nas cadeiras de plástico do refeitório, uns a olhar para o bobo da corte e outros a conversar, como se ele não existisse.

T. Karl continuou: – Aproximem-se todos aqueles que procuram justiça para saírem lixados.

Ninguém se riu. Há vários meses, quando T. Karl pronunciara esta frase pela primeira vez, tinham achado graça. Agora, era apenas mais uma parte do espetáculo. O homem sentou-se com cuidado, certificando-se de

que os canudos que lhe dançavam nos ombros ficavam bem à vista, e abriu um livro grosso com uma capa de couro vermelho no qual eram registados os autos do tribunal. Levava o seu trabalho muito a sério.

Três homens saíram da cozinha e entraram na sala. Dois vinham calçados.

Um deles comia um aperitivo salgado. O que estava descalço também trazia as pernas à mostra até aos joelhos, e por baixo da toga viam-se-lhe os canivetes magros. Eram lisos, magros e muito queimados pelo sol. No tornozelo esquerdo, via-se uma grande tatuagem. O homem era da Califórnia.

Os três envergavam velhas togas de igreja do mesmo coró, verdes-claras e com debrum dourado.

Provinham do mesmo estabelecimento da cabeleira de T. Karl, que lhas oferecera de presente no Natal. Era assim que ele conservava o seu lugar como funcionário do tribunal. « Ouviram-se alguns assobios e risos vindos da assistência quando os juizes atravessaram pausadamente o chão de ladrilhos, com grande pompa, com as togas a esvoaçar. Ocuparam os seus lugares atrás de uma longa mesa desmontável, junto de T. Karl, mas não demasiado, e prepararam-se para a reunião semanal. O gordo e baixo sentou-se no meio. Chamava-se Joe Roy Spicer e exercia à revelia as funções de presidente do tribunal. Na fase anterior da sua vida, o juiz Spicer fora juiz de paz no Mississippi, devidamente eleito pelo povo da sua comarca, e expulso quando a polícia federal o apanhara a extrair lucros fabulosos de um clube Shriners.

– Façam o favor de se sentar – disse ele.

Ninguém estava de pé. Os juizes instalaram-se nas cadeiras desmontáveis e compuseram as togas de modo que estas lhe caíssem devidamente à volta do corpo. O diretor-adjunto afastou-se para o lado, ignorado pelos reclusos. Acompanhava-o um guarda fardado. Os três Confrades reuniam-se uma vez por semana com a aprovação das autoridades prisionais. Ouviam casos, mediavam disputas, resolviam pequenas questões entre os rapazes e, de um modo geral, revelavam-se um fator de estabilidade no seio da população prisional.

Spicer olhou para o rol das causas, uma pilha de papel impecavelmente escrita à mão por T. Karl, e disse: – Ordem no tribunal.

À sua direita estava o californiano, o Meritíssimo Finn Yarber, de sessenta anos, preso há dois anos e ainda com cinco para cumprir por fuga ao fisco. Fora uma vingança, continuava ele a dizer a quem lhe desse ouvidos. Uma cruzada dirigida por um governador republicano que conseguira unir os eleitores num movimento destinado a destituir o presidente Yarber do Supremo Tribunal da Califórnia. O ponto de união fora a oposição de Yarber à pena de morte e a arbitrariedade com que adia todas as execuções. O povo queria sangue, Yarber evitava-o, os republicanos desenvolveram uma campanha frenética e a destituição foi um sucesso esmagador. Puseram-no na rua, por onde Yarber andou a vaguear até a administração fiscal começar a fazer perguntas. Formado em Stanford, indiciado em Sacramento e condenado em São Francisco, cumpria agora a sua pena numa prisão federal da Florida.

Detido há dois anos, Finn ainda lutava com a amargura. Continuava a acreditar na sua inocência e a sonhar com o dia em que acabaria por vencer os seus inimigos. Mas os sonhos estavam a desvanecer-se. Finn passava muito tempo na pista de jogging, torrando ao sol e sonhando com outra vida.

– O primeiro caso é Schneiter contra Magruder – anunciou Spicer, como se estivesse prestes a começar um julgamento importante sobre violação da lei da concorrência.

– O Schneiter não está – disse Beech.

– Onde se meteu? – Na enfermaria. Está outra vez com pedras na vesícula. Acabei de ir lá levá-lo.

Hatlee Beech era o terceiro membro do tribunal. Passava a maior parte do tempo na enfermaria por causa de hemorróidas, de dores de cabeça ou de gânglios inchados. Tinha cinquenta e seis anos, era o mais novo dos três e, como ainda tinha nove anos para cumprir, estava convencido de que havia de morrer na prisão. Fora juiz federal no Leste do Texas, era um conservador ferrenho que conhecia bem as Escrituras e gostava de fazer citações durante os julgamentos. Tivera ambições políticas, uma bela família e dinheiro proveniente da companhia petrolífera dos parentes da mulher. Confrontava-se igualmente com um problema de alcoolismo de que ninguém tinha conhecimento, até ao dia em que atropelara dois peões em Yellowstone. Ambos tinham morrido. O automóvel que Beech conduzia pertencia a uma jovem que não era casada

com ele e que fora encontrada nua, no banco da frente, demasiado embriagada para poder andar.

Condenaram-no a doze anos.

Joe Roy Spicer, Finn Yarber e Hatlee Beech. O Tribunal Inferior do Norte da Florida, mais conhecido por Confraria de Trumble, uma prisão federal de segurança mínima sem vedações, sem torres de vigia e sem arame farpado. Quem tivesse uma pena a cumprir, que a cumprisse à maneira federal e num local como Trumble.

– Julgamos à revelia? – perguntou Spicer a Beech.

– Não. Continuamos na próxima semana.

– Está bem. Não me parece que ele vá a lado nenhum.

– Oponho-me a um adiamento – disse Magruder no meio da assistência.

– Que pena! – disse Spicer. – O julgamento continua na próxima semana.

Magruder levantou-se.

– É a terceira vez que o julgamento é adiado. Eu sou o queixoso. Eu é que o processei. Ele refugia-se na enfermaria sempre que temos uma sessão.

– Qual é o motivo da vossa discórdia? – perguntou Spicer. – Dezassete dólares e duas revistas – atalhou T. Karl.

– Assim tanto, hem? – disse Spicer. Dezassete dólares seriam sempre motivo de processo em Trumble.

Finn Yarber já estava farto. Afagou a barba grisalha e rala com uma mão e arranhou a mesa com as unhas compridas. Depois, fez estalar ruidosamente os dedos dos pés no chão, num pequeno mas eficiente exercício que acalmava os nervos. Na sua outra vida, quando tinha títulos - presidente do Supremo Tribunal da Califórnia –, era frequente presidir às sessões com socas de cabedal, sem meias, para poder exercitar os dedos dos pés durante os enfadonhos depoimentos orais.

– Continue – disse ele.

– Justiça adiada é justiça negada – disse Magruder com um ar solene. – Isso é verdadeiramente original-disse Beech. – Mais uma semana e julgaremos Schneiter à revelia.

– Registre-se – disse Spicer, com grande determinação.

T. Karl tomou nota no livro de autos. Magruder sentou-se de mau humor. Apresentara a sua queixa no Tribunal Inferior entregando a T. Karl um resumo de uma página com as suas alegações contra Schneitcr. Só com uma página. A Confraria não suportava papelada. Bastava uma página para passarem um dia no tribunal. Schneiter respondera com seis páginas de invectivas, que tinham merecido um ataque sumário de T. Karl.

As regras continuavam a ser simples. Autos curtos. Nada de manifestações. Justiça rápida. Decisões na hora, e todas vinculativas se ambas as partes se submetessem à jurisdição do tribunal. Nada de recursos; não havia aonde apresentá-los. As testemunhas não tinham de prestar juramento para dizer a verdade. As mentiras eram totalmente esperadas. Afinal, tratava-se de uma prisão.

– O que se segue? – perguntou Spicer.

T. Karl teve uma breve hesitação e depois respondeu: – O caso Whiz.

De repente, fez-se silêncio, e as cadeiras de plástico do refeitório avançaram, numa ofensiva barulhenta. Os reclusos arrastaram-se até que T. Karl exclamou: – Já chega! Estavam a menos de seis metros da bancada.

– Mantenhamos o decoro! – proclamou ele.

Há vários meses que o caso Whiz apodrecia em Trumble. Whiz era um jovem criminoso de Wall Street que ludibriara alguns clientes ricos. Havia quatro milhões de dólares que nunca tinham sido justificados, e dizia a lenda que Whiz os aplicara num paraíso fiscal e que os geria a partir de Trumble. Ainda tinha seis anos para cumprir e teria quase quarenta quando saísse em liberdade condicional. Era voz corrente que cumpria tranquilamente a sua pena até ao dia glorioso em que seria libertado e partiria num jato particular para uma praia em que o dinheiro o esperava.

Lá dentro, o mito aumentava, em parte porque Whiz era reservado e passava longas horas a consultar boletins financeiros e gráficos e a ler publicações econômicas impenetráveis. Até o diretor tentara convencê-lo a dar-lhe uns palpites sobre o mercado acionista.

Um antigo advogado conhecido por Rook conseguira aproximar-se de Whiz e convencera-o a partilhar alguns conselhos com um clube de investimento que se reunia uma vez por semana na capela da prisão. Era em nome do clube que Rook processava agora Whiz por fraude.

Rook sentou-se na cadeira das testemunhas e iniciou a sua narrativa. As habituais regras de procedimento e prova eram dispensadas para que se pudesse chegar rapidamente à verdade, fosse ela qual fosse.

– Então eu vou ter com o Whiz e pergunto-lhe o que pensa ele da ValueNow, uma nova empresa online sobre a qual li um artigo na Forbes – explicou Rook. – O Whiz disse que ia averiguar. Nunca mais falou em nada. Então, fui ter de novo com ele e perguntei. «Ouve lá, Whiz, o que há sobre a ValueNow?» E ele disse que julgava tratar-se de uma empresa sólida e que as ações iriam por aí acima.

– Eu não disse isso – apressou-se a interpor Whiz. Estava sentado do outro lado da sala, sozinho, com os braços apoiados na cadeira da frente.

– Ai isso é que disseste.

– Não disse.

– De qualquer modo, volto ao clube e digo-lhes que o Whiz está metido no negócio, e resolvemos comprar umas ações da ValueNow. Mas os rapazes não conseguem comprar porque a oferta está fechada. Volto a ir ter com o Whiz e digo: «Ouve lá, Whiz, achas que consegues puxar os cordelinhos com os teus colegas de Wall Street e arranjar umas ações da ValueNow?» E o Whiz disse que estava convencido de que conseguiria.

– Isso é mentira – respondeu Whiz.

– Cala-te. Terás a tua oportunidade – disse o juiz Spicer.

– Ele está a mentir – disse Whiz, como se a mentira fosse proibida.

Se Whiz tinha ou não dinheiro, nunca se viria a saber, pelo menos no interior da cadeia. Na sua cela de 2,50 m x 3,60 m não havia nada, além das pilhas de revistas financeiras. Nem aparelhagem estereofônica, nem livros, nem cigarros, nenhuma das coisas que em geral quase todos compravam. O que só contribuía para fortalecer o mito. Whiz era considerado um sovina, um homenzinho estranho que poupava todas as migalhas e que guardava tudo num paraíso fiscal.

– De qualquer modo resolvemos jogar, adquirindo uma grande posição na ValueNow – continuou Rook. – A nossa estratégia era liquidar as nossas participações e consolidar.

– Consolidar? – perguntou o juiz Beech. Rook parecia um gestor de carteira que manipulava milhões.

Exatamente, consolidar— Pedimos tudo o que pudemos aos amigos e à família e conseguimos quase mil dólares.

— Mil dólares — repetiu o juiz Spicer. Nada mau para um trabalho feito na prisão. — E o que aconteceu depois? — Eu disse ali ao Whiz que estávamos prontos a avançar. Conseguia arranjar-nos as ações? Isto foi numa terça-feira. A oferta era numa sexta-feira. O Whiz disse que não havia problema. Disse que tinha um colega na Goldman Sux, ou lá o que era, que podia tomar conta de nós.

— Isso é mentira — disparou Whiz do outro lado da sala.

— De qualquer modo, na quarta-feira eu vi o Whiz no pátio leste e perguntei-lhe pelas ações. Ele disse que não havia problema.

— Isso é mentira.

— Eu tenho uma testemunha.

— Quem? — perguntou o juiz Spicer.

— O Picasso.

Picasso estava sentado atrás de Rook, tal como os outros seis membros do clube de investimento. Picasso acenou com relutância.

— Isso é verdade? — perguntou Spicer.

— E — respondeu Picasso. — O Rook perguntou pelas ações. O Whiz disse que as conseguiria. Sem problemas.

Picasso depusera em muitos casos e era dos reclusos que mais vezes fora apanhado a mentir.

— Continua — disse Spicer.

— De qualquer modo, na quinta-feira não consegui encontrar o Whiz em lado nenhum. Ele andava a esconder-se de mim.

— Não andava nada.

— Na sexta-feira, a cotação foi tornada pública. Cada ação era oferecida a vinte dólares, o preço a que as poderíamos ter comprado se ali o senhor Wall Street tivesse cumprido o que prometera. Abriu a sessenta, passou a maior parte do dia a oitenta e fechou a setenta. Os nossos planos eram vendê-las o mais depressa possível. Podíamos comprar cinquenta ações a vinte, vendê-las a oitenta e sairmos do negócio com três mil dólares de lucro.

A violência era muito rara em Trumble. Três mil dólares não davam para matar ninguém, mas talvez partissem alguns ossos. Whiz estava com sorte até agora. Não sofrera nenhuma emboscada.

– E consideras que o Whiz te deve esses lucros perdidos? – perguntou o ex-juiz Finn Yarber, que arrancava pêlos das sobrançelas nesse momento.

– E com toda a razão. Olha, o que faz com que o negócio cheire ainda pior é o fato de o Whiz ter comprado a ValueNow para ele.

– Isso é uma redonda mentira – disse Whiz.

– Cuidado com a língua, por favor – disse o juiz Beech. Para perder um caso com a Confraria bastava ofender Beech com a linguagem.

Os boatos de que Whiz comprara as ações para ele tinham sido - lançados por Rook e o seu grupo. Não havia provas, mas a história revelara-se irresistível e tantas vezes fora repetida pela maioria dos reclusos :que agora era considerada um fato. Adaptava-se bem à situação.

– É tudo? – perguntou Spicer a Rook.

Rook tinha outros pontos que queria burilar, mas os Confrades não tinham paciência para litigantes tortuosos. Em especial para ex-advogados que ainda reviviam os seus dias de glória. Havia pelo menos cinco em Trumble e pareciam estar sempre presentes nas sessões.

– Acho que sim – respondeu Rook.

– O que tens a dizer? – perguntou Spicer a Whiz.

Whiz levantou-se e deu alguns passos em direção à mesa. Deitou um olhar fulminante aos seus acusadores, a Rook e ao seu grupo de vencidos. Em seguida, dirigiu-se ao tribunal: – Qual é aqui o ónus da prova? O juiz Spicer baixou imediatamente os olhos e esperou que fossem em seu auxílio. Como juiz de paz, não tinha experiência de leis. Nunca terminara o liceu e depois trabalhara na loja de província do pai durante vinte anos. Era daí que vinham os votos. Spicer confiava no senso comum, que muitas vezes entrava em conflito com a lei. Quaisquer assuntos relacionados com leis seriam resolvidos pelos seus dois colegas.

– É aquele que nós dissermos – respondeu o juiz Beech, saboreando um debate com um corretor sobre as leis de funcionamento do tribunal.

– Uma prova clara e convincente? – perguntou Whiz.

– Talvez, mas não neste caso.

– Para além de uma dúvida razoável? – Talvez não.

– Preponderância do testemunho? – Agora estás a aproximar-te. – Então, eles não têm provas – disse Whiz, agitando as mãos como um mau

ator numa má peça de teatro televisivo.

– Porque não te limitas a contar-nos a tua versão da história? – perguntou Beech.

– Eu adorava. A ValueNow era uma típica oferta online, com montes de publicidade, montes de tinta vermelha nos livros. É verdade que o Rook veio ter comigo, mas quando eu consegui fazer os telefonemas a oferta estava fechada. Telefonei a um amigo que me disse ser impossível conseguir as ações. Até os grandalhões ficaram de fora.

– Como é que isso acontece? – perguntou o juiz Yarber. Fez-se silêncio na sala. Quando Whiz falava de dinheiro, todos se calavam.

– Está sempre a acontecer nas OPIs. Nas ofertas públicas iniciais.

– Nós sabemos o que é uma OPI – disse Beech.

Era óbvio que Spicer não sabia. Não havia muitas OPIs no Mississipi rural.

Whiz descontraiu-se um pouco. Podia ofuscá-los por instantes, ganhar este caso incômodo, voltar para a sua toca e ignorá-los.

– A OPI da ValueNow foi conduzida pela sociedade de investimentos Bakin-Kline, uma pequena unidade de São Francisco. Foram postos à venda cinco milhões de ações.

Basicamente, a Bakin-Kline pré-comprou as ações aos seus amigos e clientes preferenciais para que as maiores sociedades de investimentos não tivessem acesso à operação. Isto está sempre a acontecer.

Os juizes e os reclusos, e até o bobo, estavam suspensos das palavras de Whiz.

O homem prosseguiu: – É um disparate pensar que um brutamontes qualquer que está na prisão, a ler um exemplar antigo da Forbes, consegue comprar mil dólares de ações da ValueNow.

E nesse preciso momento, a situação parecia mesmo disparatada. Rook espumava, enquanto os seus colegas do clube começavam a acusá-lo em silêncio.

– Compraste algumas? – perguntou Beech.

– Evidentemente que não. Nem consegui aproximar-me. E, além disso, a maior parte das empresas online e de alta tecnologia são construídas com dinheiro falso. Eu afasto-me delas.

– O que preferes? – perguntou Beech à pressa, levado pela curiosidade.

– Valor. Um longo caminho. Não tenho pressa. Olhem, este é um falso caso inventado por uns tipos que procuram dinheiro fácil.

Whiz apontou para Rook, que estava enterrado na cadeira. Parecia totalmente credível e legítimo.

O caso de Rook assentava em boatos, em especulações e na corroboração de Picasso, um conhecido mentiroso.

– Tens testemunhas? – perguntou Spicer.

– Não preciso – respondeu Whiz, sentando-se.

Cada um dos três juizes escreveu qualquer coisa num pedaço de papel. As deliberações eram rápidas e os veredictos instantâneos. Yarber e Beech passaram os seus a Spicer, que anunciou: – Por dois votos contra um, nós nos pronunciamos a favor do arguido. O caso está encerrado. Quem se segue? Na realidade, a votação fora unânime, mas todos os veredictos eram oficialmente de dois contra um, o que permitia que cada um dos três gozasse de uma certa margem de manobra se fosse confrontado mais tarde.

No entanto, os Confrades eram bem-vistos em Trumble. As suas decisões eram rápidas e, tanto quanto possível, justas. De fato, eram bastante rigorosos à luz dos testemunhos periclitantes que ouviam com frequência. Durante anos, Spicer presidira a pequenos casos, nas traseiras do estabelecimento da família. O homem conseguia identificar um mentiroso à distância. Beech e Yarber tinham feito a sua carreira nas salas dos tribunais e não toleravam depoimentos prolongados nem atrasos, as táticas habituais.

– Por hoje é tudo – informou T. Karl. – Está terminada a sessão.

– Muito bem. O tribunal volta a reunir na próxima semana.

T. Karl levantou-se de um salto, com os caracóis a tremer nos ombros.

– Terminou a sessão. Levantem-se todos, por favor.

Ninguém se levantou nem se mexeu quando os Confrades abandonaram a sala. Rook e os do seu grupo reuniram-se, sem dúvida para combinarem o processo seguinte. Whiz saiu à pressa.

O diretor-adjunto e o guarda esgueiraram-se sem serem vistos. A sessão semanal era um dos melhores espetáculos de Trumble.

DOIS

Apesar de trabalhar no Congresso há catorze anos, Aaron Lake continuava a conduzir o seu automóvel em Washington. Não queria nem precisava de motorista, de assistente ou de guarda-costas. Às vezes, um funcionário ia com ele no carro para tomar notas, mas Lake apreciava a tranquilidade de se encontrar no meio do trânsito da cidade enquanto ouvia guitarra clássica na aparelhagem estereofônica. Muitos dos seus amigos, em especial os que tinham alcançado o estatuto de presidente ou vice-presidente, tinham automóveis maiores, com motorista. Alguns até tinham limusinas.

Não era o caso de Lake. Era uma perda de tempo, de dinheiro e de privacidade. Se alguma vez almejasse um cargo superior, não queria ter um motorista às costas. Além disso, gostava de estar sozinho. O seu gabinete era um manicômio. Tinha quinze pessoas frenéticas a atender telefones, a abrir dossiês, a servir o povo do Arizona que o mandara para Washington. Outras duas não faziam mais nada senão arranjar dinheiro. Três funcionários internos conseguiram atravancar ainda mais os seus corredores estreitos e levar mais tempo do que mereciam.

Lake era só, viúvo, e tinha uma pequena e estranha vivenda em Georgetown, de que muito gostava.

Levava uma vida tranquila e, de vez em quando, surgia no meio social que o atraía e à falecida mulher nos primeiros anos de vida em comum.

Seguiu pela circular, no meio de um trânsito lento e cauteloso devido a um pequeno nevão. Passou rapidamente pela segurança da CIA em Langley e ficou muito satisfeito ao ver um parque de estacionamento à sua espera e dois vigilantes à paisana.

– Mr. Maynard está à espera – disse um deles com um ar grave, abrindo-lhe a porta do automóvel enquanto o outro lhe pegava na pasta. O poder tinha os seus privilégios.

Lake nunca se encontrara com o diretor da CIA em Langley. Tinham conferenciado duas vezes no Capitólio, havia anos, quando o pobre homem podia deslocar-se. Teddy Maynard estava numa cadeira de rodas e

tinha dores constantes, e até os senadores se deslocavam a Langley sempre que era necessário. Maynard telefonara a Lake meia-dúzia de vezes em catorze anos, mas era um homem muito ocupado. Em geral, os seus assuntos de menor importância eram tratados pelos assessores.

Barreiras de segurança caíam à volta do congressista à medida que este e os seus acompanhantes se embrenhavam nas profundezas da sede da CIA. Quando Lake chegou aos aposentos de Mr. Maynard, ia um pouco mais empertigado, com um certo ar superior.

Era inevitável. O poder intoxicava.

Teddy Maynard mandara-o chamar.

No interior da sala, uma divisão grande, quadrada e sem janelas, o diretor estava sentado sozinho, a olhar em alvo para um grande ecrã no qual se via o rosto do congressista Aaron Lake, imóvel. Era uma fotografia recente, tirada havia três meses numa reunião de gala para recolha de fundos em que Lake bebera meio copo de vinho e comera frango assado, sem sobremesa. Voltara para casa sozinho e fora para a cama antes das onze. A fotografia era agradável porque Lake era muito atraente – cabelo ruivo-claro quase sem brancas, queixo quadrado e uns belos dentes. Tinha cinquenta e três anos e estava a envelhecer muito bem. Todos os dias fazia trinta minutos de exercícios numa máquina de remo e tinha de colesterol. Não lhe tinham encontrado um único mau hábito. Lake apreciava a companhia das mulheres, sobretudo quando era importante ser visto com alguma. Mantinha uma relação estável com uma viúva de sessenta anos, de Bethesda, cujo marido fizera uma fortuna como angariador de votos.

Os pais tinham morrido. O seu único filho era professor em Santa Fé. A mulher morrera em, aos vinte e nove anos, com um cancro nos ovários. Um ano depois, o cão, um spaniel de treze anos, também morrera, e o congressista Aaron Lake vivia verdadeiramente só. Era católico não que isso fosse importante – e ia à missa pelo menos uma vez por semana.

Teddy carregou no botão e o rosto desapareceu.

Lake era desconhecido fora da sua zona, essencialmente porque refreava o seu ego. Se tinha aspirações a um cargo superior, mantinha-as em segredo. O seu nome fora mencionado uma vez, como potencial candidato a governador do Arizona, mas Lake gostava demasiado de Washington. Adorava Georgetown – as multidões, o anonimato, a vida da cidade –, bons restaurantes, livrarias atulhadas e cafés, gostava de teatro e

de música, e nem ele nem a falecida mulher perdiam um espetáculo no Kennedy Center.

No Capitólio, Lake era conhecido como um congressista brilhante e diligente, eloquente, terrivelmente honesto, leal e consciencioso. Como na sua região se encontravam sediadas quatro grandes empresas de armamento, Lake tornara-se um especialista em equipamento militar. Era presidente da Comissão das Forças Armadas e fora nesta qualidade que travara conhecimento com Teddy Maynard.

Teddy carregou de novo no botão, e lá estava a cara de Lake. Teddy, um veterano de guerras de serviços secretos de cinquenta anos, raramente sentia um aperto no estômago. Esquivara-se a balas, escondera-se debaixo de pontes, gelara em montanhas, envenenara dois espiões checos, alvejara um traidor em Bona, aprendera sete idiomas, lutara na Guerra Fria, tentara evitar a seguinte, participara em mais aventuras do que dois agentes juntos, mas, ao olhar para o rosto inocente do congressista Aaron Lake sentiu um aperto no estômago.

Ele – a CIA – estava prestes a fazer algo que a agência nunca fizera.

Tinham começado com cem senadores, cinquenta governadores, quatrocentos e trinta e cinco congressistas, todos potenciais suspeitos, e agora havia apenas um. Aaron Lake, representante do Arizona.

Teddy carregou num botão e a parede esvaziou-se. Tinha as pernas cobertas com uma manta. Vestia o mesmo todos os dias – pulôver azul-escuro, camisa branca e lacinho. Aproximou a cadeira de rodas da porta e preparou-se para receber o seu candidato.

Durante os oito minutos de espera, serviram-lhe um café e um bolo, que Lake recusou. Tinha um metro e oitenta de altura, pesava oitenta e cinco quilos e, se tivesse aceitado o bolo, Teddy teria ficado admirado. Tanto quanto se sabia, Lake nunca ingeria açúcar. Nunca.

Mas o café estava forte e, enquanto o bebia, Lake passou em revista a sua situação. O objectivo da reunião era discutir o fluxo alarmante de artilharia no mercado negro dos Balcãs. Lake preparara dois memorandos, oito páginas a dois espaços de elementos que mastigara até às duas horas da manhã. Não sabia ao certo por que motivo é que Mr. Maynard queria que ele se deslocasse a Langley para debater tal assunto, mas preparara-se com determinação.

Ouviu-se um sinal sonoro suave, a porta abriu-se e o diretor da CIA saiu, embrulhado numa manta e ostentando os seus setenta e quatro anos. Mas apertou-lhe a mão com firmeza, talvez devido ao esforço para se controlar. Lake entrou na sala atrás dele, deixando os dois gorilas licenciados a guardarem a porta.

Sentaram-se em frente um do outro, a uma mesa muito comprida que chegava ao fundo da sala, onde uma parede branca fazia as vezes de ecrã. Depois de uns breves preliminares, Teddy carregou num botão e apareceu outro rosto. Mais um botão e as luzes apagaram-se. Lake adorava aquilo – carregar em botõezinhos, imagens de alta tecnologia que surgiam instantaneamente. Não havia dúvida de que a sala dispunha de equipamento eletrónico suficiente para acompanhar a pulsação de Maynard a nove metros de distância.

– Reconhece-o? – perguntou Teddy.

– Talvez. Creio que já vi esta cara.

– É Natli Chenkov. Um ex-general. Agora é membro daquilo que resta do parlamento russo.

– Também conhecido por Natty – disse Lake, orgulhoso.

– Exatamente. Um comunista da linha dura, muito ligado às forças armadas, com um espírito brilhante, um ego enorme, muito ambicioso, implacável e, neste momento, o homem mais perigoso do mundo.

– Não sabia.

Um estalido, outra cara, esta de pedra, debaixo de um espalhafatoso chapéu militar.

– Este é Yuri Goltsin, o segundo no comando do que resta do exército russo. Chenkov e Goltsin têm grandes planos.

Outro estalido, um mapa de uma parte da Rússia a norte de Moscovo.

– Eles estão a acumular armamento nesta região – disse Teddy.

Na realidade, estão a roubá-lo a si próprios, a pilhar o exército russo, mas, o que é mais importante, estão a comprá-lo no mercado negro.

– De onde é que vem o dinheiro?

– De toda a parte. Trocam petróleo por radares israelenses.

Traficam droga e compram tanques chineses através do Paquistão.

Chenkov está muito ligado a alguns criminosos, um dos quais comprou há pouco tempo uma fábrica na Malásia, onde só se fazem espingardas de

ataque. É um plano muito elaborado. Chenkov é um cérebro, tem um QI muito alto. Talvez seja um gênio.

Teddy Maynard era um gênio e, se concedia tal título a outra pessoa, o congressista Lake acreditava nele.

– Então quem é que está a ser atacado? Teddy ignorou a pergunta porque não estava pronto para responder.

– Repare na cidade de Vologda. Fica setecentos e cinquenta quilômetros a leste de Moscovo. Na semana passada, detectamos sessenta Vetrov num armazém da zona. Como sabe, o Vetrov...

– É equivalente ao nosso Tomahawk Cruise, mas com mais sessenta centímetros de comprimento.

– Exatamente. Ou seja, um total de trezentos que eles deslocaram nos últimos noventa dias. Está a ver a cidade de Rybinsk, bem a sudoeste de Volodga? – Conhecida pelo seu plutônio.

– Sim, toneladas dele. O suficiente para produzir dez mil ogivas nucleares. Chenkov, Goltsin e os seus homens controlam toda a área.

– Controlam? – Sim, através de uma rede de criminosos da região e de unidades do exército local.

Chenkov tem a sua gente a postos.

– A postos para quê? Teddy carregou num botão e a parede ficou em branco. Mas a sala continuou na penumbra e, quando ele falou do outro lado da mesa, estava quase na sombra.

– O golpe está iminente, Mr. Lake. Os nossos piores receios estão a tornar-se realidade.

Todos os sectores da sociedade e da cultura russa estão a desmoronar-se. A democracia é uma farsa. O capitalismo é um pesadelo. Julgávamos que conseguíamos americanizar aquilo, mas foi um desastre. Os trabalhadores não recebem salários e são uns felizardos por terem trabalho. Vinte por cento não o tem. As crianças estão a morrer porque não há medicamentos. O mesmo sucede a muitos adultos. Dez por cento da população não tem casa. Vinte por cento tem fome. A situação piora de dia para dia. O país é saqueado por bandos de criminosos. Calculamos que pelo menos quinhentos biliões de dólares tenham sido roubados e levados para fora do país. Não se prevê qualquer melhoria. O momento é perfeito para um novo homem forte, um novo ditador que prometa devolver a

estabilidade ao povo. O país precisa desesperadamente de liderança, e Mr. Chenkov resolveu tomar isso a seu cargo.

– E conta com o exército. ; – Conta com o exército e não precisa de mais. O golpe não envolverá derramamento de sangue porque as pessoas estão preparadas para ele. Elas vão aderir a Chenkov. Ele vai conduzir a parada até à Praça Vermelha e desafiar-nos, aos Estados Unidos, a metermo-nos no seu caminho. Vamos voltar a ser os maus da fita.

– Então a Guerra Fria está de volta – disse Lake, cujas palavras finais mal se ouviram.

– Não há nada de frio nisto. Chenkov quer expandir e recuperar a antiga União Soviética. Precisa desesperadamente de dinheiro, e por isso recebe-o em terrenos, fábricas, petróleo e produtos agrícolas. Desencadeia pequenas guerras regionais, que vencerá com facilidade.

Surgiu mais um mapa. A primeira fase da nova ordem mundial foi apresentada a Lake. Teddy não perdia uma palavra.

– Desconfio que ele vai avançar pelos Estados balcânicos, derrubando os governos na Estônia, Letônia, Lituânia, etc. Depois, dirige-se para o antigo bloco de Leste e faz um acordo com alguns comunistas dessa zona.

O congressista não dizia nada e via a Rússia a aumentar. As previsões de Teddy eram tão certas, tão precisas.

– E os chineses? – perguntou Lake.

Mas Teddy ainda não acabara com a Europa de Leste. Carregou no botão; o mapa mudou.

– Aqui está por onde nós somos sugados.

– Pela Polônia? – Sim. É sempre a mesma coisa. Actualmente, a Polónia é membro da NATO, vá-se lá saber porquê.

A Polónia a assinar para ajudar a proteger-nos, a nós e à Europa! Chenkov consolida o antigo território da Rússia e deita o olho para oeste. O mesmo que o Hitler, só que este olhou para leste.

– Porque havia ele de querer a Polónia? – Por que é que o Hitler queria a Polónia? Porque estava entre ele e a Rússia. Ele odiava os polacos, e estava pronto a desencadear uma guerra. Chenkov está-se nas tintas para a Polónia; só quer controlá-la. E quer destruir a NATO.

– Ele está disposto a provocar uma Terceira Guerra Mundial? Mais botões; o ecrã transformou-se de novo em parede; as luzes acenderam-se.

O equipamento audiovisual foi posto de parte e chegou o momento de uma conversa ainda mais séria. Teddy sentiu uma forte dor nas pernas e não pôde deixar de franzir o sobrolho.

– Não posso responder a essa pergunta – disse. – Sabemos muito, mas não sabemos o que o homem pensa. File está a deslocar-se muito silenciosamente, a pôr as pessoas no sítio, a organizar as coisas.

Não é nada que não seja de esperar, sabe? – Claro que não. Tivemos cenários como esse nos últimos oito anos, mas sempre houve a esperança de que tal não acontecesse.

– Está a acontecer, congressista. Chenkov e Goltsin estão a eliminar os seus opositores enquanto nós conversamos.

– Qual é o calendário? Teddy mexeu-se outra vez debaixo da manta e tentou mudar de posição para pôr fim às dores.

– É difícil dizer. Se ele for esperto, o que é mais do que provável, espera que se desencadeiem motins nas ruas. Creio que, daqui a um ano, Natty Chenkov será o homem mais famoso do mundo.

– Um ano – disse Lake para si próprio, como se tivessem acabado de o condenar à morte.

Seguiu-se uma longa pausa durante a qual anteviu o fim do mundo. Teddy deixou-o em paz. O aperto no estômago de Teddy era agora muito mais pequeno. Gostava muito de Lake. O homem era de fato muito elegante, eloquente e esperto. Tinham feito a escolha certa.

O homem era elegível.

Depois de uma rodada de cafés e de um telefonema que Teddy teve de atender – era o vice– presidente –, os dois homens retomaram a sua pequena conferência e avançaram. O congressista estava satisfeito por Teddy ter tanto tempo para si. Os russos estavam a chegar, mas Teddy parecia muito calmo.

– Não preciso de lhe dizer como as nossas forças armadas estão impreparadas – disse ele com um ar grave.

– Impreparadas para quê? Para a guerra? – Talvez. Se não estivermos preparados, poderemos ter uma guerra. Se formos fortes, evitaremos a guerra. Neste preciso momento, o Pentágono não poderia fazer o que fez na Guerra do Golfo, em 1991.

– Estamos a setenta por cento – disse Lake com autoridade. Este era o seu território.

– Setenta por cento leva-nos a uma guerra, Mr. Lake. Uma guerra que não podemos vencer.

Chenkov gasta tudo aquilo que consegue roubar em novos equipamentos. Nós estamos a cortar nos orçamentos e a reduzir os nossos efetivos. Queremos accionar botões e lançar bombas inteligentes para não derramar o sangue americano. Chenkov pode contar com dois milhões de soldados famintos, ansiosos por lutar e morrer, se for necessário.

Por instantes, Lake sentiu-se orgulhoso. Tivera a coragem de votar contra o último orçamento porque ele reduzia as despesas militares. As pessoas do seu estado tinham ficado aborrecidas.

– Não pode desmascarar o Chenkov imediatamente? – perguntou ele.

– Não. De maneira nenhuma. Os nossos serviços secretos são excelentes. Se reagirmos, o homem fica a saber que nós sabemos. É o jogo da espionagem, Mr. Lake. É muito cedo para fazermos dele um monstro.

– Então qual é o seu plano? – atreveu-se a perguntar Lake.

Era um ato de grande insolência questionar Teddy acerca dos seus planos. A reunião atingira o seu objectivo. Fora devidamente informado mais um congressista. A qualquer momento, poderiam pedir a Lake que saísse para dar lugar ao presidente de outra comissão.

Mas Teddy tinha grandes planos e estava ansioso por partilhá-los.

– As primárias de New Hampshire são daqui a duas semanas.

Temos quatro republicanos e três democratas que dizem todos a mesma coisa. Não há um único candidato que pretenda aumentar os gastos com a defesa. Temos um excedente no orçamento, milagre dos milagres, e toda a gente tem montes de ideias quanto ao modo de o gastar. Um punhado de imbecis. Há poucos anos, tínhamos grandes défices orçamentais e o Congresso fartou-se de gastar dinheiro. Agora há um excedente. Vão morrer de indigestão.

O congressista Lake desviou o olhar por um segundo e depois resolveu ignorar a frase.

– Desculpe – disse Teddy, refreando-se. – O Congresso no seu conjunto é irresponsável, mas temos muito bons congressistas.

– Não precisa de mo dizer.

– De qualquer modo, o terreno está cheio de clones. Há duas semanas, tínhamos diversos campeões. Andam a insultar-se e a matar-se

uns aos outros, tudo em prol do quadragésimo quarto maior estado do país. É uma estupidez.

Teddy fez uma pausa e tentou mudar a posição das pernas inúteis.

– Precisamos de uma pessoa nova, Mr. Lake, e estamos convencidos de que essa pessoa é o senhor.

A primeira reação de Lake foi reprimir uma gargalhada, o que fez sorrindo e depois tossindo. Tentou manter a compostura e disse: – O senhor deve estar a brincar.

– Bem sabe que eu não brinco, Mr. Lake – disse Teddy com firmeza, e não havia dúvida de que Aaron Lake caíra numa armadilha bem montada.

Lake pigarreou e concluiu a tarefa de se controlar.

– Muito bem, sou todo ouvidos.

– É muito simples. De fato, a simplicidade arrasta a beleza. Você está atrasado para se candidatar a New Hampshire, e isso também não interessa. Deixe os outros esmurrarem-se por lá. Espere que aquilo acabe e depois surpreenda todos anunciando a sua candidatura à presidência. Muitos irão perguntar: «Quem diabo é o Aaron Lake?» E assim é que está certo. É isso que nós queremos. Não tardarão a descobrir.

– A princípio, o seu estrado terá apenas uma tábua. Gira tudo à volta das despesas militares.

Você é um pessimista, com toda a espécie de previsões medonhas acerca do enfraquecimento das nossas forças armadas. Vai atrair as atenções de toda a gente quando reivindicar a duplicação das despesas militares.

– A duplicação? – Funciona, não é verdade? Você mesmo ficou interessado. A duplicação durante o seu mandato de quatro anos.

– Mas porquê? Precisamos de mais despesas militares, mas a duplicação parece-me excessiva.

– Não é, se encararmos a hipótese de outra guerra, Mr. Lake. Uma guerra na qual carregamos em botões e lançamos mísseis Tomahawk aos milhares, um milhão de dólares de cada vez. com os diabos, quase que os esgotamos o ano passado, naquela confusão dos Balcãs. Não conseguimos encontrar soldados, marinheiros e pilotos suficientes, Mr. Lake.

Bem sabe. As forças armadas precisam de muito dinheiro para recrutar jovens. Temos falta de tudo – soldados, mísseis, tanques, aviões e

porta-aviões. O Chenkov está a construir. Nós não estamos. Continuamos a emagrecer e, se esta situação se mantiver durante mais uma administração, morreremos.

A voz de Teddy subiu de tom, quase em fúria, e quando terminou com «morreremos» Aaron Lake quase sentiu a terra a tremer debaixo dos pés com os bombardeamentos.

– De onde vem o dinheiro? – perguntou ele.

– O dinheiro para quê? – Para as forças armadas.

Teddy rosnou, enfastiado, e depois respondeu: – Do mesmo sítio de onde vem sempre. Preciso de lhe lembrar que temos um excedente? – Estamos empenhados em gastar esse excedente.

– É claro que estão. Ouça, Mr. Lake, não se preocupe com o dinheiro. Pouco depois de anunciar a sua candidatura, pregaremos um grande susto ao povo americano. A princípio, as pessoas julgarão que você está louco, que é um lunático do Arizona que quer construir ainda mais bombas. Mas nós vamos abalá-las. Vamos provocar uma crise do outro lado do mundo, e de repente Aaron Lake passará a ser um visionário. O tempo é tudo. Você faz um discurso acerca da nossa vulnerabilidade na Ásia, a que poucos darão ouvidos. Depois criamos lá uma situação que faz parar o mundo, e de repente toda a gente quer falar consigo. A coisa continua assim durante a campanha. Fomentaremos a tensão deste lado.

Emitiremos comunicados, criaremos situações, manipularemos a comunicação social e embaraçaremos os seus opositores. Francamente, Mr. Lake, não espero que isto seja assim tão difícil.

– Até parece que já estive deste lado.

– Não. Temos feito algumas coisas invulgares, tudo para tentar proteger este país. Mas nunca tentamos manipular uma eleição presidencial.

Teddy fez esta afirmação com um ar arrependido.

Lake empurrou lentamente a cadeira para trás, levantou-se, esticou os braços e as pernas e foi até ao fim da sala, ao longo da mesa. Tinha os pés mais pesados. O seu pulso estava acelerado. A armadilha fora montada, e fora apanhado.

Voltou para o seu lugar.

– Não tenho dinheiro que chegue – disse ele do outro lado da mesa. Sabia que o comentário seria recebido por alguém que já pensara

nisso.

Teddy sorriu e, com um gesto de cabeça, fingiu que pensara no assunto. A casa de Lake em Georgetown valia quatrocentos mil dólares. Tinha cerca de metade em obrigações e mais cem mil dólares em títulos de investimento. Não havia dívidas de vulto. Lake tinha quarenta mil dólares na sua conta de recandidatura.

– Um candidato rico não seria atraente – disse Teddy, carregando em mais um botão.

As imagens voltaram à parede, nítidas e a cores.

– O dinheiro não será problema, Mr. Lake – disse ele com uma voz muito mais suave. – Conseguiremos que os industriais do armamento o paguem. Olhe para isto – disse ele, agitando a mão direita como se Lake não soubesse para onde havia de olhar. – O ano passado, a indústria aeroespacial e de defesa atingiu quase os duzentos bilhões de dólares.

– Quanto? – Aquilo de que precisar. Para sermos realistas, podemos sacar-lhes cem milhões de dólares.

– O senhor também não pode esconder um milhão de dólares.

– Não se meta nisso, Mr. Lake. E não se preocupe. Nós trataremos do dinheiro. O senhor faz os discursos, os anúncios e dirige a campanha. O dinheiro virá. Em Novembro, os eleitores americanos estarão tão assustados com o Armagedão que nem se importarão com o que o senhor gastou. Será uma maioria esmagadora.

Com que então Teddy Maynard oferecia uma maioria esmagadora! Lake mergulhou num silêncio feito de estupefação e de vertigem e olhou estupidamente para todo aquele dinheiro que estava na parede 194 bilhões de dólares para a defesa e o espaço aéreo. O orçamento das forças armadas do ano anterior fora de 270 bilhões. Passá-lo para 540 bilhões num período de quatro anos equivaleria a engordar de novo os industriais do sector. E os trabalhadores! Os salários subiriam desalmadamente! Empregos para todos! O candidato Lake ficaria rodeado de executivos com o dinheiro e de sindicatos com os votos. O choque inicial começava a dissipar-se e a simplicidade do plano de Teddy clarificava-se. Tratava-se de ir buscar dinheiro àqueles que viriam a beneficiar com a situação. De assustar os eleitores para que eles acorressem às urnas. De vencer com uma maioria esmagadora. E de, assim, salvar o mundo.

Teddy deixou-o pensar por alguns instantes e depois disse: - Faremos o máximo através dos comités de ação política. Sindicatos, engenheiros, executivos, associações de empresários. Não faltam os grupos políticos já constituídos. E formaremos outros.

Lake já estava a formá-los. Centenas de comités de ação política, todos a injetar mais dinheiro do que em qualquer outra eleição. O choque desaparecera por completo e fora substituído pelo entusiasmo total com a ideia. A sua mente foi atravessada por mil e uma perguntas: Quem será o meu vice-presidente? Quem dirigirá a campanha? O mandatário ou o pessoal? Onde vamos anunciá-la? – Isso pode resultar – disse Lake, controlado.

– Ah, sim. Vai resultar, Mr. Lake. Confie em mim. Há algum tempo que estamos a planear isto.

– Quantas pessoas sabem disto? – Poucas. O senhor foi criteriosamente escolhido, Mr. Lake. Examinamos vários potenciais candidatos e o seu nome continuou a subir até chegar ao cimo. Investigamos o seu passado.

– Bastante monótono, hem? -É verdade. Apesar de a sua relação com Miss Valotti me preocupar. Ela divorciou-se duas vezes e gosta de lenitivos.

– Eu não sabia que tinha uma relação com Miss Valotti.

– Tem sido visto com ela nestes últimos tempos.

– Vocês andam a vigiar-me, não andam? – Esperava que assim não fosse? – Suponho que não.

– Levou-a a uma recepção para denunciar a opressão das mulheres no Afeganistão. Não brinque comigo.

As palavras de Teddy tornaram-se subitamente breves e eivadas de sarcasmo.

– Eu não queria ir.

– Então não vá. Afaste-se dessa escória. Deixe-a para Hollywood. A Valotti só traz sarilhos.

– Mais alguém? – perguntou Lake, mais na defensiva. A sua vida particular era bastante monótona desde que enviudara. De repente, orgulhava-se dela.

– Não – disse Teddy. – Miss Benchly parece bastante estável e constitui uma companheira adorável.

– Oh, muito obrigado.

– Você vai ser causticado com o aborto, mas não será o primeiro. >

– É um tema estafado – disse Lake.

Estava cansado de lutar com ele. Fora a favor do aborto, contra o aborto, brando quanto ao direito à vida, duro quanto ao direito à vida, a favor da escolha individual, a favor dos filhos, anti-feminista, aclamado pelas feministas. Durante os catorze anos passados no Capitólio, Lake fora perseguido através do campo minado que era o aborto e saíra magoado de cada nova jogada estratégica.

O aborto já não o assustava, pelo menos no momento presente. Estava mais preocupado com o fato de a CIA andar a vasculhar o seu passado.

– E o que há sobre Green Tree? – perguntou ele. Teddy agitou a mão direita como se não fosse nada.

– Já lá vão vinte e dois anos. Ninguém ficou convencido. e) seu colega entrou na bancarrota e foi indiciado, mas o júri deixou-o sair em liberdade. Isso vai voltar à superfície; tudo vai voltar à superfície. Mas francamente, Mr. Lake, manteremos as atenções dirigidas para outras coisas. uma vantagem de saltar à última hora. A imprensa não vai ter muito tempo para chafurdar na lama.

– Eu sou solteiro. Só uma vez é que elegemos um presidente que não era casado.

– O senhor é viúvo, marido de uma senhora encantadora que era muito respeitada tanto aqui como na sua terra. Isso não será problema. Confie em mim.

– Então o que o preocupa? – Nada, Mr. Lake. Absolutamente nada. O senhor é um candidato sólido e muito elegível. Nós criaremos os temas e o medo e arranjarémos o dinheiro.

Lake levantou-se outra vez e deu uma volta à sala, afagando o cabelo, coçando o queixo e tentando clarificar os pensamentos.

– Eu tenho muitas perguntas a fazer – disse ele.

– Talvez eu possa responder a algumas. Voltaremos a falar amanhã, aqui, à mesma hora. Durma sobre o assunto, Mr. Lake. O tempo é crucial, mas considero que um homem deve ter vinte e quatro horas para pensar antes de tomar uma decisão como esta.

Teddy sorriu ao dizer isto.

– É uma ótima ideia. Deixe-me pensar nisso. Amanhã terei uma resposta para lhe dar.

– Ninguém sabe que tivemos esta pequena conversa.

– Evidentemente que não.

TRÊS

Em termos de espaço, os livros de Direito ocupavam exatamente um quarto da superfície de toda a biblioteca de Trumble. Encontravam-se a um canto, separados por uma parede de tijolo vermelho e vidro, construída com gosto a expensas dos contribuintes. Lá dentro, as estantes de livros bastante usados mal deixavam espaço para um recluso circular entre elas.

Junto das paredes, viam-se secretárias repletas de máquinas de escrever, computadores e material de investigação que faziam lembrar a biblioteca de qualquer grande empresa.

Os Confrades eram os responsáveis pela seção de Direito da biblioteca. Todos os reclusos podiam utilizá-la, mas havia um regulamento tácito segundo o qual era necessária autorização para permanecer no local, fosse por quanto tempo fosse. Talvez não uma autorização, mas pelo menos um aviso.

O juiz Joe Roy Spicer do Mississippi ganhava quarenta cêntimos por hora para varrer o chão e arrumar as secretárias e as estantes. Também era ele quem despejava o lixo, e em geral era considerado um porco no que dizia respeito às suas funções mais humildes. O juiz Hatlee Beech do Texas era o bibliotecário oficial da seção de Direito e o mais bem pago, a cinquenta cêntimos por hora. Era melindroso quanto aos «seus livros» e muitas vezes entrava em conflito com Spicer por causa do seu manuseamento. O juiz Finn Yarber, que em tempos pertencera ao Supremo Tribunal da Califórnia, ganhava vinte cêntimos por hora como técnico de computadores. Em termos de salário, era o último da escala por saber muito pouco do seu ofício.

Num dia normal, os três passavam seis a oito horas na seção de Direito da biblioteca. Se um recluso de Trumble tinha um problema

jurídico, bastava marcar um encontro com um dos Confrades no pequeno gabinete destes. Hatlee Beech era especialista em sentenças e recursos. Finn Yarber lidava com falências, divórcios e pensões de alimentos a menores. Joe Roy Spicer, que não tinha qualquer experiência de leis, não possuía verdadeiramente uma especialidade. Nem a queria. Dirigia as fraudes.

Os Confrades estavam rigorosamente proibidos de cobrar honorários pelo seu apoio jurídico, mas o rigor tinha pouco significado. Afinal, eram condenados e, se pudessem arranjar algum dinheiro no exterior, todos ficariam satisfeitos. As sentenças eram uma fábrica de dinheiro. Cerca de um quarto dos reclusos que chegavam a Trumble tinham sido sentenciados indevidamente. Beech conseguia rever os processos de um dia para o outro e detectar as lacunas. Havia um mês, deduzira quatro anos à sentença de um jovem que fora condenado a quinze. A família concordara em pagar, e os Confrades tinham ganho cinco mil dólares, os seus honorários mais altos até à data. Spicer tratara do depósito secreto através do advogado do grupo em Neptune Beach.

Havia uma sala de reuniões acanhada nas traseiras da seção de Direito da biblioteca, atrás das estantes, e que mal se via da sala principal. A porta tinha uma grande janela envidraçada, mas ninguém se dava ao trabalho de olhar lá para dentro. Os Confrades refugiavam-se ali sempre que precisavam de tranquilidade no seu trabalho. Chamavam-lhe o seu gabinete.

Spicer tinha acabado de se encontrar com o advogado e recebera correspondência, entre a qual se encontravam algumas cartas preciosas. Fechou a porta e tirou um envelope de um dossiê. Agitou-o no ar para Beech e Yarber verem.

– É amarelo – disse ele. – Não é uma maravilha? É para o Ricky.

– De quem é? – perguntou Yarber.

– Do Curtis, de Dálias.

– O banqueiro? – perguntou Beech, entusiasmado.

– Não, o Curtis é dono das joalherias. Ouçam.

Spicer desdobrou a carta, também ela de papel amarelo e macio. Sorriu, pigarreou e começou a ler: – Caro Ricky, a sua carta de 8 de Janeiro fez-me chorar. Li-a três vezes antes de a pousar.

Pobre homem! Porque o mantêm aí? – Onde está ele? – perguntou Yarber.

– O Ricky está enclausurado num centro de reabilitação de luxo para toxicodependentes que o tio rico está a pagar. Está lá há um ano, está limpo e totalmente recuperado, mas os monstros que dirigem a instituição só o deixam sair em Abril porque recebem vinte mil dólares por mês do tio rico, que só o quer bem fechado e nem lhe manda dinheiro para os alfinetes. Lembram-se disto? – Agora lembro-me.

– Tu ajudaste a inventar a história. Posso continuar? – Podes.

Spicer continuou a ler: — Sinto-me tentado a meter-me num avião e ir aí defrontar essa gente terrível. E o seu tio, que falhado! Os ricos como ele julgam que podem dar dinheiro sem se envolverem. Como eu lhe disse, o meu pai era bastante rico e foi a pessoa mais infeliz que conheci. É verdade que me comprou coisas, objetos que eram transitórios e que nada significavam quando desapareciam. Mas nunca teve tempo para mim. Era um homem doente, tal como o seu tio. Envio um cheque de mil dólares, caso precise de comprar alguma coisa de primeira necessidade. Ricky, estou ansioso por vê-lo em Abril. Já disse à minha mulher que há uma exposição internacional de diamantes em Orlando nesse mês, e ela não está interessada em acompanhar-me.

– Em Abril? – perguntou Beech.

– Sim. O Ricky tem a certeza de que sairá em Abril.

– Isso não é uma maravilha? – disse Yarber com um sorriso. E o Curtis tem mulher e filhos? – O Curtis tem cinquenta e oito anos, três filhos adultos e dois netos.

– Onde está o cheque? – perguntou Beech. Spicer folheou a carta e passou para a segunda página: – Temos de garantir que se encontrará comigo em Orlando. Tem a certeza de que poderá sair em Abril? Confirme-me, por favor. Estou sempre a pensar nisso. Tenho a sua fotografia escondida na gaveta da minha secretária, e quando olho para si sei que devíamos estar juntos.

– Isto é doentio – disse a Beech, ainda a sorrir. – E ele é do Texas.

– Tenho a certeza de que há muitos maricas no Texas – respondeu Yarber.

– E não há nenhum na Califórnia? – O resto da carta é só mel – disse Spicer, dando uma leitura rápida. Tinha muito tempo para a ler mais

tarde. Pegou no cheque de mil dólares para os colegas verem. Em devido tempo, chegaria às mãos do advogado do grupo, que o depositaria na conta secreta.

– Quando é que o vamos espremer? – perguntou Yarber.

– Deixa-nos receber mais umas cartas. O Ricky precisa de sofrer mais um pouco.

– Talvez um dos guardas pudesse bater-lhe, ou coisa no gênero disse Beech.

– Eles não têm guardas – respondeu Spicer. – Aquilo é uma clínica de reabilitação, não te esqueças. Eles têm conselheiros.

– Mas é uma unidade fechada, não é verdade? Isso implica portões e vedações, portanto deve ter um ou dois guardas. E se o Ricky fosse atacado no duche ou no vestiário por algum matulão que desejasse o seu corpo? – Não pode ser um ataque sexual – disse Yarber. – Isso poderia assustar o Curtis. Ele poderia pensar que o Ricky apanhara uma doença ou coisa do gênero.

E a ficção continuou durante alguns minutos, enquanto criavam mais infelicidade ao pobre Ricky. A fotografia do jovem fora retirada da caderneta de um colega, fotocopiada pelo advogado do grupo e enviada para mais de uma dúzia de indivíduos na América do Norte.

Mostrava um universitário sorridente, de fato azul-marinho, chapéu e capa, com um diploma na mão. Um jovem muito elegante.

Ficou decidido que Beech trabalharia na nova história durante alguns dias e que depois faria um rascunho da carta a enviar a Curtis. Beech seria Ricky, e nesse momento o jovem atormentado, inventado pelo grupo, escrevia as suas histórias infelizes a oito almas preocupadas. O juiz Yarber era Percy, também um jovem internado por consumo de drogas, mas que agora se encontrava limpo e prestes a ter alta, à procura de um paizinho mais velho com quem passasse uns bons momentos. Percy tinha cinco anzóis na água e recolhia-os lentamente.

Joe Roy Spicer não escrevia muito bem. Era ele que coordenava as informações, ajudava na ficção, assegurava a continuidade das histórias e se encontrava com o advogado que trazia o correio. E que tratava do dinheiro.

Puxou de outra carta e anunciou: – Esta, Meritíssimos, é do Quince.

Tudo parou quando Beech e Yarber olharam para a carta. Quince era um banqueiro rico de uma pequena localidade no Iowa, de acordo com as seis cartas que ele e Ricky tinham trocado. Tal como aos outros, tinham-no descoberto através dos anúncios de uma revista de homossexuais agora escondida na biblioteca. Fora a segunda presa do grupo; a primeira tornara-se desconfiada e desaparecera. A fotografia de Quince era um instantâneo tirado num lago. Estava em tronco nu, era barrigudo, tinha os braços magros e a falta de cabelo própria dos seus cinquenta e um anos. Estava rodeado pela família. Era uma fotografia de má qualidade, sem dúvida escolhida por Quince por ser difícil identificá-lo, se alguém tentasse fazê-lo.

– Gostavas de a ler, Ricky? – perguntou Spicer, dando a carta a Beech, que pegou nela e olhou para o envelope. Completamente impenetrável, sem remetente e escrito à máquina.

– Leste-a? – perguntou Beech.

– Não. Continua.

Beech tirou lentamente a carta do envelope. Era uma folha de papel branco, escrita a um espaço numa velha máquina. Beech pigarreou e leu: «Caro Ricky, está feito. Nem posso acreditar que o fiz, mas consegui. Servi-me de um telefone público e de uma ordem de pagamento para não deixar vestígios... Creio que não conseguirão identificar-me. A empresa que sugeriste em Nova Iorque era ótima, muito discreta e útil. Para ser franco, Ricky, apanhei um susto dos diabos. Ir num cruzeiro para homossexuais é qualquer coisa que nunca sonhei fazer. E sabes uma coisa? Foi empolgante. Estou tão orgulhoso de mim próprio! Tenho uma suite, que custa mil dólares por noite, e não posso esperar mais.» Beech calou-se e olhou por cima dos óculos que tinha no meio do nariz. Os seus dois colegas sorriam, saboreando as palavras.

Ele continuou a ler: «Partimos no dia 10 de Março, e tenho uma ideia excelente. Chego a Miami no dia 9, e por isso não temos muito tempo para estarmos juntos e nos conhecermos. Encontramo-nos no barco, na nossa suite. Eu chego primeiro, faço o check-in, recebo o champanhe gelado e fico à tua espera. Não vai ser divertido, Ricky? Teremos três dias para nós. Aposto que não saímos do quarto.» Beech não pôde deixar de sorrir, e conseguiu fazê-lo abanando a cabeça ao mesmo tempo, com um ar enojado. * Continuou a ler: .*?• « Estou tão entusiasmado com a nossa

viagenzinha. Resolvi descobrir quem sou verdadeiramente, e tu encorajaste-me a dar o primeiro passo. Apesar de não nos conhecermos, Ricky, nunca poderei agradecer-te o suficiente. Por favor, responde-me imediatamente e confirma. Cuida de ti, meu caro Ricky. Beijos, Quince.» – Acho que vou vomitar – disse Spicer, mas não foi convincente. Havia muita coisa a fazer.

– Vamos espremê-lo – disse Beech.

Os outros apressaram-se a concordar. – Quanto? – perguntou Yarber.

– Pelo menos cem mil – respondeu Spicer. – A família dele é dona de bancos há duas gerações. Sabemos que o pai continua ativo no meio, e podemos imaginar o velho a dar em maluco se o filho for expulso. O Quince não se pode dar ao luxo de ser afastado da fortuna da família, e portanto pagará o que nós pedirmos. É uma situação perfeita.

Beech já estava a tomar apontamentos. Assim como Yarber. Spicer começou a andar de um lado para o outro na sala, como um urso atrás da presa. As ideias surgiam lentamente, a linguagem, as opiniões, a estratégia, mas há muito que a carta ganhara forma.

Beech leu o rascunho: «Caro Quince, gostei muito de receber a sua carta de 14 de Janeiro. Ainda bem que conseguiu a reserva para o cruzeiro de homossexuais. Que maravilha! Mas há um problema. Eu não poderei participar nele, e há dois motivos para isso. Primeiro, não serei libretado senão daqui a uns anos. Estou numa prisão, e não numa clínica de recuperação para toxicod dependentes. E não sou homossexual, longe disso. Tenho mulher e dois filhos, que neste momento lutam com graves problemas financeiros porque estou preso e não posso sustentá-los. É aí que você entra, Quince. Preciso do seu dinheiro. Quero cem mil dólares. Podemos chamar-lhe o preço do silêncio. Você envia-mo e eu esqueço o caso Ricky, o cruzeiro para homossexuais, e ninguém em Bakers, Iowa, saberá disso. A sua mulher, os seus filhos, o seu pai e o resto da sua abastada família nunca saberão da existência do Ricky. Se você não me mandar o dinheiro, inundo a sua vitória de cópias das nossas cartas. Isto chama-se extorsão, Quince, e você foi apanhado. É cruel, mesquinho e criminoso, e eu não me ralo. Preciso de dinheiro e você tem-no.» Beech calou-se e olhou à sua volta, esperando aprovação.

– Está uma autêntica maravilha – disse Spicer, já a deitar contas aos ganhos.

– É nojento – disse Yarper. – E se ele se suicida? – É um risco – disse Beech.

Voltaram a ler a carta e depois discutiram se o momento seria apropriado. Não se referiram à ilegalidade do seu jogo fraudulento nem ao castigo se fossem apanhados. Essas discussões tinham terminado havia meses, quando Joe Roy Spicer convencera os outros dois a juntarem-se a ele. Os riscos eram insignificantes quando comparados com os potenciais benefícios. Não era provável que os Quince, que tinham sido levados ao engano, fossem a correr à polícia para se queixarem de extorsão.

Mas ainda não tinham espremido ninguém. Trocavam correspondência com cerca de uma dúzia de vítimas potenciais, todos homens de meia idade que tinham cometido o erro de responder a este simples anúncio: JOVEM DE 20 E TAL ANOS PROCURA CAVALHEIRO SIMPÁTICO E DISCRETO DE 40 OU 50 ANOS PARA CONVÍVIO ÍNTIMO Um pequeno anúncio pessoal em letra pequena na contracapa de uma revista de homossexuais valera sessenta respostas, e coubera a Spicer fazer a triagem do que não prestava e identificar alvos ricos. A princípio, considerara a tarefa repugnante, mas depois divertira-se. Agora transformara-se num negócio, visto que estavam prestes a extorquir cem mil dólares a um homem totalmente inocente.

O advogado do grupo ficaria com um terço, o que, sendo habitual, não deixava de ser uma percentagem frustrante. Mas não tinham alternativa. O homem era uma peça fundamental nos seus crimes.

Trabalharam na carta para Quince durante uma hora. Depois, resolveram dormir sobre o assunto e fazer um rascunho final no dia seguinte. Havia outra carta de um homem que usava o pseudônimo de Hoover. Era a segunda, dirigida a Percy, e constituía uma dissertação de quatro parágrafos sobre a observação de aves. Yarper seria obrigado a estudar aves antes de responder na qualidade de Percy e de se mostrar muito interessado no assunto. Era óbvio que Hoover tinha medo da sua própria sombra. Não revelava dados pessoais e não havia quaisquer alusões a dinheiro.

Os Confrades resolveram dar-lhe mais corda. Falavam de aves e depois tentavam sondá-lo quanto ao tema do convívio físico. Se Hoover se

fizesse de desentendido e não revelasse nada quanto à sua situação financeira, deixavam-no cair.

No gabinete das prisões, Trumble era oficialmente considerado um campo de reabilitação. Esta designação implicava que não havia pátios vedados, arame farpado, torres de vigia nem guardas armados à espera de apanhar fugitivos. Um campo de reabilitação equivalia a segurança mínima, para que qualquer recluso pudesse pura e simplesmente ir-se embora se lhe apetecesse. Havia um milhar de homens em Trumble, mas poucos eram os que partiam.

Era mais agradável do que a maioria dos liceus do estado. Dormitórios com ar condicionado, um refeitório asseado que servia três refeições por dia, uma sala de pesos e halteres, bilhar, cartas, tênis, voleibol, pista de jogging, biblioteca, capela, sacerdotes de serviço, conselheiros, assistentes sociais e horas de visita ilimitadas.

Trumble era tão boa como podia ser para os prisioneiros, todos eles considerados de baixo risco. Oitenta por cento estavam ali por crimes relacionados com drogas. Cerca de quarenta por cento tinham assaltado bancos sem ferir nem assustar ninguém. Os restantes eram tipos de colarinho branco, cujos crimes iam dos pequenos furtos ao Dr. Floyd, um cirurgião cujo consultório lesara a Medicare em seis milhões de dólares ao longo de duas décadas.

A violência não era tolerada em Trumble. As ameaças eram raras. Havia muitas regras e a sua aplicação dava pouco trabalho à direção. Se os reclusos pisassem o risco, as autoridades mandavam-nos embora, para uma prisão de segurança média, com arame farpado e guardas desagradáveis.

Os prisioneiros de Trumble contentavam-se em portar-se bem e em contar os dias, à maneira federal.

Não havia conhecimento de atividade criminosa grave lá dentro, até à chegada de Joe Roy Spicer. Antes da sua queda, Spicer ouvira histórias acerca da fraude de Angola, que herdara o nome da infame penitenciária estatal de Louisiana. Alguns reclusos tinham aperfeiçoado um plano de extorsão de homossexuais e, antes de serem apanhados, tinham aliviado as suas vítimas em setecentos mil dólares.

Spicer era natural de uma zona rural perto da fronteira da Louisiana, e a fraude de Angola fora um caso muito falado na sua região.

Nunca sonhara que havia de a copiar. Mas, um dia, acordou numa penitenciária federal e resolveu vitimar qualquer pessoa de quem conseguisse aproximar-se.

Todos os dias percorria a pista à uma hora da tarde, em geral sozinho, sempre com um maço de Marlboro. Antes de ser preso, passara dez anos sem fumar; agora chegara aos dois maços por dia. Por isso andava a pé para neutralizar o mal que fazia aos pulmões. Em trinta e quatro meses, tinha percorrido mil e oitocentos quilômetros. E perdera dez quilos, embora talvez não por causa do exercício, como gostava de afirmar. A proibição de beber cerveja era a maior responsável pela perda de peso.

Trinta e quatro meses de marcha e de fumo, vinte e um meses para cumprir.

Noventa mil dólares do dinheiro roubado estavam literalmente enterrados no seu quintal das traseiras, a setecentos e cinquenta metros da sua casa, numa arrecadação, encerrados num cofre de betão feito em casa, cuja existência a mulher ignorava. Ela ajudara-o a gastar o resto do produto do roubo, cento e oitenta mil dólares ao todo, embora a polícia federal tivesse descoberto apenas metade. Tinham comprado Cadillacs e ido a Las Vegas de avião, em primeira classe, a partir de New Orleans, e tinham viajado nas limusinas do casino e ficado hospedados em suites.

Se ainda acalentava alguns sonhos, um deles era o de ser jogador profissional, sediado em Las Vegas mas conhecido e temido pelos casinos de toda a parte. O blackjack era o seu jogo preferido e, apesar de ter perdido muito dinheiro, Spicer continuava convencido de que conseguiria bater qualquer um. Havia casinos nas Caraíbas que ele nunca vira. A Ásia estava a aquecer. Viajaria pelo mundo, em primeira classe, com ou sem a mulher, ficaria instalado em suites de sonho, tomaria as refeições no quarto e assustaria qualquer jogador de blackjack que fosse suficientemente estúpido para dar as cartas.

Tiraria os noventa mil dólares do quintal, juntá-los-ia à sua parte da fraude de Angola e iria para Las Vegas. com ou sem a mulher. Havia quatro meses que ela não aparecia em Trumble, embora lá fosse habitualmente de três em três semanas. Spicer tinha pesadelos em que a via a cavar o quintal à procura do tesouro escondido. Tinha quase a certeza de que ela não sabia da existência do dinheiro, mas havia uma certa margem para a dúvida. Exagerara na bebida duas noites antes de o mandarem para a

prisão e dissera qualquer coisa acerca dos noventa mil dólares. Não se lembrava exatamente das suas palavras. Por mais que tentasse, não se lembrava do que lhe dissera.

Acendeu outro Marlboro quando percorreu os primeiros mil e quinhentos metros. Talvez ela tivesse agora um namorado. Rita Spicer era uma mulher atraente, um pouco cheia em certos sítios, mas nada que noventa mil dólares não pudessem esconder. E se ela e um novo companheiro tivessem encontrado o dinheiro e andassem a gastá-lo? Um dos piores pesadelos recorrentes de Joe Spicer era uma cena de um filme mau – Rita e um desconhecido qualquer com pás na mão, a cavarem como loucos, à chuva. Porquê à chuva? Spicer não sabia. Mas era sempre à noite, no meio de uma trovoadas, e quando relampejava ele via-os a abrirem caminho no quintal, cada vez mais próximos da arrecadação.

Num dos sonhos, o novo namorado misterioso conduzia uma escavadora, espalhando montes de terra por toda a quinta dos Spicer, enquanto Rita apontava para aqui e para ali com a pá.

Joe Roy suspirava pelo dinheiro. Sentia-o nas suas mãos. Roubaria e extorquiria tudo o que pudesse enquanto contava os dias em Trumble, e depois iria resgatar o seu tesouro enterrado e rumaria a Las Vegas. Ninguém na sua terra natal teria o prazer de apontar e dizer em voz baixa: «Lá vem o velho Joe Roy. Acabou de sair da prisão.» Nem pensar nisso.

Viveria como um lorde. com ou sem a mulher.

QUATRO

Teddy olhou para os seus frascos de comprimidos alinhados à beira da mesa, como pequenos carrascos prontos a afastar a sua infelicidade. York estava sentado à sua frente, a ler os seus apontamentos.

York disse: – Ele esteve ao telefone até às três da manhã, a falar com amigos do Arizona.

– Quem?

– Bobby Lander, Jim Gallison, Richard Hassel, o grupo habitual. A sua gente do dinheiro.

– Dale Winer?

– Sim, também com ele – disse York, admirado com a memória de Teddy.

Naquele momento, Teddy estava de olhos fechados e esfregava as têmporas. Algures entre eles, algures nas profundezas do seu cérebro, sabia o nome dos amigos de Lake, dos seus financiadores, dos seus confidentes, dos seus colaboradores de campanha e dos seus antigos professores de liceu. Tudo isso estava cuidadosamente arrumado, pronto a ser utilizado se necessário.

– Alguma coisa invulgar? – Não, não. Apenas as perguntas típicas que seriam de esperar num homem que pondera numa mudança tão inesperada na sua vida. Os amigos ficaram admirados, até chocados, e um pouco relutantes, mas não de mudar de ideias.

– Fizeram perguntas acerca de dinheiro?

– Evidentemente. Mas ele foi vago, disse que isso não seria problema. Eles estão cépticos.

– Ele guardou os nossos segredos?

– Claro que sim.

– Estava preocupado que nós estivéssemos à escuta?

– Não me parece. Fez onze telefonemas do gabinete e oito de casa.

Nenhum dos telemóveis.

– Faxes? Correio eletrónico?

– Nenhum. Passou duas horas com Schiara, o seu...

– Chefe de pessoal.

– Exatamente. No essencial, estiveram a planear a campanha. O Schiara quer organizá-la.

Querem o Nance do Michigan como vice-presidente.

– Não é uma má escolha.

– Parece-me um bom elemento. Já investigamos os seus dados.

Divorciou-se aos vinte e três anos, mas isso foi há trinta anos.

– Não é problema. O Lake está pronto a envolver-se?

– Oh, sim. Ele é um político, não é? Prometeram-lhe as chaves do reino. Já anda a escrever discursos.

Teddy tirou um comprimido de um frasco e engoliu-o sem a ajuda de qualquer líquido. Fez uma careta, como se fosse amargo. Franziu a testa e disse: – York, diga-me que não nos está a escapar nada neste tipo. Que não há segredos inconfessáveis.

– Não há segredos inconfessáveis, chefe. Examinamos-lhe a roupa suja durante seis meses.

Não há nada que nos possa prejudicar.

– Ele não vai casar com nenhuma tresloucada, pois não?

– Não. Sai com várias mulheres, mas não é nada de sério.

– Não vai para a cama com as colegas?

– Nada. Está limpo.

Repetiam um diálogo que tinham travado muitas vezes. Mais uma não fazia mal.

– Não há negócios escuros de outra fase da vida?

– Esta é a vida dele, chefe. Não há nada para trás.

– Álcool, drogas, comprimidos, jogo na Internet?

– Não. É escoreito, sóbrio, recto, brilhante e tem uma boa presença.

– Vamos falar com ele.

Aaron Lake foi mais uma vez escoltado até à mesma sala subterrânea de Langley, desta vez por três jovens esbeltos que o guardavam como se o perigo espreitasse a cada canto. Caminhava ainda mais depressa do que na véspera, com a cabeça ainda mais erguida e as costas sem a mais pequena curva. A sua estatura aumentava de hora a hora.

Mais uma vez cumprimentou Teddy e apertou-lhe a mão calosa. Depois, foi atrás da cadeira de rodas coberta pela manta, entrou no abrigo e sentou-se do outro lado da mesa. Trocaram cortesias.

York observava de uma sala ao fundo do corredor, onde três monitores ligados a câmaras ocultas registavam todas as palavras, todos os movimentos. Ao lado de York estavam dois homens que passavam o tempo a estudar gravações de pessoas – o modo como elas falavam, respiravam e mexiam as mãos, os olhos, a cabeça e os pés –, tentando determinar o que queriam verdadeiramente dizer.

– Dormiu muito esta noite?-perguntou Teddy, esboçando um sorriso.

– Sim, por sinal – disse Lake, mentindo.

– Ainda bem. Assumo que está disposto a aceitar o nosso acordo.

– Acordo? Não sabia que se tratava exatamente de um acordo.

– Oh, sim, Mr. Lake, é exatamente um acordo. Prometemos conseguir que seja eleito, e você promete duplicar os gastos com a defesa e preparar-se para os russos.

– Então está feito o acordo.

– Ainda bem, Mr. Lake. Fico muito satisfeito. Vai dar um excelente candidato e um ótimo presidente.

As palavras retiniram nos ouvidos de Lake, que nem conseguia acreditar nelas. O Presidente Lake.

O Presidente Aaron Lake. Andara de um lado para o outro até às cinco horas da manhã, tentando convencer-se de que lhe estavam a oferecer a Casa Branca. Parecia demasiado fácil.

E, por mais que tentasse, não conseguia ignorar as armadilhas. A Sala Oval. Todos aqueles aviões a jato e helicópteros. As viagens pelo mundo. Uma centena de adjuntos às suas ordens. Jantares de Estado com os mais poderosos do planeta.

E, acima de tudo, um lugar na História.

Oh, sim, Teddy conseguira um acordo.

– Vamos falar da campanha propriamente dita – disse Teddy. Acho que você deve anunciar a sua candidatura dois dias depois de New Hampshire. Deixe assentar a poeira. Conceda quinze minutos aos vencedores e deixe os vencidos atirarem mais lama. Depois faça o anúncio.

– Isso é muito rápido – disse Lake.

– Não temos muito tempo. Ignoramos New Hampshire e preparamo-nos para o Arizona e para o Michigan no dia 22 de fevereiro. É imperioso que vença nesses dois estados.

Quando o fizer, constitui-se como um sério candidato, e está preparado para o mês de Março.

– Eu estava a pensar em anunciar quando regressasse ao Arizona, algures em Phoenix.

– No Michigan é melhor. É um estado maior, com cinquenta e oito delegados, em comparação com os vinte e quatro do Arizona. Espera-se que você ganhe em casa. Se vencer no Michigan no mesmo dia, é porque é um candidato de respeito. Anuncie primeiro no Michigan e faça o mesmo umas horas depois no seu estado. – É uma ideia excelente.

– Há uma fábrica de helicópteros em Flint, a D-L Trilling. Eles têm um grande hangar e quatro mil trabalhadores. O diretor-geral é um homem

com que posso falar.

– Trate disso – disse Lake, certo de que Teddy já conversara com o diretor-geral.

– Pode começar a filmar anúncios depois de amanhã? – Posso fazer seja o que for – respondeu Lake, instalando-se no lugar do passageiro. Estava a tornar-se óbvio quem é que ia ao volante.

– Com a sua aprovação, vamos contratar um grupo de consultores externos para dar a cara pelos anúncios e pela publicidade. Mas temos cá gente melhor, que não lhe custará um cêntimo. Não é que o dinheiro seja problema, compreende? – Creio que dez milhões darão para cobrir tudo.

– Também acho. De qualquer modo, vamos começar hoje a trabalhar nos anúncios para a televisão. Acho que vai gostar deles. Vão pintar um quadro totalmente negro, o estado lastimoso das nossas forças armadas e todo o tipo de ameaças externas. O fim do mundo, uma coisa desse tipo. Vão assustar muito as pessoas. Inserimos o seu nome e a sua cara e meia-dúzia de palavras, e pouco depois será o político mais célebre do país.

– A fama não ganha eleições.

– Não, não ganha. Mas o dinheiro sim. O dinheiro compra a televisão e as sondagens, e não é preciso mais nada.

– Gostaria de pensar que a mensagem é importante.

– É mesmo, Mr. Lake, e a nossa mensagem é muito mais importante do que a baixa dos impostos, os atos afirmativos, o aborto, a confiança e os valores familiares e todas as outras tretas que andamos a ouvir. A nossa mensagem é a vida e a morte. A nossa mensagem vai mudar o mundo e proteger a nossa riqueza. Só isso é que nos interessa.

Lake concordava. Proteger a economia, manter a paz, e os eleitores americanos elegiam qualquer um.

– Tenho um homem bom para dirigir a campanha-disse Lake, ansioso por oferecer alguma coisa.

– Quem? – Mike Schiara, o meu chefe de pessoal. É o meu conselheiro mais chegado, um homem em quem deposito confiança total.

– Ele tem alguma experiência a nível nacional? – perguntou Teddy, sabendo muito bem que não tinha nenhuma.

– Não, mas é bastante capaz.

– Está bem. A campanha é sua.

Lake sorriu e fez um gesto afirmativo ao mesmo tempo. Era bom ouvir estas palavras. Começava a querer saber mais coisas.

– E o vice-presidente? – perguntou Teddy.

– Tenho dois nomes. O senador Nance do Michigan é um velho amigo. Também há o governador Guyce do Texas.

Teddy recebeu os nomes com cautela e ponderação. Não eram más escolhas, apesar de Guyce não resultar. Era um menino rico que passara pela universidade, jogara golfe aos trinta e tal anos e que depois gastara uma boa parte do dinheiro do pai para comprar a mansão do governador por quatro anos. Além disso, não teriam de se preocupar com o Texas. – Agrada-me o Nance – disse Teddy. Então seria Nance, ia a dizer Lake.

Passaram uma hora a falar de dinheiro, da primeira vaga dos comités ide ação política e de como aceitar logo milhões sem levantar demasiadas suspeitas. Seguiu-se a segunda vaga, proveniente dos industriais de armamento. Depois, a terceira vaga, constituída por donativos em dinheiro e outros financiamentos que não deixavam rasto.

Havia uma quarta vaga de que Lake nunca viria a saber. Consoante o número de votos, Teddy Maynard e a sua organização estavam preparados para atirar literalmente cofres cheios de dinheiro para as salas dos sindicatos, para as igrejas de negros e para os veteranos de guerra brancos em cidades como Chicago, Detroit e Memphis e em todo o Sul. Ao trabalharem com os elementos locais que já estavam a Identificar, estariam preparados para comprar todos os votos que conseguissem.

Quanto mais Teddy pensava no seu plano, mais se convenciu de que as eleições seriam ganhas por Mr. Aaron Lake.

O pequeno escritório de advogados de Trevor ficava em Neptune Beach, a vários quarteirões de Atlantic Beach, embora ninguém soubesse ao certo onde começava uma praia e acabava outra. Jacksonville ficava a vários quilômetros para oeste e continuava a avançar na direção do mar. O escritório era um apartamento de Verão alugado e adaptado, e, do alpendre das traseiras em ruínas, Trevor via a praia e o mar e ouvia as gaivotas.

Custava a acreditar que tivesse aquele espaço alugado há doze anos. A princípio, gostava de se esconder no alpendre, longe do telefone e

dos clientes, sempre a observar as águas tranquilas do Atlântico, dois quarteirões mais à frente.

Trevor era de Scranton e, como todas as aves migratórias, acabara por se cansar de olhar para o mar, de vaguear pelas praias descalço e de atirar migalhas de pão aos pássaros.

Agora, preferia passar o tempo fechado no escritório.

As salas de audiências e os juizes aterravam-no. Apesar de isto ser invulgar e até um pouco respeitável, fomentava um estilo diferente do exercício da advocacia. Relegava Trevor para a papelada – encerramento de empreendimentos imobiliários, testamentos, alugueres, loteamentos – para todas as áreas mundanas, desinteressantes e insignificantes da profissão, de que ninguém lhe falara na Faculdade de Direito. De vez em quando aceitava um caso de drogas, mas nenhum que envolvesse um julgamento, e fora um dos seus infelizes clientes de Trumble que o pusera em contato com o Meritíssimo Joe Roy Spicer. Em pouco tempo, passara a ser o advogado oficial dos três – Spicer, Beech e Yarber. A Confraria, como até Trevor lhes chamava quando se referia a eles.

Era um correio, nada mais nada menos. Fazia entrar clandestinamente cartas disfarçadas de documentos legais oficiais e,, conseqüentemente, protegidos pelo sigilo devido entre advogado e cliente. E fazia sair as cartas deles às escondidas. Não lhes dava conselhos, e eles também não os pediam. Geria-lhes a conta bancária offshore e atendia telefonemas das famílias dos clientes deles em Trumble. Dava a cara pelos pequenos negócios sujos dos três e, ao fazê-lo, evitava salas de audiências, juizes e outros advogados, o que lhe convinha perfeitamente.

Trevor era também um membro da conspiração, facilmente indiciável se eles fossem descobertos alguma vez, mas não estava preocupado.

A fraude de Angola fora absolutamente brilhante porque as suas vítimas não se podiam queixar.

Trevor colaborava com a Confraria em troca de honorários fáceis e de potenciais recompensas.

Saiu do gabinete sem ver a secretária e entrou no seu carro de, recuperado e sem ar condicionado. Desceu a First Street na direção do Atlantic Boulevard, avistando o mar entre os edifícios, as vivendas e os apartamentos de aluguer. Vestia uma velhas calças de caqui, uma camisa

de algodão branca, um lacinho azul e um casaco às riscas azuis e brancas, tudo muito amarrotado. Passou pelo Pete's Bar and Grill, o antro mais antigo da zona das praias e o seu preferido, apesar de os miúdos da universidade terem descoberto aquele sítio. Tinha lá uma dívida pendente e muito antiga de trezentos e sessenta e um dólares, quase toda de Coors e de daiquiris de limão, e queria pagá-la.

Virou para oeste na direção do Atlantic Boulevard e começou a sentir dificuldades com o trânsito na estrada para Jacksonville. Amaldiçoou a fila, o congestionamento e os automóveis de matrícula canadiana. Em seguida, entrou na estrada secundária, seguiu para norte, passou pelo aeroporto e pouco depois embrenhou-se na zona rural e plana da Florida. Cinquenta minutos depois, estacionou em Trumble. Somos obrigados a gostar do sistema federal, repetiu a si próprio. Uma profusão de espaços de estacionamento junto da entrada principal, campos bem tratados diariamente pelos reclusos e edifícios modernos e bem conservados.

– Olá, Mackey. Olá, Vince — disse Trevor respetivamente aos guardas branco e negro que estavam à porta.

Na recepção, Rufus radiografou-lhe a pasta, enquanto Nadine preenchia o formulário da visita.

– Como vão as percas? – perguntou ele a Rufus.

– Não estão a morder a isca – respondeu Rufus.

Na breve história de Trumble, nenhum advogado fazia tantas visitas como Trevor. Tiraram-lhe de novo a fotografia, carimbaram-lhe as costas da mão com tinta invisível e fizeram-no atravessar duas portas e percorrer um pequeno corredor.

– Olá, Link – disse ele ao guarda seguinte.

– Bom-dia, Trevor – respondeu Link.

Link era o responsável pela zona das visitas, um grande espaço aberto com muitas cadeiras estofadas e máquinas de venda automática encostadas a uma parede, um parque infantil e um pequeno pátio ao ar livre onde duas pessoas se podiam sentar a uma mesa de jardim e passar uns momentos juntas. Estava limpo, encerado e completamente vazio. Era um dia de semana. Os sábados e os domingos eram os dias de maior afluência, mas de resto Link não tinha ninguém para vigiar.

Dirigiram-se para a sala dos advogados, um de vários cubículos privados com portas que se fechavam e janelas através das quais Link

podia exercer a sua vigilância, se estivesse para aí virado. Joe Roy Spicer estava à espera e a ler a seção de desporto, pois fazia apostas em basquetebol universitário. Trevor e Link entraram na sala juntos e, muito rapidamente, Trevor pegou em duas notas de vinte dólares e estendeu-as a Link. As câmaras de circuito fechado não os viam se eles fizessem isto mesmo à entrada da porta. Como era habitual, Spicer fingiu que não viu a transação.

Em seguida, a pasta abriu-se e Link fez menção de a revistar. Fê-lo sem tocar em nada.

Trevor tirou um grande envelope castanho, fechado, em que se lia «Documentos Legais».

Link pegou nele e apalpou-o para se certificar de que lá dentro só havia papéis, e não uma arma nem um frasco de comprimidos. Depois, devolveu-o. Tinham feito aquilo dúzias de vezes.

O regulamento de Trumble exigia que um guarda estivesse presente na sala quando todos os papéis eram retirados e todos os envelopes eram abertos. Mas as duas notas de vinte deixaram Link do lado de fora da porta, onde não havia mais nada para guardar naquele momento. Desde que Trevor não traficasse armas nem drogas, Link não seria envolvido. A prisão tinha tantos regulamentos estúpidos. Link encostou-se à porta, de costas para ela, e pouco depois mergulhava numa das suas muitas sonecas, com uma perna esticada e a outra dobrada pelo joelho.

Na sala dos advogados, o apoio jurídico era escasso. Spicer continuava absorto nas apostas.

A maior parte dos reclusos recebiam bem os seus convidados. Spicer limitava-se a tolerar o seu.

– Ontem à noite, recebi um telefonema do irmão do Jeff Daggett – disse Trevor. – O miúdo de Coral Gables.

– Eu conheço-o – disse Spicer, baixando finalmente o jornal porque havia dinheiro no horizonte. – Apanhou doze anos num caso de drogas.

– Pois foi. O irmão diz que há um ex-juiz federal em Trumble que lhe examinou os documentos e considera que lhe pode tirar uns anos. Este juiz quer ser pago e o Daggett telefona ao irmão, que me telefona.

Trevor despiu o casaco amarrotado e atirou-o para cima de uma cadeira. Spicer detestava o lacinho dele.

– Quanto é que eles podem pagar?
– Vocês já definiram a remuneração? – perguntou Trevor.
– Talvez o Beech o tenha feito, não sei. Tentamos receber cinco mil por uma redução dois-dois-cinco-cinco.

Spicer disse isto como se tivesse praticado Direito Criminal nos tribunais durante anos. A verdade é que a única vez que entrara numa sala de audiências de um tribunal federal fora no dia da leitura da sua sentença.

– Eu sei – disse Trevor. – Não tenho a certeza de que eles possam pagar cinco mil. O miúdo tem um defensor oficioso.

– Então, esprema o que puder, mas consiga pelo menos mil à cabeça. Ele não é mau tipo.

– Você está a ficar generoso, Joe Roy.

– Não. Estou a ficar mais mesquinho.

E de fato estava. Joe Roy era o gestor da Confraria. Yarber e Beech possuíam o talento e a experiência, mas tinham sido demasiado humilhados pela sua demissão para alimentarem qualquer ambição. Spicer, sem experiência e com pouco talento, tinha dotes de manipulação suficientes para manter os colegas nos eixos. Enquanto eles congeminavam, ele sonhava com o seu regresso.

Joe Roy abriu um dossiê e retirou um cheque.

– Estão aqui mil dólares para depositar. Vêm de um tipo do Texas chamado Curtis.

– Qual é o potencial dele?

– Muito bom, creio eu. Estamos dispostos a espremer o Quince em Iowa.

Joe Roy pegou num belo envelope cor de alfazema, bem fechado e dirigido a Quince Garbe, em Bakers, Iowa.

– Quanto? – perguntou Trevor, pegando no envelope.

– Cem mil.

– Uau! – Ele mordeu a isca e vai pagar. Eu dei-lhe as instruções para fazer a transferência. Previna o banco.

Em vinte e três anos de advocacia, Trevor nunca ganhara honorários que se aproximassem dos trinta e três mil dólares. De repente, via-os, tocava-lhes e, embora tentasse não o fazer, começava a gastá-los trinta e três mil dólares só por levar e trazer correspondência.

– Você acha mesmo que isso vai resultar? – perguntou ele, pagando mentalmente a dívida do Pete's e dando instruções ao MasterCard para descontar o cheque. Ficaria com o mesmo automóvel, o seu querido carocha, mas talvez se atirasse a um aparelho de ar condicionado.

– É claro que vai – respondeu Spicer, sem uma réstia de dúvida. Tinha mais duas cartas, ambas escritas pelo juiz Yarber, a fazer de jovem Percy em período de reabilitação. Trevor pegou nelas, ansioso.

– O Arkansas está em Kentucky esta noite – disse Spicer, voltando ao seu jornal. – A linha é a catorze. O que acha? – Muito mais perto do que isso. O Kentucky é muito forte em casa.

– Aposto? – E você? Trevor tinha um agente de apostas no Pete's Bar e, apesar de apostar pouco, aprendera a seguir os palpites do juiz Spicer.

– vou apostar cem no Arkansas – disse Spicer.

– Acho que vou fazer o mesmo.

Jogaram blackjack durante meia-hora. De vez em quando, Link olhava lá para dentro e franzia o sobrolho com ar de censura. Era proibido jogar às cartas durante as visitas, mas quem se importava com isso? Joe Roy jogava a sério porque estava a preparar-se para a sua carreira seguinte. O póquer e o gin rummy eram os seus preferidos na sala de visitas, mas, muitas vezes, tinha dificuldade em encontrar um parceiro para o blackjack.

Trevor não era particularmente bom, mas estava sempre disposto a jogar. Na opinião de Spicer, era a única qualidade que o redimia.

CINCO

O anúncio tinha o ar próprio de uma festa de celebração da vitória, com estandartes vermelhos, azuis e brancos, bandeiras penduradas no tecto e música de fanfarra que atroava o hangar. Fora exigida a presença de todos os empregados da D-L Trilling, os quatro mil, e, para os contentar, fora-lhes prometido mais um dia de férias. Oito horas pagas, a um salário médio de vinte e dois dólares e quarenta cêntimos, mas a administração não se importava porque encontrara o seu homem. O palco construído à pressa também estava coberto de estandartes e preenchido com os elementos importantes da empresa, todos com um sorriso aberto e a aplaudir freneticamente, enquanto a música arrebatava a multidão. Havia três dias, ninguém sabia quem era Aaron Lake. Agora, ele era o seu salvador.

Aaron parecia de fato um candidato, com o cabelo um pouco mais curto, como lhe sugerira um consultor, e um fato castanho-escuro aconselhado por outro. Só Reagan é que conseguira usar fatos castanhos e alcançara duas vitórias esmagadoras.

Quando Lake finalmente apareceu e atravessou o palco com um ar importante, apertando vigorosamente a mão a responsáveis da empresa que nunca vira, os trabalhadores entraram em delírio. O volume da música subiu convenientemente, graças ao consultor de uma equipa de som que a gente de Lake contratara por vinte e quatro mil dólares para o efeito. O dinheiro tinha pouca importância.

Os balões caíam como maná. Alguns eram rebentados por trabalhadores aos quais tinha pedido que os rebentassem. Durante alguns segundos, o hangar parecia a primeira fase de um ataque terrestre.

Preparem-se. Preparem-se para a guerra. Antes que seja demasiado tarde.

O diretor-geral da Trilling abraçou-o como se fossem irmãos da mesma confraria, apesar de ambos se terem conhecido duas horas antes. Em seguida, subiu ao palco e esperou que o ruído amainasse. Servindo-se dos apontamentos que lhe tinham sido enviados por fax na véspera,

começou a fazer uma apresentação palavrosa e bastante generosa de Auron Lake, o futuro presidente. Os aplausos, orquestrados, interromperam-no cinco vezes antes de terminar.

Lake acenou como um herói vencedor e esperou atrás do microfone. Em seguida, com um excelente sentido de oportunidade, avançou e disse: – O meu nome é Aaron Lake, e estou a candidatar-me à presidência.

Mais aplausos atoadores. Mais fanfarra. Mais balões a caírem.

Quando se fartou, Lake atirou-se ao discurso. O tema, o programa, o único motivo que o levava a candidatar-se era a segurança nacional, e Lake insistiu nas estatísticas aterradoras que provavam até que ponto a Administração esgotara as forças armadas. Nenhum outro tema era tão importante como esse, afirmou ele abruptamente. Atirem-nos para uma guerra que não podemos vencer, e esqueceremos as velhas tricas acerca do aborto, do racismo, das armas, da ação afirmativa e dos impostos. Estão preocupados com os valores familiares? Comecem a perder os seus filhos e filhas em combate e verão o que são famílias com problemas.

Lake era muito bom. O discurso fora escrito por ele, editado pelos consultores, aperfeiçoado por outros profissionais. Na noite anterior, Lake enviara-o a Teddy, que estava sozinho nos subterrâneos de Langley. Teddy aprovara-o, com pequenas alterações.

Teddy estava enfiado debaixo das suas mantas e assistia ao espetáculo com um grande orgulho.

York encontrava-se junto dele, em silêncio como de costume. Era frequente estarem os dois sentados, sozinhos, de olhos nos ecrãs, a observarem o mundo que se tornava cada vez mais perigoso.

– Ele é bom – disse York tranquilamente, a dada altura. Teddy fez um sinal afirmativo e esboçou mesmo um sorriso. A meio do discurso, Lake enfureceu-se com os chineses.

– Durante vinte e um anos, permitimos-lhes que roubassem quarenta por cento dos nossos segredos nucleares!-exclamou.

Os trabalhadores assobiaram.

– Quarenta por cento! – gritou ele.

Fora quase cinquenta por cento, mas Teddy optou por fazer uma pequena redução. A CIA tinha a sua quota-parte de responsabilidade no roubo dos chineses.

Durante cinco minutos, Aaron atacou violentamente os chineses, os seus roubos e o seu reforço militar sem precedentes. A estratégia era de Teddy. Usar os chineses para assustar os eleitores americanos, e não os russos. Não falar neles. Proteger a verdadeira ameaça até chegar a uma fase posterior da campanha.

O momento escolhido por Lake fora quase perfeito. O seu ataque fez vir a casa abaixo.

Quando ele prometeu duplicar o orçamento da defesa nos primeiros quatro anos da sua administração, os quatro mil empregados da D-L Trilling que construíam helicópteros militares entraram em delírio.

Teddy observava a cena em silêncio, muito orgulhoso da sua obra. Tinham conseguido montar o espetáculo em New Hampshire menosprezando-o. O nome de Lake não constava dos boletins de voto e, no espaço de décadas, ele era o primeiro candidato a orgulhar-se desse fato. «Quem precisa de New Hampshire? Eu vou conquistar o resto do país», era uma afirmação que lhe atribuíam.

Lake terminou no meio de aplausos estrondosos e voltou a apertar as mãos todas que havia no palco. A CNN regressou ao seu estúdio, onde os locutores passaram um quarto de hora a contar aos telespetadores o que tinham acabado de presenciar.

Na sua mesa, Teddy carregava em botões e as imagens mudavam no ecrã.

– Aqui está o produto acabado – disse ele. – A primeira prestação.

Era um anúncio televisivo do candidato Lake, e começava com um instantâneo de uma fila de generais chineses de aspecto austero, que integravam uma parada militar vendo passar equipamento pesado. «Consideram que o mundo é um lugar mais seguro?», perguntava uma voz off terrível e cavernosa. Seguiam-se imagens breves dos loucos do mundo atual, todos a assistirem ao desfilar dos seus exércitos Hussein, Kadafi, Milosevic e Kim da Coreia do Norte. Até o pobre Castro, com o que restava do seu exército esfarrapado a arrastar-se por Havana, teve o seu tempo de antena. «As nossas forças armadas não poderiam fazer agora o que fizeram em 1991 na Guerra do Golfo», disse a voz num tom grave, como se já tivesse sido declarada outra guerra. Seguiu-se uma explosão, um cogumelo atômico, e milhares de indianos a dançarem nas ruas. Outra explosão, e os paquistaneses a dançarem também.

«A China quer invadir Taiwan», dizia a voz, enquanto milhares de soldados chineses marchavam com o passo impecavelmente alinhado.

«A Coreia do Norte quer a Coreia do Sul», dizia a voz, enquanto os tanques rolavam pelo DMZ. «E os Estados Unidos são sempre um alvo fácil.» A voz subiu rapidamente de tom e o anúncio passou para uma sessão qualquer do Congresso, onde um general muito medalhado dizia a uma subcomissão: «Os senhores congressistas cada vez gastam menos com as forças armadas. Este orçamento da defesa é menor que o de há quinze anos. Esperam que estejamos prontos para a guerra na Coreia, no Médio Oriente e agora na Europa de Leste, mas o nosso orçamento continua a encolher. A situação é crítica». O anúncio desapareceu, dando lugar a um ecrã negro, e depois a primeira voz disse: «Há doze anos, havia duas superpotências. Agora não há nenhuma.» Surgiu o rosto atraente de Aaron Lake e o anúncio terminou com a voz a dizer: «Lake, Antes que seja demasiado tarde.» – Não tenho a certeza se gosto – disse York pouco depois.

– Porquê? – É tão negativo.

– Ótimo. Dá uma sensação de mal-estar, não é verdade? – É isso mesmo.

– Ainda bem. Vamos inundar a televisão durante uma semana, e desconfio que os números de Lake vão descer ainda mais. Os anúncios vão obrigar as pessoas a retrair-se, e elas não vão gostar.

York sabia o que viria a seguir. As pessoas retraíam-se e não gostavam dos anúncios, depois assustavam-se e, de repente, Lake passava a ser um visionário. Teddy apostava no terror.

Havia duas salas de televisão em cada ala de Trumble; eram duas pequenas salas nuas onde se podia fumar e ver o que os guardas queriam que se visse. Não havia controlo remoto. A princípio, tentaram, mas só levantara problemas. As piores divergências surgiam de longe quando os rapazes não estavam de acordo quanto ao que queriam ver. Por isso, eram os guardas que escolhiam.

O regulamento proibia que os reclusos tivessem os seus próprios televisores.

Por acaso, o guarda de serviço gostava de basquetebol. Havia um jogo de universitários na ESPN e a sala estava cheia de reclusos. Hatlee Beech detestava desporto e estava sentado, sozinho, na outra sala de

televisão a ver comédias banais, umas atrás das outras. Quando estava no tribunal e trabalhava doze horas por dia, nunca via televisão. Quem é que tinha tempo para isso? Tinha um gabinete em casa, onde ditava sentenças até tarde, enquanto toda a gente estava colada ao horário nobre. Agora, ao ver aquele lixo, percebia como tivera sorte. Por muitas razões. Acendeu um cigarro. Não fumava desde os tempos da faculdade e, nos dois primeiros meses em Trumble, resistira à tentação. Agora, os cigarros ajudavam-no a quebrar a monotonia, mas Beech fumava apenas um maço por dia. A sua tensão arterial subia e descia. Havia problemas cardíacos na família. Aos cinquenta e cinco anos, com nove anos para cumprir, Beech sairia num caixão, tinha a certeza disso.

Três anos, um mês e uma semana, e Beech continuava a contar os dias, comparando-os com os que faltavam. Ainda há quatro anos construía a sua reputação de jovem juiz federal implacável e muito bem sucedido. Quatro anos deitados à rua. Quando ia de um tribunal para outro na zona leste do Texas, fazia-se acompanhar de um motorista, de uma secretária, de um funcionário e de um agente da polícia. Quando entrava numa sala de audiências, as pessoas levantavam-se em sinal de respeito. Os advogados não lhe poupavam elogios pela sua imparcialidade e diligência. A mulher era uma pessoa desagradável, mas graças à companhia petrolífera da família, Beech conseguira viver em paz com ela. O casamento era estável, não exatamente ardente, mas, com três belos filhos na universidade, o casal tinha motivos para se sentir orgulhoso. Tinham passado tempos difíceis e estavam decididos a envelhecer juntos. Ela tinha o dinheiro. Ele tinha o estatuto. Tinham criado uma família juntos. • Para onde haviam de ir? Decerto não para a prisão.

Quatro anos desgraçados.

A bebida viera não se sabia donde. Talvez fosse a pressão do trabalho, ou para escapar à conflituosidade da mulher. Durante anos, depois da Faculdade de Direito, Beech bebera um pouco em reuniões sociais, nada de grave. Não era um hábito. Uma vez, quando os filhos eram pequenos, a mulher levava-os para Itália durante duas semanas. Beech ficara sozinho, o que lhe convinha. Por qualquer razão que não conseguia apurar, nem recordar, voltou ao uísque. Em grandes quantidades, sem parar. O uísque tornou-se importante. Tinha-o sempre no escritório e, de

madrugada, ia bebê-lo às escondidas. Beech e a mulher tinham camas separadas e por isso ele raramente era apanhado.

Na origem da ida a Yellowstone estivera uma conferência judicial de • três dias. Beech conhecera a jovem num bar de Jackson Hole. Depois de várias horas a beber, tomaram a decisão infeliz de ir dar uma volta de automóvel. Enquanto Hatlee conduzia, ela despira-se, apenas por capricho. Não tinham falado de sexo, e nesse momento Hatlee era totalmente inofensivo. Os dois peões eram de Washington, estudantes universitários que tinham acabado de sair da berma. Morreram ambos ali mesmo, na curva de uma estrada estreita, esmagados por um automobilista embriagado que nunca os vira. O automóvel da jovem foi encontrado numa vala com Beech agarrado ao volante, sem se conseguir mexer. Ela estava nua e inconsciente.

Beech não se recordava de nada. Quando acordou, horas depois, viu pela primeira vez o interior de uma cela.

– O melhor é habituar-se – dissera-lhe o chefe da esquadra com um sorriso trocista.

Beech pediu todos os favores e mexeu todos os cordelinhos que é possível imaginar, mas de nada lhe serviu. Tinham morrido dois jovens. Fora apanhado na companhia de uma jovem nua. A mulher é que tinha o dinheiro do petróleo e os amigos fugiram como cães assustados. Por fim, ninguém apoiou o Meritíssimo Hatlee Beech.

Teve sorte em apanhar doze anos. As mães FURIOSAS e os estudantes DESOLADOS protestaram à porta do tribunal quando ele fez a sua primeira aparição oficial. Queriam a prisão perpétua.

Queriam a vida dele! Ele próprio, o Meritíssimo Hatlee Beech, fora acusado da morte de duas pessoas, e não havia defesa possível. Tinha álcool no sangue que era suficiente para matar mais uma. Segundo uma testemunha, seguia na faixa errada.

Olhando para trás, Beech tivera sorte pelo fato de o seu crime ter ocorrido em território federal. De outro modo, teria sido enviado para uma penitenciária estatal onde as coisas eram muito piores.

Dissessem o que dissessem, as autoridades federais sabiam gerir uma prisão.

Beech fumava sozinho na penumbra, enquanto via uma comédia em horário nobre, escrita por jovens de doze anos, e havia um anúncio

político, um dos muitos nessa época. Beech nunca o vira.

Era um pequeno segmento ameaçador, com uma voz sombria que antevia o caos se os americanos não se despachassem a fabricar mais bombas. Estava muito bem feito, durava um minuto e meio, custava uma fortuna e transmitia uma mensagem que ninguém queria ouvir. Lake, antes que seja demasiado tarde.

Quem diabo era Aaron Lake? Beech conhecia a sua política. Fora a sua paixão noutros tempos, e em Trumble era conhecido por estar atento a Washington. Era um dos poucos que se importava com o que lá se passava.

Aaron Lake? Beech não conhecia o tipo. Que estratégia esquisita a de entrar na corrida como um desconhecido que disputava New Hampshire. Não faltavam palhaços que queriam ser presidentes.

A mulher de Beech expulsara-o de casa antes de ser condenado pelo homicídio involuntário de duas pessoas. Como era natural, ficara mais irritada com a mulher nua do que com a morte dos jovens. Os filhos tomaram o partido da mãe, quer porque era ela quem tinha o dinheiro, quer porque o pai se saíra muito mal. Fora uma decisão fácil para eles. O divórcio foi decretado uma semana depois de Beech chegar a Trumble.

O filho mais novo fora vê-lo duas vezes em três anos, um mês e uma semana. Ambas as visitas foram às escondidas, não fosse a mãe descobrir. Proibira os filhos de ir a Trumble.

Depois, ele fora processado, dois casos mortais injustos levantados pelas famílias. Sem amigos dispostos a avançar, Beech tentara defender-se a partir da prisão. Mas não havia defesa possível. O tribunal exigia-lhe o pagamento de cinco milhões de dólares. Beech recorreu a partir de Trumble, perdeu e voltou a recorrer.

Na cadeira a seu lado, junto dos cigarros, estava um envelope trazido por Trevor, o advogado. O tribunal recusara o seu último recurso. A sentença era agora definitiva.

Não tinha importância, porque também já declarara falência. Ele próprio datilografara os documentos na seção de Direito da biblioteca, juntara-lhes um atestado de pobreza e enviara-os para o mesmo tribunal do Texas onde em tempos fora um deus.

Acusado, divorciado, privado de exercer a sua profissão, preso, condenado e falido.

A maioria dos vencidos de Trumble aguentavam-se bem porque não tinham caído de muito alto. Eram quase todos reincidentes que tinham deitado a perder terceiras e quartas oportunidades. Quase todos gostavam do local, porque era melhor do que qualquer outra prisão que tinham visitado.

Mas Beech perdera muito, caíra muito fundo. Ainda há quatro anos tinha uma mulher milionária, três filhos que o adoravam e uma grande casa numa pequena cidade. Era juiz federal, nomeado vitaliciamente pelo presidente, e ganhava cento e quarenta mil dólares por ano, o que era muito menos do que os lucros da empresa petrolífera da mulher, apesar de não ser um mau salário. Duas vezes por ano, era chamado a Washington para participar em reuniões no Ministério da Justiça. Beech fora uma pessoa importante.

Um velho amigo advogado fora visitá-lo duas vezes, de caminho para Miami, onde tinha filhos, e demorara-se o suficiente para lhe dar conta dos mexericos. Eram quase todos insignificantes, mas corria o boato de que a ex-mulher de Beech mantinha agora uma relação com outra pessoa. com uns milhões de dólares e umas ancas elegantes, era apenas uma questão de tempo.

Outro anúncio. Outra vez Lake, antes que seja demasiado tarde. Este começou com um vídeo granuloso de homens armados a caminharem no deserto, a esquivarem-se, a dispararem, no meio de um treino qualquer. Seguiu-se o rosto sinistro de um terrorista – olhos, cabelos, e traços sombrios, obviamente algum fundamentalista islâmico – que dizia em árabe com legendas em inglês: «Mataremos os Americanos onde quer que os encontremos. Morreremos na nossa guerra santa contra o grande Satã.» Depois, imagens rápidas de edifícios em chamas. Atentados à bomba em embaixadas. Um autocarro cheio de turistas. Os restos de um avião a jato espalhados numa pastagem.

Surgiu um rosto atraente, o de Mr. Aaron Lake. Olhou de frente para Hatlee Beech e disse: «Sou Aaron Lake, e talvez você não me conheça. Candidato-me à presidência porque estou assustado. Assustado com a China, com a Europa de Leste e com o Médio Oriente.

Assustado com um mundo perigoso. Assustado com o que aconteceu às nossas forças armadas. No ano passado, o governo federal teve um grande excedente, embora tenha gasto menos na defesa do que

há quinze anos. Somos complacentes porque a nossa economia é forte, mas o mundo atual é mais perigoso do que julgamos. Os nossos inimigos são multidões e nós não podemos proteger-nos. Se for eleito, duplicarei os gastos com a defesa durante o meu mandato.» Nada de sorrisos nem de cordialidade. Apenas conversa simples de um homem que sabia o que estava a dizer. Uma voz que se sobrepôs à dele disse: «Lake, antes que seja demasiado tarde.» Nada mau, pensou Beech.

Acendeu outro cigarro, o último da noite, e ficou a olhar para o envelope que estava em cima da cadeira – cinco milhões de dólares que lhe eram exigidos pelas duas famílias.

Beech pagaria se pudesse. Nunca vira os miúdos, nem sequer antes de os matar. O jornal do dia seguinte trazia as fotografias deles com um ar satisfeito, um rapaz e uma rapariga. Eram apenas estudantes universitários que gozavam o Verão.

Beech não bebeu o uísque. * Podia alegar falência em relação a metade da sentença. A outra metade era por danos morais, cujo pagamento era obrigatório em qualquer circunstância. Por isso, seguiu-lo-ia para onde ele fosse, ou seja, para parte nenhuma, na sua opinião. Teria sessenta e cinco anos quando acabasse de cumprir a sentença, mas morreria antes disso. Levá-lo-iam de Trumble dentro de um caixão, enviá-lo-iam para a sua terra, no Texas, onde o sepultariam atrás da pequena igreja rural em que fora baptizado.

Talvez um dos filhos lhe mandasse fazer uma lápide.

Beech saiu da sala sem desligar o televisor. Eram quase dez horas, tempo de apagar as luzes.

Compartilhava um beliche com Robbie, um tipo de Kentucky que assaltara 240 casas antes de o apanharem. Vendia as armas, os micro-ondas e as aparelhagens estereofónicas para comprar cocaína. Robbie era um veterano de Trumble, onde se encontrava há quatro anos, e por isso escolhera a cama de baixo. Beech subiu para a de cima, deu as boas-noites a Robbie e apagou a luz.

– Boa-noite, Hatlee – disse Robbie em voz baixa.

Às vezes, conversavam às escuras. As paredes eram de escória prensada, a porta de metal e as palavras de ambos confinavam-se à pequena cela. Robbie tinha vinte e cinco anos e fazia quarenta e cinco

antes de sair de Trumble. Apanhara vinte e quatro anos, um por cada dez casas assaltadas.

O período entre o deitar e o adormecer era o pior do dia. O passado regressava, vingativo – os erros cometidos, a infelicidade, o que se podia e o que se devia ter tido. Por mais que tentasse, Hatlee não conseguia apenas fechar os olhos e adormecer. Primeiro, tinha de se autopunir. Tinha uma neta que nunca vira, e começava sempre por ela. Seguiam-se os três filhos. Esquecia a mulher. Mas pensava sempre no dinheiro dela. E nos amigos. Ah, os amigos. Onde estavam eles agora? Três anos na prisão e, sem futuro, só existia o passado. Até o pobre Robbie lá em baixo sonhava com um novo começo aos quarenta e cinco anos. Não era o caso de Beech. Às vezes, quase ansiava pelo solo quente do Texas, por cima do seu corpo, atrás da igrejinha. Com certeza que alguém lhe havia de comprar uma lápide.

SEIS

Para Quince Garbe, o dia 3 de Fevereiro seria o pior da sua vida. Por pouco não foi o último, e teria sido se o seu médico não estivesse na cidade. Não conseguiu arranjar uma receita de comprimidos para dormir e não teve coragem de apontar a arma a si próprio.

Começou agradavelmente com um pequeno-almoço tardio, uma tigela de cereais junto da lareira do escritório, sozinho. A mulher de vinte e seis anos já fora para a cidade, para mais um dia de chás de caridade, de recolhas de fundos e do voluntarismo frenético característico de um meio pequeno que a mantinha ocupada e longe do marido.

Estava a nevar quando Garbe saiu da sua casa de banqueiro, grande e pretensiosa, na zona limítrofe de Bakers, Iowa. Levou dez minutos a chegar ao emprego no seu grande Mercedes preto, com dez anos. Garbe era um homem importante na terra, membro de uma família proprietária do banco há várias gerações. Estacionou no seu lugar reservado atrás do banco, que dava para a Main Street, e deu um salto aos correios, o que fazia duas vezes por semana. Há vários anos que tinha ali uma caixa postal, longe da mulher e em especial da secretária.

Como era um dos poucos ricos que havia em Bakers, raramente cumprimentava as pessoas que encontrava na rua. Não se importava com o que elas pensavam. Adoravam o pai dele, o que bastava para manter o negócio.

Mas, quando o velho morresse, seria Garbe obrigado a alterar a sua personalidade? Seria forçado a sorrir nos passeios de Bakers e a aderir ao Clube dos Rotários, fundado pelo avô? Quince estava cansado de depender dos caprichos do público por causa da sua segurança.

Estava cansado de confiar no pai para manter os clientes satisfeitos. Estava cansado do banco, cansado de Iowa e cansado da mulher, e o que ele mais desejava nessa manhã de Fevereiro era uma carta do seu adorado Ricky. Umhas linhas breves e simpáticas a confirmar o encontro.

O que Quince verdadeiramente desejava era passar três dias ardentes com Ricky, no barco do amor.

Talvez nunca mais voltasse.

Bakers tinha dezoito mil habitantes e a estação central dos correios na Main Street estava geralmente cheia. E havia sempre um funcionário diferente do outro lado do balcão. Fora assim que ele alugara a caixa postal – esperara que um novo funcionário entrasse de serviço. A CMT Investments era o endereço oficial. Quince foi direito à caixa, que ficava a um canto, como centenas de outras.

Havia três cartas e, ao tirá-las e enfiá-las no bolso do casaco, ficou estarrecido ao ver que uma era de Ricky. Correu para a Main Street e, pouco depois, entrou no banco, precisamente às dez da manhã. O pai já lá estava há quatro horas, mas há muito que ambos tinham deixado de discutir acerca do horário de trabalho de Quince. Como sempre, parou junto da secretária e tirou as luvas à pressa, como se tivesse assuntos importantes à espera. Ela entregou-lhe a correspondência, duas mensagens telefônicas, e lembrou-lhe que, daí a duas horas, tinha um almoço com um agente imobiliário local.

Quince entrou no gabinete, fechou a porta à chave, atirou as luvas para um lado e o casaco para outro e abriu a carta de Ricky. Sentou-se no sofá e pôs os óculos, ofegante, não pela caminhada, mas pela ansiedade. Estava no auge da excitação quando começou a ler a carta.

As palavras tiveram o efeito de balas. Depois do segundo parágrafo, Quince soltou um estranho e doloroso «Ai». Em seguida, dois «Oh, meu Deus». Por fim, um «Filho da mãe», em voz baixa e sibilante.

Silêncio, que a secretária está sempre à escuta, pensou. A primeira leitura provocou o choque; a segunda a incredulidade. A realidade começou a instalar-se à terceira leitura, e o lábio de Quince começou a tremer. Não chores, raios, disse ele com os seus botões.

Atirou a carta para o chão e começou a andar à volta da secretária, ignorando o melhor que podia os rostos alegres da mulher e dos filhos. Vinte anos de fotografias de turmas e de retratos de família alinhavam-se na sua credencia, mesmo por baixo da janela. Quince olhou lá para fora e observou a neve, agora mais forte, que se acumulava nos passeios. Deus sabia como ele detestava Bakers.

Julgara que conseguiria partir e dar uma escapadela à praia, onde se divertiria com um belo jovem, e talvez nunca mais voltar. 61 Agora partiria em circunstâncias diferentes.

Aquilo era uma piada, uma brincadeira, disse— a si próprio, mas nesse mesmo instante percebeu. O cerco era muito apertado. O golpe fora em cheio. Fora enganado por um profissional.

Passara a vida a combater os seus desejos. Acabara por arranjar coragem para lutar contra o conformismo e agora fora alvejado entre os olhos por um condenado. Estúpido, estúpido, estúpido.

Como é que se envolvera numa situação tão difícil? Os pensamentos erráticos surgiam de todas as direções enquanto observava a neve. O suicídio era uma resposta fácil, mas o seu médico não estava na cidade e Quince não queria verdadeiramente morrer. Pelo menos por enquanto. Não sabia ao certo onde iria arranjar cem mil dólares, mas podia enviá-los sem levantar suspeitas. O velho pagava-lhe uma miséria e mantinha um controlo apertado sobre o dinheiro. A mulher insistia em verificar o extrato da conta. Havia algum dinheiro em fundos de pensões, mas Quince não lhes podia mexer sem o conhecimento dela. A vida de um banqueiro rico de Bakers, Iowa, valia um título, um Mercedes, uma grande casa hipotecada e uma mulher que se dedicava a atividades sociais. Oh, como ele gostaria de fugir! Iria para a Florida de qualquer maneira e enfrentaria este condenado, denunciaria a sua tentativa de extorsão e conseguiria que se fizesse justiça. Ele, Quince Garbe, não fizera nada de

mal. com certeza estava a ser perpetrado um crime. Talvez pudesse contratar um detective e um advogado que o protegessem. Iriam até ao fundo desta fraude.

Mesmo que arranjasse o dinheiro e o enviasse de acordo com as instruções, a porta ficaria aberta e Ricky, fosse ele quem fosse, poderia querer mais. O que impediria Ricky de continuar a extorquir-lhe dinheiro? Se tivesse coragem, fugiria para Key West, ou para algum sítio quente onde nunca nevasse, e viveria como lhe apetecesse, e deixaria que aquela gentinha miserável de Bakers, Iowa, dissesse mal dele durante meio século. Mas Quince não tinha coragem e era isso que o entristecia.

Os filhos observavam-no, sorrindo com os seus rostos sardentos e os aparelhos nos dentes. Quince estava destroçado e sabia que havia de encontrar o dinheiro e de enviá-lo seguindo à risca as instruções. Tinha de protegê-los. Eles não tinham feito nada de mal.

As ações do banco valiam cerca de dez milhões de dólares e continuavam a ser fortemente controladas pelo velho, que nesse momento andava a ladrar pelo corredor. O velho tinha oitenta e um anos e muita vida, mas sempre eram oitenta e um anos. Quando morresse, Quince teria de se haver com uma irmã que vivia em Chicago, mas o banco seria dele. Vendê-lo-ia o mais depressa possível e sairia de Bakers com alguns milhões no bolso. Mas, até lá, seria obrigado a fazer o que sempre fizera, a manter o velho contente.

Se Quince fosse desmascarado por um condenado, o pai ficaria destroçado e ainda se agarraria mais às ações. A irmã de Chicago é que ficaria com tudo.

Quando o barulho deixou de se ouvir lá fora, Quince esgueirou-se pela porta e passou pela secretária para ir tomar um café. Ignorou-a quando voltou para o gabinete, fechou a porta à chave, leu a carta pela quarta vez e ordenou os pensamentos. Havia de arranjar o dinheiro e havia de mandar segundo as instruções. Furioso, esperava e rezava para que Ricky desaparecesse. Se tal não se verificasse, se viesse buscar mais, Quince telefonaria ao seu médico e tomaria uns comprimidos. O agente imobiliário com quem ia almoçar era um tipo que jogava forte, corria riscos e limava arestas, talvez um criminoso. Quince começou a fazer planos. Os dois haviam de arranjar alguns empréstimos um pouco obscuros;

sobreavaliar algum terreno, emprestar o dinheiro, vender a um testa-de-ferro, etc. Ele sabia como havia de proceder.

Quince havia de arranjar o dinheiro.

Os anúncios catastrofistas da campanha de Lake aterraram com estrondo, pelo menos na opinião pública. A corrida às urnas na primeira semana revelou um aumento drástico no reconhecimento do nome, de 2 para 20 por cento, mas ninguém gostou dos anúncios. Eram assustadores, e as pessoas não queriam pensar em guerras, nem em terrorismo, nem em velhas bombas nucleares a serem arrastadas através de montanhas às escuras. As pessoas viam os anúncios (era impossível evitá-los) e ouviam a mensagem, mas a maioria dos eleitores não queriam ser incomodados. Andavam demasiado ocupados a fazer dinheiro e a gastá-lo. Quando eram confrontados com os assuntos em períodos econômicos florescentes, limitavam-se aos velhos lugares-comuns dos valores familiares e das reduções nos impostos.

Os primeiros entrevistadores do candidato Lake trataram-no como mais um excêntrico até ele anunciar, em direto, que a sua campanha recebera mais de 11 milhões de dólares em menos de uma semana.

– Esperamos conseguir vinte milhões dentro de duas semanas disse ele sem fanfarronices, e aí começou a verdadeira notícia. Teddy Maynard garantira-lhe que o dinheiro apareceria.

Vinte milhões em duas semanas era algo que nunca acontecera, e no fim desse dia Washington foi devorada pela notícia. O frenesi atingiu o auge quando Lake foi entrevistado, mais uma vez em direto, por duas das três cadeias de televisão no telejornal da noite. O homem tinha um aspecto formidável: um grande sorriso, falinhas mansas, um belo fato e um bonito cabelo. O homem era elegível.

A confirmação final de que Aaron Lake era um sério candidato chegou mais tarde, quando um dos seus opositores o atacou. O senador Britt de Maryland andava em campanha há um ano e conquistara um forte segundo lugar em New Hampshire. Reunira nove milhões de dólares, gastara muito mais do que isso e fora obrigado a passar metade do tempo a pedir dinheiro em detrimento da campanha. Estava cansado de pedir, cansado de cortar no pessoal, cansado de se preocupar com os anúncios na televisão e, quando um repórter lhe perguntou o que pensava de Lake e dos seus vinte milhões de dólares, Britt disparou: «É dinheiro sujo.

Nenhum candidato honesto consegue arranjar tanto tão depressa.» Britt distribuía apertos de mão à chuva, à entrada de uma fábrica de produtos químicos no Michigan.

O comentário sobre o dinheiro sujo foi recebido com muita satisfação pela imprensa e depressa se espalhou.

Aaron Lake tinha chegado.

O senador Britt de Maryland tinha outros problemas, embora tentasse esquecê-los.

Havia nove anos, andara pelo Sudeste Asiático em busca de fatos. Como sempre, ele e os colegas do Congresso viajavam em primeira classe, ficavam hospedados em belos hotéis e comiam lagosta, tudo na tentativa de estudarem a pobreza existente na região e de irem ao fundo da controvérsia acesa desencadeada pela Nike e pela sua utilização da mão-de-obra barata. No princípio da viagem, Britt conheceu uma jovem em Banguécoque e, fingindo-se doente, resolveu ficar para trás enquanto os companheiros continuavam a sua busca de fatos no Laos e no Vietname.

A jovem chamava-se Payka e não era prostituta. Tinha vinte e um anos e era secretária na embaixada dos Estados Unidos em Banguécoque. Como Paika era paga pelo país dele, o interesse de Britt por ela era eivado de um leve sentido de propriedade. Britt estava longe de Maryland, da mulher, dos cinco filhos e dos seus eleitores. Paika era estonteante e escultural, e estava ansiosa por ir estudar para os Estados Unidos.

O que começou por ser uma aventura depressa se transformou num romance, e o senador Britt regressou contrafeito a Washington. Dois meses mais tarde, voltou a Banguécoque, devido a um assunto premente mas secreto, conforme disse à mulher.

Em nove meses, foi quatro vezes à Tailândia, sempre em primeira classe, sempre a expensas dos contribuintes, e até os viajantes crônicos do Senado começaram a murmurar.

Britt puxou os cordelinhos junto do Departamento de Estado e tudo indicava que Payka iria para os Estados Unidos.

Tal nunca aconteceu. No quarto e último encontro, Payka confessou que estava grávida. Era católica e abortar estava fora de questão. Britt reagiu com dureza, disse que precisava de tempo para pensar e fugiu de Banguécoque de madrugada. A busca dos fatos chegara ao fim.

No princípio da sua carreira de senador, Britt, implacável quanto às questões fiscais, arrancara um ou dois títulos na imprensa por ter criticado o esbanjamento da CIA. Teddy Maynard não dissera uma palavra, mas é claro que não apreciara o destaque dado ao assunto. O dossiê bastante fino de Britt foi limpo do pó e passou a ser prioritário, e quando o senador foi a Banguécoque pela segunda vez a CIA acompanhou-o. Ele não soube, evidentemente, mas eles foram no mesmo voo, também em primeira classe, e tinham gente no terreno em Banguécoque. Vigiam o hotel onde os dois pombinhos passaram três dias.

Tiraram-lhes fotografias a comer em belos restaurantes. Viram tudo. Britt era distraído e estúpido.

Mais tarde, quando a criança nasceu, a CIA conseguiu ter acesso aos registos do hospital e depois à ficha clínica para comparar o tipo de sangue e o ADN. Payka continuava a trabalhar na embaixada e foi fácil de encontrar.

Quando a criança tinha um ano, foi fotografada ao colo da mãe num parque da baixa da cidade. Seguiram-se mais fotografias e, quando o menino tinha quatro anos, começou a apreciar à distância o senador Dan Britt de Maryland.

O papá desaparecera há muito. O zelo de Britt na busca de fatos no Sudeste Asiático desvaneceu-se drasticamente, e o senador concentrou-se noutras áreas críticas do mundo.

Em devido tempo, foi acometido de ambições presidenciais, a velha doença que mais tarde ou mais cedo afecta todos os senadores. Nunca mais soubera de Payka, e não lhe fora difícil esquecer esse pesadelo.

Britt tinha cinco filhos legítimos e uma mulher muito indiscreta. Formavam uma equipa, o senador e Mrs. Britt, e ambos acreditavam cegamente nos valores familiares e na máxima « temos de Salvar os Nossos Filhos!» Escreveram um livro sobre a educação dos filhos no seio de uma cultura americana doente, apesar de o mais velho ter apenas treze anos. Quando o presidente se viu a braços com desventuras sexuais, o senador Britt tornou-se a virgem mais pura de Washington.

Ele e a mulher tocaram num ponto sensível, e o dinheiro jorrou dos conservadores. Britt saiu-se bem nas convenções do partido em Iowa,

conseguiu um segundo lugar em New Hampshire, mas estava a ficar sem dinheiro e a descer nas sondagens.

Iria descer ainda mais. Depois de uma jornada de campanha brutal, a sua equipa instalou-se num motel de Dearborn, Michigan, para passar a noite. Foi aí que o senador acabou por ser confrontado com o sexto filho, mas não pessoalmente.

O agente chamava-se McCord e seguira Britt durante uma semana, fazendo-se passar por jornalista.

Disse que trabalhava para um jornal de Tallahassee, mas a verdade é que era agente da CIA há onze anos. Havia tantos repórteres à volta de Britt que ninguém se lembrou de verificar.

McCord fez-se amigo de um adjunto e, de madrugada, num bar do Holiday Inn, confessou que tinha algo em seu poder que destruiria o candidato Britt. Afirmou que lhe fora dado por um rival, o governador Tarry. Era um bloco de apontamentos, com uma bomba em cada página: um depoimento juramentado de Payka em que ela fornecia os pormenores principais do caso de ambos; duas fotografias do filho, a última das quais fora tirada havia um mês, e em que a criança, agora com sete anos, se parecia cada vez mais com o pai; análises de sangue e do ADN que revelavam traços indeléveis entre pai e filho; e documentos de viagens que mostravam, preto no branco, que o senador Britt estoirara trinta e oito mil e seiscentos dólares do dinheiro dos contribuintes para manter o seu caso amoroso do outro lado do mundo.

O acordo era simples e frontal: o senador retirava-se imediatamente da corrida e a história nunca seria divulgada. McCord, o jornalista, era ético e não tinha estômago para aquilo. O governador Tarry abafaria o caso se Britt desaparecesse. Ele que largasse o osso, e nem sequer Mrs. Britt viria a saber de nada.

Pouco depois da uma hora da madrugada, em Washington, Teddy Maynard recebeu o telefonema de McCord. A encomenda fora entregue.

Britt tencionava dar uma conferência de imprensa no dia seguinte, ao meio-dia.

Teddy tinha dossiês sujos de centenas de políticos, passados e presentes. Enquanto grupo, eram presas fáceis. Pussem-lhes uma bela jovem no caminho, e em geral conseguiam recolher qualquer coisa para o dossiê. Se as mulheres não resultassem, o dinheiro era infalível. Era vê-los

a viajar, era vê-los a rebolar-se na cama com os angariadores de votos, era vê-los a cederem a qualquer governo estrangeiro que fosse suficientemente esperto para enviar rios de dinheiro para Washington, era vê-los a organizarem as suas campanhas e a formarem as suas comissões para recolha de fundos. Bastava vigiá-los, e os dossiês continuavam a engordar. Seria bom que os russos fossem assim tão fáceis de enganar.

Embora desprezasse os políticos enquanto grupo, Maynard respeitava alguns. Aaron Lake era um deles. Nunca perseguira mulheres, nunca bebera muito nem ganhara maus hábitos, nunca se mostrava preocupado com dinheiro e nunca tivera pendor para o espalhafato.

Quanto mais observava Lake, mais gostava dele.

Tomou o último comprimido da noite e deitou-se. com que então, Britt desaparecera. Boa jogada! Era uma pena que não pudesse soprar a história. Aquele hipócrita merecia uma ensinadela. Guarda-a, disse ele com os seus botões. E volta a usá-la. Talvez o presidente Lake precisasse de Britt um dia e aquele rapazinho da Tailândia desse jeito.

SETE

Picasso ia processar Sherlock e outros arguidos anônimos para tentar impedi-los de urinarem nas suas rosas. Um pouco de urina transviada não afectaria o equilíbrio da vida em Trumble, mas Picasso também queria uma indemnização por perdas e danos de quinhentos dólares. Quinhentos dólares era um caso sério.

A disputa rebentara no Verão anterior, quando Picasso apanhara Sherlock em flagrante e o diretor-adjunto acabara por intervir. Pedira aos Confrades que resolvessem o assunto. O processo foi apresentado; depois Sherlock contratou um ex-advogado chamado Ratliff, outro perito em fuga ao fisco, para travar, atrasar, adiar e arquivar casos frívolos, a rotina habitual para aqueles que exerciam advocacia no exterior. Mas a tática de Ratliff não agradou à Confraria, e nem Sherlock nem o seu advogado eram muito respeitados pelo painel.

O roseiral de Picasso era um pedaço de terra cuidadosamente tratada ao lado do ginásio.

Custara-lhe três anos de guerras burocráticas, o tempo que levava a convencer um qualquer manga-de-alpaca de Washington de que aquele passatempo era e sempre fora terapêutico, visto que Picasso sofria de vários transtornos. Assim que o jardim foi aprovado, o diretor apressou-se a assinar e Picasso começou a cavá-lo com todas as suas forças. Recebia as rosas de um fornecedor de Jacksonville, o que implicava mais uma série de papelada.

O seu trabalho consistia em lavar louça no refeitório, com o que ganhava trinta cêntimos por hora. O diretor recusou o pedido para que ele fosse considerado jardineiro, e ficou assente que as rosas eram um passatempo. Na época delas, era ver Picasso no seu pedaço de terra, ao princípio e ao fim do dia, de gatas, a lavar, a cavar e a regar. Até falava com as suas flores. , As rosas em questão eram sonho-de-belinda, de um rosa-pálido não particularmente bonito, mas que Picasso adorava. Quando elas chegavam do fornecedor, toda a gente em Trumble sabia que as belindas estavam lá. Picasso plantava-as amorosamente à frente e no meio do seu jardim.

Sherlock começou a urinar em cima delas sem motivo. De qualquer modo, não gostava de Picasso por este ser um conhecido mentiroso, e urinar nas rosas do homem parecia-lhe apropriado.

Seguiram-se outros. Sherlock estimulava-os, garantindo que eles estavam de fato a ajudar as rosas a crescer com o seu fertilizante.

As belindas perderam o seu tom rosado e começaram a empalidecer, e Picasso ficou aterrado. Um informador deixou-lhe um bilhete debaixo da porta, e o segredo foi desvendado. O seu adorado jardim estava a ser um ponto de rega de eleição. Dois dias depois, Picasso armou uma emboscada a Sherlock, apanhou-o em flagrante e os dois homens brancos, gordos e de meia idade, envolveram-se numa desagradável partida de luta livre no passeio.

As plantas ganharam um tom amarelo baço, e Picasso processou-o.

Quando por fim chegou o julgamento, depois de vários meses de adiamentos provocados por Ratliff, os Confrades já estavam cansados. Tinham delegado previamente o caso no juiz Finn Yarber, cuja mãe criara rosas em tempos; e, depois de algumas horas de investigação, ele informara os outros dois que, de fato, a urina não alterava a cor das plantas. Por isso, dois dias antes da audiência tinham tomado a decisão:

proibiriam Sherlock e os outros porcos de borrifarem as rosas de Picasso, mas não aprovariam qualquer indemnização.

Passaram três horas a ouvir homens adultos a discutir acerca de quem mijava onde e quando, e com que frequência. De vez em quando, Picasso, agindo como advogado de si mesmo, ficava à beira das lágrimas e pedia às suas testemunhas que se queixassem dos seus amigos. Ratliff, o advogado de defesa, foi cruel, contundente e redundante e, uma hora depois, era óbvio que merecia ser impedido de exercer, fossem quais fossem os seus crimes.

O juiz Spicer passou o tempo a estudar as apostas nos jogos de basquetebol universitário. Quando não conseguia contactar Trevor, simulava apostas para todos os jogos. Em dois meses, atingira três mil e seiscentos dólares, no papel. Estava a sair-se bem, a ganhar nas cartas, a ganhar no desporto, e tinha dificuldade em adormecer à noite, sonhando com a sua nova vida, em Las Vegas ou nas Bahamas, como um profissional. com ou sem a mulher.

O juiz Beech franziu o sobrolho, profundamente convencido da sua decisão judicial, e parecia tomar apontamentos exaustivos, quando de fato estava a fazer o rascunho de outra carta para Curtis em Dálias. Os Confrades tinham resolvido aliciá-lo outra vez. Vestindo a pele de Ricky, Beech explicava que um guarda cruel da unidade de reabilitação o ameaçava de toda a espécie de ataques físicos vis, a menos que Ricky arranjasse algum «dinheiro para proteção». Ricky precisava de cinco mil dólares para garantir a sua segurança em relação à besta. Poderia Curtis emprestar-lhos? – Podemos apressar isto? – perguntou Beech em voz alta, interrompendo o ex-advogado Ratliff mais uma vez.

Quando era juiz a sério, Beech conseguia a proeza de ler revistas enquanto ouvia os advogados a perorar diante dos jurados. Uma admoestação sonora e oportuna do tribunal mantinha todos bem atentos.

Beech escreveu: «É um jogo viciado o que eles jogam aqui. Nós chegamos feitos em pedaços. A pouco e pouco, eles limpam-nos, secam-nos, colam-nos, pedacinho a pedacinho. Esvaziam-nos a cabeça, ensinam-nos disciplina e confiança e preparam-nos para regressar à sociedade. Fazem um bom trabalho, mas permitem que aqueles rufiões ignorantes que guardam os recreios nos ameacem, apesar de estarmos ainda muito frágeis, e ao fazê-lo destroem o que nos deu tanto trabalho a construir.

Estou muito assustado com este homem. Escondo-me no meu quarto quando devia estar a apanhar sol e a fazer pesos e halteres. Não consigo dormir. Sinto a falta do álcool e das drogas como forma de escape.

Por favor, Curtis, empreste-me cinco mil dólares para eu conseguir comprar este tipo, para eu conseguir terminar a minha recuperação e sair daqui inteiro. Quando nos conhecermos, quero ter saúde e estar em grande forma.» O que pensariam os seus amigos? O Meritíssimo Hatlee Beech, juiz federal, a escrever prosa como um maricas, a extorquir dinheiro a pessoas inocentes.

Não tinha amigos. Não tinha regras. As leis que em tempos venerara tinham-no atirado para o sítio em que se encontrava e que, nesse momento, era o refeitório de uma prisão, envergando a toga verde desbotada de um membro do coro de uma igreja de negros e ouvindo uns réus furiosos a discutirem por causa da urina.

– Você já fez essa pergunta oito vezes – rosnou ele a Ratliff que, obviamente, já vira muitas séries de advogados de má qualidade na televisão.

Como o caso era do juiz Yarber, ele tinha pelo menos de fingir que estava atento. Não estava, nem se preocupava com as aparências. Como de costume, estava nu por baixo da toga e sentado de pernas cruzadas, a limpar as unhas compridas dos dedos dos pés com um garfo de plástico.

– Achas que elas ficavam castanhas se eu cagasse em cima delas? – gritou Sherlock a Picasso, e no refeitório foi a gargalhada geral.

– A linguagem, por favor – admoestou o juiz Beech.

– Ordem no tribunal – disse T. Karl, o bobo da corte, debaixo da sua cabeleira cinzenta.

Não lhe competia exigir ordem na sala, mas era uma coisa que ele fazia bem, e os Confrades deixavam passar. Deu uma pancada seca com o martelo e disse: – Ordem, senhores.

Beech escreveu: «Por favor, ajude-me, Curtis. Não tenho mais ninguém para quem me virar. Estou outra vez a ir-me abaixo. Tenho medo de outra recaída. Tenho medo de não voltar a sair daqui.

Despache-se.» Spicer apostou cem dólares no Indiana contra o Purdue, no Duke contra o Clemson, no Alabama contra o Vandy, no Wisconsin contra o Illinois. O que sabia ele do basquetebol de Wisconsin?, perguntou a si próprio. Não tinha importância. Era um jogador profissional,

e dos bons. Se os noventa mil dólares ainda estivessem enterrados atrás da arrecadação, havia de os transformar num milhão dentro de um ano.

– Basta – disse Beech, levantando a mão.

– Também já ouvi o suficiente – disse Yarber, esquecendo as unhas dos pés e inclinando-se sobre a mesa.

Os Confrades aproximaram-se uns dos outros e deliberaram, como se o desfecho pudesse abrir um grave precedente, ou pelo menos ter um impasse profundo no futuro da jurisprudência americana.

Franziram o sobrolho, coçaram a cabeça e, aparentemente, discutiram sobre os méritos do caso.

Entretanto, o pobre Picasso continuava sentado, sozinho, quase a chorar, exausto com a tática de Ratliff.

O juiz Yarber pigarreou e disse: – Por dois votos contra um, chegamos a uma decisão. Vamos proibir todos os reclusos de urinarem nas malditas rosas. Quem for apanhado a fazê-lo apanha uma multa de cinquenta dólares. Desta vez, não haverá lugar a nenhuma indemnização por perdas e danos.

Com um sentido de oportunidade perfeito, T. Karl bateu com o martelo na mesa e gritou: – Está terminada a sessão. Todos de pé. Ninguém se mexeu, evidentemente.

– Eu quero recorrer – gritou Picasso.

– Também eu – disse Sherlock.

– Deve ser uma boa decisão – disse Yarber, pegando na toga e levantando-se. – Ambas as partes estão descontentes.

Beech e Spicer levantaram-se também, e os Confrades saíram pomposamente do refeitório. Um guarda meteu-se entre os litigantes e as testemunhas e disse: – A sessão está encerrada, rapazes. Voltem ao trabalho.

O diretor-geral da Hummand, uma empresa de Seattle que fabricava mísseis e maquinaria para despistagem de radares, fora em tempos um congressista muito próximo da CIA. Teddy Maynard conhecia-o bem. Quando o diretor-geral anunciou numa conferência de imprensa que a sua empresa conseguira angariar cinco milhões de dólares para a campanha de Lake, a CNN interrompeu um programa sobre lipoaspiração para transmitir o acontecimento em direto! Quinhentos trabalhadores da Hummand tinham passado cheques de mil dólares cada, o máximo

permitido pelas leis federais. O diretor-geral tinha os cheques guardados num cofre que mostrou às câmaras e depois meteu-se num jato da empresa e foi entregá-los à sede da campanha de Lake em Washington.

Onde estivesse o dinheiro estava o vencedor. Desde o anúncio da candidatura de Lake que mais de onze mil trabalhadores da indústria aeroespacial e da defesa tinham contribuído com mais de 8 milhões de dólares. Os correios andavam a distribuir os seus cheques. Os seus sindicatos tinham enviado quase tanto e prometiam mais dois milhões. A equipa de Lake contratara uma empresa de contabilidade de Washington só para processar e contar o dinheiro.

O diretor-geral da Hummand chegou a Washington no meio da maior ostentação. O candidato Lake encontrava-se noutra jato particular acabado de alugar por quatrocentos mil dólares por mês.

Quando aterrou em Detroit, aguardavam-no dois Suburbans pretos, cujo aluguer custava mil dólares por mês. Lake tinha agora uma escolta, um grupo de pessoas que se deslocavam em sincronia com ele, para onde quer que fosse e, embora tivesse a certeza de que se habituaria à situação, a princípio enervou-se. Andava sempre rodeado de desconhecidos.

Jovens de aspecto grave, fato escuro e com pequenos microfones nos ouvidos e armas agarradas ao corpo. No avião seguiam dois agentes dos serviços secretos e esperavam-no mais três junto dos Suburbans.

E havia Floyd, do gabinete do Congresso. Floyd era um jovem limitado, pertencente a uma família distinta do Arizona, que só servia para fazer recados. Agora era motorista. Floyd agarrou-se ao volante de um Suburban, com Lake à frente e dois agentes e uma secretária atrás. Dois assessores e três agentes meteram-se no outro e partiram para o centro de Detroit, onde eram aguardados por jornalistas sérios da televisão local.

Lake não tinha tempo para fazer discursos ou para andar pelos subúrbios, nem para comer lampreia ou ficar à chuva, à porta de fábricas em laboração. Não podia andar a pé para as câmaras verem, participar em reuniões municipais, atravessar guetos em ruínas e atacar planos de ação falidos. Não havia tempo para fazer tudo o que se esperava dos candidatos. Ele estava a fazer uma entrada tardia, sem trabalho de sapa, sem raízes, sem apoio local de qualquer espécie. Lake tinha um rosto atraente, uma voz agradável, belos fatos, uma mensagem premente e muito dinheiro.

Se comprar a televisão pudesse comprar as eleições, Aaron Lake estaria prestes a conseguir um novo emprego.

Telefonou para Washington, falou com o seu homem do dinheiro e recebeu a notícia do anúncio dos cinco milhões. Nunca ouvira falar da Hummand.

– É uma empresa pública? – perguntou.

Não, responderam-lhe. Muito privada. Faturava quase um milhão por ano. Inovadora em equipamento para despistagem de radares. Podia fazer milhões se o homem certo se encarregasse das forças armadas e recomeçasse a gastar.

Já tinha dezenove milhões de dólares na mão, um recorde, evidentemente. E iam rever as projeções. A campanha de Lake iria angariar trinta milhões nas primeiras duas semanas. Não era possível gastar dinheiro tão depressa.

Lake desligou o telemóvel e devolveu-o a Floyd, que parecia perdido no trânsito.

– Daqui em diante, usaremos helicópteros – anunciou Lake por cima do ombro à secretária, que tomou nota das instruções: «Procurar helicópteros.» Lake escondeu-se atrás dos óculos escuros e tentou analisar trinta milhões de dólares. A passagem de conservador na esfera fiscal para candidato em roda livre era estranha, mas o dinheiro tinha de ser gasto. Não fora extorquido aos contribuintes; pelo contrário, fora oferecido de livre vontade.

Lake raciocinava. Depois de eleito, continuaria a sua luta em prol dos trabalhadores.

Voltou a pensar em Teddy Maynard, sentado numa sala escura algures nos subterrâneos de Langley, com as pernas embrulhadas numa manta, com o rosto crispado pelas dores, a puxar cordelinhos que só ele podia puxar, a fazer com que o dinheiro caísse das árvores. Lake nunca saberia as coisas que Teddy estava a fazer por ele, nem queria saber.

O diretor de operações para o Médio Oriente chamava-se Lufkin, um homem de vinte anos em que Teddy confiava cegamente. Havia catorze horas, estava em Telaviv. Agora encontrava-se na sala de guerra de Teddy, com um aspecto fresco e atento. A sua mensagem tinha de ser entregue pessoalmente, cara a cara, sem fios, sinais ou satélites. E o que fosse dito entre eles nunca seria repetido. Era assim há muitos anos.

– Está iminente um ataque à nossa embaixada no Cairo – disse Lufkin.

Não houve reação de Teddy. Nem um sobrolho franzido, nem surpresa, nem um semicerrar de olhos, nada. Recebera tantas vezes notícias como esta.

– Do Yidal? – Sim. O responsável máximo deles foi visto no Cairo na semana passada.

– Visto por quem? – Pelos israelitas. Também seguiram dois camiões cheios de explosivos vindos de Trípoli. Parece estar tudo a postos.

– Quando? – Iminente.

– Até que ponto? – Dentro de uma semana, creio eu.

Teddy puxou o lobo da orelha e fechou os olhos. Lufkin tentou não olhar e sabia que era preferível não fazer perguntas. Partiria dentro de pouco tempo, e voltaria para o Médio Oriente. E ficaria à espera. O ataque à embaixada podia registar-se sem qualquer aviso. Dezenas de pessoas seriam mortas e ficariam mutiladas. Uma cratera na cidade ficaria a arder durante vários dias, e em Washington erguer-se-iam dedos acusadores. A CIA seria de novo responsabilizada.

Nada disto perturbava Teddy Maynard. Tal como Lufkin aprendera, às vezes Teddy precisava do terror para levar a cabo o que pretendia.

Ou talvez a embaixada fosse poupada e o ataque travado pelos comandos egípcios que trabalhavam com os Estados Unidos. A CIA seria elogiada pelos seus excelentes agentes secretos. Isso também não perturbaria Teddy.

– E você tem a certeza? – perguntou ele. „„ – Sim, tanto quanto podemos ter nestas situações.

Lufkin não sabia, evidentemente, que o diretor andava a conspirar para eleger um presidente.

Lufkin mal ouvira falar de Aaron Lake. Para ser franco, era-lhe indiferente quem ganhasse as eleições. Estava no Médio Oriente há tempo suficiente para saber que a pessoa que estabelecia a política americana na região não interessava verdadeiramente.

Partiria daí a três horas no Concorde para Paris, onde passaria um dia antes de regressar a Jerusalém.

– Vá para o Cairo – disse Teddy, sem abrir os olhos.

– Com certeza. E faça o quê? – Espere.

– Espero por quê? – Espere que o chão trema. Afaste-se da embaixada.

A reação inicial de York foi de horror.

– Você não pode passar esse maldito anúncio, Teddy – disse ele. É demasiado violento. Nunca vi tanto sangue na minha vida.

– Isso agrada-me – disse Teddy carregando num botão do controle remoto. – Um anúncio de campanha demasiado violento. Nunca se fez.

Viram-no outra vez. Começava com o som de uma bomba e depois viam-se as casernas dos fuzileiros americanos em Beirute; fumo, entulho, caos, fuzileiros a serem retirados dos escombros, corpos mutilados, cadáveres de fuzileiros alinhados. O presidente Reagan dirigia-se à imprensa e jurava vingança. Mas a ameaça parecia oca. Seguiu-se a fotografia de um soldado americano entre dois homens armados e mascarados. Uma voz pesada e terrível dizia: «Desde 1980 que centenas 75 de americanos foram assassinados por terroristas em todo o mundo.» Outro cenário de bombas, mais sobreviventes ensanguentados e atordoados, mais fumo e caos. «Juramos sempre vingança. Ameaçamos sempre descobrir e castigar os responsáveis.» Imagens rápidas do presidente Bush em duas ocasiões distintas a prometer retaliação – outro ataque, mais cadáveres. Depois, terroristas à porta de um jato comercial a arrastarem o corpo de um soldado americano. O presidente Clinton à beira das lágrimas, com a voz a fraquejar, a dizer: «Não descansaremos enquanto não encontrarmos os responsáveis.» Em seguida, o rosto atraente mas sério de Aaron Lake, olhando frontalmente para a câmara, a entrar nas nossas casas e a dizer: «O fato é que não retaliamos. Reagimos com palavras, gabamo-nos e ameaçamos, mas na realidade enterramos os nossos mortos e depois esquecemo-nos deles. Os terroristas estão a vencer a guerra porque nos falta a coragem para ripostar.

Quando eu for o seu presidente, usaremos as nossas novas forças armadas para combater o terrorismo onde quer que o encontremos. Nenhuma morte americana ficará sem resposta.

Prometo. Não seremos humilhados por pequenos exércitos de maltrapilhos que se escondem nas montanhas. Vamos destruí-los.» O anúncio durou exatamente sessenta segundos e custou muito pouco a fazer porque Teddy já tinha a sequência, e começaria a passar no horário nobre dentro de quarenta e oito horas.

– Não sei, Teddy – disse York. – É horrível.

– O mundo é horrível.

Teddy gostava do anúncio e isso é que interessava. Lake levantara objeções ao sangue, mas depressa mudara de opinião. O reconhecimento do seu nome subira aos trinta por cento, mas os seus anúncios continuavam a não ser apreciados.

Esperem, dizia Teddy a si mesmo. Esperem que haja mais cadáveres.

OITO

Trevor bebericava um café duplo e não sabia se havia de juntar um ou dois goles generosos de Amaretto apenas para ajudar a dissipar as neblinas matinais quando o telefonema chegasse. O seu gabinete atafalhado não tinha intercomunicador, nem era preciso. Jan podia simplesmente gritar-lhe qualquer mensagem pelo corredor e ele respondia se quisesse. Havia oito anos que ele e esta mesma secretária gritavam um ao outro.

– É de um banco qualquer das Bahamas! – anunciou ela.

Trevor ia entornando o café ao correr para o telefone.

Era um inglês cujo sotaque fora suavizado pelas ilhas. Tinham recebido uma transferência substancial de um banco de Iowa.

Substancial até que ponto, quis saber Trevor, tapando o bocal para Jan não ouvir. . Cem mil dólares.

Trevor desligou, juntou o Amaretto, três goles, e sorveu a deliciosa bebida enquanto sorria para a parede, com enlevo. Na sua carreira, os seus honorários nunca se tinham aproximado dos trinta e três mil dólares. Uma vez, resolvera um caso de acidente de automóvel por vinte e cinco mil dólares, recebera sete mil e quinhentos dólares de honorários e gastara tudo em dois meses.

Jan não sabia da existência da conta offshore nem do estratagema que canalizava o dinheiro para lá.

Por isso, Trevor foi obrigado a esperar uma hora, a fazer uma série de telefonemas inúteis e a tentar mostrar-se atarefado antes de anunciar

que tinha de ir tratar de um assunto muito importante na baixa de Jacksonville e que depois precisavam dele em Trumble. Ela não se importou. Ele desaparecia constantemente e ela tinha leituras que a mantinham ocupada.

Trevor foi a correr para o aeroporto, ia perdendo o avião e bebeu duas cervejas durante o voo de trinta minutos para Fort Lauderdale, e depois mais duas no caminho para Nassau. Já em terra, atirou-se para o banco traseiro de um Cadillac de 1974 pintado de dourado, sem ar condicionado e com um motorista que também estivera a beber. A atmosfera estava quente e úmida, o trânsito lento e a camisa de Trevor colava-se-lhe às costas quando pararam no centro da cidade, junto do Geneva Trust Bank.

Lá dentro, Mr. Brayshears apressou-se a vir receber Trevor e levou-o para o seu pequeno gabinete.

Apresentou-lhe uma folha de papel com os detalhes nus e crus: uma transferência de cem mil dólares do First Iowa Bank de Dês Moines, remetida por uma entidade sem rosto denominada CMT Investments. O destinatário era outra entidade genérica chamada Boomer Realty, Ltd. Boomer era o nome do perdigueiro favorito de Joe Roy Spicer.

Trevor assinou os formulários destinados a transferir vinte e cinco mil dólares para a sua própria conta, à parte, no Geneva Trust. Era um dinheiro que ocultava à secretária e às Finanças. Os restantes oito mil foram-lhe entregues num envelope grosso, em dinheiro. Trevor guardou-o bem no fundo do bolso das calças de caqui, apertou a mão pequena e mole de Brayshears e saiu do edifício a correr. Sentiu-se tentado a ficar dois dias por ali, a arranjar um quarto na praia e uma cadeira à beira da piscina e a beber rum até se recusarem a servir-lho. A tentação levou-o quase a fugir do aeroporto e a correr para outro táxi. Mas conseguiu dominar-se, determinado a não esbanjar o seu dinheiro desta vez.

Duas horas depois, estava no aeroporto de Jacksonville a beber café forte, sem álcool, e a fazer planos. Meteu-se no carro, chegou a Trumble às quatro e meia e esperou quase meia hora por Spicer.

– Uma surpresa agradável – disse Spicer secamente ao entrar na sala de reuniões dos advogados.

Trevor não levava nenhuma pasta para inspecionar, e por isso o guarda apalpou-lhe os bolsos e saiu. O dinheiro estava escondido debaixo

do tapete do seu carro.

– Recebemos cem mil dólares de Iowa – disse Trevor, deitando uma vista de olhos à porta.

De repente, Spicer ficou radiante ao ver o seu advogado. Registrou o «recebemos» no anúncio de Trevor e pensou na fatia destinada à comissão. Mas o plano não resultaria sem auxílio do exterior e, como era habitual, o advogado era um mal necessário. Até aí, Trevor mostrara-se digno de confiança.

– Está nas Bahamas?

– Está. Acabei de o deixar lá. O dinheiro está escondido, os sessenta e sete mil.

Spicer respirou fundo e saboreou a vitória. Um terço do saque rendia vinte e dois mil dólares e uns trocos. Chegara o momento de escrever mais cartas! Meteu a mão no bolso da camisa cor-de-azeitona da prisão e tirou um recorte de jornal dobrado.

Estendeu os braços, examinou-o por instantes e depois disse: – O Duke está no Tech esta noite. A linha é a onze. Aposte cinco mil dólares no Tech.

– Cinco mil?

– Sim.

– Nunca apostei cinco mil num jogo.

– Que tipo de agente é que você tem?

– De segunda.

– Ouça, se for um agente a sério, sabe lidar com os números.

Telefone-lhe assim que puder. Talvez ele seja obrigado a fazer alguns telefonemas.

– Está bem, está bem.

– Pode voltar amanhã?

– Talvez.

– Quantos mais clientes é que lhe pagam trinta e três mil dólares?

– Muito bem. Então venha cá amanhã. Terei correspondência para si.

Spicer deixou-o e saiu rapidamente do edifício da administração, limitando-se a fazer um aceno de cabeça ao guarda que estava à janela. Atravessou com determinação o relvado primorosamente tratado. O Sol da Florida aquecia o passeio, mesmo em Fevereiro. Os colegas estavam embrenhados nas suas tarefas vagarosas na pequena biblioteca, sozinhos

como sempre, e Spicer não hesitou ao anunciar: – Consequimos os cem mil do velho Quince de Iowa! As mãos de Beech imobilizaram-se no teclado. O homem espreitou por cima dos óculos, deixou descair o queixo e conseguiu dizer: – Estás a gozar.

– Não. Acabei de falar com o Trevor. O dinheiro foi transferido exatamente de acordo com as instruções e chegou esta manhã às Bahamas. O Quincy saiu-se bem.

– Vamos apertá-lo outra vez – disse Yarber, antes de os outros pensarem nisso.

– O Quince?

– Claro. Os primeiros cem mil foram fáceis. Vamos espremê-lo outra vez. O que temos a perder? – Absolutamente nada – disse Spicer, sorrindo. Gostaria de ter sido o primeiro a falar.

– Quanto? – perguntou Beech.

– Tentemos cinquenta mil – disse Yarber, atirando números ao ar como se tudo fosse possível.

Os outros dois concordaram e ficaram a pensar nos cinquenta mil seguintes. Depois, Spicer avançou e disse: – Olhem, vamos avaliar em que ponto nos encontramos. Creio que o Curtis de Dálías está maduro. Vamos apertar o Quince outra vez. Isto está a resultar, e penso que devíamos mudar de tática, tornarmo-nos mais agressivos. Percebem o que quero dizer? Vamos analisá-los um a um e aumentar a pressão.

Beech desligou o computador e pegou num dossiê. Yarber desimpediou a pequena secretária. A sua pequena fraude de Angola acabara de receber uma injeção fresca de capital, e o aroma do dinheiro mal ganho intoxicava.

Começaram a ler todas as antigas cartas e a fazer rascunhos de outras. Eram necessárias mais vítimas, concluíram à pressa. Poriam mais anúncios na contracapa daquelas revistas.

Trevor conseguiu chegar ao Pete's Bar and Grill mesmo a tempo das bebidas mais baratas, que no Pete's começavam às cinco da tarde e se prolongavam até à primeira cena de murro.

Encontrou Prep, um estudante de trinta e dois anos do Norte da Florida, a jogar sinuca por vinte dólares o jogo. A pensão de Prep, cada vez mais reduzida, era de dois mil dólares por mês, que o advogado da família

Ihe pagava enquanto estivesse matriculado como estudante a tempo inteiro. Prep andava no segundo ano há onze anos.

Prep era também o agente de apostas mais ocupado do Pete's, e quando Trevor lhe segredou que tinha dinheiro a sério para colocar no jogo Duke-Tech, Prep perguntou: – Quanto?

– Cinco mil – respondeu Trevor, bebendo a sua cerveja.

– Estás a falar a sério? – perguntou Prep, tomando nota com o seu pau de giz e olhando à volta da mesa envolvida em fumo.

Trevor nunca apostara mais de cem dólares em cada jogo.

– Estou.

Mais um gole. Trevor começava a sentir que estava com sorte. Se Spicer tivera coragem para apostar cinco mil dólares no jogo, Trevor dobraria a parada. Acabara de ganhar trinta e três mil dólares livres de impostos. E se perdesse dez mil? Isso era o que cabia às Finanças, de qualquer modo.

– Terei de fazer um telefonema – disse Prep, puxando de um telemóvel.

– Despacha-te. O jogo começa daqui a meia-hora.

O dono do bar era uma pessoa da terra que nunca saía do estado da Florida, mas desenvolvera uma paixão intensa por futebol australiano. Estava a decorrer um jogo do Down Under, e Trevor teve de o subornar com vinte dólares para ele mudar de canal para o basquetebol do ACC.

Com quinze mil dólares apostados no Georgia Tech, Duke não podia falhar um lance, pelo menos no primeiro tempo. Trevor comeu batatas fritas, bebeu garrafas umas atrás das outras e fez o possível por ignorar Prep, que estava de pé junto de uma mesa, num canto escuro, a observar.

No segundo tempo, Trevor quase pagou ao dono do bar para este voltar ao jogo australiano. Estava a ficar embriagado e, a dez minutos do final, amaldiçoava abertamente Joe Roy Spicer para quem o quisesse ouvir. O que percebia aquele pacóvio de basquetebol? O Duke comandava com vinte, a nove minutos do fim, quando o ataque do Tech se intensificou. Trevor tinha o Tech e onze.

Faltava um minuto para o jogo terminar. Trevor não se importava com quem ganhasse. Vencera.

Pagou a conta, gratificou o dono do bar com mais cem dólares, dirigiu um cumprimento rápido a Prep e saiu. Prep fez-lhe um gesto obsceno.

Na frescura da sombra, Trevor seguiu pelo Atlantic Boulevard, aos saltos, afastando-se das luzes.

Passou pelos apartamentos baratos encostados uns aos outros, pelas casinhas isoladas pintadas de fresco e com relvados impecáveis, desceu os velhos degraus de madeira que iam dar à areia, descalçou os sapatos e deambulou pela beira-mar. A temperatura não atingia os dez graus, o que não era invulgar em Jacksonville em Fevereiro, e daí a pouco Trevor tinha os pés frios e molhados.

Não era que sentisse muito... Ganhara quarenta e três mil dólares num só dia, livres de impostos, tudo às escondidas do governo. No ano anterior, depois das despesas, arrecadara vinte e oito mil dólares e fora trabalhar praticamente a tempo inteiro – a regatear com clientes demasiado pobres ou mesquinhos para pagarem, a evitar salas de audiências, a negociar com agentes imobiliários e banqueiros de meia-tigela, a discutir com a secretária e a cortar nos impostos.

Ah, a alegria do dinheiro rápido! Desconfiara da fraude dos Confrades, mas agora parecia-lhe brilhante. Extorquir àqueles que não se podiam queixar. Que inteligência! E, como a coisa estava a correr tão bem, Trevor sabia que Spicer intensificaria a sua atividade. A correspondência engrossaria, as idas a Trumble passariam a ser mais frequentes. com os diabos, iria lá todos os dias, se fosse preciso, levar e trazer cartas, subornar os guardas.

Trevor meteu os pés na água quando o vento aumentou de intensidade e as ondas rugiram.

Ainda mais inteligente seria roubar os extorsionários, criminosos certificados pelo tribunal, que decerto não se poderiam queixar. Era um pensamento lamentável, e Trevor quase se envergonhava dele, mas era um pensamento válido. Todas as hipóteses ficariam em aberto. Desde quando é que os ladrões eram conhecidos pela sua lealdade? Precisava de um milhão de dólares, nem mais nem menos. Fizera as contas muitas vezes, a caminho para Trumble, a beber um copo no Pete's, sentado à sua secretária com a porta fechada à chave. Um bom milhão de dólares, e podia fechar o seu escritório triste e acanhado, devolver a carteira

profissional, comprar um veleiro e passar o resto da vida a navegar ao sabor dos ventos das Caraíbas.

Estava mais perto do que nunca.

NOVE

O juiz Spicer deu mais uma volta na cama inferior do beliche. O sono era um presente raro no seu quarto minúsculo, na sua cama minúscula, com um companheiro pequeno e fedorento chamado Alvin, que ressonava por cima dele. Alvin passara várias décadas a vaguear pela América do Norte, mas mais tarde sentira-se cansado e esfomeado. O seu crime fora o assalto a uma viatura dos Correios numa zona rural de Oklahoma. A sua detenção fora muito facilitada quando Alvin entrara no posto do FBI de Tulsa e declarara: «Fui eu.» O FBI levou seis horas a descobrir o crime.

Até o juiz percebeu que Alvin planeara tudo. Queria uma cama federal, e não uma oferecida pelo Estado.

,.. Spicer tinha ainda mais dificuldade em adormecer porque estava preocupado com o advogado. Agora que a fraude estava a progredir, havia muito dinheiro à solta. E vinha mais a caminho. Quanto mais a Boomer Realty recebesse nas Bahamas, maior seria a tentação de Trevor. Ele e só ele podia roubar o dinheiro mal ganho dos Confrades e fugir.

Mas o plano só funcionava com um colaborador externo. Alguém tinha de levar e trazer a correspondência às escondidas. Alguém tinha de ir buscar o dinheiro.

Tinha de haver uma maneira de contornar o advogado, e Joe Roy estava resolvido a encontrá-la. Se não dormisse durante um mês, não se importava. Nenhum advogado miserável ficaria com um terço do seu dinheiro, para depois lhe roubar o resto.

nove O Comité de Ação Política da Defesa, ou CAP-D, como viria a ser rápida e amplamente conhecido, fez uma entrada estrondosa no terreno pantanoso da política financeira. Na história recente, nenhum comité de ação política parecia ter tanto músculo atrás de si.

As primeiras verbas vieram de um investidor de Chicago, chamado Mitzger, um americano que também tinha a nacionalidade israelita. Foi ele que ofereceu o primeiro milhão de dólares, que durou cerca de uma semana. Depressa se juntaram outros judeus da alta finança, apesar de a sua identidade estar protegida por empresas e contas offshore. Teddy Maynard conhecia os perigos de ter um grupo de judeus ricos a contribuir ostensivamente e de forma organizada para a campanha de Lake. Confiava em velhos amigos de Telaviv para organizarem o dinheiro em Nova Iorque.

Mitzger era um liberal em política, mas nenhum tema lhe era tão caro como a segurança de Israel. Aaron Lake era demasiado moderado nas questões sociais, mas também era muito sério quanto à renovação das forças armadas. A estabilidade no Médio Oriente dependia de uma América forte, pelo menos na opinião de Mitzger.

Alugou uma suite no Willard de Washington, por um dia, e ao meio-dia do dia seguinte já alugara um piso inteiro num edifício de escritórios perto de Dallas. O seu pessoal de Chicago trabalhava ininterruptamente para resolver os mil e um pormenores necessários para equipar quinze mil metros quadrados com tecnologia de ponta. Mitzger tinha um pequeno-almoço marcado para as seis da manhã com Elaine Tyner, advogada e angariadora de votos de uma firma gigantesca de Nova Iorque que ela construía com a sua vontade férrea e muitos clientes do petróleo. Elaine tinha sessenta anos e era considerada a angariadora de votos mais poderosa da cidade. Contra tudo e contra todos, aceitara representar o CAP-D em troca de um adiantamento de quinhentos mil dólares. A sua empresa enviaria imediatamente vinte colaboradores e outros tantos empregados para as novas instalações do CAP-D, onde um dos seus sócios assumiria o controlo das operações. Uma seção não faria mais nada senão angariar dinheiro.

Outra analisaria os apoios do Congresso a Lake e iniciaria, a pouco e pouco, o processo delicado de alinhar as adesões de senadores, representantes e até de governadores. Não seria fácil; a maior parte deles já estavam comprometidos com outros candidatos. Mas havia outra seção que só faria investigação – equipamento militar, seus custos, novos dispositivos, armas futuristas, inovações russas e chinesas – qualquer coisa que o candidato Lake precisasse de saber.

A própria Elaine se encarregaria de angariar dinheiro junto de governos estrangeiros, uma das suas especialidades. Estava muito próxima dos sul-coreanos, visto que fora a sua representante em Washington nos últimos dez anos. Conhecia os diplomatas, os empresários, as pessoas influentes.

Poucos países dormiriam melhor com umas forças armadas norte-americanas reforçadas do que a Coreia do Sul. – Tenho a certeza que eles entrarão pelo menos com cinco milhões – disse ela em tom de confiança. – Inicialmente, de qualquer modo.

De memória, fez uma lista de vinte empresas francesas e inglesas que iam buscar um quarto das suas vendas anuais ao Pentágono. Começou imediatamente a trabalhar nelas. Nessa época, Elaine era a advogada típica de Washington. Não entrava numa sala de audiências havia quinze anos e todos os acontecimentos mundiais importantes tinham origem na Beltway e, de certo modo, afectavam-na. O desafio que estava em jogo não tinha precedentes – eleger um candidato desconhecido, de última hora, que, nesse momento, contava com 30 por cento de popularidade e 12 por cento de adesões. Mas o que o candidato deles tinha, ao contrário das outras aves raras que entravam e saíam do torneio presidencial, era, aparentemente, muito dinheiro. Elaine fora bem paga para eleger e derrotar políticos e mantinha a convicção inabalável de que o dinheiro vencia sempre. Dessem-lhe dinheiro, e ela vencia ou derrotava qualquer pessoa. Durante a sua primeira semana de existência, o CAP-D funcionou com uma energia sem limites. Os escritórios estavam abertos vinte e quatro horas por dia, enquanto a equipa de Elaine se instalava e avançava.

Os que angariavam dinheiro elaboraram uma exaustiva lista cômputo- rizada de 310 000 trabalhadores à hora na indústria da defesa e similares, e depois atacaram-nos com uma carta em papel lustroso a pedir dinheiro. Doutra lista constavam os nomes de vinte e oito mil trabalhadores de colarinho branco na área da defesa, que ganhavam mais de cinquenta mil dólares por ano. Para estes foi enviado outro tipo de solicitação.

Os consultores do CAP-D que procuravam adesões localizaram os cinquenta membros do Congresso cujo trabalho estava mais ligado à defesa nas suas regiões. Trinta e sete eram de novo candidatos, o que facilitaria muito o braço-de-ferro. O CAP-D iria até às raízes, até aos

trabalhadores da defesa e aos seus patrões, e orquestraria uma campanha telefônica em massa para apoiar Aaron Lake e mais gastos com as forças armadas. Seis senadores de estados fortes no domínio da defesa tinham opositores duros em Novembro, e Elaine Tyner marcou um almoço com cada um deles.

O dinheiro sem limites não conseguiu passar despercebido durante muito tempo em Washington. Um congressista novato de Kentucky, um dos mais baixos dos 435, precisava desesperadamente de dinheiro para combater o que parecia ser uma campanha falhada em casa. Ninguém conhecia o pobre homem. Não abrira a boca durante os dois primeiros anos de mandato, e agora os seus rivais tinham descoberto um opositor atraente na sua região.

Ninguém lhe daria dinheiro. O homem ouvira boatos, andara atrás de Elaine Tyner, e a conversa de ambos fora mais ou menos isto: – De quanto precisa? – perguntou ela.

– De cem mil dólares. Ele vacilou; ela não.

– Pode apoiar Aaron Lake para a presidência? – Apoiarei seja quem for se o preço for justo.

– Ótimo. Daremos duzentos mil e organizaremos a sua campanha.

– É toda vossa.

A maioria não era tão fácil, mas o CAP-D conseguiu comprar oito apoios nos seus primeiros dez dias de existência. Eram todos congressistas insignificantes que tinham trabalhado com Lake e que gostavam dele. A estratégia consistia em alinhá-los diante das câmaras uma ou duas semanas antes da Super Terça-feira, 1 de Março. Quantos mais melhor.

No entanto, a maior parte deles já se tinham comprometido com outros candidatos.

Elaine apressou-se a fazer as rondas, comendo às vezes três refeições fortes por dia, todas alegremente pagas pelo CAP-D. O seu objectivo era dar a saber à cidade que o seu novo cliente chegara, que tinha rios de dinheiro e que estava a apoiar um candidato aparentemente fraco que se destacaria dentro de pouco tempo. Numa cidade em que a conversa era uma indústria em si mesma, Elaine não tinha problemas em difundir a sua mensagem.

A mulher de Yarber Finn chegou a Trumble sem se fazer anunciar. Era a sua primeira visita em dez meses. Calçava sandálias de couro gastas,

vestia uma saia de ganga suja e uma blusa larga enfeitada com contas e penas e levava toda a espécie de velhas bugigangas hippie ao pescoço, nos pulsos e na cabeça. Tinha um grande golpe e pêlos debaixo dos braços e parecia-se muito com a refugiada gasta e estafada dos anos 60 que efetivamente era. Finn ficou emocionado quando lhe foram dizer que a mulher estava à espera dele à entrada.

Chamava-se Carmen Topolski-Yocoby, um nome que usara como arma durante toda a sua vida adulta. Era uma advogada feminista radical 'em Oakland e a sua especialidade era representar lésbicas que se queixavam de assédio sexual no emprego. Assim, todas as suas clientes eram mulheres furiosas em luta com um patrão furioso. O trabalho era o diabo.

Estava casada com Finn havia trinta anos, embora nem sempre tivessem vivido juntos. Ele vivera com outras mulheres e ela vivera com outros homens. Uma vez, pouco depois de se casarem, tinham vivido com muita gente, fazendo combinações diferentes todas as semanas. Ambos iam e vinham. Durante seis anos viveram juntos numa monogamia caótica e fabricaram dois filhos, nenhum dos quais saíra grande coisa.

Tinham-se conhecido nos campos de batalha de Berkeley em 1965, ambos a protestar contra a guerra e outros males, ambos estudantes de Direito, ambos comprometidos com o elevado nível moral da mudança social. Trabalharam com afinco no recenseamento de eleitores. Lutaram pela dignidade dos trabalhadores migrantes. Foram presos durante a 'ofensiva do Tet. Amarraram-se com correntes a sequóias. Combateram os cristãos nas escolas. Levantaram processos em defesa das baleias.

^Calcorream as ruas de São Francisco em todas as marchas de protesto, fosse qual fosse a causa.

E bebiam muito, conviviam com grande entusiasmo e apreciavam a cultura da droga; entravam e saíam e dormiam por onde calhava, o que estava certo porque eram eles que definiam a sua própria moralidade. Lutavam pelos mexicanos e pelas sequóias, com os diabos! Tinham de ser boas pessoas! Agora estavam cansados.

Ela estava envergonhada pelo fato de o marido, um homem brilhante que conseguira chegar ao Supremo Tribunal da Califórnia, estar agora encarcerado numa prisão federal.

Sentia-se muito aliviado por a prisão ser na Florida e não na Califórnia; de outro modo, iria visitá-lo com mais frequência. Estivera primeiro em Bakersfield, mas conseguira transferência para outro lado.

Nunca escreviam um ao outro, nem telefonavam. Ela passara por ali porque tinha uma irmã em Miami.

– Que belo tom de pele! – disse ela. – Estás com bom aspecto. E tu estás engelhada como uma ameixa velha, pensou ele. com os diabos, ela tinha um aspecto ultrapassado e exausto.

– Como vai a vida? – perguntou ele, sem se importar verdadeiramente.

– Atarefada. Ando a trabalhar de mais.

– Isso é bom.

Era bom que ela estivesse a trabalhar e a governar a vida, algo que abandonara e recomeçara durante muitos anos. Faltavam cinco anos para Finn sacudir a poeira de Trumble dos seus pés deformados e descalços. Não tencionava voltar para ela, nem para a Califórnia. Se sobrevivesse, uma coisa de que duvidava todos os dias, sairia com sessenta e cinco anos e o seu sonho era descobrir um país em que não ficasse sob a alçada das Finanças, do FBI e daqueles rufiões alfabetizados do governo. Finn odiava a tal ponto o seu próprio governo que tencionava renunciar à cidadania e adquirir outra nacionalidade.

– Continuas a beber? – perguntou ele.

Finn não continuava a beber, evidentemente, embora conseguisse de vez em quando uma garrafinha através de um dos guardas.

– Continuo sóbria. Obrigada por perguntares.

Todas as perguntas eram farpas e todas as respostas réplicas mordazes. Finn perguntou honestamente a si próprio o que a levava a passar por ali. Depois, descobriu.

– Resolvi pedir o divórcio – disse ela.

Ele encolheu os ombros como que a dizer: «Para que te incomodas com isso?». Mas disse: – Talvez não seja má ideia.

– Conheci outra pessoa – disse ela.

– Homem ou mulher? – perguntou ele, mais curioso do que nunca. Nada o surpreenderia.

– Um homem mais novo.

Ele encolheu de novo os ombros e ia a dizer «Avança, menina».

- Não é o primeiro – disse Finn.
- É melhor não irmos por aí – respondeu ela.

Tudo bem para Finn. Sempre admirara a sexualidade exuberante da mulher, a sua energia, mas era difícil imaginar aquela velha a fazer sexo com regularidade.

- Dá-me os papéis. Eu assino – disse ele.
- Estarão cá daqui a uma semana. É uma separação limpa, visto que temos tão pouco.

No auge da sua subida ao poder, o juiz Yarber e Miss Topolski-Yocoby tinham pedido uma hipoteca para uma casa na zona da marina de São Francisco. O formulário, devidamente expurgado de qualquer resquício de chauvinismo, sexismo, racismo ou preconceitos etários, com a linguagem branda dos advogados da Califórnia receosos de serem processados por qualquer alma ofendida, revelava uma lacuna de cerca de um milhão de dólares entre o ativo e o passivo.

Não era que um milhão de dólares fosse importante para qualquer deles. Andavam demasiado ocupados a combater os interesses dos madeireiros e dos agricultores sem escrúpulos, etc. Na realidade, orgulhavam-se mesmo da sua escassez de meios.

A Califórnia era um estado de bens comunitários, o que não equivalia exatamente a uma divisão equitativa. Seria fácil assinar os documentos do divórcio, por muitas razões.

E havia uma a que Finn nunca faria referência. A fraude de Angola estava a dar dinheiro, oculto e sujo, e fora do alcance de qualquer agência gananciosa. De certeza que Miss Carmen nunca havia de saber da sua existência.

Finn não sabia ao certo como é que os tentáculos da comunidade podiam chegar a uma conta secreta num banco das Bahamas, mas não tencionava descobrir. Ela que lhe desse os documentos e teria muito gosto em assiná-los.

Conseguiram falar durante alguns minutos de velhos amigos, uma conversa breve porque a maior parte deles tinham desaparecido. Quando se despediram, não houve tristeza, nem remorso. Havia muito que o casamento morrera. Sentiram-se aliviados com o seu fim.

Ele desejou-lhe boa sorte, deu-lhe um abraço e depois foi para a pista de jogging. Despiu-se, ficou apenas em cuecas e caminhou ao sol

durante uma hora.

DEZ

Lufkin estava a acabar o seu segundo dia no Cairo, jantando ao ar livre num café em Shari'el-Corniche, na zona da cidade conhecida por Garden City. Bebeu um café forte e observou os comerciantes que encerravam os seus estabelecimentos – vendedores de tapetes, jarras de latão, malas de couro e tecidos do Paquistão, tudo para os turistas. A menos de seis metros, um velho vendedor ambulante dobrou meticulosamente a sua tenda e desapareceu sem deixar rasto.

Lufkin era muito parecido com um árabe moderno – calças brancas largas, casaco de caqui de cor clara e um chapéu branco com orifícios e a pala bem puxada para os olhos. Via o mundo através de um chapéu e de um par de óculos escuros. Tinha o rosto e os braços bronzeados e o cabelo escuro cortado muito curto. Falava corretamente árabe e deslocava-se com facilidade entre Beirute, Damasco e o Cairo.

Estava hospedado no Hotel El-Nil, à beira do rio Nilo, a seis quarteirões dali, e quando deambulava pela cidade de repente foi abordado por um estrangeiro alto e magro, com uma certa classe, que falava mal inglês. Conheciam-se suficientemente bem para confiarem um no outro e continuaram a andar.

– Creio que esta noite é que é – disse o contato, também de olhos 'escondidos.

– Continue.

– Há uma festa na embaixada.

– Eu sei.

– Sim, um belo cenário. Trânsito aos montes. A bomba estará numa carrinha.

– Que tipo de carrinha? – Não sei.

– Mais alguma coisa? – Não – disse ele, desaparecendo no meio de uma multidão com pata.

Lufkin bebeu uma Pepsi no bar do hotel, sozinho. e pensou em telefonar a Teddy. Mas ainda há quatro dias o vira em Langley, e Teddy não fizera qualquer contato. Antes disso, tinham-se telefonado. Teddy não iria

intervir. Atualmente, o Cairo era um sítio perigoso para os ocidentais e ninguém podia acusar a CIA de não impedir um ataque. Seguir-se-ia o espalhafato e as acusações habituais, mas o terror depressa seria relegado para os recantos da memória nacional e depois esquecido. Estava a decorrer uma campanha, e o mundo movia-se depressa. com tantos ataques, assaltos e violência insensata, tanto no país como no estrangeiro, o povo americano estava calejado. Vinte e quatro horas de notícias, imagens constantes, o mundo sempre em crise em qualquer lado. Notícias de última hora, um choque aqui e outro acolá, e era quase impossível seguir os acontecimentos.

Lufkin saiu do bar e foi para o quarto. Da janela do quarto andar, a cidade vagueava eternamente, construía abrigos anti-aéreos havia séculos. O telhado da embaixada americana estava mesmo em frente dele, a um quilómetro e meio de distância.

Lufkin abriu um livro de bolso Louis d'Amour e esperou pelos foguetes.

O veículo era uma carrinha Volvo de duas toneladas, carregada do chão ao tecto com mil e quinhentos quilos de explosivos de matéria plástica feitos na Romênia. Na porta anunciavam-se alegremente os serviços de um fornecedor de alimentos muito conhecido na cidade, uma empresa cujo pessoal entrava com frequência nas embaixadas dos países ocidentais. A carrinha estava estacionada junto da entrada de serviço, na cave.

O motorista da carrinha era um egípcio grande e simpático, que os fuzileiros que guardavam a embaixada tratavam por Shake. Shake passava por eles muitas vezes, transportando alimentos e outros produtos destinados a acontecimentos sociais. Shake jazia agora morto no chão da sua carrinha, com uma bala na cabeça.

Às dez e vinte, a bomba foi detonada por um dispositivo de controlo remoto accionado por um terrorista escondido do outro lado da rua. Assim que carregou nos devidos botões, acorreu-se atrás de um automóvel, com receio de olhar.

A explosão destruiu vários pilares de suporte na cave e a embaixada tombou para um lado. Seguiu-se uma chuva de entulho. Quase todos os prédios mais próximos sofreram estragos nas estruturas.

Os vidros das janelas estilhaçaram-se num raio de quatrocentos metros.

Lufkin estava a dormir na cadeia quando sentiu o estrondo. Levantou-se de um salto, dirigiu-se à varanda estreita e viu a nuvem de pó. O telhado da embaixada deixou de ver-se. Poucos minutos depois, começou a ver chamas e a ouvir o ruído interminável das sirenes. Encostou a cadeira ao parapeito e deixou-se ficar ali sentado enquanto aquilo durou. Não conseguia dormir. Seis minutos depois da explosão, faltou a eletricidade em Garden City e o Cairo ficou às escuras, com excepção do clarão alaranjado da embaixada americana.

Telefonou a Teddy.

Quando o técnico de segurança de Teddy garantiu a Lufkin que a linha estava segura, ouviu-se a voz do velho, tão nítida como se estivessem a falar de Nova Iorque para Boston.

Fala Maynard.

– Estou no Cairo, Teddy. A ver a nossa embaixada a desfazer-se em fumo.

– Quando é que foi? – Há menos de dez minutos.

– Qual a dimensão dos...

– É difícil dizer. Estou num hotel a um quilómetro e meio de distância. São extensos, diria eu.

– Telefone-me daqui a uma hora. Esta noite fico aqui no gabinete.

– Combinado.

Teddy aproximou-se de um computador, carregou nalguns botões e, no espaço de segundos, surgiu Aaron Lake. O candidato ia de Filadélfia para Atlanta, a bordo do seu novo e reluzente avião.

Levava um telefone no bolso, um aparelho digital do tamanho de um isqueiro.

Teddy marcou mais números, o telefone começou a tocar e Teddy falou para o monitor.

– Mr. Lake, é Teddy Maynard.

Quem mais poderia ser? pensou Lake. Mais ninguém podia usar o telefone.

– Está sozinho? – perguntou Teddy.

– Espere um pouco.

Teddy ficou à espera e depois a voz regressou.

- Agora estou na cozinha – disse Lake.
- O seu avião tem cozinha?
- Uma pequena, sim. É um belo avião, Mr. Maynard.
- Ótimo. Ouça, desculpe incomodá-lo, mas tenho uma notícia.

Destruíram a embaixada americana no Cairo há um quarto de hora.

- Quem? – Não me faça perguntas dessas.
- Desculpe.

– A imprensa vai andar em cima de si. Reserve uns minutos e prepare uns comentários. Será uma boa oportunidade para se mostrar preocupado com as vítimas e as suas famílias.

Reduza a política ao mínimo, mas mantenha a determinação. Agora os seus anúncios são proféticos, e por isso as suas palavras serão repetidas muitas vezes.

- Vou fazê-lo imediatamente.
- Telefone-me quando chegar a Atlanta.
- Sim, telefone.

Quarenta minutos depois, Lake e o seu grupo aterraram em Atlanta. A imprensa fora devidamente avisada da sua chegada, e com a poeira ainda a assentar no Cairo havia uma multidão à espera. Ainda não tinham surgido imagens em direto da embaixada, mas algumas agências já falavam em «centenas» de mortos.

No pequeno terminal das aeronaves particulares, Lake encontrou-se diante de um grupo de repórteres ávidos, uns com máquinas fotográficas e microfones, outros com pequenas câmaras e outros apenas com velhos blocos de apontamentos. Lake disse com um ar solene, sem recorrer a quaisquer apontamentos: – Neste momento, devíamos rezar por aqueles que foram feridos e mortos por este ato de guerra. Os nossos pensamentos e as nossas preces estão com eles e as suas famílias, e também com o pessoal de socorro. Não vou politizar este acontecimento, mas direi que é um absurdo este país sofrer de novo às mãos de terroristas. Quando for presidente, nenhuma vida americana ficará por explicar. Recorrerei às nossas novas forças armadas para encontrar e aniquilar qualquer grupo terrorista que mate americanos inocentes. É tudo o que tenho a dizer.

Afastou-se, ignorando os gritos e as perguntas que vinham do amontoado de jornalistas.

Brilhante, pensou Teddy, observando a cena em direto do seu abrigo. Rápido, compadecido, mas duro como aço. Soberbo! Congratulou-se de novo com o fato de ter escolhido um candidato tão bom.

Quando Lufkin voltou a telefonar, passava da meia-noite no Cairo. Os incêndios tinham sido extintos e andavam a retirar os corpos o mais depressa possível. Muitos estavam sepultados no entulho. Lufkin encontrava-se a um quarteirão de distância, atrás de uma barricada do exército, a observar, como milhares de outras pessoas. O cenário era caótico e a atmosfera estava envolvida numa nuvem espessa de fumo e de pó. Lufkin estivera várias vezes em locais onde tinham rebentado bombas, mas este era dos maus, segundo relatou. Teddy deu a volta à sala na sua cadeira de rodas e serviu-se de mais um descafeinado. Os anúncios aterradores de Lake começariam a ser transmitidos no horário nobre. Nessa mesma noite, a campanha iria gastar três milhões de dólares numa avalanche de medo e de destruição. Começariam a transmitir os anúncios no dia seguinte, com aviso prévio. Por respeito para com os mortos e as famílias, a campanha de Lake suspenderia temporariamente as suas pequenas profecias. E as sondagens começariam ao meio-dia do dia seguinte, sondagens em grande escala.

A percentagem de adesão ao candidato Lake estava a subir. As primárias no Arizona e no Michigan estavam a menos de uma semana.

As primeiras imagens do Cairo eram de um repórter aflito, de costas para uma barricada do exército, com os soldados a deitarem-lhe um ar feroz como se ele pudesse levar um tiro se tentasse avançar. Ouviam-se sirenes por todo o lado; viam-se luzes a acender e a apagar. Mas o repórter pouco sabia. Uma bomba de grande potência explodira no interior da embaixada às dez e vinte, quando estava a decorrer uma festa; ignorava-se o número de vítimas, mas deviam ser muitas, prometia o repórter. A zona estava vedada pelo exército e, por precaução, tinham igualmente encerrado o espaço aéreo, por isso não haveria imagens captadas de helicópteros. Como sempre, ninguém assumira a responsabilidade, mas, pelo sim pelo não, o repórter indicou o nome de três grupos radicais, os suspeitos habituais.

– Pode ter sido um destes ou outro qualquer – disse, pressuroso.

Sem carnificina para filmar, a câmara era obrigada a manter-se junto do repórter, e como não havia nada para dizer, dissertava sobre o

perigo crescente no Médio Oriente, como se esta fosse uma notícia de última hora e ele estivesse a dá-la.

Lufkin telefonou cerca das oito horas da noite, hora de Washington, para dizer a Teddy que o embaixador americano no Egipto não conseguia ser localizado e começava a recear-se que estivesse no meio dos escombros. Pelo menos, era o que constava nas ruas. Enquanto falava ao telefone com Lufkin, Teddy observava o repórter emudecido; noutra ecrã, surgiu um anúncio de terror de Lake. Mostrava os destroços, a mortandade, os cadáveres, os radicais de outro ataque, e depois a voz branda mas determinada de Aaron Lake a prometer vingança.

Que sentido de oportunidade perfeito, pensou Teddy.

Um assessor acordou Teddy à meia-noite, com chá de limão e uma sanduíche de legumes.

Como tantas vezes acontecia, adormecera na cadeira de rodas, com a parede de ecrãs de televisão cheios de imagens, mas sem som. Quando o assessor saiu, Teddy carregou num botão e ficou à escuta.

O Sol ia alto no Cairo. O embaixador não fora encontrado e começava agora a admitir-se que se encontrasse algures debaixo dos escombros.

Teddy nunca vira o embaixador americano no Egipto, um desconhecido absoluto que estava agora a ser transformado num ídolo pelos repórteres como um grande americano. A sua morte não incomodava particularmente Teddy, embora aumentasse as críticas à CIA.

Também tornaria o ataque mais grave, o que, dadas as circunstâncias, beneficiaria Aaron Lake.

Já tinham sido recuperados sessenta e um corpos. As autoridades egípcias acusavam Yidal, o mais provável dos suspeitos, porque o seu pequeno exército atacara à bomba três embaixadas de países ocidentais nos últimos dezesseis meses e porque apelava ostensivamente à guerra com os Estados Unidos. O atual dossiê da CIA sobre Yidal atribuía-lhe trinta soldados e um orçamento anual de cerca de cinco milhões de dólares, na sua maior parte oriundos da Líbia e da Arábia Saudita. Mas, para a imprensa, as fugas de informação apontavam para um exército de um milhar de homens, com fundos ilimitados para aterrorizar americanos inocentes.

Os israelitas sabiam o que Yidal comia ao pequeno-almoço e onde. Podiam tê-lo prendido uma dúzia de vezes, mas até aí o homem mantivera a sua pequena guerra longe deles.

Enquanto ele matasse americanos e ocidentais, os israelitas não se importavam. Só beneficiavam com o fato de o Ocidente odiar os radicais islâmicos.

Teddy comeu devagar e depois dormiu mais um pouco. Lufkin telefonou antes do meio-dia, hora do Cairo, com a notícia de que os corpos do embaixador e da mulher tinham sido encontrados. Os mortos elevavam-se agora a oitenta e quatro, mas só onze eram americanos.

As câmaras apanharam Aaron Lake à saída de uma fábrica em Marietta, Georgia, a distribuir apertos de mão à noite, na mudança de turno. Quando lhe pediram que se pronunciasse sobre os acontecimentos no Cairo, afirmou: – Há dezesseis meses, os mesmos criminosos colocaram bombas em duas das nossas embaixadas, matando trinta americanos, e nós nada fizemos para os impedir. Eles estão a agir com impunidade porque nós não estamos empenhados na luta. Quando for presidente, declararemos guerra a esses terroristas e acabaremos com as mortes.

O tom duro do discurso era contagiante, e quando a América acordou para as terríveis notícias do Cairo o país transformou-se num coro de ameaças e de ultimatos dos outros sete candidatos. Até os mais passivos pareciam agora criminosos armados.

ONZE

Estava a nevar outra vez em Iowa, um turbilhão firme de neve e de vento que se transformava em lama nas ruas e nos passeios e fazia com que Quince Garbe sentisse de novo a falta de uma praia.

Cobriu o rosto em Main Street, como que para se proteger, mas a verdade é que não queria falar com ninguém. Não queria que ninguém o visse a correr outra vez para a estação dos correios.

Havia uma carta na caixa. Uma daquelas cartas. Caiu-lhe o queixo e ficou com as mãos geladas ao vê-la, ali, junto de correspondência sem importância, inocente, como um bilhete de um velho amigo. Espreitou por

cima do ombro – um ladrão atormentado pelo remorso – depois tirou-a e guardou-a no interior do casaco.

A mulher estava no hospital a organizar um baile para crianças deficientes, e portanto não havia ninguém em casa, excepto uma empregada que passava o dia a dormir na lavandaria. Garbe não a aumentava há oito anos. Meteu-se no carro e dirigiu-se para lá, enfrentando a neve e o vento, amaldiçoando o patife que entrara na sua vida servindo-se do artifício do amor e antevendo o conteúdo da carta, que pesava mais no seu coração à medida que o tempo passava.

Ao entrar pela porta principal, fazendo todo o barulho possível, não havia sinais da empregada.

Subiu as escadas, entrou no quarto e fechou a porta à chave. Havia uma pistola debaixo do colchão.

Garbe atirou o sobretudo e as luvas para cima de uma poltrona, depois o casaco e sentou-se na beira da cama, examinando o envelope. O mesmo papel acinzentado, a mesma letra, tudo igual, e um carimbo de Jacksonville, com dois dias. Abriu-o e tirou uma única folha.

Caro Quince, Muito obrigado pelo dinheiro. Para que não julgues que sou um completo patife, acho que deves saber que o dinheiro foi para a minha mulher e os meus filhos. Eles estão a sofrer tanto! A minha prisão deixou-os desamparados. A minha mulher está com uma depressão nervosa e não pode trabalhar. Os meus quatro filhos são alimentados pela assistência e por senhas de comida.

(com certeza que cem mil dólares os engordaram, pensou Quince).

Vivem numa casa do estado e não têm transportes capazes. Por isso, mais uma vez obrigado pela tua ajuda. Mais cinquenta mil pagavam-lhes as dívidas e davam para começar a poupar para os estudos.

As mesmas regras; as mesmas instruções de transferência; as mesmas promessas de expor a tua vida secreta se o dinheiro não for recebido depressa. Faz isso já, Quince, e juro que esta será a minha última carta.

Mais uma vez, obrigado.

Um abraço, Ricky Quince entrou na casa de banho e dirigiu-se ao armário dos medicamentos, onde encontrou o Valium da mulher. Tomou dois comprimidos, mas pensou em engoli-los todos. Precisava de se deitar, mas não se podia servir da cama, porque ela ficaria amarrotada e alguém

faria perguntas. Por isso, estendeu-se no chão, na carpete gasta mas limpa, e esperou que os comprimidos fizessem efeito.

Suplicara, arranhara e até mentira um pouco para pedir a primeira prestação destinada a Ricky. Não podia extrair mais cinquenta mil dólares a uma folha de balanço já fortemente almofadada e que continuava a oscilar à beira da insolvência. A sua bela e grande casa estava a sufocar com uma gorda hipoteca sustentada pelo pai. Era o pai que lhe assinava os cheques. Os seus automóveis eram grandes e importados, mas já tinham muitos milhares de quilómetros e pouco valor. Quem é que em Bakers, Iowa, queria comprar um Mercedes com onze anos? E se arranjasse uma maneira de roubar o dinheiro? O criminoso chamado Ricky voltaria a agradecer-lhe e exigiria mais.

Ponto final.

Chegara o momento dos comprimidos. O momento da pistola.

O telefone sobressaltou-o. Sem pensar, conseguiu levantar-se e pegou o fone.

– Está? – rosnou.

– Onde diabo estás tu? Era o pai, com um tom de voz que bem conhecia.

– Estou... Hum... Não me sinto bem – conseguiu dizer, olhando para o relógio e lembrando-se da reunião das dez e meia com um inspetor muito importante do FDIC.

– Não me interessa como te sentes. Mr. Colthurst do FDIC está à espera no meu gabinete há um quarto de hora.

– Estou a vomitar, papá – disse ele, encolhendo-se de novo ao pronunciar a palavra «papá». com cinquenta e um anos, continuava a tratá-lo por «papá».

– Estás a mentir. Porque não telefonaste se não te sentias bem? A Gladysz disse-me que te viu pouco antes das dez horas a caminho dos correios. O que diabo foste lá fazer? – Desculpe. Tenho de ir à casa de banho. Telefono-lhe mais tarde. Quince desligou.

O Valium espalhava-se como um nevoeiro agradável, e Quince sentou-se na beira da cama a olhar para os envelopes cinzentos espalhados pelo chão. As ideias tardavam em chegar, obstruídas pelos comprimidos.

Podia esconder as cartas e depois matar-se. O bilhete em que assumia o suicídio atiraria a maior parte das culpas para o pai. A morte não

era uma perspectiva totalmente desagradável; acabava-se o casamento, o banco, o papá, Bakers, Iowa e o jogo das escondidas.

Mas iria sentir a falta dos filhos e dos netos.

E se aquele monstro do Ricky não soubesse do suicídio e enviasse outra carta, e eles a descobrissem, e se Quince fosse desmascarado muito depois do seu funeral? A segunda ideia sombria incluía uma conspiração com a secretária, uma mulher em quem depositava uma confiança marginal para começar. Contar-lhe-ia a verdade e depois pedir-lhe-ia para escrever uma carta a Ricky a dar a notícia do suicídio de Quince Garbe. Juntos, ele e a secretária podiam congeminar e forjar um suicídio e, de caminho, vingar-se de Ricky.

Mas Quince preferia morrer a contar à secretária. A terceira ideia ocorreu-lhe depois de o Valium se ter instalado lá dentro com toda a força e o ter feito sorrir. Por que não tentar uma certa honestidade? Escrever ao Ricky e invocar a pobreza. Oferecer-lhe mais dez mil dólares e dizer-lhe que não tinha mais. Se Ricky estivesse resolvido a destruí-lo, então ele, Quince, não teria alternativa senão ir atrás do Ricky. Informaria o FBI, deixá-los-ia seguir a pista das cartas e das transferências e ambos seriam destruídos.

Dormiu no chão durante meia hora. Depois, pegou no casaco, nas luvas e no sobretudo. Saiu de casa sem ver a empregada. Quando se dirigia para a cidade, entusiasmado com o desejo de enfrentar a verdade, admitiu em voz alta que só o dinheiro era importante. O pai tinha oitenta e um anos. As ações do banco valiam dez milhões de dólares. Que um dia seriam dele. Esperaria até ter o dinheiro na mão e depois viveria como muito bem lhe apetecesse.

Não iria desperdiçar dinheiro.

– Coleman Lee tinha uma barraca de comes-e-bebes numa avenida dos arredores de Gary, Indiana, numa zona da cidade que agora era controlada pelos mexicanos. Coleman tinha quarenta e oito anos, com dois divórcios difíceis há décadas, sem filhos, graças a Deus. Devido aos petiscos, era gordo e vagaroso, com o estômago descaído e umas bochechas grandes e carnudas. Coleman não era bonito, mas estava só.

Os seus empregados eram essencialmente miúdos mexicanos, imigrantes ilegais que, mais tarde ou mais cedo, tentaria molestar, seduzir ou fosse lá o que fosse que chamassem às suas tentativas desajeitadas.

Raramente era bem sucedido, e a rotatividade do pessoal era elevada. O negócio também era fraco porque as pessoas murmuravam e Coleman não era bem visto. Quem queria comprar petiscos a um pervertido? Alugou duas caixas postais nos correios do outro lado da avenida uma para o seu negócio e outra para o seu prazer. Colecionava material pornográfico e ia buscá-lo quase todos os dias à estação dos correios. O carteiro da sua zona era um tipo curioso, e era preferível manter as coisas o mais discretas possível.

Caminhou ao longo do passeio sujo que bordejava o parque de estacionamento, passou pelas lojas de desconto que vendiam sapatos e cosméticos, por uma espelunca de vídeos donde fora expulso, por um posto da assistência que fora transferido para os subúrbios por um político desesperado à caça de votos. A estação dos correios estava cheia de mexicanos que faziam tempo porque estava frio lá fora.

A sua correspondência do dia era constituída por duas revistas pornográficas hard-core cintadas com cintas castanhas lisas e uma carta que lhe pareceu vagamente familiar. Era um envelope amarelo, quadrado, sem remetente, com o carimbo de Atlantic Beach, Florida.

Ah, sim, lembrou-se quando lhe pegou. O jovem Percy que estava na clínica de reabilitação.

Regressou ao seu pequeno escritório atravancado entre a cozinha e a casa de banho, folheou à pressa as revistas, não viu nada de novo e depois colocou-as numa pilha, junto de centenas de outras. Abriu a carta de Percy. Tal como as duas anteriores, era manuscrita e dirigida a Walt, o nome que ele usava para receber a sua correspondência pornográfica.

Walt Lee.

Caro Walt, Gostei mesmo da tua última carta. Tenho-a lido muitas vezes. Tens uma maneira bonita de dizer as coisas. Como te disse, estou aqui há quase dezoito meses, e sinto-me muito só.

Guardo as tuas cartas debaixo do colchão, e quando me sinto só leio-as e releio-as. Onde aprendeste a escrever assim? Por favor, manda-me outra o mais depressa possível.

Com sorte, terei alta em Abril. Não sei ao certo para onde irei nem o que farei. É assustador, acredita, pensar que sairei daqui quase dois anos

depois, e que não terei ninguém para me fazer companhia. Espero que ainda sejamos amigos nessa altura.

Estava pensando, e detesto pedir isto, mas como não tenho mais ninguém vou fazê-lo, e por favor diz que não se te apetecer, que isso não afectará a nossa amizade, mas podias emprestar-me mil dólares? Eles têm esta pequena loja de livros e de música aqui na clínica, e deixam-nos comprar livros de bolso e CDs a crédito e, bem, estou aqui há tanto tempo que já tenho cá uma conta...

Se me puderes fazer o empréstimo, agradeço. Se não, compreendo perfeitamente.

Obrigado por estar aí, Walt. Por favor, escreva depressa. As suas cartas são preciosas para mim.

*Beijos,
Percy*

Mil dólares? Que raio de pendura era este? Cheirava-lhe a vigarice. Coleman rasgou a carta em pedaços e atirou-os para o lixo.

– Mil dólares – disse ele em voz baixa, pegando outra vez nas revistas.

Curtis não era o verdadeiro nome do joalheiro de Dallas. Curtis servia para ele se corresponder com o tal Ricky em fase de reabilitação, mas o seu verdadeiro nome era Vann Gates.

Mr. Gates tinha cinquenta e oito anos, parecia ter um casamento feliz, era pai de três filhos e avô de dois netos, e ele e a mulher eram proprietários de seis joalharias na zona de Dallas, todas em avenidas. Tinham dois milhões de dólares em papel, ganho com o seu trabalho. Possuíam uma bela casa nova em Highland Park, com quartos separados em extremos opostos. Encontravam-se na cozinha para tomar café e na sala para ver televisão e estar com os netos.

Mr. Gates aventurava-se a pisar o risco de vez em quando, sempre com grande precaução. Ninguém desconfiava de nada. A sua correspondência com Ricky fora a sua primeira tentativa para encontrar o amor através de anúncios, e até aí ficara entusiasmado com os resultados. Alugou uma caixa postal numa estação dos correios perto de uma das avenidas e usava o nome de Curtis V. Gates.

O envelope cinzento era dirigido a Curtis Cates, e quando se sentou no carro e o abriu com cuidado, a princípio não percebeu que havia qualquer coisa que não estava bem. Mais uma carta de amor do seu adorado Ricky. Mas as primeiras palavras esclareceram-no: Caro Vann Gates, Acabou a brincadeira, pá. Eu não me chamo Ricky e tu não te chamas Curtis. Eu não sou um homossexual à procura de amor. Mas tu tens um terrível segredo que, segundo creio, queres manter.

Eu quero ajudar.

Aqui vai o acordo: transfere cem mil dólares para o Geneva Trust Bank, Nassau, Bahamas, conta número 144-DXN-9593, para a Boomer Realty, Ltd., código número 392844-22.

Fá-lo imediatamente! Isto não é uma brincadeira. É uma fraude, e tu foste apanhado. Se o dinheiro não for recebido dentro de dez dias, enviarei à tua mulher, Miss Glenda Gates, um embrulhinho com cópias de todas as tuas cartas, fotografias, etc.

Transfere o dinheiro, que eu desapareço.

Beijos, Ricky Com tempo, Vann descobriu a circular 1-635 de Dallas. e pouco depois estava na circular -820 à volta do Forth Worth. Depois regressou a Dallas, exatamente às cinco e cinco, pela faixa da direita, esquecido do trânsito que se aglomerava atrás dele. Se chorar o ajudasse, teria chorado. Não tinha problemas em chorar, sobretudo na privacidade do seu Jaguar.

Mas estava demasiado furioso para chorar, demasiado amargo para se sentir ferido. E estava demasiado assustado para perder tempo a desejar alguém que não existia. Era preciso agir, depressa, com determinação e em segredo.

Mas o desgosto apoderou-se dele, e Vann acabou por parar na berma e estacionar o carro com o motor a trabalhar. Todos aqueles sonhos maravilhosos com Ricky, aquelas horas intermináveis a olhar para o seu belo rosto com aquele seu sorrisinho falso e a ler as suas cartas, tristes, divertidas, desesperadas, cheias de esperança! Como podia a palavra escrita transmitir tantas emoções? Praticamente, Vann memorizara as cartas.

E ele era apenas um rapazinho, tão jovem e viril, mas só e a precisar de uma companhia madura. O Ricky que ele aprendera a amar precisava do abraço amoroso de um homem mais velho, e Curtis-Vann

fazia planos há meses. O pretexto de uma exposição de diamantes em Orlando, enquanto a mulher estava em El Paso, em casa da irmã. Suara a cuidar dos pormenores e não deixara vestígios.

Por fim, chorou. O pobre Vann deixou correr as lágrimas sem vergonha nem embaraço.

Ninguém podia vê-lo; os outros automóveis passavam por ele a cento e vinte quilômetros à hora.

Jurou vingança, como qualquer amante abandonado. Havia de encontrar aquele animal, aquele monstro que se fizera passar por Ricky e o deixara destruído.

Quando os soluços abrandaram, Vann pensou na mulher e na família, o que o ajudou muito a secar as lágrimas. Ela ficaria com as seis lojas, os dois milhões de dólares e a casa nova com quartos separados e ele seria ridicularizado, escarnecido e alvo de falatório numa cidade que gostava tanto de falar. Os filhos iriam atrás do dinheiro e os netos passariam o resto da vida a ouvir cochichar acerca do avô.

De regresso à faixa da direita, a oitenta, passou pela mesquita pela segunda vez, relendo a carta enquanto era ultrapassado por outros automobilistas.

Não tinha ninguém a quem telefonar, nenhum banqueiro em quem pudesse confiar para verificar a quem pertencia a conta nas Bahamas, nenhum advogado que o aconselhasse, nenhum amigo que ouvisse a sua triste história.

Para um homem que levara cautelosamente uma vida dupla, o dinheiro não seria um obstáculo intransponível. A mulher vigiava todos os centavos, quer em casa quer nos estabelecimentos, e por isso há muito que Vann dominava o esquema de esconder dinheiro. Fazia-o com pedras preciosas, rubis, pérolas e às vezes pequenos diamantes que punha de lado e que mais tarde vendia a outros comerciantes para fazer dinheiro. Era vulgar no ramo. Tinha caixas cheias de dinheiro – caixas de sapatos impecavelmente empilhadas num cofre à prova de fogo em Plano. Dinheiro para depois do divórcio. Dinheiro para a vida que ele e Ricky encetariam quando corresse o mundo de veleiro e que gastariam na sua viagem interminável.

– Filho da mãe! – disse ele entredentes, repetidas vezes. Porque não havia de escrever àquele vigarista a dizer que era pobre? Ou a ameaçá-

lo de revelar o seu plano de extorsão? Porque não havia de dar luta? Porque o filho da mãe sabia exatamente o que ele andava a fazer. Vigiará-o bem ao ponto de saber o seu verdadeiro nome e o da mulher. Sabia que Vann tinha o dinheiro.

- Entrou na rampa da sua casa e lá estava Glenda a varrer o passeio.
- Onde tens andado, querido? – perguntou ela num tom agradável.
- A fazer compras – respondeu ele com um sorriso.
- Demoraste-te muito – disse ela, continuando a varrer.

Vann estava farto disto! Ela cronometrava-lhe os movimentos! Há trinta anos que andava debaixo do polegar dela, com um cronometro a fazer tiquetaque na palma da mão.

Beijou-a na face, por hábito, e depois foi para a cave. Fechou uma porta à chave e começou a chorar outra vez. A casa era a sua prisão (com uma hipoteca de sete mil e oitocentos dólares por mês, era o que parecia). A mulher era o guarda, que tinha as chaves em seu poder. O único meio de fuga de Vann acabara de ruir, substituído por um escroque de sangue frio.

DOZE

Dezoito urnas exigiam muito espaço. Estavam dispostas em filas perfeitas, todas impecavelmente envolvidas em vermelho, azul e branco, todas do mesmo comprimento e da mesma largura. Tinham chegado há meia hora num avião de carga da força aérea e foram retiradas com grande pompa e cerimoniais. Quase um milhar de amigos e familiares estavam sentados em cadeiras desmontáveis, no pavimento de betão do hangar, e olhavam, chocados, para o mar de bandeiras à sua frente. Só os jornalistas os ultrapassavam em número, todos isolados atrás de barricadas e da polícia militar.

Até para um país muito habituado a gastos fúteis com a política externa, era um número impressionante. Oitenta americanos, oito ingleses, oito alemães e nenhum francês, porque a França tinha boicotado as funções diplomáticas ocidentais no Cairo. Porque se encontravam ainda oitenta americanos na embaixada depois das dez horas da noite? Essa era a pergunta do momento, e ainda não surgira nenhuma boa resposta. E

muitos dos que tinham tomado essa decisão estavam agora deitados no caixão. A melhor teoria que circulava em Washington era que o fornecedor das refeições se atrasara e que a orquestra chegara ainda mais tarde.

Mas os terroristas tinham provado bem que atacariam a qualquer hora. Portanto, que importância tinha o fato de o embaixador, a mulher, o pessoal, os colegas e os convidados terem querido prolongar a recepção? A segunda grande pergunta do momento era saber por que motivo é que os Estados Unidos tinham oitenta pessoas na sua embaixada do Cairo. O Departamento de Estado ainda tinha de admitir a pergunta.

Depois da música fúnebre executada pela banda da força aérea, o presidente usou da palavra. A voz embargou-se-lhe e tentou atrair uma ou duas lágrimas, mas, depois de oito anos de teatro, estava esgotado. Já prometera vingança muitas vezes, e apoiava-se no bem-estar, no sacrifício e na promessa de uma vida melhor daí em diante.

O secretário de Estado enumerou os nomes dos mortos, uma recitação mórbida destinada a sublinhar a solenidade do momento. Os soluços aumentaram. Seguiu-se mais música. O discurso mais longo foi pronunciado pelo vice-presidente, recém-saído da campanha e cheio de um recém-descoberto empenho em erradicar o terrorismo da face da Terra. Apesar de nunca ter envergado um uniforme militar, parecia ansioso por começar a lançar granadas.

Lake trazia-os todos debaixo de olho.

Lake assistiu à cerimônia triste quando voava de Tucson para Detroit, já atrasado para mais uma ronda de entrevistas. A bordo ia o seu perito de sondagens, um mago de aquisição recente, que agora viajava consigo. Enquanto Lake e a sua equipa viam as notícias, o perito de sondagens trabalhava febrilmente na pequena mesa de reuniões em que se encontravam dois computadores pessoais, três telefones e mais folhas impressas do que quaisquer dez pessoas conseguiam digerir.

As primárias do Arizona e do Michigan eram daí a três dias e os números de Lake estavam a subir, sobretudo no seu estado natal, onde se encontrava empatado com o governador Tarry, de Indiana, que há muito ocupava o primeiro lugar. No Michigan, Lake levava dez pontos de desvantagem, mas as pessoas estavam atentas. O fiasco do Cairo estava a agir extraordinariamente a seu favor.

De repente, o governador Tarry andava à procura de dinheiro. Não era o caso de Aaron Lake. O dinheiro entrava mais depressa do que ele conseguia gastá-lo.

Quando o vice-presidente acabou de falar, Lake abandonou o ecrã, regressou à sua poltrona de couro e pegou num jornal. Um membro da equipa levou-lhe café, que bebeu enquanto observava as planícies do Kansas, doze quilômetros mais abaixo. Outro elemento da equipa entregou-lhe uma mensagem que, supostamente, exigia uma resposta urgente do candidato. Lake deitou uma vista de olhos ao avião e contou treze pessoas, sem incluir os pilotos.

Para um homem discreto que ainda sentia a falta da mulher, Lake não se estava a adaptar bem à falta total de privacidade. Deslocava-se na companhia de um grupo, de meia em meia hora era requisitado por alguém, todos os seus atos eram coordenados por uma comissão, todas as entrevistas antecederam de hipóteses escritas sobre as perguntas e de sugestões de respostas. Todas as noites passava seis horas sozinho, no seu quarto de hotel, e apostava que os serviços secretos dormiriam no chão se ele o permitisse. Devido ao cansaço, dormia como uma criança. Os únicos momentos de reflexão eram os que passava na casa de banho, no duche ou na sanita.

Mas não andava a brincar consigo próprio. Ele, Aaron Lake, um pacato congressista do Arizona, tornara-se uma sensação de um dia para o outro. Atacava enquanto os outros soçobravam. Os grandes magnatas estavam de olhos postos nele. A imprensa seguia-o como cães de caça. As suas palavras eram repetidas. Tinha amigos muito poderosos e, à medida que as peças eram postas no lugar, a nomeação parecia ser uma realidade. Há um mês, nem sonhava que tal pudesse acontecer.

Lake saboreava o momento. A campanha era uma loucura, mas ele conseguia controlar o tempo. Reagan, um presidente das nove às seis, fora muito mais eficiente do que Cárter, um maníaco do trabalho. Bastava chegar à Casa Branca, repetir a si próprio, aturar aqueles loucos, vencer as primárias, reagir com um sorriso e com rapidez de raciocínio, e um dia, que já não vinha longe, estaria sentado na Sala Oval, sozinho, com o mundo a seus pés.

E teria a sua privacidade.

Teddy estava sentado com York no seu abrigo, a assistir em direto à cerimônia que se desenrolava na base da força aérea de Andrews. Preferia a companhia de York quando as coisas eram difíceis. As acusações tinham sido brutais. Havia falta de bodes expiatórios, e muitos dos idiotas que perseguiram as câmaras acusavam a CIA, como sempre faziam.

Se eles soubessem...

Acabou por falar a York dos avisos de Lufkin, e York compreendeu perfeitamente.

Infelizmente, já tinham passado pelo mesmo. Quando se é a polícia do mundo, perdem-se muitos agentes, e Teddy e York tinham partilhado muitos momentos de tristeza ao verem desembarcar dos C-130 as urnas cobertas pela bandeira. A campanha de Lake seria a última tentativa de Teddy para salvar vidas americanas.

O fracasso parecia improvável. O CAP-D angariara mais de vinte milhões de dólares em duas semanas e decorria o processo de recolha de dinheiro nos arredores de Washington. Tinham sido recrutados vinte e um congressistas para apoiar Lake, com um custo total de seis milhões de dólares. Mas a verba mais elevada fora para o senador Britt, o ex-candidato, o pai de um rapazinho tailandês. Quando ele abandonou a corrida à Casa Branca, devia perto de quatro milhões de dólares e não dispunha de um plano viável para cobrir o défice. De um modo geral, o dinheiro não vai atrás daqueles que fazem as malas e vão para casa.

Elaine Tyner, a advogada que geria o CAP-D, encontrou-se com o senador Britt. Nem precisou de uma hora para fechar o acordo. O CAP-D pagaria as dívidas da sua campanha, durante um período de três anos, e ele anunciaria ruidosamente o seu apoio a Aaron Lake.

– Temos uma previsão das baixas? – perguntou York. Pouco depois, Teddy respondeu: – Não.

As conversas de ambos nunca eram apressadas.

– Porquê tanta gente? – Muito álcool. É sempre assim nos países árabes. Uma cultura diferente, uma vida monótona, e quando os nossos diplomatas dão uma festa é de arromba. Muitos dos que morreram estavam completamente embriagados.

Passaram alguns minutos.

– Onde está Yidal? – perguntou York.

– Neste momento está no Iraque. Ontem estava na Tunísia.

- Devíamos mesmo neutralizá-lo.
- E o que faremos no próximo ano. Será um grande momento para o presidente Lake.

Doze dos dezesseis congressistas que tinha transferido o seu apoio para Lake vestiam camisas azuis, um fato que não passara despercebido a Elaine Tyner. Ela reparava nessas coisas. Quando um político de Washington se aproximava de uma câmara, era quase certo que vestia a sua melhor camisa de algodão azul. Os outros vestiam camisas brancas.

Ela dispô-los diante dos repórteres numa sala de baile do hotel Willard. O membro mais velho, o representante Thurman da Florida, abriu a sessão, saudando a imprensa naquela ocasião tão importante. Recorrendo a apontamentos preparados, Thurman emitiu as suas opiniões acerca do estado atual dos acontecimentos mundiais, comentou o que se passava no Cairo, na China e na Rússia e disse que o mundo era muito mais perigoso do que parecia.

Apresentou as estatísticas habituais sobre as reduzidas forças armadas americanas. Em seguida, lançou-se num longo solilóquio sobre o seu amigo íntimo Aaron Lake, um homem com quem trabalhara durante dez anos e que conhecia melhor do que quase todos. Lake era um homem com uma mensagem não particularmente agradável de ouvir, mas muito importante.

Thurman estava a romper com o governador Tarry, e apesar de o fazer com grande relutância e sem qualquer sentimento de traição, convencera-se, graças a um penoso exame de consciência, que Aaron Lake era necessário à segurança da nação. O que Thurman não disse foi que uma sondagem recente revelava que Lake estava a ganhar popularidade em Tampa-St. Pete.

Em seguida, o microfone passou para um congressista da Califórnia, que não disse nada de novo, mas que falou durante dez minutos. Na sua região, a norte de San Diego, havia quarenta e cinco mil trabalhadores na indústria aeroespacial e da defesa, e todos eles, ao que parecia, tinham escrito ou telefonado. Thurman convertera-se com facilidade; a pressão da sua terra natal mais duzentos e cinquenta mil dólares de Miss Tyner e do CAP-D, e recebera a sua guia de marcha.

Quando começaram as perguntas, os dezesseis congressistas reuniram-se num pequeno grupo coeso, todos ansiosos por responder e

dizer qualquer coisa, todos com receio de que o seu rosto não aparecesse na imagem.

Embora não houvesse presidentes de comissões, o grupo não deixava de impressionar. Eles conseguiam transmitir a imagem de que Aaron Lake era um candidato legítimo, um homem que conheciam e no qual confiavam. Um homem de quem a nação precisava. Um homem que podia ser eleito.

O acontecimento estava bem montado e contou com uma cobertura que gerou logo notícias. Elaine Tyner faria mais cinco no dia seguinte e depois dispensaria o senador Britt até à véspera da Super Terça-Feira.

A carta no porta-luvas de Ned era de Percy, o jovem Percy em período de reabilitação, cuja correspondência era dirigida a Laurel Ridge, Caixa Postal 4585, Atlantic Beach, FL-32233.

Ned estava em Atlantic Beach há dois dias, com a carta e a determinação de seguir o jovem Percy, porque lhe cheirava a brincadeira. Não tinha nada melhor para fazer. Estava reformado com muito dinheiro, não tinha família que se visse e, além disso, estava a nevar em Cincinatti. Alugara um quarto na Sea Turtle Inn, na praia, e à noite corria os bares de Atlantic Boulevard. Descobrira dois excelentes restaurantes, cheios de gente e com muitos jovens belos de ambos os sexos. Encontrara o Pete's Bar and Grill a um quarteirão, e nas duas últimas noites saíra de lá bêbado que nem um cacho. O Sea Turtle ficava mesmo ao virar da esquina.

Durante o dia, Ned observava a estação dos correios, um edifício moderno de tijolo e vidro em First Street, paralelo à praia. A caixa postal, pequena e sem janela, ficava ao meio de uma parede, junto de oitenta outras, numa zona de trânsito médio. Ned inspecionara a caixa, tentara abri-la com chaves e arame, e até fizera perguntas ao balcão. Os funcionários dos correios não se tinham disposto a ajudá-lo. No primeiro dia, antes de sair, Ned enfiara cinco centímetros de linha preta no fundo da porta da caixa. Era imperceptível a qualquer outra pessoa, mas Ned saberia se alguém lá fora buscar a correspondência.

Tinha uma carta lá dentro, num envelope vermelho-vivo, que enviara há três dias de Cincinatti, antes de partir para o Sul. Nela enviava a Percy um cheque de mil dólares, o dinheiro de que o rapaz precisava para comprar material de pintura. Numa carta anterior, Ned revelara que fora

dono de uma galeria de arte moderna em Greenwich Village. Era mentira, não fora nada, mas também ele duvidava de tudo o que Percy lhe dissera.

Ned desconfiara desde o início. Antes de responder à solicitação, tentara saber o que era Laurel Bridge, a tal unidade de desintoxicação que supostamente retinha Percy. Havia um telefone, um número particular que não conseguira extorquir à assistente dos telefones. Não havia endereço.

Percy explicara-lhe na primeira carta que a unidade era ultra-secreta, porque muitos dos seus pacientes eram executivos de empresas muito poderosas e altos funcionários do governo e todos tinham sucumbido aos produtos químicos, de uma maneira ou de outra. Pareceu-lhe uma boa explicação. O rapaz escrevia bem.

E tinha um belo rosto. Por isso é que Ned continuava a escrever. Todos os dias admirava a fotografia.

O pedido de dinheiro apanhara-o de surpresa e, como estava cheio de tédio, resolvera meter-se no carro e ir até Jacksonville.

Do seu lugar no parque de estacionamento, escondido atrás do volante do automóvel, e de costas para First Street, via a parede das caixas e os clientes a entrar e a sair. Era pouco provável que conseguisse alguma coisa, mas tentaria.

Servia-se de uns pequenos binóculos convertíveis e já fora alvo dos olhares de alguém que passava. A tarefa tornou-se monótona ao fim de dois dias, mas, à medida que o tempo passava, Ned estava cada vez mais convencido de que a sua carta seria recolhida. com certeza que alguém ia ver a caixa pelo menos de três em três dias. Uma clínica de reabilitação devia ter muita correspondência, não é verdade? Ou servia apenas de fachada a um vigarista que passava por lá uma vez por semana para verificar as suas armadilhas? O vigarista apareceu ao fim da tarde do terceiro dia. Estacionou um carocha ao lado de Ned e depois encaminhou-se para a estação dos correios. Vestia umas calças de caqui amarrotadas, uma camisa branca, chapéu de palha, lacinho e tinha o ar desalinhado de um boêmio.

Trevor fizera uma longa pausa no Pete's, depois digerira o seu almoço líquido com uma hora de sono à secretária, e começava a acordar, a dar as suas voltas. Enfiou a chave na caixa 4585 e retirou um punhado de correspondência, quase toda inútil, que ia deitando fora à medida que verificava as cartas ao sair do edifício.

Ned vigiava todos os seus movimentos. Depois de três dias de tédio, ficara entusiasmado por a sua vigilância ter sido recompensada. Seguiu o carocha, e quando o automóvel parou e o condutor entrou num escritório de advogados pequeno e degradado, Ned arrancou, coçando a testa e repetindo em voz alta: – Um advogado? Continuou a guiar, desceu a auto-estrada AIA, ao longo da costa, longe das extensões de Jacksonville. Seguiu para sul, passando por Vilano Beach, Crescent Beach, Beverly Beach e Flagler Beach. Por fim, chegou a um Holiday Inn à saída de Port Orange. Dirigiu-se ao bar antes de subir ao quarto.

Era a primeira fraude em que se via envolvido. Por sinal, era a segunda. Apercebera-se da outra antes de ser prejudicado. Ao fim do terceiro martini, jurou a si próprio que esta seria a última.

TREZE

Na véspera das primárias no Arizona e no Michigan, a campanha de Lake desencadeou uma investida em força dos órgãos de comunicação social como nunca se vira em política presidencial.

Durante dezoito horas, os dois estados foram bombardeados com anúncios sucessivos. Uns duravam quinze segundos, anúncios curtos e leves, que não eram muito mais do que o rosto atraente do candidato e as promessas de uma liderança firme de um mundo mais seguro. Outros eram documentários de um minuto sobre os perigos do pós-Guerra Fria. Outros ainda, eram ameaças machistas e ostensivas aos terroristas de todo o mundo – matem pessoas só porque são americanas, e pagarão um preço muito alto. Os acontecimentos no Cairo ainda estavam muito frescos e as garantias acertaram no alvo.

Os anúncios eram arrojados, concebidos por consultores poderosos, e a sua única desvantagem era a saturação. Mas Lake entrara em cena há pouco tempo e não saturava ninguém, pelo menos por enquanto. A sua campanha gastara dez milhões de dólares em televisão nos dois estados, uma quantia surpreendente.

O ritmo de transmissão abrandou durante os períodos de votação na terça-feira, 22 de Fevereiro e, quando as urnas encerraram, os analistas

anteviam que Lake ganhasse em casa e alcançasse um segundo lugar à tangente no Michigan. Afinal, o governador Tarry era de Indiana, outro estado do Midwest, e passara várias semanas no Michigan nos últimos três meses.

Era óbvio que não passara tempo suficiente neste estado. Os eleitores do Arizona optaram pelo seu conterrâneo, e os do Michigan também gostaram do novo candidato. Lake obteve 60 por cento em casa e 55 por cento no Michigan, onde o governador Tarry alcançou uns míseros 31 por cento. O saldo foi dividido pelos que estavam fora da contenda.

Foi uma perda devastadora para o governador Tarry, apenas a duas semanas da grande Super Terça-Feira e a três semanas da pequena.

Lake assistiu à contagem dos votos a bordo do seu avião quando regressava de Phoenix, onde votara em si próprio. A uma hora de Washington, a CNN anunciou que ele vencera de surpresa no Michigan, e a sua equipa abriu garrafas de champanhe. Lake saboreou o momento e permitiu-se beber duas taças.

A notícia não se perdia em Lake. Ninguém começara tão tarde nem fora tão longe e tão depressa.

Na cabina às escuras, viram os analistas em quatro ecrãs, e todos os especialistas estavam maravilhados com esse tal Lake e com o que ele fizera. O governador Tarry mostrou-se afável, mas também preocupado com as enormes quantias que estavam a ser gastas pelo seu opositor até então desconhecido.

Lake conversou delicadamente com o pequeno grupo de repórteres que o aguardavam no Reagan National Airport e depois meteu-se noutra Suburban preto para a sede nacional da sua campanha, onde agradeceu ao seu pessoal principescamente pago e lhes disse que fossem para casa dormir.

Era quase meia-noite quando chegou a Georgetown, à sua pequena e estranha vivenda geminada, em Thirty-fourth Street, nos arredores de Wisconsin. Dois agentes dos serviços secretos saíram do automóvel atrás de Lake e mais dois aguardavam-no à porta de casa. Lake recusou terminantemente o pedido de um funcionário para que os guardas ficassem lá dentro.

– Não vos quero ver a espreitar por aqui – disse ele, num tom rude, à porta.

Desagradava-lhes a presença deles, não sabia como se chamavam e não se importava que não gostassem dele. Para ele, era como se os homens não tivessem nome. Eram apenas «vocês», pronunciados com o maior desprezo possível.

Depois de entrar e de fechar a porta à chave, subiu ao quarto e mudou de roupa. Apagou as luzes como se estivesse a dormir, esperou um quarto de hora e depois desceu as escadas devagarinho até à sala, para ver se estava alguém a olhar lá para dentro. Desceu mais um lanço até à pequena cave.

Saiu por uma janela e penetrou na atmosfera fria da noite, junto do seu pátio minúsculo. Parou, ficou à escuta e não ouviu nada. Abriu uma pequena cancela de madeira sem fazer barulho e enfiou-se à pressa no meio dos dois prédios atrás do seu. Reapareceu em Thirty-fifth Street, sozinho, às escuras, com um fato de treino e um boné que lhe tapava a testa. Três minutos depois, estava em M Street, no meio da multidão. Apanhou um táxi e desapareceu na noite.

Teddy Maynard adormecera razoavelmente satisfeito com as duas primeiras vitórias do seu candidato, mas fora acordado com a notícia de que algo correria mal. Quando entrou no abrigo às seis e dez da manhã, estava mais assustado do que furioso, apesar de ter passado por toda a série de emoções nas últimas horas. York esperava-o, na companhia de um supervisor chamado Deville, um homenzinho nervoso que estava de serviço há muitas horas, como era óbvio.

– Sou todo ouvidos – rosnou Teddy, continuando a rodar a cadeira e à procura de café. (Deville é que falou.

– À meia-noite e dois minutos, ele despediu-se dos serviços secretos e entrou em casa. À meia-noite e dezessete, saiu por uma pequena janela na cave. Nós, evidentemente, tínhamos fios e temporizadores em todas as portas e janelas. Alugamos uma vivenda do outro lado da rua e estávamos alerta. Há seis dias que ele não vai a casa.

Deville agitou no ar um pequeno comprimido do tamanho de uma aspirina.

– Isto é um pequeno dispositivo chamado T-Dec. Foi colocado nas solas de todos os sapatos dele, incluindo os tênis. Portanto, se ele não estiver descalço, sabemos onde se encontra. Quando o pé faz pressão, o microfone emite um sinal que é transmitido a duzentos metros sem a

ajuda de qualquer transmissor. Quando a pressão desaparece, continua a dar sinal durante um quarto de hora.

Procuramos e o apanhamos em M Street. Ia de fato de treino e com um boné até aos olhos.

Tínhamos dois carros no local quando ele saltou para um táxi. Seguimos até Chevy Chase, a um centro comercial suburbano. Enquanto o táxi esperava, ele entrou num local chamado Mailbox America, um desses sítios novos em que podemos enviar e receber correspondência à margem do serviço postal. Alguns, como este, estão abertos vinte e quatro horas para recepção de correspondência. Não se demorou lá dentro nem um minuto, apenas o suficiente para abrir a caixa com uma chave, tirar correspondência diversa, deitá-la fora e voltar para o táxi. Um dos nossos automóveis seguiu-o até M Street, onde saiu e voltou para casa às escondidas. O outro automóvel 115 ficou junto da caixa postal. Fomos verificar o cesto do lixo mesmo à entrada da porta e encontramos seis exemplares de correspondência sem importância, que era obviamente dele. O endereço é Al Konyers, Caixa , Mailbox America, 39380 Western Avenue, Chevy Chase.

– Então ele não encontrou o que procurava? – perguntou Teddy.

– Parece que deitou fora tudo o que tirou da caixa. Aqui está o vídeo. Um ecrã baixou do tecto quando as luzes diminuíram de intensidade.

Uma câmara de vídeo percorreu um parque de estacionamento, passou pelo táxi e concentrou-se na figura de Aaron Lake, de fato de treino, a desaparecer numa esquina dentro do Mailbox America. Alguns segundos depois, Lake reapareceu, examinando as cartas e os jornais que trazia na mão direita. Parou por instantes à porta e atirou tudo para um grande receptáculo de lixo.

– Que diabo procurava ele? – perguntou Teddy a si próprio. Lake saiu do edifício e enfiou-se à pressa no táxi. O vídeo acabou; as luzes aumentaram de intensidade. Deville retomou a sua narrativa: – Estamos convencidos de que encontramos os papéis exatos no contentor do lixo. Poucos segundos depois estávamos lá, e ninguém entrou nas instalações enquanto estávamos à espera. Faltavam dois minutos para a uma. Uma hora depois, voltamos a entrar e tiramos o molde da fechadura da caixa 455; por isso temos acesso a ela sempre que for necessário.

– Verifique-a todos os dias – disse Teddy. – Inventarie toda a correspondência. Deixe o que não presta, mas quando chegar alguma coisa, quero saber.

– Com certeza. Mr. Lake voltou a entrar em casa pela janela da cave à uma e vinte e dois e não voltou a sair durante a noite. Está lá neste momento.

– É tudo – disse Teddy, e Deville saiu da sala. Passou-se um minuto enquanto Teddy mexia o seu café.

– Quantos endereços tem ele? York sabia que a pergunta estava iminente. Consultou alguns apontamentos.

– Recebe a maior parte da correspondência pessoal em Georgetown. Tem pelo menos dois endereços no Capitólio, um no gabinete e outro na comissão das forças armadas. Tem três endereços no Arizona. O que perfaz seis, que saibamos.

– Porque havia de precisar de um sétimo? – Não sei o motivo, mas não pode ser bom. Um homem que não tem nada a esconder, não utiliza outro nome nem um endereço secreto.

– Quando é que ele alugou a caixa postal? – Estamos a trabalhar nisso. * – Talvez a tenha alugado depois de resolver entrar na corrida. O Lake tem a CIA que pensa por ele, e talvez por isso imagine que estamos a vigiar tudo. E talvez julgue que precisa de um pouco de privacidade; daí a caixa. Talvez seja uma namorada de cuja existência não nos apercebemos. Talvez goste de revistas ou de vídeos obscenos, de algo que seja enviado pelo correio.

Depois de uma longa pausa, York disse: – Talvez. E se a caixa já estivesse alugada há meses, muito antes de ele entrar na corrida? – Então é porque não se está a esconder de nós. Está a esconder-se do mundo e o seu segredo é verdadeiramente terrível.

Ponderaram em silêncio no terror do segredo de Lake, sem quererem arriscar uma hipótese.

Resolveram montar uma vigilância ainda maior e verificar a caixa do correio duas vezes por dia. Lake sairia da cidade dentro de algumas horas, para se bater noutras primárias, e eles ficariam com a caixa à sua disposição.

A menos que mais alguém fosse verificá-la por ele.

Aaron Lake era o homem do momento em Washington. Do seu gabinete no Capitólio, concedeu entrevistas em direto aos primeiros noticiários da manhã. Recebeu senadores e outros membros do Congresso, amigos e antigos inimigos, todos eles manifestando uma grande satisfação e portadores de felicitações. Almoçou com o seu pessoal da campanha e prolongou-o com longas reuniões sobre estratégia. Depois de um jantar rápido com Elaine Tyner, que trouxe notícias ótimas das toneladas de dinheiro que caíam no CAP-D, saiu da cidade e voou para Siracusa, afim de planear as primárias de Nova Iorque.

Foi saudado por uma enorme multidão. Afinal, era ele que ia à frente.

CATORZE

As ressacas estavam a tornar-se mais frequentes, e quando Trevor abriu os olhos para mais um dia disse a si próprio que tinha de se controlar. Não podia passar as noites no Pete's a consumir bebidas baratas com estudantes, a ver jogos de basquetebol insignificantes só porque apostara mil dólares neles. Na noite anterior, fora o Logan State e outra equipa qualquer, de equipamento verde. Quem se importava com o Logan State? Joe Spicer Roy, nem mais. Spicer apostara quinhentos dólares neles. Trevor reforçara a aposta com mil dólares seus, e Logan vencera. Na semana anterior, Spicer apostara em dez de doze vencedores. Já ganhara três mil dólares em dinheiro e Trevor, que felizmente lhe seguira os palpites, estava a ganhar cinco mil e quinhentos. O seu jogo estava a revelar-se muito mais proveitoso do que o exercício da advocacia. E havia mais alguém que estava a acertar nos vencedores! Dirigiu-se à casa de banho e molhou a cara com água sem olhar para o espelho. A sanita ainda estava entupida da véspera, e quando ia a sair da sua pequena casa imunda, à procura de um canalizador, o telefone tocou. Era uma mulher de uma vida anterior, uma mulher que odiava e que o odiava, e quando lhe ouviu a voz percebeu que ela precisava de dinheiro.

Furioso, disse que não e meteu-se debaixo do chuveiro.

A situação piorara no escritório. Um casal que se estava a divorciar chegara em automóveis separados para ultimar as negociações destinadas à divisão dos bens. Os haveres por que brigavam não tinham conseqüências para ninguém – panelas, tachos, uma torradeira –, mas como não possuíam nada, tinham de brigar por qualquer coisa. As discussões eram tanto mais desagradáveis quanto menor era o que estava em jogo.

O advogado estava atrasado uma hora e eles aproveitaram o tempo para discutir, até que Jan finalmente os separou. A mulher estava instalada no gabinete de Trevor quando ele entrou pela porta das traseiras.

– Onde diabo tem você estado? – perguntou ela, suficientemente alto para o marido a ouvir.

O homem avançou pelo corredor, passou por Jan, que não foi atrás dele, e entrou de rompante no pequeno gabinete de Trevor.

– Estamos à espera há uma hora! – anunciou ele.

– Calem-se, os dois! – gritou Trevor.

Jan saiu do prédio. Os clientes ficaram estupefatos com o seu tom de voz.

– Calem-se! – gritou Trevor outra vez, e eles sentaram-se nas únicas cadeiras que estavam vazias. – Vocês pagam quinhentos dólares por um miserável divórcio e julgam que são donos disto! O casal reparou no rosto e nos olhos vermelhos do advogado e concluiu que não era pessoa com quem se armasse sarilhos. O telefone começou a tocar e ninguém o atendeu. Outra vez nauseado, Trevor saiu do gabinete, entrou na casa de banho do outro lado do corredor e vomitou o mais silenciosamente possível. O autoclismo não funcionou e a pequena corrente metálica tilintou no interior do reservatório.

O telefone continuava a tocar. Trevor desceu o corredor resolvido a despedir Jan. Como não a encontrou, saiu também do prédio. Dirigiu-se para a praia, descalçou as meias e os sapatos e chapinhou os pés na água salgada e fria.

Duas horas mais tarde, Trevor estava sentado à secretária, imóvel, com a porta fechada para afastar os clientes, com os pés descalços em cima do tampo e areia entre os dedos.

Precisava de dormir e de beber e olhou para o tecto tentando ordenar as suas prioridades. O telefone tocou e dessa vez Jan atendeu-o. A

secretária continuava ao serviço, mas andava a ver anúncios às escondidas. Era Brayshears, nas Bahamas.

– Temos uma transferência – disse ele. Trevor levantou-se imediatamente.

– De quanto? – De cem mil dólares. A. -^ .<»?» Trevor olhou para o relógio. Tinha cerca de uma hora para apanhar o avião.

– Pode receber-me às três e meia? – perguntou ele.

– Com certeza.

Trevor desligou e gritou para a parte da frente do apartamento: – Cancele as minhas consultas para hoje e para amanhã. vou sair.

– Não tem consultas – gritou Jan. – Está a perder cada vez mais dinheiro.

Ele não ripostou. Saiu pelas traseiras, bateu com a porta, meteu-se no carro e arrancou.

O voo para Nassau fez escala em Fort Lauderdale, o que Trevor ignorava. Depois de beber duas cervejas, adormeceu profundamente. Por cima do Atlântico bebeu mais duas e uma hospedeira teve de acordá-lo quando já toda a gente saíra do avião.

A transferência era de Curtis, em Dallas, como seria de esperar. Fora efetuada por um banco do Texas e era pagável a Boomer Realty, ao cuidado do Geneva Trust Bank, em Nassau. Trevor rapou a sua terça parte à cabeça, escondendo de novo vinte e cinco mil dólares na sua conta secreta e levando oito mil em dinheiro. Agradeceu a Mr. Brayshears, disse que esperava voltar a vê-lo em breve e saiu do edifício a cambalear.

Nem pensou em ir para casa. Encaminhou-se para a zona de compras, onde grupos de turistas americanos de aspecto pesado atulhavam os passeios. Precisava de uns calções, de um chapéu de palha e de uma embalagem de protetor solar.

Em seguida, dirigiu-se para a praia, onde encontrou um quarto num belo hotel por duzentos dólares. Mas porque se havia de ralar? Besuntou-se com óleo e estendeu-se à beira da piscina, suficientemente perto do bar. Uma empregada de tanga serviu-lhe bebidas.

Acordou depois do anoitecer, bastante quente mas não queimado. Um segurança acompanhou-o ao quarto, onde caiu em cima da cama e regressou ao seu coma. O Sol já ia alto outra vez quando se mexeu.

Depois de um longo período de descanso, acordou surpreendentemente com a cabeça fresca e cheio de fome. Comeu fruta e foi à procura de barcos à vela, não para comprar, mas para se concentrar nos pormenores. Um de nove metros seria suficiente – com espaço para viver mas manobrável por uma só pessoa. Não haveria passageiros; apenas o velejador solitário que saltava de ilha para ilha. O mais barato que encontrou custava noventa mil dólares e precisava de algumas reparações.

Ao meio-dia, voltou para a piscina com um telemóvel, tentando acalmar um ou dois clientes, mas faltava-lhe concentração. A mesma empregada levou-lhe outra bebida.

Desligou o telefone, escondeu-se atrás de um guarda-sol e tentou marcar os números. Mas tinha a mente embotada.

No mês anterior, ganhara cerca de oitenta mil dólares livres de impostos. Conseguiria manter este ritmo? Se assim fosse, teria o seu milhão de dólares dentro de um ano, poderia abandonar o seu escritório e o que restava da sua carreira e poderia comprar o seu barquinho e fazer-se ao mar.

Pela primeira vez na vida, o sonho parecia quase real. Imaginava-se ao volante, de tronco nu, descalço, com cervejas frescas à mão, a navegar de St. Barts para St. Kitts, de Nevis para St. Lúcia, de uma ilha para mil e uma outras, com o vento a empurrar a vela-mestra, sem nada que o preocupasse. Fechou os olhos e desejou ainda mais fugir.

Acordou com o seu próprio ressonar. Faltava pouco. Mandou vir um rum e olhou para o relógio.

Dois dias depois, Trevor voltou a Trumble. Chegou com sentimentos misturados. Primeiro, estava ansioso por recolher a correspondência e facilitar a fraude, por manter a extorsão a andar e o dinheiro a nascer. Por outro lado, estava atrasado e o juiz Spicer não se mostrou satisfeito.

– Por onde diabo tem você andado? – rosnou Spicer assim que o guarda saiu da sala de reuniões dos advogados. Parecia que toda a gente fazia a mesma pergunta. – Perdi três jogos por sua causa, e só apostei em vencedores.

– Nas Bahamas. Recebemos cem mil do Curtis de Dallas. O humor de Spice mudou drasticamente.

– Foram precisos três dias para ir receber uma transferência às Bahamas? – perguntou ele.

– Precisava de descansar. Não sabia que devia cá vir todos os dias. Spicer estava cada vez mais brando. Acabara de ganhar mais vinte e dois mil dólares. O dinheiro estava bem guardado, junto do outro, num sítio em que ninguém o poderia encontrar, e quando entregou ao advogado mais uma pilha de belos envelopes pensava em várias maneiras de o gastar.

– Não andamos muito atarefados – disse Trevor, pegando nas cartas.

– Tem razão de queixa? Está a ganhar mais do que nós.

– Tenho mais a perder do que vocês. Spicer entregou-lhe uma folha de papel.

— Escolhi dez jogos aqui. Quinhentos dólares em cada um.

Ótimo, pensou Trevor. Mais um longo fim de semana no Pete's a ver jogos uns atrás dos outros.

Ora, havia coisas piores. Jogaram blackjack a um dólar cada até que o guarda interrompeu a reunião.

AS visitas cada vez mais frequentes de Trevor tinham sido debatidas pelo guarda e pelos responsáveis do Gabinete das Prisões em Washington. Havia documentos sobre o assunto.

Tinham sido contempladas restrições, que depois foram abandonadas. As visitas eram inócuas, e, além disso, o guarda não queria irritar os Confrades.. Para quê arranjar uma briga? O advogado era inofensivo. Depois de alguns telefonemas na área de Jacksonville, concluíram que Trevor era praticamente desconhecido e talvez não tivesse mais nada que fazer do que passar o tempo na sala de reuniões dos advogados de uma prisão.

O dinheiro deu um novo ânimo a Beech e a Yarber. Gastá-lo implicaria necessariamente chegar até ele, e isso exigiria que, um dia, saíssem como homens livres. Livres de fazerem o que lhes apetecesse com as suas fortunas crescentes.

Com cerca de cinquenta mil dólares no banco, Yarber atarefava-se a elaborar uma carteira de investimentos. Não fazia sentido deixá-lo ali a render 5 por cento ao ano, mesmo que fosse livre de impostos. Um dia, que não viria longe, aplicá-lo-ia em fundos de investimento agressivos, sobretudo no Extremo Oriente. A Ásia voltaria a conhecer a expansão

econômica, e o seu dinheirinho estaria lá para partilhar a riqueza. Faltavam-lhe cinco anos para sair e, se o seu dinheiro rendesse entre 12 e 15 por cento, até lá os cinquenta mil dólares transformar-se-iam mais ou menos em cem mil quando saísse de Trumble. Não era um mau começo para um homem que teria sessenta e cinco anos e esperava gozar ainda de boa saúde.

Mas se ele (e Percy e Ricky) continuasse a aumentar a quantia inicial, estaria rico quando fosse libertado. Cinco longos anos... Semanas e meses, semanas que ele temia. Agora, de repente, perguntava a si próprio se teria tempo para extorquir tudo o que precisava.

Disfarçado de Percy, andava a escrever cartas a mais de vinte indivíduos na América do Norte. Não havia dois na mesma cidade. Competia a Spicer manter as vítimas separadas.

Na seção de Direito da biblioteca, usavam-se mapas para ter a certeza de que nem Percy nem Ricky se correspondiam com homens que aparentemente vivessem perto uns dos outros.

Quando não escrevia cartas, Yarber dava consigo a pensar no dinheiro. Felizmente, os documentos do divórcio enviados pela mulher tinham chegado e sido de novo expedidos.

Dentro de alguns meses, Yarber estaria livre, e quando saísse em liberdade condicional ela já o teria esquecido há muito. Nada seria dividido. Ele seria livre de sair sem nada que o prendesse.

Cinco anos, e ainda tinha tanto que fazer! Havia de cortar no açúcar e de andar a pé mais um quilômetro e meio por dia.

Na escuridão do seu beliche superior, durante as noites de insônia, Hatlee Beech fizera os mesmos cálculos dos colegas. Cinquenta mil dólares na mão, uma boa taxa de juro em qualquer lado e aumentar a quantia inicial espremendo tantas vítimas quantas conseguissem, e um dia teria uma fortuna. Beech tinha nove anos a cumprir, uma maratona que em tempos lhe parecera não ter fim. Agora, havia um laivo de esperança. A sentença de morte que lhe tinham ditado estava a transformar-se a pouco e pouco num período rentável.

Se a fraude lhe rendesse apenas cem mil dólares por ano durante os nove seguintes, além de uma boa taxa de juro, estaria multimilionário quando atravessasse os portões a dançar, também com sessenta e cinco anos.

Dois, três, quatro milhões não estavam fora de questão. Sabia exatamente o que teria de fazer. Como adorava o Texas, ia para Galveston, comprava uma daquelas antigas casas vitorianas à beira-mar e convidava velhos amigos para aparecerem e verem como estava rico. Esquecia as leis, passava doze horas por dia a trabalhar o dinheiro, só isso, e quando chegasse aos setenta tinha mais do que a ex-mulher.

Pela primeira vez em vários anos, Hatlee Beech admitia viver até aos sessenta e cinco anos, talvez até aos setenta.

Também desistira do açúcar e da manteiga e cortava os cigarros a meio com o objectivo de acabar com as dependências dentro de pouco tempo. Prometeu afastar-se da enfermaria e deixar de tomar comprimidos. Começou a andar um quilómetro e meio por dia, ao Sol, como o seu colega da Califórnia. E escrevia a suas cartas, ele e Ricky.

E o juiz Spicer, já com motivações suficientes, tinha dificuldade em dormir. Não era o remorso, a solidão ou a humilhação que o atormentavam, nem estava deprimido com a indignidade da prisão. Estava simplesmente a contar o dinheiro, a jogar com taxas de juro e a analisar apostas. A vinte e um meses de alcançar a liberdade, via o fim.

Rita, a sua adorável mulher, passara por lá na semana anterior e tinham passado quatro horas juntos durante dois dias. Ela cortara o cabelo, deixara de beber, perdera nove quilos e prometera emagrecer ainda mais quando o fosse buscar ao portão, daí a menos de dois anos. Depois de passar quatro horas com ela, Joe Roy ficou convencido de que os noventa mil dólares ainda estavam enterrados atrás da arrecadação.

Iriam para Las Vegas, comprariam um novo apartamento e mandariam o resto do mundo às urtigas.

Com a fraude Percy-e-Ricky a correr tão bem, Spicer descobrira uma nova preocupação.

Sairia de Trumble primeiro, feliz, alegre, sem olhar para trás. E o dinheiro que aparecesse depois de sair? Se a fraude continuasse a gerar dinheiro, o que aconteceria à sua parte dos futuros ganhos, ao dinheiro que lhe era devido? Afinal, a ideia fora dele; ele é que a fora buscar à prisão de Louisiana. A princípio, Beech e Yarber tinham-se mostrado relutantes em entrar na jogada.

Spicer tinha tempo de elaborar uma estratégia de saída, assim como tinha tempo de arranjar uma maneira de se ver livre do advogado.

Mas isso iria custar-lhe mais horas de sono.

A carta de Quince Garbe, de Iowa, foi lida por Beech: «Caro Ricky (ou lá quem és), não tenho mais dinheiro. Os primeiros cem mil dólares foram emprestados por um banco graças a um balanço falso. Não sei como irei pagá-los. O meu pai é dono do nosso banco e de todo o seu dinheiro. Porque não lhe escreves umas cartas, meu vigarista? Talvez ainda consiga arranjar dez mil dólares se combinarmos que a extorsão termina aqui. Estou à beira do suicídio, por isso não me pressiones. És escumalha, bem sabes. Espero que sejas apanhado.

Cumprimentos Quince Garbe.» – Parece muito desesperado – disse Yarber, desviando o olhar do seu monte de correspondência.

Spicer disse, com um palito pendurado no lábio inferior: – Diz-lhe que aceitaremos vinte e cinco mil.

– vou escrever-lhe e dizer-lhe que faça a transferência-disse Beech, abrindo outro envelope dirigido a Ricky.

QUINZE

À hora de almoço, quando a experiência mostrara que a afluência aumentava no Mailbox America, um agente entrara despreocupadamente no local, atrás de dois outros clientes, e pela segunda vez nesse dia abria a caixa 455. Em cima de três cartas sem interesse – uma de uma pizzeria com serviço ao domicílio, outra de uma garagem para lavagem de carros e outra dos correios dos Estados Unidos –, reparou numa coisa nova. Era um envelope de cor alaranjada e formato A5. com uma pinça que trazia no porta-chaves, pegou na extremidade do envelope, tirou-o da caixa e deixou-o cair numa pasta de couro. A correspondência sem interesse ficou lá, intata.

Em Langley, o envelope foi aberto com todo o cuidado por especialistas. Foram retiradas e fotocopiadas duas páginas manuscritas.

Uma hora depois, Deville entrou no abrigo de Teddy com um dossiê na mão. Deville estava encarregado daquilo a que em Langley se chamava «o lixo de Lake». Entregou duas fotocópias da carta a Teddy a York e depois examinou-a num grande ecrã, para o qual Teddy e York se limitaram a olhar, a princípio. A carta estava escrita a negrito, em letra de imprensa, facilmente legível, como se o autor tivesse trabalhado cada palavra. Dizia o seguinte: Caro Al, Onde tens estado? Recebeste a minha última carta? Escrevi há três semanas e não recebi resposta. Aposto que andas atarefado, mas por favor não te esqueças de mim. Sinto-me muito só aqui e as tuas cartas sempre me ajudaram a suportar isto. Dão-me força e esperança, porque sei que há alguém lá fora que se preocupa comigo. Por favor, não desistas de mim, Al.

O meu psicólogo diz que talvez tenha alta daqui a dois meses. Há um centro de recuperação em Baltimore, por sinal a uns quilômetros do sítio onde cresci, e estão a tentar arranjar-me lugar lá. Seria por noventa dias, o tempo suficiente para conseguir arranjar emprego, fazer amigos, etc., habituar-me à sociedade outra vez, percebes? À noite, está fechado, mas eu estaria livre durante o dia.

Não tenho muitas recordações boas, Al. Todas as pessoas que em tempos gostaram de mim já morreram, e o meu tio, o tipo que me está a pagar esta cura, é muito rico mas muito cruel. Preciso tanto de amigos, Al.

A propósito, perdi mais dois quilos e meio e tenho agora setenta e cinco de cintura. A fotografia que te mandei está a ficar desatualizada. Nunca gostei de ver a minha cara – tenho carne a mais nas bochechas.

Agora estou muito mais magro e bronzeado. Eles deixam-nos apanhar sol duas horas por dia, se o tempo o permite. Estamos na Florida, mas há dias muito frios. Vou mandar-te outra fotografia, talvez da cintura para cima. Estou a fazer pesos e halteres como um louco. Acho que vais gostar da próxima fotografia.

Disseste que me enviavas uma. Continuo à espera. Por favor, não te esqueças de mim, Al.

Preciso de uma carta tua.

Beijos, Ricky Como York tinha a responsabilidade de investigar todos os aspectos da vida de Lake, sentiu-se obrigado a falar em primeiro lugar. Mas não sabia o que havia de dizer. Leram e releram a carta em silêncio.

Por fim, Deville quebrou o gelo e disse: – Aqui está o envelope.

Projectou-o na parede. Era dirigido a Mr. Al Konyers, para Mailbox America. O remetente era o seguinte: Ricky, Aladdin North, Caixa Postal, Neptune Beach, FL 32233.

– É um disfarce – disse Deville. – Aladdin North não existe. Há um número de telefone com serviço de recepção de chamadas. Telefonamos dez vezes a fazer perguntas, mas as telefonistas não sabem de nada. Telefonamos para todas as clínicas de reabilitação e de tratamento do Norte da Florida e ninguém ouviu falar deste local.

Teddy não disse nada e continuou a olhar para a parede.

– Onde fica Neptune Beach? – perguntou York de mau humor.

– Em Jacksonville.

Deville foi dispensado, mas ordenaram-lhe que não se afastasse. Teddy começou a tomar apontamentos num bloco verde.

– Há outras cartas e pelo menos uma fotografia – disse ele, como se o problema fizesse parte da rotina. O pânico era um estado de alma que Teddy Maynard desconhecia.

– Temos de as encontrar – disse ele.

– Já fizemos duas buscas completas à casa dele – respondeu York.
– Façam uma terceira. Duvido que guarde essas coisas no gabinete.
– Quando...
– Já. Lake está na Califórnia à procura de votos. Não há tempo a perder com isto, York. Pode haver outras caixas postais secretas, outros homens a escrever cartas e a gabarem-se do bronzado e da medida da cintura.

– Vai confrontá-lo? – Por enquanto não.

Como não tinham uma amostra da letra de Mr. Konyers, Deville fez uma sugestão que acabou por agradar a Teddy. Servir-se-iam de um ardil proporcionado por um novo computador com uma impressora incorporada. O primeiro rascunho foi feito por Deville e York e, daí a cerca de uma hora, a quarta versão dizia o seguinte: Caro Ricky, Recebi a tua carta de 22. Desculpa não ter escrito mais cedo. Ultimamente tenho viajado muito e estou atrasado em tudo. Por sinal, estou a escrever esta carta a trinta e cinco mil pés de altitude, algures sobre o Golfo, a caminho de Tampa. E estou a servir-me de um novo computador, tão pequeno que quase me cabe na algibeira. A tecnologia é espantosa. A impressora deixa a desejar.

Espero que consigas lê-la.

É ótima a notícia da tua alta e do centro de recuperação em Baltimore. Tenho alguns contatos lá e estou certo de que conseguirei ajudar-te a arranjar emprego.

Mantém-te de cabeça erguida, que só faltam dois meses para saíres. Agora és uma pessoa muito mais forte e estás pronto para aproveitar a vida ao máximo. Não te deixes desanimar.

Ajudar-te-ei em tudo o que puder. Quando estiveres em Baltimore terei muito prazer em passar algum tempo contigo, para te mostrar a região, percebes? Prometo escrever em breve. Fico à espera das tuas notícias.

Beijos, Al Resolveram que, com a pressa, Al se esquecera de assinar. A carta foi anotada, revista, refeita e examinada com mais rigor do que um tratado. A versão final foi impressa numa folha de papel do Hotel Royal Sonesta, de New Orleans, e colocada num envelope castanho, grosso e liso, com leitura óptica na extremidade inferior. No canto inferior direito, num sítio que parecia ligeiramente danificado e amarrotado em trânsito,

foi instalado um transmissor do tamanho da cabeça de um alfinete. Quando fosse ativado, enviaria um sinal a cem metros durante três dias.

Como Al ia para Tampa, foi aposto no envelope o carimbo desta cidade com a data desse dia. Tudo isto foi feito em menos de meia hora por uma equipa de gente muito estranha que trabalhava nos Documentos, no segundo piso.

Às quatro horas da tarde, uma carrinha verde já muito rodada parou na berma do passeio em frente da vivenda de Aaron Lake, junto de uma de muitas das árvores frondosas de Thirty-fourth Street, numa zona muito agradável de Georgetown. Na porta anunciava-se uma empresa de canalizadores da região. Dela saíram quatro canalizadores, que começaram a tirar ferramentas e equipamento.

Alguns minutos depois, a única vizinha que reparou neles fartou-se e voltou para a sua televisão. com Lake na Califórnia, os serviços secretos acompanhavam-no, e a casa dele ainda tinha de ser preparada para a vigilância diária, pelo menos pelos serviços secretos.

Mas essa revista não tardaria a ser efetuada.

O pretexto era um cano de esgoto entupido no pequeno relvado da frente, algo que podia ser feito sem entrar em casa. Uma obra no exterior, que pacificaria os serviços secretos se por caso passassem por ali.

Mas dois dos canalizadores entraram mesmo em casa com as suas próprias chaves.

Entretanto, chegou outra carrinha para verificar o trabalho e entregar uma ferramenta. Dois canalizadores da segunda carrinha foram juntar-se aos que já lá estavam e começou a formar-se uma unidade regular.

Dentro de casa, quatro agentes iniciaram uma busca monótona de dossiês escondidos.

Passavam de umas divisões para as outras, inspecionando o óbvio procurando os segredos.

A segunda carrinha partiu e chegou uma terceira, vinda de outra direção. Estacionou em cima do passeio, como as carrinhas muitas vezes fazem. Mais quatro canalizadores foram juntar-se à limpeza do cano de esgoto e pouco depois entraram mais dois. À noite, foi montado um holofote na parte da frente do quintal e apontado para a casa, para que ninguém reparasse que as luzes estavam acesas lá dentro.

Os quatro homens que ficaram no exterior tomavam café, contavam anedotas e tentavam manter-se quentes. Alguns vizinhos passavam, apressados.

Seis horas depois, o cano de esgoto estava limpo, assim como a casa. Não foi encontrado nada de invulgar, e muito menos um dossiê escondido com correspondência de um Ricky qualquer em fase de reabilitação. Nem sinais de fotografias. Os canalizadores apagaram as luzes, guardaram as ferramentas e desapareceram sem deixar rasto.

Às oito e meia da manhã seguinte, quando se abriram as portas da estação dos correios de Neptune Beach, um agente chamado Barr entrou à pressa, como fosse atrasado para qualquer coisa. Barr era um especialista em chaves e fechaduras e, na tarde da véspera, passara cinco horas em Langley a estudar várias caixas utilizadas pelos correios. Tinha quatro chaves-mestras e a certeza de que uma delas abriria a número 44683. Se não abrisse, seria obrigado a forçá-la, o que poderia levar cerca de um minuto e atrair as atenções. A terceira chave abriu a caixa e Barr depositou lá dentro o envelope castanho, com o carimbo da véspera e de Tampa, dirigido a Ricky, sem apelido, ao cuidado de Aladdin North. Já lá estavam mais duas cartas. Por precaução, Barr tirou uma série de correspondência sem interesse, fechou a porta da caixa, pegou na correspondência e atirou-a para o cesto dos papéis.

Barr e outros dois homens ficaram pacientemente à espera no interior da carrinha, a tomar café e a gravar em vídeo todos os clientes dos correios. Encontravam-se a setenta metros da caixa. O receptor manual apitou com o sinal ténue vindo do envelope. Um grupo heterogêneo — uma mulher negra de vestido castanho, curto, um homem branco de barba e com uma pasta de cabedal na mão, uma mulher branca de fato de treino e um homem negro de jeans — entrou e saiu no meio das pessoas que circulavam. Eram todos agentes da CIA, que vigiavam a caixa sem imaginarem quem escrevera a carta nem para onde ela ia. O seu trabalho consistia apenas em encontrar a pessoa que a alugara.

Encontraram-na depois do almoço.

Trevor tomou o seu almoço no Pete's, mas limitou-se a duas cervejas. Bebidas frescas com amendoins salgados consumidos enquanto perdia cinquenta dólares numa corrida de cães em Calgary. De regresso ao escritório, dormiu durante uma hora e ressonou tanto que a pobre

secretária foi obrigada a fechar-lhe a porta. Por sinal, bateu com ela, mas não suficientemente alto para o acordar.

A sonhar com veleiros, dirigiu-se para a estação dos correios. Desta vez, optou por ir a pé porque estava um dia lindo, não tinha nada que fazer e precisava de desanuviar a mente. Ficou deliciado ao encontrar quatro dos pequenos tesouros impecavelmente pescados na caixa de Aladdin North.

Guardou-os cuidadosamente na algibeira do casaco de linho já muito gasto, endireitou o lacinho e afastou-se devagar, certo de que se aproximava rapidamente mais um dia bem pago. Nunca se sentira tentado a ler as cartas. Os Confrades que se ocupassem do trabalho sujo. Ele podia manter as mãos limpas, transportar a correspondência e rapar a sua terça parte à cabeça. E, além disso, Spicer matava-o se lhe entregasse correspondência que tivesse sido violada.

Sete agentes viram-no regressar a pé ao escritório.

Teddy estava a dormir na cadeira de rodas quando Deville entrou. York fora para casa depois das dez horas da noite. York tinha mulher; Teddy não tinha.

Deville fez a sua narrativa, olhando de vez em quando para alguns apontamentos tirados à pressa.

– A carta foi retirada da caixa às treze e cinquenta por um advogado local chamado Trevor Carson.

Seguimo-lo até ao seu escritório em Neptune Beach, onde ficou durante uma hora e vinte minutos.

É um escritório pequeno, de um só homem, com uma secretária e poucos clientes. Carson é um advogado de segunda na zona das praias. Trata de divórcios, de negócios de imóveis, de assuntos triviais. Tem quarenta e oito anos, divorciou-se pelo menos duas vezes, nasceu na Pennsylvania, estudou em Furman, a faculdade de Direito do estado da Florida, teve a carteira profissional suspensa durante onze anos por gestão pouco clara dos fundos dos clientes e depois recuperou-a.

– Está bem, está bem – disse Teddy.

– Às três e meia saiu do escritório, meteu-se no carro e uma hora depois chegou à prisão federal de Trumble. Levava as cartas. Seguimo-lo mas perdemos o sinal quando ele entrou na prisão. Desde então, recolhemos algumas informações acerca de Trumble. É uma prisão de

segurança mínima, mais conhecida como campo de reabilitação. Não tem muros nem vedações e os reclusos são de muito baixo risco. São mil em Trumble. De acordo com uma fonte do Gabinete das Prisões aqui em Washington, o Carson vai lá com muita frequência. Nenhum outro advogado nem nenhuma outra pessoa faz tantas visitas como ele. Até há um mês, ia lá uma vez por semana, mas agora vai pelo menos três vezes. Às vezes quatro. Todas as visitas são reuniões do tipo advogado-cliente.

– Quem é o cliente dele? – Não é o Ricky. Ele é advogado de três juizes.

– Três juizes? – Sim.

– Três juizes na prisão? – Exatamente. Auto-intitulam-se Confrades.

Teddy fechou os olhos e esfregou as têmporas. Deville deixou a poeira assentar um pouco e depois continuou: – Carson demorou-se cinquenta e quatro minutos na prisão e, quando saiu, não conseguimos captar o sinal do envelope. Nesse momento, estávamos estacionados ao lado do carro dele.

Ele ficou a um metro e meio do nosso receptor e temos a certeza de que não tinha a carta em seu poder. Seguimo-lo até Jacksonville e às praias. Estacionou junto de um local chamado Pete's Bar and Grill, onde estive três horas. Revistamos-lhe o carro, encontramos a pasta e lá dentro estavam oito cartas dirigidas a vários homens de todo o país. Todas as cartas provinham da prisão. É óbvio que Carson leva e traz correspondência dos seus clientes. Ainda há meia-hora estava no bar, completamente embriagado, a apostar em jogos de basquetebol universitário.

– Um falhado.

– Mais ou menos isso.

O falhado saiu do Pete's a cambalear depois do segundo prolongamento de um jogo na Costa Oeste. Spicer tinha apostado em três dos quatro vencedores. Trevor acompanhou-o e ganhou mil dólares numa noite.

Apesar de estar embriagado, conseguiu guiar. A apreensão da carta de condução há três anos ainda era uma recordação dolorosa, e além disso os polícias estavam em toda a parte.

Os restaurantes e os bares à volta de Sea Turtle Inn atraíam os jovens e os inquietos e, conseqüentemente, os polícias.

Mas andar a pé era um desafio. Trevor conseguiu chegar ao escritório, a direito para sul, passando pelos pequenos e sossegados apartamentos de Verão e pelas vivendas, todos às escuras e recolhidos para a noite. Levava a pasta com as cartas que trouxera de Trumble.

Continuou a andar, à procura da sua casa. Atravessou a rua sem motivo e a meio do quarteirão voltou a atravessar. Não havia trânsito. Quando regressava, ficou a vinte metros de um agente que estava acorocado atrás de um automóvel estacionado. O exército silencioso vigiava-o e de repente teve receio de que o bêbado pudesse tropeçar num deles.

A certa altura, Trevor desistiu e conseguiu encontrar o seu escritório. Procurou a chave nos degraus da entrada, deixou cair a pasta e esqueceu-se dela. Menos de um minuto depois de abrir a porta, aproximou-se da secretária, esparramou-se na cadeira giratória e adormeceu rapidamente, com a porta principal entreaberta.

A porta das traseiras fora aberta durante a noite. Cumprindo ordens de Langley, Barr e os companheiros tinham entrado no escritório e ligado tudo. Não havia sistema de alarme, nem fechos especiais nas janelas, nada de valor que atraísse os ladrões em primeiro lugar.

Ligar os telefones e instalar microfones nas paredes fora uma tarefa fácil, tanto mais que, como era óbvio, não havia ninguém no exterior que observasse o que se passava no interior do escritório de L. Trevor Carson, Advogado.

A pasta foi esvaziada e o seu conteúdo catalogado por instruções de Langley. Este quis um registo exato das cartas que o advogado trouxera de Trumble. Quando tudo acabou de ser inspecionado e fotografado, a pasta foi colocada no corredor, junto do gabinete de Carson.

O ressonar era impressionante e ininterrupto.

Pouco depois das duas horas, Barr conseguiu pôr a funcionar o carocha estacionado junto do Pete's. Desceu a rua deserta e deixou-o inocentemente na berma, em frente do escritório do advogado, para que, dentro de umas horas, o bêbado esfregasse os olhos e se congratulasse por ter conseguido guiar. Ou talvez ficasse horrorizado ao pensar que viera a conduzir embriagado. De qualquer modo, estariam à escuta.

DEZESSEIS

Trinta e sete horas antes da abertura das urnas em Virgínia e Washington, o presidente apareceu em direto na televisão nacional para anunciar que ordenara um ataque aéreo à cidade tunisina de Talah e aos arredores. Corriam rumores de que a unidade terrorista de Yidal andava a fazer exercícios no local, num complexo bem equipado nos limites da cidade.

E foi assim que o país ficou colado a outra mini-guerra, uma daquelas de carregar nos botões, de bombas inteligentes e de generais reformados a conversar na CNN sobre esta ou aquela estratégia. Era noite na Tunísia, e por isso não houve filmagem. Os generais reformados e os seus entrevistadores, sem quaisquer pistas, fartaram-se de formular hipóteses. E de esperar. Esperar pela luz do dia para que o fumo e o entulho pudessem ser transmitidos a nação exausta.

Mas Yidal tinha as suas fontes, muito provavelmente os israelitas. O complexo estava vazio quando as bombas inteligentes caíram lá dentro, vindas de lado nenhum. Atingiram os seus alvos, agitaram o deserto, destruíram o complexo, mas não mataram um único terrorista.

Contudo, houve duas que erraram o alvo. Uma caiu no centro de Talah, onde atingiu um hospital. Outra acertou numa pequena casa onde dormia uma família de sete pessoas.

Felizmente, estas nunca souberam o que aconteceu.

A televisão tunisina foi rápida a fazer a cobertura do hospital em chamas, e ao romper do dia, na Costa Leste, o país ficou a saber que, afinal, as bombas inteligentes não eram assim tão inteligentes. Pelo menos cinquenta corpos foram recuperados, todos de civis inocentes.

Algures ao princípio da manhã, o presidente desenvolveu uma aversão súbita aos repórteres e não se disponibilizou a fazer comentários. O vice-presidente, um homem que falara muito no início do ataque, manteve-se fechado com a sua equipa em Washington.

Depois dos cadáveres amontoados, as câmaras continuaram a filmar e, a meio da manhã, a reação do mundo foi rápida, brutal o unânime. Os chineses ameaçavam com a guerra. Os franceses pareciam

inclinados a juntar-se a eles. Até os ingleses afirmaram que os Estados Unidos gostavam de provocar conflitos armados.

Como os mortos eram apenas camponeses tunisinos, e não americanos, os políticos apressaram-se a politizar o desastre. As acusações, o espalhafato e os pedidos de investigação habituais sucederam-se em Washington antes do meio-dia. E no circuito da campanha, os que ainda estavam na corrida reservaram alguns minutos para refletir no azar da missão. Nenhum deles se teria envolvido numa retaliação tão desesperada sem uma melhor investigação prévia dos serviços secretos. Nenhum, excepto o vice-presidente, que ainda se encontrava em clausura. Durante a contagem dos corpos, nem um único candidato considerou que o ataque aéreo tivesse justificado os riscos. Todos condenaram o presidente.

Mas foi Aaron Lake que atraiu a maior parte das atenções. Verificou que era difícil deslocar-se sem tropeçar nos operadores de câmara. Numa declaração meticulosa, disse, sem recorrer a apontamentos: – Fomos inaptos. Estamos indefesos. Somos vulneráveis. Devíamos envergonhar-nos da nossa incapacidade de destruir um pequeno exército de maltrapilhos constituído por menos de cinquenta cobardes. Não podemos limitar-nos a carregar em botões e em correr para os abrigos. É preciso ter a coragem de travar lutas no terreno. Eu tenho essa coragem. Quando for presidente, nenhum terrorista com sangue americano nas mãos escapará. É a minha promessa solene.

Na fúria e no caos da manhã, as palavras de Lake foram muito apreciadas. Ali estava um homem que falava a sério, que sabia exactamente o que havia de fazer. Ninguém dizimaria camponeses inocentes se houvesse um homem com coragem para tomar as decisões. Lake era esse homem.

No abrigo, Teddy resistiu a outra tempestade. A atuação deficiente dos serviços secretos era acusada de todos os desastres. Quando os ataques eram bem sucedidos, os pilotos, os bravos no terreno e os seus comandantes e os políticos que os tinham mandado para a luta eram elogiados. Mas quando corriam mal, como era costume, a CIA é que era responsabilizada.

Teddy mostrara-se contrário ao ataque. Os israelitas tinham um acordo subtil e muito secreto com Yidal – não nos matem, que nós não vos mataremos. Desde que os alvos fossem americanos ou um ou outro

européu, os israelitas não se envolviam. Teddy sabia isto, mas não partilhava estas informações com ninguém. Vinte e quatro horas antes do ataque, avisara o presidente, por escrito, afirmando que duvidava que os terroristas estivessem no complexo quando as bombas chegassem. E, devido à proximidade do alvo de Talah, eram enormes as hipóteses de danos colaterais.

Hatlee Beech abriu o envelope castanho sem reparar que o canto inferior direito estava um pouco amarrotado e ligeiramente danificado. Abria tantos envelopes pessoais nessa fase que só olhava para o remetente, para ver de onde vinham. Nem reparou no carimbo de Tampa.

Havia várias semanas que não tinha notícias de Al Konyers. Leu a carta sem parar e não considerou muito interessante o fato de Al usar um novo computador. Era perfeitamente natural que o amigo de Ricky se tivesse servido de uma folha de papel do Royal Sonesta, de New Orleans, e tivesse escrito a carta a trinta e cinco mil pés de altitude.

Era de admirar que viajasse em primeira classe?, perguntou a si próprio. Talvez. Não devia haver tomadas para computadores nos comboios, não é verdade? Al fora a New Orleans em serviço, ficara hospedado num bom hotel e depois viajara em primeira classe para o seu novo destino. Os Confrades estavam interessados na situação financeira de todos os seus parceiros. Nada mais importava.

Depois de ler a carta, estendeu-a a Finn Yarber, que estava a escrever outra em nome do pobre Percy. Os dois homens estavam a trabalhar na pequena sala de reuniões ao canto da seção de Direito de biblioteca, tinham a mesa cheia de dossiês, de correspondência e de um belo sortido de cartas de tons pastel. Spicer estava lá fora, na sua mesa, a guardar a porta e a estudar apostas.

– Quem é o Konyers? – perguntou Finn.

Beech estava a folhear uns dossiês. Tinham uma pasta de arquivo para cada indivíduo, com todas as cartas recebidas e todas as cópias das que tinham enviado.

– Não sei muito acerca dele – respondeu Beech. – Vive na zona de Washington e o nome é falso, tenho a certeza. Serve-se de uma daquelas caixas postais. É a sua terceira carta, creio eu.

Beech tirou as duas primeiras cartas do dossiê de Konyers. A primeira, de 11 de Dezembro, dizia o seguinte:

Caro Ricky,

Olá. Meu nome é Al Konyers. Tenho cinquenta e tal anos. Gosto de jazz, de filmes antigos, do Humphrey Bogart e de ler biografias. Não fumo nem gosto de pessoas que fumem. O que me diverte é comida chinesa, um copo de vinho, um western a preto e branco com um bom amigo. Escreve-me.

Al Konyers

Estava datilografada em papel branco e liso, como quase todas a princípio. O medo estava estampado entre cada linha – medo de ser apanhado, medo de iniciar uma relação à distância com um desconhecido. Todas as palavras eram datilografadas. O homem nem sequer assinava.

A primeira resposta de Ricky foi a carta-padrão que Beech já escrevera uma centena de vezes: Ricky tinha vinte e oito anos, encontrava-se em fase de recuperação, a família não prestava, tinha um tio rico, etc. E dezenas das mesmas perguntas entusiásticas: Que tipo de trabalho fazes? E a tua família? Gostas de viajar? Se Ricky punha a sua alma a nu era porque precisava de qualquer coisa em troca. Há cinco meses que Beech andava a escrever duas páginas da mesma conversa fiada. Apetecia-lhe desesperadamente fotocopiá-las. Mas não podia. Era obrigado a personalizar cada uma, em papel bonito. E enviara a Al a mesma fotografia atraente que enviara aos outros. A fotografia era a isca que atraía quase todos.

Passaram-se três semanas. Em 9 de Janeiro, Trevor entregara uma segunda carta de Al Konyers. Era tão inócua e estéril como a primeira, talvez escrita com luvas de borracha.

Caro Ricky, Gostei da tua carta. Tenho de admitir que a princípio tive pena de ti, mas parece que te adaptaste bem à recuperação e que sabes para onde vais. Nunca tive problemas com drogas nem com álcool, por isso tenho dificuldade em compreendê-los. Parece que estás a receber o melhor tratamento que o dinheiro pode comprar. Não devias ser tão duro para com o teu tio. Pensa onde poderias estar se não fosse ele.

Fazes muitas perguntas a meu respeito. Não estou disposto a falar muito dos meus assuntos pessoais, mas compreendo a tua curiosidade.

Fui casado durante trinta anos mas já não sou. Vivo em Washington e trabalho para o governo. O meu trabalho consiste em desafiar e realizar. Vivo sozinho. Tenho poucos amigos íntimos e prefiro assim. Quando viajo, é geralmente para a Ásia. Adoro Tóquio. Não me esquecerei de ti.

Al Konyers Mesmo por cima do nome datilografado, escrevinhara «Al», com uma caneta preta de feltro, de bico fino.

A carta era pouco interessante por três motivos. Primeiro, Konyers não tinha mulher, ou pelo menos dizia que não tinha. Uma mulher era crucial para a extorsão. Bastava a ameaça de contar tudo à mulher, de lhe enviar cópias de todas as cartas do parceiro homossexual, e o dinheiro jorrava.

Segundo, Al trabalhava para o governo, por isso era provável que não tivesse muito dinheiro.

Terceiro, Al estava demasiado assustado para que perdessem tempo com ele. Conseguir informações acerca dele era o mesmo que lhe arrancar um dente. Quince Garbes e Curtis Cateses eram muito mais divertidos, porque tinham passado a vida recalçados e agora estavam ansiosos por escapar. As suas cartas eram longas, fúteis e cheias daqueles pequenos fatos de que um extorsionário podia vir a precisar. Não era o caso de Al. Al era enfadonho. Al não sabia bem o que queria.

Então, Ricky levantou a parada com a sua segunda carta, outra peça que Beech aperfeiçoara com a prática. Ricky acabara de saber que teria alta dentro de poucos meses! E era de Baltimore. Que coincidência! E talvez precisasse de ajuda para arranjar um emprego. O tio rico recusava-se a ajudá-lo mais e ele tinha medo da vida no exterior sem o auxílio de amigos, e não podia confiar nas suas antigas amizades porque continuavam envolvidas na droga, etc.

A carta não teve resposta e Beech concluiu que Al se assustara. Ricky ia a caminho de Baltimore, que ficava apenas a uma hora de Washington, e isso era demasiado perto de Al.

Enquanto esperavam uma resposta de Al, chegara o dinheiro de Quince Garbe, seguido da transferência de Curtis, de Dallas, e os Confrades redobraram de energia no seu plano fraudulento.

Ricky escreveu a Al a carta que fora interceptada e analisada em Langley.

Agora, de repente, a terceira carta de Al tinha um tom muito diferente. Finn Yarber leu-a duas vezes e depois releu a segunda carta.

– Parece outra pessoa, não é? – disse ele.

– Sim, parece – reconheceu Beech, olhando para as duas cartas.

– Acho que o tipo está entusiasmado por ir conhecer o Ricky.

– Julguei que ele trabalhava para o governo.

– Ele diz que sim.

– Então o que quer dizer isto de ter interesses em Baltimore? – Nós trabalhamos para o governo, não trabalhamos? – Claro que sim.

– E qual foi o seu ordenado mais alto na magistratura? – Quando eu era juiz-presidente, ganhava cento e cinquenta mil. -Eu ganhava cento e quarenta mil. Certos burocratas ganhavam muito mais. Além disso, ele não é casado.

– Isso é um problema.

– Sim, mas vamos continuar a pressionar. Tem um bom emprego, o que significa que é um tipo importante, com muitos colegas, o típico homem de sucesso de Washington. Havemos de encontrar um ponto fraco em qualquer lado.

– Que se lixe – disse Finn.

Que se lixasse, de fato. O que havia ali a perder? E se o pressionassem de mais e Mr. Al se assustasse ou se enfurecesse e resolvesse deitar as cartas fora? Ninguém podia perder o que não tinha.

Estavam a fazer dinheiro a sério. O momento não era para tibiezas. A sua tática agressiva estava a dar resultados espetaculares. A correspondência aumentava todas as semanas, assim como a conta offshore. A fraude dos Confrades era totalmente segura porque os seus parceiros levavam vidas duplas. As suas vítimas não tinham a quem se queixar.

As negociações foram rápidas porque o mercado estava maduro. Ainda era Inverno em Jacksonville e, como as noites estavam frescas e a água do mar demasiado fria para nadar, a época de maior afluência seria daí a um mês. Havia centenas de pequenos apartamentos para alugar entre Neptune Beach e Atlantic Beach, incluindo um quase em frente, na rua de Trevor. Um homem de Boston ofereceu seiscentos dólares em dinheiro por dois meses e o agente imobiliário aceitou logo. O

apartamento estava mobilado com trastes que nem na feira da ladra se encontravam.

A velha carpete de pêlo estava muito gasta e exalava um cheiro permanente de mofo. Era perfeito.

A primeira tarefa do locatário foi tapar as janelas. Três davam para a rua e ficavam mesmo em frente das janelas de Trevor, e durante as primeiras horas de vigilância era evidente que os clientes eram poucos. E o movimento tão reduzido! Quando havia trabalho, em geral era feito pela secretária, Jan, que também lia muitas revistas.

Outros entraram e saíram sem fazer barulho, homens e mulheres com malas velhas e grandes sacos de estopa cheios de prodígios eletrônicos. O frágil recheio foi empurrado para as traseiras da casa e os quartos da frente encheram-se rapidamente de ecrãs, monitores e aparelhos de escuta de vários tipos.

O próprio Trevor daria um caso de estudo interessante para os alunos de Direito do terceiro ano. Chegava cerca das nove horas da manhã e passava a primeira hora a ler jornais. O cliente da manhã parecia chegar sempre às dez e meia, e, depois de uma exaustiva conferência de meia hora, o advogado preparava-se para o almoço, sempre no Pete's Bar and Grill. Levava o telefone consigo, para provar a sua importância aos empregados do bar, e em geral fazia dois ou três telefonemas desnecessários para outros advogados. Telefonava muito para o agente de apostas.

Em seguida, regressava ao escritório, passava pelo apartamento onde a CIA acompanhava todos os seus passos e voltava para a sua secretária para fazer uma sesta. Acordava por volta das três e trabalhava no duro durante duas horas. Depois, precisava de mais uma bebida do Pete's.

Da segunda vez, seguiram-no até Trumble. Trevor saiu da prisão uma hora depois e voltou ao escritório cerca das seis da tarde. Enquanto jantava numa cervejaria de Atlantic Boulevard, sozinho, um agente entrou no seu escritório e encontrou a velha pasta. Lá dentro estavam cinco cartas de Percy e Ricky.

O comandante do exército silencioso de Neptune Beach e arredores era um homem chamado Klockner, o melhor que Teddy tinha no terreno da espionagem doméstica de rua.

Klockner recebera instruções para interceptar toda a correspondência que circulasse no escritório do advogado.

Quando Trevor foi direto para casa depois de sair da cervejaria, as cinco cartas foram levadas para o apartamento do outro lado da rua, onde foram abertas, copiadas e depois fechadas de novo e recolocadas na sua pasta. Nenhuma das cinco era para Al Konyers.

Em Langley, Deville leu as cinco cartas quando elas chegaram por fax. Foram examinadas por peritos em grafologia, que concluíram que Percy e Ricky não eram uma e a mesma pessoa. Recorrendo a amostras extraídas dos seus ficheiros jurídicos, apuraram, sem grande esforço, que Percy era na realidade o ex-juiz Finn Yarber e que Ricky era o ex-juiz federal Hatlee Beech.

O endereço de Ricky era a caixa de Aladdin North, na estação dos correios de Neptune Beach. Para surpresa dos peritos, Percy servia-se de uma caixa postal em Atlantic Beach, alugada a uma empresa chamada Laurel Ridge.

DEZESSETE

Na sua visita seguinte a Langley, a primeira em três semanas, o candidato chegou numa caravana de carrinhas pretas reluzentes, todas a grande velocidade, mas quem se podia queixar? Passaram e foram autorizadas a embrenhar-se no complexo, até que pararam todas ao mesmo tempo junto de uma porta muito conveniente, onde eram aguardadas por vários jovens bem constituídos e de rosto solene. A carrinha de Lake aproximou-se do edifício, já sem a escolta. Por fim, Lake foi introduzido não no abrigo habitual, mas no gabinete formal de Mr. Maynard, de onde se avistava uma pequena floresta. Todas as outras pessoas ficaram à porta. A sós, os dois grandes homens trocaram um aperto de mão cordial e mostraram-se satisfeitos por se voltarem a ver.

Primeiro, os assuntos importantes.

– Parabêns pela Virginia – disse Teddy.

Lake encolheu os ombros, como se não estivesse seguro do que se passara.

– Agradeço-lhe, por muitos motivos.

– É uma vitória deveras impressionante, Mr. Lake – disse Teddy.

– O governador Tarry desenvolveu ali um trabalho árduo durante um ano. Há dois meses, tinha compromissos com todos os responsáveis pelos círculos eleitorais do estado. Parecia imbatível.

Agora, creio que está a desaparecer. Muitas vezes, é uma desvantagem ser o primeiro na corrida logo ao princípio.

– A energia é um animal estranho em política – observou Lake com um ar sábio.

– O dinheiro é ainda mais estranho. Neste preciso momento, o governador Tarry não consegue arranjar um cêntimo porque você apanhou tudo. O dinheiro acompanha de perto a energia.

– Tenho a certeza que direi isto muitas vezes, Mr. Maynard. O senhor deu-me uma oportunidade com a qual nem sonhava.

– Está a divertir-se? – Ainda não. Se vencermos, o gozo virá depois.

– O gozo começa na próxima terça-feira, Mr. Lake, com a grande Super Terça-feira. Nova Iorque, Califórnia, Massachusetts, Ohio, Georgia, Missouri, Maryland, Maine, Connecticut, tudo num só dia.

Quase seiscentos delegados! Os olhos de Teddy dançavam, quase como se pudesse contar os votos. – E o senhor vai à frente em todos os estados, Mr. Lake. Acredita? – Não, não consigo.

– É verdade. Está empatado no Maine, por qualquer motivo, e está perto na Califórnia, mas vai ganhar em força na próxima terça-feira.

– A acreditarmos nas sondagens – disse Lake, como se ele próprio não acreditasse nelas.

O fato era que, como todos os candidatos, Lake estava dependente das sondagens. Ia vencer na Califórnia, um estado com 140000 trabalhadores na indústria de defesa.

– Oh, eu acredito nelas. E acredito que se registre uma maioria esmagadora na próxima Super Terça-feira. Eles adoram-no no Sul, Mr. Lake. Adoram armas e um discurso duro, e neste momento, estão a apaixonar-se por Aaron Lake. Na próxima terça-feira será divertido, mas na seguinte será a orgia.

Teddy Maynard previa uma orgia, e Lake não pôde deixar de sorrir. As suas sondagens revelavam as mesmas tendências, mas a coisa parecia melhor vinda de Teddy. O homem pegou numa folha de papel e leu os

dados das sondagens mais recentes em todo o país. Lake ia pelo menos cinco pontos à frente em cada estado.

Durante alguns minutos, ambos se divertiram com as suas antecipações. Depois, Teddy fez-se muito sério.

– Há uma coisa que deve saber – disse ele, e o sorriso desapareceu. Folheou uma página e deu uma olhadela a uns apontamentos. – Há duas noites, na garganta de Khyber, nas montanhas do Afeganistão, um míssil russo de longo alcance, com ogivas nucleares, foi transportado de camião para o Paquistão. Vai agora a caminho do Irão, onde será utilizado sabe Deus para quê. O míssil tem um alcance de quatro mil e quinhentos quilômetros e capacidade para lançar quatro bombas nucleares. O preço foi de cerca de trinta milhões de dólares americanos, em dinheiro, pago à 142 cabeça pelos iranianos através de um banco no Luxemburgo. Ainda lá está, numa conta que se julga ser controlada pela gente do Natty Chenkov.

– Julguei que ele andava a armazenar e não a vender.

– Ele precisa de dinheiro e está a consegui-lo. Na realidade, talvez seja o único homem que conhecemos que consegue dinheiro mais depressa do que o senhor.

O humor não era o forte de Teddy, mas Lake riu, por delicadeza.

– O míssil está operacional? – perguntou Lake.

– Julgamos que sim. Provém de um grupo de silos nos arredores de Kiev, e pensamos que tanto o fabrico como o modelo sejam recentes. com tantos ao seu dispor, porque haviam os iranianos de comprar um dos antigos? Sim, é mais seguro partirmos do princípio de que está totalmente operacional.

– É o primeiro? – Têm sido enviados acessórios e plutónio para o Irão, Iraque, Índia e outros países, mas creio que este é o primeiro míssil totalmente montado e pronto a disparar.

– Estão ansiosos por utilizá-lo? -Não cremos. Aparentemente, a transação foi instigada pelo Chenkov. Ele precisa do dinheiro para comprar outro tipo de armas. Anda a vender as suas mercadorias, coisas de que não precisa.

– Os israelitas têm conhecimento disso? – Não. Ainda não. Deve ter cuidado com eles. Tudo se troca. Um dia, se precisarmos de qualquer coisa deles, talvez sejamos obrigados a falar-lhes desta transação.

Por instantes, Lake desejou ser já presidente. Queria saber tudo o que Teddy sabia, e depois percebeu que talvez isso nunca viesse a acontecer. Afinal, havia um presidente em exercício naquele momento, apesar de se encontrar no fim do último mandato, e Teddy não conversava consigo acerca de Chenkov e dos seus mísseis.

– O que pensam os russos da minha campanha? – perguntou.

– A princípio, não ficaram preocupados. Agora, estão muito atentos. Mas deve lembrar-se de que já não existe uma voz russa. Os mercados livres são-lhe favoráveis porque temem os comunistas. Os da linha dura estão assustados consigo. Isto é muito complexo.

– E o Chenkov?

– Tenho vergonha de dizer que não estamos assim tão perto dele, por enquanto. Mas estamos a trabalhar nisso. Dentro de pouco tempo, deveremos ter alguém por muito perto.

Teddy atirou os papéis para cima da secretária e aproximou a cadeira de rodas de Lake. As muitas rugas que tinha na testa acentuaram-se ainda mais. As sobrancelhas hirsutas caíram-lhe sobre os olhos tristes.

– Ouça, Mr. Lake – disse ele, com uma voz muito mais soturna. O senhor tem isto ganho.

Haverá um ou dois acidentes de percurso, coisas que não podemos prever, e, ainda que pudéssemos, não conseguiríamos evitá-los. Vamos expulsá-los juntos. Os danos serão ligeiros. O senhor é uma novidade total e as pessoas gostam de si. Está a fazer um trabalho excelente e a comunicar. Mantenha a simplicidade da mensagem – é a nossa segurança que está em risco, porque o mundo não é tão seguro como parece. Eu encarrego-me do dinheiro e mantenho o país assustado. Esse míssil na garganta de Khyber pode ser detonado por nós.

Morreriam cinco mil pessoas, cinco mil paquistaneses. As bombas nucleares explodiriam nas montanhas. Julga que acordaríamos preocupados com as cotações da bolsa? Nem pensar nisso. Eu encarrego-me do medo, Mr. Lake. Quanto ao senhor, mantenha-se atento e lute.

– Estou a lutar o mais que posso.

– Lute ainda mais, e nada de surpresas, está bem?

– Com certeza que não.

Lake não sabia ao certo o que ele entendia por «surpresas», mas deixou passar. Talvez fosse um pouco de sabedoria paternalista.

Teddy afastou-se outra vez. Carregou nos botões e baixou um ecrã do tecto. Passaram vinte minutos a ver curtas passagens da série seguinte de anúncios de Lake. Depois, despediram-se.

Lake partiu de Langley, com duas carrinhas à frente e uma atrás, para o Reagan National Airport, onde o jato o aguardava. Apetecia-lhe passar uma noite sossegada em Georgetown, em casa, onde o mundo ficava à distância, onde podia ler um livro sozinho, sem ninguém a ver nem a ouvir. Sentia a falta do anonimato das ruas, dos rostos sem nome, do padeiro árabe de M Street que fazia um pão excelente, do alfarrabista de Wisconsin, do café em que cozinhavam feijão africano. Alguma vez conseguiria voltar a andar pelas ruas, como uma pessoa normal, a fazer o que lhe apetecia? Algo lhe disse que não, que esse tempo acabara, talvez para sempre.

Quando Lake ia no avião, Deville entrou no abrigo e anunciou a Teddy que Lake chegara e partira sem tentar ir ver a caixa postal. Chegara a hora do resumo diário do «lixo de Lake».

Teddy estava a perder mais tempo do que tencionava, preocupado com o que o seu candidato poderia fazer a seguir.

As cinco cartas que Klockner e o seu grupo interceptaram a Trevor tinham sido rigorosamente examinadas. Duas tinham sido escritas por Yarber na qualidade de Percy; as outras três eram de Beech a fazer as vezes de Ricky. Os cinco indivíduos eram de estados diferentes. Quatro usavam nomes fictícios; um era suficientemente atrevido para não se esconder atrás de um pseudónimo. As cartas eram basicamente as mesmas: Percy e Ricky eram jovens com problemas que se encontravam em fase de reabilitação, tentando desesperadamente refazer as suas vidas, mas com necessidade de apoio moral e físico de novos amigos porque os antigos eram perigosos. Divulgavam livremente os seus pecados e defeitos, as suas fraquezas e os seus desgostos. Falavam sem nexos das suas vidas depois da reabilitação, das esperanças, dos sonhos e de todas as coisas que desejavam. Orgulhavam-se da pele bronzeada e dos músculos e pareciam ansiosos por mostrar os novos corpos fortalecidos aos seus parceiros.

Só numa carta é que se pedia dinheiro. Ricky pedia um empréstimo de mil dólares a um correspondente chamado Peter, de Spokane, Washington. Afirmava que precisava do dinheiro para fazer face a umas despesas que o tio se recusava a pagar.

Teddy lera as cartas mais do que uma vez. O pedido de dinheiro era importante porque começava a fazer luz sobre o joguinho dos Confrades. Talvez fosse apenas uma iniciativa trivial que alguém lhes ensinara, algum outro presidiário que cumprira a sua pena em Trumble e que planeava agora recomeçar a roubar.

Mas não era na dimensão das jogadas que estava o problema. Tratava-se de um jogo carnal – envolvia cinturas mais finas, peles bronzeadas e bíceps firmes – e o seu candidato estava metido nele.

Ainda havia algumas perguntas, mas Teddy era um homem paciente. Iriam manter-se atento à correspondência. As peças haviam de encaixar.

Com Spicer de guarda à porta da sala de reuniões e desafiando quem tencionasse usar a seção de Direito da biblioteca, Beech e Yarber despacharam a correspondência. Beech escreveu a Al Konyers: Caro Al, Obrigado pela tua última carta. Ter notícias tuas foi muito importante para mim. É como se vivesse numa gaiola há vários meses e começasse a ver a luz do dia a pouco e pouco. As tuas cartas ajudam a abrir a porta. Por favor, não deixes de escrever.

Desculpa se te incomodei com tantos assuntos pessoais. Respeito a tua privacidade e espero não ter feito demasiadas perguntas. Pareces ser um homem muito sensível, que gosta de solidão e das coisas requintadas da vida. Ontem à noite pensei em ti quando vi Paixões em Fúria, o velho filme com o Bogart e a Bacall. Quase saboreei a comida chinesa. A alimentação aqui é bastante boa, acho eu, mas eles não sabem fazer pratos chineses.

Tenho uma grande ideia. Daqui a dois meses, quando sair daqui, alugamos o Casablanca e a Rainha Africana, vamos comprar comida feita, arranjam uma garrafa de vinho sem álcool e passamos uma noite calma no sofá. Meu Deus, sinto-me entusiasmado só de pensar na vida lá fora e em fazer coisas a sério outra vez.

Desculpa se estou a andar demasiado depressa, Al. É que tenho passado sem muita coisa aqui, e não só sem o álcool e a boa comida. Percebes o que quero dizer? O lar em Baltimore aceita-me se eu conseguir arranjar um emprego qualquer a tempo parcial. Disseste que tinhas uns interesses na zona. Sei que estou a pedir muito porque não me conheces, mas consegues arranjar-me alguma coisa? Ficar-te-ei eternamente grato.

Por favor, escreve depressa, Al. As tuas cartas e as esperanças e os sonhos de sair daqui dentro de dois meses com um emprego lá fora é que me aguentam nos momentos mais difíceis.

Obrigado, amigo.

Beijos, Ricky A carta para Quince Garbe tinha um tom muito diferente. Beech e Yarber andavam de volta dela há vários dias. O rascunho final dizia o seguinte: Caro Quince, O teu pai é dono de um banco, mas tu dizes que só consegues arranjar mais dez mil dólares.

Acho que estás a mentir, Quince, e isso irrita-me. Sinto-me tentado a enviar o dossiê ao teu pai e à tua mulher.

Aceito vinte e cinco mil dólares, imediatamente, com as mesmas instruções de transferência.

E não ameaces com o suicídio. Não quero saber do que fazes. Nunca nos conheceremos, e acho que és um tipo mórbido.

Envia o maldito dinheiro, Quince, e já! Beijos, Ricky Klockner estava preocupado com a eventualidade de Trevor se deslocar a Trumble um dia antes do meio-dia e de expedir a correspondência algures no caminho, antes de regressar ao escritório ou a casa. Não era possível interceptá-la antes de chegar ao destino. Era imperativo que Klockner a recuperasse e a retivesse de um dia para o outro para eles a examinarem.

Estava preocupado, mas ao mesmo tempo Trevor nunca mais se despachava. Dava poucos sinais de vida antes da sesta das duas horas da tarde.

Por isso, quando informou a secretária de que iria a Trumble às onze da manhã, o apartamento do outro lado da rua entrou em ebulição. No escritório de Trevor foi imediatamente recebido um telefonema de uma tal Mrs. Beltrone, uma mulher de meia idade que explicou a Jan que ela e o marido rico precisavam muito de um divórcio rápido.

A secretária pediu-lhe que aguardasse e gritou a Trevor que esperasse um pouco. Trevor estava a tirar papéis da secretária e a enfiá-los na pasta. A câmara instalada no tecto, por cima dele, captou o seu ar contrariado por ter sido interrompido por um novo cliente.

– Ela diz que é rica – gritou Jan.

O ar carrancudo de Trevor desapareceu. Sentou-se e ficou à espera.

Mrs. Beltrone descarregou na secretária. Era a terceira mulher de um homem muito mais velho do que ela. Tinham uma casa em Jacksonville, mas passavam a maior parte do tempo na casa das Bermudas. Também tinham casa em Vail. Há algum tempo que tinham resolvido divorciar-se, combinado tudo, sem desavenças, muito amigavelmente, mas precisavam de um bom advogado que lhes tratasse da papelada. Tinham as melhores referências de Mr. Carson, mas precisavam de agir depressa por qualquer motivo não desvendado.

Trevor atendeu o telefone e ouviu a mesma história. Mrs. Beltrone estava sentada do outro lado da rua, no apartamento, e trabalhava a partir de um guião que a equipa preparara para a ocasião.

– Preciso mesmo de o ver – disse ela, depois de quinze minutos de confissão.

– Bem, eu estou ocupadíssimo – disse Trevor, como se folheasse meia-dúzia de agendas.

Mrs. Beltrone estava a observá-lo no monitor. O homem tinha os pés em cima da secretária, estava de olhos fechados e tinha o lacinho torto. A vida de um advogado ocupadíssimo.

– Por favor – suplicou ela. – Precisamos de acabar com isto. Tenho de o ver hoje.

– Onde está o seu marido? – Está em França, mas chega amanhã.

– Bem, vamos ver-disse Trevor entredentes, brincando com o lacinho.

– Quais são os seus honorários? – perguntou ela. Trevor abriu os olhos.

– Bem, como é óbvio, isto é mais complicado. Serei obrigado a cobrar dez mil dólares.

Trevor fez um esgar ao pronunciar estas palavras e susteve o fôlego enquanto esperava pela resposta.

– Levo-lhos hoje – disse ela. – Posso encontrar-me consigo ao meio-dia? Trevor levantou-se, agarrado ao telefone.

– E se fosse à uma e meia? – disse ele a custo.

– Lá estarei.

– Sabe onde fica o meu escritório? – O meu motorista descobre. Obrigada, Mr. Carson. Trate-me por Trevor, ia ele a dizer.

Mas ela desligara.

Viram-no torcer as mãos, bater com os punhos, cerrar os dentes e exclamar: – Boa! Apanhara peixe graúdo.

Jan apareceu à porta e perguntou: – Então? – Ela está aqui à uma e meia. Dê uma limpeza a isto.

– Eu não sou mulher-a-dias. Pode adiantar-me algum dinheiro? Preciso de pagar as contas.

– Eu arranjo o maldito dinheiro.

Trevor atacou as estantes, endireitando livros em que não tocava há anos, limpando a madeira com uma toalha de papel, enfiando dossiês em gavetas. Quando chegou à secretária, Jan sentiu uma ponta de remorso e começou a aspirar a recepção.

Trabalharam durante a hora de almoço, e a azáfama de ambos provocou a hilaridade do outro lado da rua.

À uma e meia, não havia sinais de Mrs. Beltrone.

– Onde diabo está ela? – ladrou Trevor no corredor, pouco depois das duas horas.

– Talvez ande à procura de mais algumas referências – disse Jan.

– O que é que você disse? – berrou ele.

– Nada, patrão.

– Telefone-lhe – pediu ele às duas e meia.

– Ela não deixou nenhum número – Não conseguiu o número?

– Não foi isso que eu disse. Disse que ela não deixou nenhum número. Às três e meia, Trevor saiu do escritório, furioso, tentando desesperadamente manter o seu ponto de vista numa discussão violenta com uma mulher que despedira pelo menos dez vezes nos últimos oito anos.

Seguiram-no até Trumble. Trevor demorou-se quarenta e cinco minutos na prisão e, quando saiu, passava das cinco – era demasiado tarde para deixar correspondência quer em Neptune Beach quer em Atlantic Beach. Regressou ao escritório e deixou a pasta em cima da secretária. Em seguida, como era de prever, foi beber e jantar ao Pete's.

DEZOITO

A equipa de Langley foi de avião para Dês Moines, onde os agentes alugaram dois automóveis e uma carrinha. Quarenta minutos mais tarde, estavam em Bakers, Iowa.

Chegaram à cidadezinha tranquila e cercada pela neve dois dias antes da carta. Quando Quince a foi buscar à estação dos correios, sabiam o nome do chefe dos correios, do presidente da Câmara, do chefe da polícia e do cozinheiro da loja de crepes ao lado da loja de ferragens. Mas ninguém os conhecia em Bakers.

Viram Quince dirigir-se ao banco, apressado, depois de sair dos correios. Meia hora depois, dois agentes conhecidos apenas por Chap e Wes chegaram ao recanto em que ficava o gabinete de Mr. Garbe Jr. e apresentaram-se à secretária como agentes da Reserva Federal.

Tinham um aspecto formal – fatos de cor escura, sapatos pretos, cabelo curto, sobretudos compridos, discurso moderado e modos eficientes.

Quince estava lá dentro, fechado à chave, e a princípio mostrou-se renitente em sair. Os homens sublinharam à secretária a urgência da visita e, cerca de quarenta minutos depois, a porta entreabriu-se. Mr. Garbe parecia ter estado a chorar. Estava pálido, abatido e infeliz com a perspectiva de aturar fosse quem fosse. Mas recebeu-os, demasiado nervoso para lhes pedir a identificação. Nem sequer fixou os seus nomes.

Sentou-se do outro lado da secretária maciça e olhou para os dois gémeos que tinha na sua frente.

– Em que lhes posso ser útil? – perguntou ele, com um sorriso muito tênue.

– A porta está fechada à chave? – perguntou Chap.

– Sim, está.

Os gémeos ficaram com a impressão de que Mr. Garbe passava a maior parte dos dias fechado à chave.

– Alguém nos pode ouvir? – perguntou Wes.

– Não.

Quince ficou ainda mais agitado.

– Não somos funcionários do banco central-disse Chap.-Mentimos.

Quince não sabia se havia de ficar zangado ou aliviado, ou até mais assustado. Por isso, deixou-se ficar sentado, de boca aberta, imóvel, à espera que o fulminassem.

– É uma longa história – disse Wes.

– Têm cinco minutos.

– Na realidade, temos o tempo que quisermos.

– Este é o meu gabinete. Saiam.

– Não tenha pressa. Nós sabemos umas coisas.

– vou chamar a segurança.

– Não, não vai.

– Nós vimos a carta – disse Chap. – Aquela que você foi buscar aos correios.

– Fui buscar várias.

– Mas só uma do Ricky.

Quince deixou descair os ombros e fechou os olhos lentamente.

Depois, abriu-os de novo e fitou os dois carrascos, com um ar totalmente derrotado.

– Quem são vocês? – perguntou em voz baixa. – Não somos inimigos.

– Trabalham para ele, não é verdade? – Para ele? – Para o Ricky, ou lá quem ele é.

– Não – respondeu Wes. – Ele também é nosso inimigo. Digamos apenas que temos um cliente que está no mesmo barco em que você está, mais ou menos. Fomos contratados para o proteger.

Chap tirou um envelope grosso da algibeira do casaco e atirou-o para cima da secretária.

– Aí estão vinte e cinco mil dólares em dinheiro. Envie-os ao Ricky. Quince ficou a olhar para o envelope, boquiaberto. O seu pobre cérebro estava sufocado com tantos pensamentos que o estonteava. Fechou os olhos outra vez e entreabriu-os, num esforço vão para organizar as coisas. Esqueceu a pergunta acerca da identidade dos seus interlocutores. Como é que tinham lido a carta? Porque lhe ofereciam dinheiro? O que sabiam exatamente? Tinha a certeza de que não podia confiar neles.

– O dinheiro é seu – disse Wes. – Em troca, precisamos de umas informações.

– Quem é o Ricky? – perguntou Quince, com os olhos semicerrados.

– O que pretende saber acerca dele? – perguntou Chap.

– O nome dele não é Ricky.

– É verdade. > – Ele está na prisão.

– É verdade – disse Chap outra vez. – Ele diz que tem mulher e filhos.

– Em parte, é verdade. A mulher já não lhe pertence. Os filhos ainda são dele.

– Diz que não tem nada, e que é por isso que anda a esfolar as pessoas.

– Não exatamente. A mulher é bastante rica e os filhos foram atrás do dinheiro. Não sabemos ao certo por que motivo anda ele a esfolar as pessoas.

– Mas gostaríamos que ele acabasse com isso – acrescentou Chap.

– Precisamos da sua ajuda.

De repente, pela primeira vez na sua vida, Quince percebeu que, ao fim de cinquenta e um anos, estava na presença de duas pessoas que sabiam que ele era homossexual. A consciência da situação aterrou-o. Por instantes, apeteceu-lhe negar, inventar uma história acerca da maneira como conhecera Ricky, mas faltou-lhe a imaginação. Estava demasiado assustado para se inspirar.

Depois, apercebeu-se que aqueles dois homens, fossem eles quem fossem, podiam destruí-lo. Conheciam o seu pequeno segredo e tinham poder para arruinar a sua vida.

E ofereciam-lhe vinte e cinco mil dólares em dinheiro? O pobre Quince tapou os olhos com os nós dos dedos e perguntou: – O que pretendem? Chap e Wes julgaram que ele ia desatar a chorar. Não se preocuparam muito, mas não havia necessidade disso.

– Aqui está o acordo, Mr. Garbe – disse Chap. – O senhor aceita o dinheiro que está em cima da sua secretária e conta-nos tudo acerca do Ricky. Mostra-nos as suas cartas. Mostra-nos tudo. Se tiver um dossiê, um cofre, ou um sítio secreto onde tenha escondido tudo, gostaríamos de ver. Depois de recolhermos tudo aquilo de que precisamos, vamos embora. Desaparecemos tão depressa como chegamos, e o senhor nunca saberá quem somos nem quem estamos a proteger.

– E guardam os segredos? – Absolutamente.

– Não temos motivos para falar de si a ninguém – acrescentou Wes.

– Podem obrigá-lo a acabar com isto?-perguntou Quince, olhando-os fixamente.

Chap e Wes calaram-se e olharam um para o outro. Até aí, as suas respostas tinham sido perfeitas, mas esta pergunta não tinha uma resposta clara.

– Não podemos prometer, Mr. Garbe – respondeu Wes.-Mas vamos fazer o possível por afastar esse tal Ricky do negócio. E, como dissemos, ele também anda a incomodar o nosso cliente.

– Têm de me proteger nisto.

– Faremos tudo o que pudermos.

De repente, Quince levantou-se e inclinou-se para a frente com as mãos espalmadas em cima da secretária. Não tocou no dinheiro e deu alguns passos na direção de uma velha estante envidraçada cheia de livros gastos e com as lombadas a descascar. Abriu-a com uma chave e, com outra, abriu um pequeno cofre escondido na segunda prateleira a contar do chão. com cuidado, retirou um dossiê fino, do tamanho de uma carta, e colocou-o junto do envelope com o dinheiro.

No preciso momento em que ele abria o dossiê, ouviu-se uma voz agressiva e aguda no intercomunicador: – Mr. Garbe, o seu pai gostaria de falar consigo imediatamente. Quince endireitou-se, horrorizado, empalideceu subitamente e fez um esgar de pânico.

– Hum, diga-lhe que estou numa reunião – respondeu, tentando mostrar-se firme mas denunciando que estava a mentir desesperadamente.

– Diga-lhe o senhor – disse a voz de mulher, e o intercomunicador desligou-se com um estalido.

– Desculpem – disse ele, tentando sorrir.

Pegou no auscultador do telefone, marcou três números e virou as costas a Wes e Chap, talvez para eles não ouvirem a conversa.

– Papá, sou eu. O que há? – perguntou, de cabeça baixa. Seguiu-se uma longa pausa, enquanto o velho lhe enchia os ouvidos. Depois: – Não, não, eles não são da Reserva Federal. São, hum, são uns advogados de Dês Moines.

Representam a família de um antigo colega meu da faculdade. Só isso.

uma pausa mais curta.

– Hum, Franklin Delaney, o papá não se deve lembrar dele. Ele morreu há quatro meses, sem testamento, uma grande confusão. Não, papá, isto não tem nada a ver com o banco.

Desligou. A mentira não fora má. A porta estava fechada à chave, Isso é que era importante.

Wes e Chap levantaram-se e aproximaram-se ao mesmo tempo da extremidade da secretária. Inclinarão-se quando Quince abriu o dossiê. A primeira coisa em que repararam foi na fotografia, presa com um clip ao interior da capa. Wes tirou-a com cuidado e perguntou: – Este é que é o Ricky? – É ele – respondeu Quince, envergonhado, mas decidido a ir até ao fim.

– É um jovem bem parecido – disse Chap, como se estivessem a admirar as páginas centrais da Playboy. Todos se sentiram pouco à vontade.

– Vocês sabem quem é o Ricky, não sabem? – perguntou Quince.

– Sabemos.

– Então digam-me.

– Não, isso não faz parte do acordo.

– Porque não me podem dizer? Estou a dar-vos tudo o que pretendem.

– Não foi isso que combinamos.

– Eu quero matar esse patife.

– Descontraia-se, Mr. Garbe. Nós fizemos um acordo. O senhor fica com o dinheiro, nós ficamos com o dossiê e ninguém se magoa. – Voltemos ao princípio – disse Chap, olhando para o homenzinho frágil e sofredor sentado na cadeira enorme. – Como é que tudo começou? Quince afastou alguns papéis à volta do dossiê e pegou numa revista.

– Comprei isto numa livraria de Chicago – disse ele, fazendo-a deslizar para eles a verem.

O título era Out and About, e autodescrevia-se como uma publicação destinada a homens maduros com estilos de vida alternativos. Quince deixou-os ver a capa e depois folheou a revista até chegar às últimas páginas. Wes e Chap não tentaram tocar-lhe, mas não tiraram os olhos dela. Muito poucas fotografias e uma profusão de texto em letra pequena.

Não se tratava de pornografia.

Na página 46 havia uma pequena seção de anúncios pessoais. Um deles estava assinalado com um círculo vermelho. Dizia o seguinte: JOVEM DE 20 E TAL ANOS PROCURA CAVALHEIRO SIMPÁTICO E DISCRETO DE 40 OU 50 ANOS PARA CONVÍVIO Wes e Chap inclinaram-se mais para ler e depois endireitaram-se ao mesmo tempo. – Então respondeu a este anúncio? – perguntou Chap.

– Respondi. Enviei um bilhete e duas semanas depois tive notícias do Ricky.

– Tem uma fotocópia do seu bilhete? – Não. Não fiz fotocópias das minhas cartas. Não deixei nada neste gabinete. Tinha medo de fazer fotocópias aqui.

Wes e Chap franziram o sobrolho, incrédulos e muito desapontados. com que tipo de idiota é que estavam ali a falar? – Lamento – disse Quince, tentado a agarrar no dinheiro antes que eles mudassem de ideias. Continuando, tirou a primeira carta de Ricky e atirou-a aos dois homens. ; – Pouse-a, apenas – disse Wes.

Ambos se inclinaram sem tocar na carta. Liam muito devagar, reparou Quince, e com uma concentração incrível. A sua mente estava a começar a desanuviar-se e surgiu um lampejo de esperança. Como era bom ter o dinheiro e não se preocupar com outro maldito empréstimo, com outro chorrilho de mentiras para apagar os vestígios do seu ato. E agora tinha aliados, Wes e Chap, que estavam ali, e sabe Deus mais quem a trabalhar contra o Ricky. O seu ritmo cardíaco abrandou um pouco e a respiração não era tão ofegante.

– A carta seguinte, por favor – disse Chap.

Quince apresentou-lhas sequencialmente, uma a uma, três de cor cinzenta, uma azul-clara e uma amarela, todas escritas na monótona letra de imprensa de alguém com o tempo por sua conta. Quando acabavam de ler uma página, Chap tinha o cuidado de passar à seguinte com uma pinça. Os dedos deles não tocavam em nada.

O que havia de estranho nas cartas era o fato de serem tão credíveis, segredaram Chap e Wes um ao outro muito mais tarde. Ricky estava magoado, torturado e muito necessitado de alguém com quem falar. Era digno de compaixão. E tinha esperança, porque o pior passara para ele, que dentro de pouco tempo seria livre de procurar novas amizades.

Escrevia muito bem! Depois de um silêncio ensurdecedor, Quince disse: – Preciso de fazer um telefonema.

– A quem? – É um assunto profissional.

Wes e Chap olharam um para o outro sem saberem o que haviam de fazer e depois concordaram com um aceno de cabeça. Quince levou o telefone para a sua credencia e observou Main Street enquanto falava com outro banqueiro.

A dada altura, Wes começou a tomar apontamentos, sem dúvida preparando-se para o interrogatório cruzado que se seguiria. Quince, oculto pela estante, tentava ler um jornal, tentava ignorar os apontamentos. Agora estava calmo, pensava com a clareza possível e maquinava o passo seguinte, aquele que daria assim que aqueles matulões o deixassem em paz.

– Enviou-lhe um cheque de cem mil dólares? – perguntou Chap.

– Enviei.

Wes, o mais austero dos dois, olhou para ele com desprezo, como se dissesse: «Que idiota!» Os dois homens continuaram a ler, tiraram mais alguns apontamentos e disseram qualquer coisa um ao outro em voz baixa.

– Quanto dinheiro é que o seu cliente enviou?-perguntou Quince, num impulso.

Wes fez um ar ainda mais severo e respondeu: – Não podemos dizer.

Quince admirou-se. Os rapazes não tinham sentido de humor. Uma hora depois, sentaram-se e Quince instalou-se na sua cadeira de banqueiro.

– Apenas duas perguntas – disse Chap, e Quince percebeu que ficariam ali a conversar durante mais uma hora.

– Como é que você reservou o cruzeiro para homossexuais? – Está aqui na carta. Esse mafioso deu-me o nome e o número de uma agência de viagens em Nova Iorque. Eu telefonei e depois enviei uma ordem de pagamento. Foi fácil.

– Fácil? Já tinha feito o mesmo alguma vez? – Estamos aqui para falar da minha vida sexual? – Não.

– Então, limitemo-nos aos assuntos.

Quince pronunciou estas palavras como o ar de um perfeito idiota, e sentiu-se bem outra vez. Por instantes, foi a costela de banqueiro que

prevaleceu nele. Depois, pensou numa coisa a que não conseguiu resistir. Muito sério, disse: – O cruzeiro está pago. Vocês querem ir? 156
Felizmente, os homens riram-se. Foi um rápido lampejo de humor, mas voltaram ao trabalho. Chap perguntou: – Pensou na hipótese de usar um pseudônimo? – Sim, evidentemente. Fui estúpido em não o fazer. Mas nunca tinha feito uma coisa destas. Julguei que o tipo era sério. Ele está na Florida, e eu estou em Podunk, Iowa. Nunca me passou pela cabeça que fosse um vigarista.

– Vamos precisar de fotocópias de tudo isto – disse Wes.

– Isso pode ser um problema.

– Porquê? – Onde é que vocês iriam tirar as fotocópias? – O banco não tem uma fotocopiadora? – Tem, mas não vão fotocopiar esse dossiê neste banco.

– Então levamo-lo a um estabelecimento qualquer em que se tirem fotocópias rápidas.

– Estamos em Bakers. Não temos cá nenhum estabelecimento desses.

– Não há nenhuma loja de artigos de escritório? . – Há, e o dono deve oitenta mil dólares ao meu banco. É meu colega no Clube dos Rotários. Vocês não vão lá tirar fotocópias. Eu não serei visto com esse dossiê.

Chap e Wes olharam um para o outro e depois para Quince. Wes disse: – Está bem. Eu fico aqui. O Chap leva o dossiê e vai à procura de uma fotocopiadora.

– Aonde?

– Na farmácia – respondeu Wes.

– Deram com a farmácia?

– Claro. Precisávamos de uma pinça.

– Essa fotocopiadora tem vinte anos.

– Não, eles têm uma nova.

– Tenha cuidado, ouviu? A farmacêutica é segunda prima da minha secretária. Esta terra é muito pequena.

Chap pegou no dossiê e encaminhou-se para a porta. Esta deu um estalido sonoro quando ele deu a volta à chave e, assim que saiu, Chap ficou imediatamente sujeito a um exame cerrado. Junto da secretária, agrupavam-se mulheres mais velhas sem fazer nada. Quando Chap

apareceu, imobilizaram-se e fitaram-no com um ar estúpido. O velho Mr. Garbe não andava longe, com um livro de contabilidade na mão, a fingir que estava muito ocupado, mas morto de curiosidade. Chap cumprimentou toda a gente com um gesto de cabeça e esgueirou-se, passando virtualmente por todos os empregados do banco.

A porta voltou a fechar-se com ruído e Quince deu a volta à chave antes que alguém entrasse. Durante alguns minutos Wes e ele mantiveram uma conversa incômoda, que às vezes morria por falta de assunto. Fora o sexo proibido que os aproximara, e era óbvio que tinham de evitar o tema. A vida em Bakers tinha pouco interesse. Quince não podia perguntar nada acerca do passado de Wes.

Por fim, disse: – O que vou dizer na minha carta ao Ricky?

Wes entusiasmou-se logo com a ideia.

– Bem, eu começaria por esperar. Espere um mês. Deixe-o suar. Se se apressar a responder e depois lhe mandar o dinheiro, ele pode pensar que foi muito fácil.

– E se ele se irrita?

– Isso não vai acontecer. Tem muito tempo e quer o dinheiro.

– Vocês vêem toda a correspondência dele?

– Estamos convencidos de que temos acesso à maior parte. Quince estava cheio de curiosidade. Na companhia de um homem que conhecia o seu segredo mais profundo, sentia-se acicatado.

– Como é que o vão obrigar a parar? E Wes, sem perceber porquê, respondeu simplesmente: – Talvez o matem.

Uma paz enorme irradiou do olhar de Quince Garbe, um brilho quente e apaziguador que se espalhou pela sua fisionomia torturada. As rugas atenuaram-se. A boca abriu-se num sorrisinho. Afinal, a sua herança estava salva e, quando o velho desaparecesse e o dinheiro fosse seu, Quince fugiria daquela vida e viveria como lhe apetecesse.

– Muito bem – disse ele em voz baixa. – Formidável.

Chap levou o dossiê para o quarto de um motel, onde uma fotocopadora a cores o aguardava com outros membros da equipa. Foram feitos três jogos, e meia-hora depois Wes estava de volta ao banco. Quince inspecionou os originais; estava tudo em ordem. Teve o cuidado de voltar a fechar à chave o dossiê e depois disse aos seus visitantes: – Creio que chegou o momento de se irem embora.

Os dois homens saíram sem trocar apertos de mão nem os habituais cumprimentos de despedida. O que havia a dizer? Um jato particular aguardava-os no aeroporto local, cuja pista era mesmo à justa. Três horas depois de abandonarem Quince, Chap e Wes chegaram a Langley. A sua missão fora um sucesso retumbante.

Conseguiram um resumo da conta do Geneva Trust Bank graças a um suborno de quarenta mil dólares a um funcionário bancário das Bahamas, um homem a quem já tinham recorrido. A Boomer Realty apresentava um saldo de cento e oitenta e nove mil dólares. O advogado tinha cerca de sessenta e oito mil dólares na sua conta. No resumo figuravam todos os movimentos – o dinheiro depositado e as somas levantadas. A equipa de Deville tentava desesperadamente identificar os ordenadores das transferências. Sabiam que Mr. Garbe utilizara um banco em Dês Moines e que fora efetuada outra transferência de cem mil dólares de um banco em Dallas. No entanto, não conseguiam descobrir quem ordenara essa transferência.

Estavam a investigar em muitas frentes quando Teddy chamou Deville ao abrigo. York estava junto dele. A mesa estava repleta de cópias do dossiê de Garbe e dos extratos do banco.

Deville nunca vira o seu chefe tão desanimado. York também tinha pouco a dizer. Era ele que aturava os ataques de mau humor de Lake, apesar de este se acusar a si próprio.

– Conte-me as últimas – disse Teddy em voz baixa. Deville nunca se sentava quando estava no abrigo.

– Continuamos atrás do dinheiro. Entramos em contato com a revista Out and About. É publicada em New Haven por uma empresa muito pequena, e não sei se conseguiremos entrar lá dentro. O nosso contato nas Bahamas está de sobreaviso e saberemos se e quando forem recebidas transferências. Temos uma equipa pronta a fazer uma busca aos gabinetes do Lake no Capitólio, mas isso é um grande risco. Não estou otimista. Temos vinte pessoas em campo em Jacksonville.

– Quantos dos nossos é que andam atrás do Lake?

– Passamos de trinta para cinquenta.

– Ele tem de ser vigiado. Não podemos virar as costas. Não é a pessoa que julgávamos e, se o perdermos de vista uma hora que seja, pode enviar uma carta ou comprar outra revista.

- Sabemos disso. Estamos a fazer o melhor que podemos.
- Esta é a nossa primeira prioridade doméstica.
- Eu sei.
- E se arranjássemos alguém dentro da prisão? – perguntou Teddy.

Era uma ideia nova que York congeminava há meia hora.

Deville esfregou os olhos e roeu as unhas por instantes. Depois respondeu: – vou trabalhar nisso. Teremos de puxar alguns cordelinhos que nunca puxamos.

- Quantos prisioneiros há no sistema federal? – perguntou York.
- Cento e trinta e cinco mil, mais coisa menos coisa – respondeu

Deville.

- Com certeza que nos podemos meter noutra, não podemos?
- Vou averiguar.

– Temos contatos no Gabinete das Prisões?

– É território novo, mas estamos a trabalhar nele. Estamos a servir-nos de um velho amigo na Justiça. Estou otimista.

Deville deixou-os durante algum tempo. Voltou a ser chamado daí a uma hora, mais ou menos. York e Teddy tinham mais uma lista de perguntas, ideias e recados para ele.

– Não me agrada a ideia de revistar o gabinete dele no Capitólio disse York.

– É muito arriscado. E, além disso, levaria uma semana. Aqueles tipos têm milhares de dossiês.

– A mim também não – disse Teddy em voz baixa.

– Vamos dizer à nossa equipa dos Documentos que escreva uma carta do Ricky para o Lake. Expedimos o envelope, acompanhamo-lo e talvez ele nos conduza ao dossiê dele.

– É uma excelente ideia. Diga ao Deville.

York tomou apontamentos num bloco já cheio de muitos outros, quase todos riscados. Fez rabiscos para passar o tempo e depois fez a pergunta que estivera a guardar: – Vai confrontá-lo?

– Por enquanto não.

– Quando?

– Talvez nunca. Vamos recolher as informações, apurar tudo o que pudermos. Ele parece estar muito calmo quanto à sua outra vida, que

talvez tenha começado depois da morte da mulher. Quem sabe? Talvez mantenha a discrição.

– Mas ele tem de saber que o senhor sabe. Caso contrário, pode aproveitar outra oportunidade. Se souber que andamos sempre a vigiá-lo, vai se portar bem. Talvez.

– Entretanto, o mundo transforma-se num inferno. Compram-se, vendem-se e passam-se armas nucleares às escondidas pelas fronteiras. Acompanhamos sete pequenas guerras e há mais três no horizonte. Só no mês passado, surgiram doze novos grupos terroristas. No Médio Oriente, há maníacos a formar exércitos e a açambarcar petróleo. E nós estamos aqui sentados, horas e horas, a conspirar contra três juizes desonestos que talvez estejam a jogar às cartas neste preciso momento.

– Eles não são estúpidos – disse York.

– Não, mas são desajeitados. As redes deles apanharam a pessoa errada.

– Creio que nós é que apanhamos a pessoa errada.

– Não, foram eles.

DEZENOVE

O memorando do supervisor regional do Gabinete das Prisões em Washington chegou por fax. Era dirigido a Mr. Emmitt Broon, o diretor de Trumble. Em linguagem concisa mas vulgar, o supervisor afirmava que passara em revista os registos de Trumble e estava preocupado com o número de visitas de um tal Trevor Carson, advogado de três reclusos.

Carson chegara ao ponto de figurar no livro de registos quase todos os dias.

Apesar de todos os reclusos terem o direito, consignado na Constituição, de se encontrarem com os seus advogados, a prisão tinha igualmente o poder de regular a circulação. com efeitos imediatos, as visitas advogado-cliente ficariam limitadas às terças, quintas e sábados, entre as três e as seis horas da tarde. Seriam abertas exceções para casos considerados justificáveis.

A nova política vigoraria por um período de noventa dias, após o que seria revista.

Pelo diretor, tudo bem. Também ele começara a desconfiar das visitas quase diárias de Trevor. Perguntara na recepção e os guardas não conseguiram determinar qual era exatamente a natureza de todo aquele apoio jurídico. Link, o guarda que em geral acompanhava Trevor à sala de reuniões e metia ao bolso duas notas de vinte dólares por cada visita, disse ao diretor-adjunto que o advogado e Mr. Spicer falavam de processos, de recursos e de coisas no gênero.

– Apenas um punhado de tretas legais – disse Link.

– E você revista-lhe sempre a pasta? – perguntara o diretor.

– Sempre – respondera Link.

Por delicadeza, o diretor ligara o número de Mr. Trevor Carson, em Neptune Beach.

Atendera o telefone uma mulher que dissera num tom desabrido: – Escritório de advogados. •>• – Mr. Trevor Carson, por favor.

– Quem fala?

– Emmitt Broon.

– Bem, Mr. Broon, ele está a dormir.

– Compreendo. Não o pode acordar? Sou o diretor da prisão federal de Trumble e preciso de falar com ele.

– Espere um momento.

Broon esperou muito tempo, e quando a mulher voltou disse: – Desculpe. Não consegui acordá-lo. Ele pode telefonar-lhe mais tarde?

– Não, obrigado. Eu envio um fax.

A ideia de uma outra fraude foi de York, quando jogava golfe num domingo. À medida que o jogo avançava e as bolas caíam na relva de vez em quando, mas com mais frequência na areia e nas árvores o plano germinava até atingir o brilhantismo. York abandonou os companheiros depois de catorze buracos e telefonou a Teddy.

Ficariam a saber qual era a tática dos adversários. E conseguiriam distrair as atenções de Al Konyers. Não tinham nada a perder.

A carta foi concebida por York e passada a um dos maiores especialistas em falsificações dos Documentos. O parceiro foi baptizado com o nome de Brant White e o primeiro bilhete foi escrito à mão, num cartão branco e liso mas caro.

Caro Ricky, Vi o teu anúncio e gostei. Tenho cinquenta e cinco anos, estou em grande forma e ando à procura de um amigo para conviver. Eu e a , minha mulher compramos uma casa há pouco tempo em Palm Valley, não muito longe de Neptune Beach. Daqui a duas semanas vamos para lá e tencionamos ficar durante dois meses.

Se estiveres interessado, manda uma fotografia. Se gostar do que vir, dou mais pormenores.

; Brant No remetente lia-se Brant, Caixa Postal 88645, Upper Darby, PA.

Para poupar dois ou três dias, os Documentos apuseram um carimbo de Filadélfia e a carta foi de avião para Jacksonville, onde o agente Klockner a depositou pessoalmente na caixinha de Aladdin North, na estação dos correios de Neptune Beach. Era segunda-feira.

No dia seguinte, depois da sesta, Trevor foi buscar a correspondência e saiu de Jacksonville, rumando a oeste pela já familiar estrada para Trumble. Foi recebido pelos mesmos guardas, Mackey e Vince, à porta principal, e assinou o mesmo livro de registos que Rufus lhe pôs à frente. Seguiu Link até chegar à zona dos visitantes e a um canto onde Spicer o esperava, numa das pequenas salas de reuniões.

– Andam em cima de mim – disse Link assim que entraram na sala. Spicer não levantou a cabeça. Trevor deu duas notas de vinte a Link, que as agarrou numa fração de segundo.

– Quem? – perguntou Trevor, abrindo a pasta. Spicer estava a ler o jornal.

– O diretor.

Com os diabos, ele já me cortou nas visitas. O que mais quer ele? – Não percebe? – perguntou Spicer, sem baixar o jornal. – O Link está aborrecido porque não recebe mais. Não é, Link? – Vocês têm esse direito. Não sei que negócio é que fazem aqui, mas se for apertado nas minhas inspeções, ficam em apuros, não ficam? – Você está a ser bem pago – disse Trevor.

– Isso é o que você julga.

– Quanto é que queres mais? – perguntou Spicer, olhando fixamente para o guarda.

– Mil por mês, em dinheiro – respondeu ele, olhando para Trevor.

– vou buscá-lo ao seu escritório.

– Mil dólares por mês e a correspondência não é verificada – disse Spicer.

– Sim.

– E nem uma palavra a ninguém.

– Sim. – Está combinado. E agora, fora daqui.

Link sorriu a ambos e saiu da sala. Tomou posição do lado de fora da porta e de vez em quando espreitava pela janela, por causa das câmaras de circuito fechado.

Lá dentro, a rotina não sofreu grandes alterações. A troca de correspondência veio em primeiro lugar e demorou apenas um segundo. De um dossiê castanho já gasto, que era sempre o mesmo, Joe Spicer Roy tirou as cartas a expedir e deu-as a Trevor, que tirou a correspondência recebida da pasta e a entregou ao seu cliente.

Havia seis cartas para expedir. Havia dias em que chegavam a ser dez, mas raramente eram menos do que cinco. Apesar de Trevor não guardar registos, nem cópias nem documentos num dossiê que provassem que tinha algo a ver com a pequena fraude dos Confrades, sabia que devia haver vinte ou trinta potenciais vítimas a serem enganadas. Reconheceu alguns nomes e endereços.

Vinte e uma, para ser exato, segundo os registos precisos de Spicer. Vinte e uma hipóteses sérias, e mais dezoito marginais. Quase quarenta tipos que se escondiam nos seus armários, uns assustados com a própria sombra, outros mais arrojadados, e ainda outros que estavam prestes a bater com a porta para irem ao encontro de Ricky ou de Percy.

A dificuldade estava em ser paciente. O esquema estava a resultar, o dinheiro estava a mudar de mãos e a tentação consistia em espremê-los demasiado depressa. Beech e Yarber revelavam-se incansáveis. Passavam horas a escrever as suas cartas, enquanto Spicer dirigia as operações. Era preciso disciplina para pescar um novo parceiro que tivesse dinheiro, e depois obrigá-lo com palavras bonitas a ganhar a sua confiança.

– Não temos qualquer coisa a receber? – perguntou Trevor. Spicer folheava as suas novas cartas.

– Não me diga que está falido – disse ele. – Você está a ganhar muito mais do que nós.

– O meu dinheiro está depositado como o seu. Só gostaria de ter mais um pouco.

– Também eu.

Spicer olhou para o envelope de Brant, em Upper Darby, Pennsylvania.

– Ah, um novo – disse em voz baixa e depois abriu-o.

Leu o bilhete à pressa e ficou admirado com o tom. Sem medo, sem palavras inúteis, sem espreitadelas à esquina. Aquele homem estava preparado para a ação.

– Onde é Palm Valley? – perguntou.

– Quinze quilômetros a sul das praias. Porquê?

– Que tipo de sítio é?

– É uma das comunidades de golfe reservadas a reformados ricos, quase todos do Norte.

– A como são as casas? – Bem, nunca lá estive. Eles têm o maldito portão fechado e há guardas por todo o lado, como se alguém pudesse entrar à força e roubar os carrinhos de golfe, mas...

– A como são as casas?

– Nada menos do que um milhão. Vi duas anunciadas por três milhões.

– Espere aí – disse Spicer, pegando no dossiê e encaminhando-se para a porta.

– Aonde vai? – perguntou Trevor.

– À biblioteca. Volto daqui a meia hora.

– Eu tenho que fazer.

– Não, não tem. Leia o jornal.

Spicer disse qualquer coisa a Link, que atravessou com ele a zona das visitas e o acompanhou ao edifício da administração. Caminhava depressa pelos terrenos bem tratados. O sol estava quente e os jardineiros ganhavam os seus cinquenta cêntimos à hora.

O mesmo acontecia com os responsáveis pela biblioteca. Beech e Yarber estavam escondidos na sua pequena sala de reuniões, a fazer intervalo dos seus escritos com um jogo de xadrez, quando Spicer entrou de rompante, com um sorriso encaraterístico.

– Rapazes, finalmente apanhamos peixe graúdo – disse, atirando a carta de Brant para cima da mesa.

Beech leu-a em voz alta.

– Palm Valley é uma comunidade de golfe para gente rica – explicou Spicer, orgulhoso. – Tem casas que chegam a custar cerca de três milhões. O tipo está cheio de massa e não é muito de cartas.

– Parece ansioso – observou Yarber.

– Precisamos de andar depressa – disse Spicer. – Ele quer aparecer daqui a três semanas.

– Qual é o potencial? – perguntou Beech. Adorava o jargão daqueles que investiam milhões.

– Pelo menos meio milhão – respondeu Spicer. – Vamos escrever a carta agora. O Trevor está à espera.

Beech abriu um dos seus muitos dossiês e mostrou a mercadoria: folhas de papel em tons pastel suaves.

– Acho que devemos tentar a cor de pêssego – disse ele.

– Oh, está decidido. Tem de ser o pêssego – respondeu Spicer.

Ricky escreveu uma versão reduzida da carta de contato inicial. Vinte e oito anos, faculdade, licenciatura, fechado numa clínica de reabilitação mas quase a ter alta, talvez daí a dez dias, muito só, à procura de um homem maduro para iniciar uma relação. Dava jeito que Brant fosse viver perto dali, porque Ricky tinha uma irmã em Jacksonville e ia passar uns dias com ela. Não havia obstáculos, nem barreiras para atravessar. Ricky estaria pronto para Brant quando ele viesse para o Sul. Mas gostava de receber uma fotografia primeiro. Brant era mesmo casado? A mulher também iria viver para Palm Valley? Ou ficaria na Pennsylvania? Não seria uma maravilha se isso acontecesse? Enviaram a mesma fotografia a cores que tinham usado uma centena de vezes e que provara ser irresistível.

Spicer levou o envelope cor de pêssego para a sala de reuniões onde Trevor dormitava.

– Meta isto no correio imediatamente – rosnou Spicer.

Passaram dez minutos a falar das apostas de basquetebol e depois despediram-se sem um aperto de mão.

A caminho de Jacksonville, Trevor telefonou ao seu agente de apostas, um novo, um agente mais importante, agora que ele era jogador. As linhas digitais eram de fato mais seguras, mas não os telefones. O agente Klockner e a sua equipa de operacionais estavam à escuta, como era habitual, e a seguir as apostas de Trevor. O homem não se estava a sair mal – quatro mil e quinhentos dólares nas duas últimas semanas. Em

contrapartida, a sua firma de advogados fizera oitocentos dólares no mesmo período.

Além do telefone, havia quatro microfones no carro, quase todos de pouco valor, mas a funcionar. E debaixo de cada pára-choques havia um transmissor, ambos ligados ao sistema eléctrico do carro e verificados todas as noites, quando Trevor estava a beber ou a dormir.

Um receptor potente no apartamento do outro lado da rua acompanhava o carro para onde quer que fosse. Quando Trevor desceu a auto-estrada, a falar ao telefone como se fosse uma pessoa muito importante, a atirar dinheiro à sua volta como um grande jogador de Las Vegas, a beber café quente numa pastelaria de passagem, estava a emitir mais sinais do que a maioria dos jatos particulares de Março. A grande Super Terça-feira. Aaron Lake passeava-se, triunfante, pelo palco de uma grande sala de banquetes de um hotel em Manhattan. Vencera em Nova Iorque com 43 por cento dos votos. O governador Tarry alcançara uns míseros 29 por cento e os outros candidatos ficaram com o resto.

Lake abraçou gente que nunca vira, acenou a gente que nunca voltaria a ver e proferiu um empolgante discurso de vitória sem se socorrer de apontamentos.

Em seguida, partiu para L. A., para celebrar mais um triunfo. Durante quatro horas, no seu novo Boeing a jato que levava cem pessoas, custava um milhão de dólares por mês e voava a uma velocidade de quinhentas milhas por hora, trinta e oito mil pés acima do país, ele e a sua equipa acompanharam os resultados dos doze estados que participavam na grande Super Terça-feira. Ao longo da Costa Leste, onde as urnas já tinham fechado, Lake venceu à tangente no Maine e no Connecticut, mas alcançou grandes margens em Nova Iorque, Massachusetts, Maryland e Georgia. Perdeu em Rhode Island por oitocentos votos e ganhou em Vermont por mil. Quando sobrevoava o Missouri, a CNN anunciou que ele fora o vencedor neste estado por quatro pontos percentuais sobre o governador Tarry. No Ohio, a situação fora idêntica.

Quando Lake chegou à Califórnia, a confusão terminara. Dos 591 delegados em causa, conquistara 390. Também consolidara o impulso de vitória. E, o mais importante, Aaron Lake tinha agora dinheiro. O governador Tarry estava a cair a pique e depressa, e todos apostavam em Lake.

VINTE

Seis horas depois de clamar vitória na Califórnia, Lake acordou para uma manhã frenética de entrevistas ao vivo. Concedeu dezoito em duas horas, e depois voou para Washington.

Foi direito à sua sede de campanha, no rés-do-chão de um grande edifício de escritórios em H Street, perto da Casa Branca. Agradeceu aos seus colaboradores, poucos dos quais eram voluntários. Conviveu com a multidão, distribuiu apertos de mão, perguntando permanentemente a si próprio: «Donde veio esta gente?» Vamos vencer, repetia ele, e todos acreditavam. Porque não? Reuniu-se durante uma hora com os responsáveis máximos. Tinha sessenta e cinco milhões de dólares, sem dívidas. Tarry tinha menos de um milhão na mão e continuava a tentar contar o dinheiro que devia. De fato, a campanha de Tarry não cumprira um prazo imposto pelas autoridades federais porque reinava a confusão na contabilidade. Todo o dinheiro desaparecera. Tinham acabado os donativos. Lake é que estava a receber o dinheiro todo.

Os nomes de três potenciais vice-presidentes foram debatidos com grande entusiasmo. Era um exercício empolgante, porque implicava que a nomeação estava no papo. A primeira escolha de Lake, o senador Nance, do Michigan, estava a gerar polémica porque o homem tinha uns negócios escuros quaisquer de outra fase da sua vida. Os sócios eram de origem italiana, de Detroit, e Lake, ao fechar os olhos, via a imprensa a tirar a pele a Nance. Fora criada uma comissão para explorar o assunto.

E fora constituída uma comissão para começar a planear a presença de Lake na convenção de Denver. Lake queria outra pessoa para lhe escrever os discursos, imediatamente, e queria-o a trabalhar no discurso de posse.

Lake maravilhava-se secretamente com as suas próprias despesas. O seu presidente de campanha estava a receber cento e cinquenta mil dólares por ano, não por doze meses, mas até ao Natal. Havia vários diretores: financeiro, de ação política, de relações com os órgãos de comunicação, de operações e de planeamento estratégico, e todos tinham

contratos de cento e vinte mil dólares por cerca de dez meses de trabalho. Cada diretor tinha dois ou três subordinados, pessoas que Lake mal conhecia e que ganhavam noventa mil dólares cada uma. Depois havia os assistentes de campanha, ou ACs; não eram os voluntários que a maioria dos candidatos atraía, mas empregados a sério que ganhavam cinquenta mil dólares cada um e que mantinham os escritórios num frenesi. Havia dúzias deles. E dúzias de empregados administrativos e secretárias e, com os diabos, ninguém ganhava menos de quarenta mil dólares.

E ainda por cima, repetia Lake a si próprio, se conseguir chegar à Casa Branca, terei de arranjar emprego para todos eles lá dentro. Todos sem exceção. Os miúdos que agora correm de um lado para o outro com botões Lake em todas as lapelas esperam ficar instalados na Ala Oeste e ganhar ordenados de oitenta mil dólares por ano.

É uma gota de água no oceano, repetia a si próprio. Não te preocupes com ninharias quando está muito mais do que isso em jogo.

Os aspectos negativos foram empurrados para o fim da reunião e ninguém perdeu tempo com eles. Um repórter do Post andava a vasculhar os primeiros tempos da carreira de Lake.

Sem grande esforço, tropeçara no problema de Green Tree, um empreendimento imobiliário falhado, há vinte anos. Lake e um sócio tinham levado Green Tree à falência, lesando legalmente os credores em oitocentos mil dólares. O sócio fora condenado por falência fraudulenta, mas o júri deixara-o sair em liberdade. Ninguém apontou o dedo a Lake que, depois disso, foi eleito sete vezes para o Congresso pelo povo do Arizona.

– Responderei a qualquer pergunta sobre Green Tree – disse Lake.

– Foi um mau negócio.

– A imprensa está a começar a trabalhar a sério – disse o diretor de relações com os órgãos de informação. – O senhor é novo e ainda não foi suficientemente examinado. Chegou o momento de eles serem desagradáveis. – Esse momento já começou.

– Não tenho nada a esconder – respondeu Lake. Levaram-no a jantar ao Mortimer's, o local frequentado pela classe do poder, mesmo à saída de Pennsylvania, onde encontrou Elaine Tyner, a advogada responsável pelo CAP-D. Entre a fruta e o requeijão, ela deu-lhe conta da situação financeira do CAP mais recente. Vinte e nove milhões de dólares

em dinheiro, inexistência de dívidas significativas, dinheiro sempre a entrar, vindo de todos os quadrantes, de toda a parte do mundo.

O desafio consistia em gastá-lo. Como era considerado «dinheiro fácil», ou dinheiro que não podia ir diretamente para a campanha de Lake, tinha de ser utilizado noutra coisa qualquer. Elaine Tyner tinha vários objetivos. O primeiro era uma série de anúncios genéricos semelhantes aos anúncios catastrofistas de Teddy. O CAP-D já estava a comprar espaços em horário nobre para o Outono. O segundo, de longe o mais divertido, era a corrida ao Senado e ao Congresso.

– Eles põem-se em fila como formigas-disse ela, muito bem-disposta.

– É espantoso o que alguns milhões de dólares conseguem fazer. Elaine contou a história de uma corrida ao Congresso num distrito do Norte da Califórnia, em que o candidato, um veterano que Lake conhecia e desprezava há mais de vinte anos, começara o ano com uma vantagem de quarenta pontos sobre um desconhecido. Este aprendera o caminho para o CAP-D e rendera-se a Aaron Lake.

– Basicamente, conseguimos dominar esta campanha – disse ela.

– Estamos a escrever discursos, a fazer sondagens, a preparar todos estes impressos e anúncios televisivos, e até contratamos pessoal novo para ele. Até agora, gastamos um milhão e meio de dólares, e o nosso rapaz reduziu a vantagem para dez pontos. E ainda temos sete meses à nossa frente.

Ao todo, Elaine Tyner e CAP-D estavam envolvidos em trinta corridas ao Congresso e em dez ao Senado. A advogada esperava conseguir um total de sessenta milhões de dólares e gastar tudo até Novembro.

A sua terceira área de «concentração» era medir o pulso ao país. O CAP-D fazia sondagens constantes, todos os dias, quinze horas por dia. Se houvesse um problema de emprego no oeste da Pennsylvania, o CAP-D sabia. Se os hispânicos de Houston estivessem satisfeitos com uma nova política de previdência social, o CAP-D sabia. Se as mulheres de Chicago gostavam ou não de Lake, o CAP-D sabia se sim ou se não e qual a percentagem.

– Nós sabemos tudo – gabou-se ela. – Somos como o Big Brother, sempre à espreita.

As sondagens custavam sessenta mil dólares por dia, uma pechincha. Ninguém lhes podia pegar por isso. Nas questões importantes, Lake ia nove pontos à frente de Tarry no Texas, e até na Florida, um estado que Lake ainda não visitara e que ficava muito próximo de Indiana, a terra natal de Tarry.

– O Tarry está cansado – disse ela. – A moral é baixa porque ele ganhou em New Hampshire e o dinheiro estava a entrar. Depois apareceu você, um rosto fresco, sem bagagem, com uma mensagem nova, e começou a ganhar, e de repente o dinheiro veio ao seu encontro. O Tarry não consegue arranjar cinquenta dólares num bazar de igreja. Está a perder elementos-chave porque não lhes pode pagar e porque eles farejam outro vencedor.

Lake mastigou um pedaço de ananás e saboreou as palavras. Não eram novas; ouvira-as à sua própria gente. Mas vindas de uma pessoa tão bem informada como Elaine Tyner, eram ainda mais reconfortantes.

– Quais são os números do vice-presidente? – perguntou Lake. Tinha os seus próprios dados, mas por qualquer motivo confiava mais nela.

– Ele vai conseguir a nomeação – disse ela, sem dar qualquer novidade.

– Mas a convenção vai ser renhida. Neste preciso momento, você está apenas alguns pontos atrás dele na grande questão: Em quem vai votar em Novembro? – Novembro está muito longe.

– Está e não está.

– Muita coisa pode mudar – disse Lake, pensando em Teddy, e perguntando a si próprio qual a crise que ele iria criar para aterrorizar o povo americano. O jantar foi mais uma refeição leve e, do Mortimer's, Lake foi levado para uma pequena sala de jantar no Hotel Hay-Adams. Foi uma refeição prolongada e tardia com amigos, duas dúzias de colegas do Congresso. Eram poucos os que o tinham seguido quando entrara na corrida, mas agora estavam todos entusiasmados com o seu homem. A maioria tinha os seus próprios especialistas de sondagens. Tudo corria sobre esferas.

Lake nunca vira os antigos colegas tão satisfeitos por estarem à sua volta.

A carta foi preparada nos Documentos por uma mulher chamada Bruce, uma das três melhores contrafeitoras da agência. Pregadas ao painel

de cortiça, mesmo por cima da mesa de trabalho no pequeno laboratório de Bruce, viam-se cartas escritas por Ricky. Eram amostras excelentes, muito melhores do que ela precisava. Não fazia ideia de quem fosse o Ricky, mas não havia dúvida de que a letra dele era original. Era bastante consistente e as amostras mais recentes revelavam claramente uma facilidade que só se adquiria com a prática. O vocabulário não era nada de especial, mas Bruce desconfiava que ele tentava limitá-lo. A estrutura da frase mostrava poucos defeitos. Pelos cálculos de Bruce, o homem devia ter entre quarenta e sessenta anos e, pelo menos, formação universitária.

Mas não lhe competia inferir tais coisas, pelo menos neste caso. com a mesma caneta e o mesmo papel de Ricky, escreveu um belo bilhete a Al. O texto fora preparado por outra pessoa qualquer, que ela desconhecia. Nem se importava com isso.

Dizia o seguinte: «Olá, Al, por onde tens andado? Porque não tens escrito? Não te esqueças de mim.» Este tipo de carta, mas com uma boa surpresa. Como Ricky não podia utilizar o telefone, enviava a Al uma cassette gravada com uma breve mensagem do interior da clínica de reabilitação.

Bruce encaixou a carta numa página e depois trabalhou no envelope durante uma hora. O carimbo que aplicou era de Neptune Beach, Florida.

Não fechou o envelope. O seu pequeno projecto foi inspecionado e depois enviado para outro laboratório. A fita magnética foi gravada por um jovem agente que estudara arte dramática em Northwestern. com uma voz suave e sem sotaque, disse: «Olá, Al, daqui fala o Ricky. Espero que fiques admirado ao ouvir a minha voz. Aqui não nos deixam usar o telefone. Não sei porquê, mas por qualquer motivo podemos enviar e receber fitas gravadas. Estou ansioso por sair daqui.» Depois divagava durante cinco minutos sobre a sua recuperação e o ódio que tinha ao tio e aos responsáveis por Aladdin North. Mas reconhecia que eles o tinham libertado das suas dependências. Tinha a certeza de que havia de olhar para trás e não julgar a clínica com uma severidade excessiva.

Toda a sua narrativa era conversa fiada. Não falava em planos para a sua alta nem dava a entender para onde iria nem o que faria; apenas uma vaga referência à possibilidade de se vir a encontrar com Al.

Ainda não estavam prontos para atrair Al Konyers. O único objectivo da cassette era esconder no seu interior um transmissor suficientemente forte para os conduzir ao dossiê oculto de Lake. Um microfone minúsculo instalado no envelope era muito arriscado. Al podia detectá-lo.

No Mailbox America de Chevy Chase, a CIA controlava agora oito caixas postais, devidamente alugadas durante um ano por oito pessoas diferentes, e todas elas acessíveis durante vinte e quatro horas, como a de Mr. Konyers. As pessoas entravam e saíam a qualquer hora, verificavam as pequenas caixas, recolhiam a correspondência que elas próprias tinham enviado e, de vez em quando, davam uma espreitadela à caixa de Al, se ninguém visse.

Como conheciam o programa de Al melhor do que ele próprio, esperaram pacientemente que ele fizesse as suas rondas. Certificaram-se de que saíra às escondidas como antes fizera, de fato de treino, e retiveram o envelope com a cassette até quase às dez da noite. Em seguida, depositaram-na na caixa postal.

Quatro horas depois, com doze agentes a vigiarem todos os seus passos, Lake, com o seu fato de treino, saltou de um táxi em frente de Mailbox America, entrou à pressa, com o rosto oculto pela aba grande de um boné, dirigiu-se à sua caixa, tirou a correspondência e voltou a correr para o táxi.

Seis horas depois, saiu de Georgetown para tomar um pequeno-almoço no Hilton, destinado a angariar votos, e eles ficaram à espera. Falou a uma associação de chefes de polícia às nove e a um milhar de reitores de liceu às onze. Almoçou com o orador do Congresso. Gravou uma sessão esgotante de perguntas e respostas com alguns jornalistas às três horas e depois voltou a casa para fazer a mala. O seu itinerário exigia que partisse do Reagan National Airport para Dálias às oito horas.

Eles seguiram-no até ao aeroporto, viram descolar o Boeing 707 e depois telefonaram para Langley. Quando os dois agentes dos serviços secretos chegaram para verificar o perímetro da casa de Lake, a CIA já estava lá dentro.

A busca terminou na cozinha dez minutos depois de ter começado. Um receptor manual captou o sinal da fita da cassette. Encontraram-na no cesto dos papéis, junto de uma embalagem vazia de dois litros de leite,

duas embalagens rasgadas de cereais, umas toalhas de papel e a edição da manhã do Washington Post. A empregada ia duas vezes por semana.

Lake deixara o lixo para ela deitar fora.

Não conseguiram encontrar o dossiê de Lake porque ele não tinha nenhum. O homem era esperto, deitara fora as provas.

Teddy sentiu-se quase aliviado quando teve notícias. A equipa ainda estava na vivenda, escondida e à espera que os elementos dos serviços secretos se fossem embora. Lake fazia o possível por não deixar vestígios do que tinha de secreto na sua vida.

A cassette enervou Aaron Lake. Ao ler as cartas de Ricky e ao ver o seu belo rosto sentira um arrepio. O jovem estava longe e o mais provável era que nunca se viessem a conhecer.

Podiam ser amigos, conviver à distância e caminhar lentamente. Pelo menos, era o que Lake previra a princípio.

Mas ao ouvir a voz de Ricky sentira-se muito mais próximo dele e ficara agitado. Aquilo que há uns meses começara por ser uma brincadeira movida pela curiosidade, implicava agora hipóteses terríveis. Era muito mais arriscado. Lake estremeceu ao pensar que podia ser apanhado.

Mas aquilo ainda parecia impossível. Estava bem escondido atrás da máscara de Al Konyers. Ricky não tinha nenhuma pista. Era «Al para aqui» e «Al para ali» na cassette. A caixa postal era o seu escudo.

Mas tinha de pôr fim à situação. Pelo menos por agora.

O Boeing estava à cunha com o pessoal bem pago de Lake. Não se fabricava nenhum avião suficientemente grande para transportar todos os seus colaboradores. Se ele alugasse um, dentro de dois dias estaria cheio de elementos dos grupos de ação política, de conselheiros, consultores e especialistas de sondagens, já para não falar do seu próprio exército de guarda-costas dos serviços secretos, que era cada vez maior.

Quanto mais primárias ganhava, mais pesado se tornava o seu avião. Talvez fosse acertado perder em dois estados para aliviar uma parte da carga.

Na penumbra do avião, Lake bebeu sumo de tomate e resolveu escrever uma última carta a Ricky. Al desejava-lhe muitas felicidades e punha termo à correspondência. O que podia o jovem fazer? Sentiu-se tentado a escrever o bilhete naquele momento, sentado na sua cadeira reclinável, com os pés no ar. Mas a qualquer momento podia aparecer uma

assistente, esbaforida, com outro relatório que o candidato tinha de ouvir imediatamente. Não tinha privacidade. Não tinha tempo para pensar em nada. Todos os pensamentos agradáveis eram interrompidos por uma nova sondagem, por uma notícia de última hora ou por uma necessidade urgente de tomar uma decisão com certeza que se conseguiria esconder na Casa Branca. Já lá tinham vivido alguns solitários.

VINTE E UM

O caso do telemóvel roubado fascinara os reclusos de Trumble no mês anterior. Mr. T-Bone, um miúdo rebelde das ruas de Miami, que cumpria uma pena de vinte anos por droga, apoderara-se do telefone por meios ainda não esclarecidos. Os telemóveis eram estritamente proibidos em Trumble, e o método pelo qual o rapaz conseguira um gerara mais boatos do que a vida sexual de T. Karl. Os poucos que o tinham visto afirmaram, não em tribunal, mas no recreio, que o aparelho não era maior do que um cronometro. Mr. T-Bone fora visto a esconder-se nas sombras, todo curvado, com o queixo encostado ao peito, a falar ao telefone em voz baixa. Não havia dúvida de que continuava a dirigir operações de rua em Miami.

Depois, o telefone desapareceu. Mr. T-Bone fez constar que seria capaz de matar quem o roubara e, como as ameaças de violência não resultaram, ofereceu uma recompensa de mil dólares em dinheiro. Pouco depois, as suspeitas recaíram sobre outro jovem traficante, Zorro, de uma zona de Atlanta quase tão problemática como a de Mr. T-Bone. A ocorrência de uma morte parecia provável, e por isso os guardas e os responsáveis intervieram e convenceram os dois de que seriam expulsos se a situação se descontrolasse. A violência não era tolerada em Trumble. O castigo era a transferência para uma prisão de segurança média com reclusos que sabiam o que era a violência.

Alguém falou a Mr. T-Bone das sessões semanais conduzidas pelos Confrades e, a seu tempo, ele procurou T-Karl e moveu um processo. Queria que lhe devolvessem o seu telefone, além de um milhão de dólares de indemnização.

Quando o caso foi levado a tribunal, um diretor-adjunto apareceu no refeitório para observar o que se passava e o assunto foi adiado à pressa pelos Confrades. O mesmo aconteceu antes do segundo julgamento.

As alegações de quem estava ou não na posse de um telefone ilegal não podiam ser ouvidas por ninguém da administração. Os guardas que assistiam às sessões semanais não podiam repetir uma palavra.

Por fim, o juiz Spicer convenceu um conselheiro da prisão de que os rapazes tinham um assunto particular a resolver sem interferência da direção.

– Vamos tentar resolver uma pequena questão – disse ele em voz baixa. – E precisamos de o fazer em privado.

O pedido seguiu a sua tramitação até às cúpulas e, no dia do terceiro julgamento, o refeitório estava a abarrotar de espetadores, a maior parte dos quais esperavam que houvesse derramamento de sangue. O único funcionário da prisão que se encontrava na sala era um guarda solitário, sentado lá atrás, quase a dormir.

Nenhum dos litigantes era estranho às salas de audiências, e por isso não foi surpresa para ninguém que Mr. T-Bone e Zorro fizessem de advogados de si próprios. O juiz Beech passou quase toda a primeira hora a tentar refrear a linguagem da rua. Por fim, desistiu. O queixoso lançou acusações terríveis, que não poderiam ser provadas nem com a ajuda de uma centena de agentes do FBI. As negações da defesa foram igualmente ruidosas e absurdas. Mr. T-Bone atacou com dois depoimentos juramentados assinados por reclusos cujos nomes só foram revelados aos Confrades e que incluíam descrições de Zorro a falar a um telefone minúsculo que procurava esconder.

Furioso, Zorro referiu-se aos depoimentos em termos com os quais os Confrades nunca tinham sido confrontados.

O golpe final surgiu inesperadamente. Mr. T-Bone, num gesto que até o advogado mais hábil admiraria, apresentou documentos. O registo dos seus telefonemas entrara clandestinamente na prisão, e mostrou ao tribunal, preto no branco, que tinham sido efetuadas cinquenta e quatro chamadas para vários números para a zona sueste de Atlanta.

Os seus apoiantes, que eram a maioria, mas cuja lealdade podia desvanecer-se num instante, ulularam até que T. Karl fez ouvir o seu

martelo de plástico e os mandou calar.

– Zorro teve dificuldade em reorganizar-se e a hesitação matou-o. Ordenaram-lhe que devolvesse o telefone aos Confrades no prazo de vinte e quatro horas e que reembolsasse Mr. T-Bone por telefonemas no valor de quatrocentos e cinquenta dólares. Se ao fim de vinte e quatro horas o telefone não aparecesse, o assunto seria levado ao conhecimento do diretor, a par do testemunho dos Confrades, segundo o qual Zorro possuía de fato um telemóvel ilegal.

Os Confrades ordenaram igualmente aos dois jovens que se mantivessem a uma distância de quinze metros, pelo menos, em todas as circunstâncias, mesmo quando estivessem a comer.

T. Karl fez soar o martelo e a multidão começou a sair no meio de uma grande vozeria. O homem chamou o caso seguinte, outra disputa de jogo insignificante, e o barulho aumentou. Os Confrades voltaram aos seus jornais e revistas.

– Silêncio! – berrou T. Karl outra vez, batendo com o martelo.

– Cala-te – gritou-lhe Spicer. – Ainda fazes mais barulho do que eles.

– É a minha obrigação – ripostou T. Karl, com os caracóis da cabeleira a saltarem em todas as direções.

Quando o refeitório se esvaziou, ficou apenas um recluso. T. Karl olhou à volta e por fim perguntou-lhe: – Você é Mr. Hooten? – Não, senhor – respondeu o jovem.

– Então é Mr. Jenkins? – Não, senhor.

– Bem me parecia. O caso de Hooten contra Jenkins fica adiado por falta de comparência– disse T. Karl, e, com um gesto dramático, escreveu qualquer coisa no seu livro de autos.

– Quem é você? – perguntou Spicer ao jovem, que estava sentado sozinho e a olhar à sua volta como se não tivesse a certeza de ser bem-vindo. Os três homens de togas verdes– claras estavam agora a olhar para ele, assim como o palhaço de cabeleira grisalha, pijama castanho e sapatos cinzentos, sem meias. Quem seria aquela gente? Levantou-se devagar e avançou, muito apreensivo, até se encontrar à frente dos três.

– Procuo ajuda – disse ele, quase com medo de falar.

– Tem algum caso em tribunal? – rosnou T. Karl, ao lado.

– Não, senhor.

– Então terá de...

– Cala-te! – disse Spicer. – Está terminada a sessão. Saiam.

T. Karl fechou o livro dos autos com força, afastou a cadeira para trás com um pontapé e saiu da sala, furioso, com os chinelos a escorregarem nos ladrilhos e a cabeleira a balouçar atrás de si.

O jovem parecia estar quase a chorar.

– Em que te posso ajudar? – perguntou Yarber.

O jovem segurava uma pequena caixa de cartão e os Confrades sabiam por experiência própria que ela estava cheia com os documentos que o tinham levado para Trumble.

– Preciso de ajuda – disse ele outra vez. – Entrei aqui na semana passada e o meu colega de quarto disse que vocês me podiam ajudar nos meus recursos.

– Não tens advogado? – perguntou Beech.

– Eu tinha. Ele não era grande coisa. É uma das razões por que estou aqui.

– Por que é que estás aqui? – perguntou Spicer.

– Não sei. Não sei mesmo.

– Foste levado a julgamento?

– Sim. A um bem longo.

– E o júri declarou-te culpado?

– Sim. A mim e a muitos outros. Disseram que fazíamos parte de uma associação criminosa.

– Uma associação criminosa para fazer o quê?

– Para importar cocaína.

Mais um drogado. De repente, os Confrades ficaram ansiosos por voltar às suas cartas.

– De quanto tempo é a tua sentença? – perguntou Yarber.

– Quarenta e oito anos.

– Quarenta e oito anos! Que idade tens?

– Vinte e três.

As cartas foram momentaneamente esquecidas. Os três homens olharam para o rosto triste do jovem e tentaram imaginá-lo daí a cinquenta anos. Libertado aos setenta e um anos; era impensável. Todos os Confrades sairiam de Trumble com uma idade inferior à daquele jovem.

– Puxa uma cadeira – disse Yarber.

O jovem pegou naquela que estava mais perto e colocou-a diante da mesa deles. Até Spicer teve pena dele.

– Como te chamas? – perguntou Yarber.

– Chamam-me Buster.

– Está bem, Buster, o que fizeste para apanhar quarenta e oito anos? A história saiu em catadupas. Agitando a caixa em cima dos joelhos e olhando fixamente para o chão, começou por dizer que nunca tivera problemas com a lei, nem com o pai. Tinham um pequeno ancoradouro em Pensacola. iam à pesca, andavam de barco à vela e adoravam o mar, e o trabalho no ancoradouro era o ideal para eles. Venderam um barco de pesca usado, de quinze metros, a um homem de Fort Lauderdale, um americano que lhes pagou em dinheiro noventa e cinco mil dólares. O dinheiro foi para o banco, ou pelo menos foi o que Buster julgou. Daí a uns meses, o homem voltou para comprar outro barco, de doze metros, e pagou oitenta mil dólares. Na Florida, não era invulgar pagar barcos a dinheiro. Seguiram-se um terceiro e um quarto barcos. Buster e o pai sabiam onde encontrar barcos de pesca usados em bom estado, que inspecionavam e renovavam. Gostavam de ser eles a fazer o trabalho. Depois do quinto barco, os homens dos Narcóticos começaram a aparecer. Fizeram perguntas, deixaram ameaças vagas e quiseram ver os barcos e os registos. A princípio, o pai de Buster recusou-se, e depois contrataram um advogado que os aconselhou a não colaborar. Durante alguns meses, nada aconteceu.

Buster e o pai foram presos às três horas da madrugada de um domingo por dois matulões com coletes antibala e armas suficientes para prender o refém de Pensacola. Foram arrastados, semi-nus, da sua casinha na baía, com as luzes ainda acesas em toda a parte. O auto de acusação tinha dois centímetros e meio de espessura, cento e sessenta páginas e oitenta e uma acusações de associação criminosa destinada ao tráfico de cocaína. O jovem tinha uma cópia na sua caixa. Buster e o pai quase não eram mencionados nas cento e sessenta páginas, mas eram considerados arguidos e associados ao homem a quem tinham vendido os barcos, a par de mais vinte e cinco pessoas de quem nunca tinham ouvido falar.

Onze eram colombianos. Três eram advogados. Todos os restantes do Sul da Florida.

O delegado do Ministério Público propôs-lhes um acordo-dois anos cada um em troca de depoimentos culposos e de cooperação contra os outros arguidos. Depoimentos culposos para quê? Eles não tinham feito nada de mal. Conheciam apenas um dos outros vinte e seis arguidos. Nunca tinham visto cocaína.

O pai de Buster voltou a hipotecar a casa para conseguir vinte mil dólares destinados a contratar um advogado, mas fez uma má escolha. No julgamento, os dois homens ficaram assustados quando se viram sentados à mesma mesa com os colombianos e os verdadeiros narcotraficantes. Todos os arguidos se encontravam do mesmo lado da sala de audiências, sentados ao lado uns dos outros como se em tempos tivessem sido uma máquina de droga bem lubrificada. Do outro lado, perto do jurados, encontravam-se advogados do governo, grupos de patifes pomposos, de fato escuro, a tirar apontamentos, a olhar para eles como se fossem pedófilos. Também os jurados os fitavam.

Ao longo de sete semanas de julgamento, Buster e o pai foram praticamente ignorados. Os seus nomes foram mencionados três vezes. A principal acusação do governo contra eles foi que tinham participado numa associação criminosa, comprando e reconstruindo barcos de pesca com motores superpotentes para transportar drogas do México para vários terminais ao longo da estreita faixa de terra da Florida. O advogado deles, que se queixou de não estar a ser convenientemente pago para acompanhar um julgamento de sete semanas, mostrou-se incapaz de rebater aquelas acusações vagas. Mesmo assim, os advogados do governo não os atacaram muito e mostraram-se bem mais preocupados em apanhar os colombianos.

Mas não tiveram de provar muita coisa. Tinham feito o trabalho superior de escolher os membros do júri. Após oito dias de deliberação, os jurados, obviamente exaustos e frustrados, consideraram que todos os elementos eram culpados. Um mês depois da leitura da sentença, o pai de Buster matou-se.

À medida que a narrativa se aproximava do fim, o jovem parecia estar prestes a chorar. Mas empinou o queixo, cerrou os dentes e disse: – Eu não fiz nada de mal.

Ele não era, evidentemente, o primeiro recluso de Trumble a declarar a sua inocência.

Beech observou, escutou e lembrou-se de um jovem que condenara a quarenta anos por tráfico de drogas, no Texas. O arguido tivera uma infância miserável, sem educação, um longo cadastro de transgressões e poucas oportunidades na vida. Beech condenara-o do alto da sua bancada, e sentira-se bem consigo próprio por ter sido ele próprio a ditar uma sentença tão brutal. Era preciso tirar das ruas aqueles malditos traficantes de droga! Um liberal é um conservador que foi preso. Depois de três anos dentro de uma prisão, Hatlee Beech sentia remorsos em relação a muitas das pessoas que condenara. Pessoas muito mais culpadas do que Buster. Miúdos que só precisavam de uma oportunidade.

Finn Yarber observou, escutou e sentiu uma pena enorme do jovem. Todos os que se encontravam em Trumble tinham uma história triste, e ao fim de um mês de os ouvir Yarber aprendera a não acreditar quase em nada. Mas Buster era credível. Durante os quarenta e oito anos seguintes, iria definhar e cair, tudo às expensas dos contribuintes. Três refeições por dia. Uma cama quente à noite, trinta e um mil dólares por ano era o cálculo mais recente daquilo que um preso federal custava ao governo. Que desperdício! Metade dos reclusos de Trumble não tinham vantagem em estar ali. Eram homens não violentos que deviam ter sido castigados com multas severas e prestação de serviços à comunidade.

Joe Roy Spicer ouviu a história constrangedora de Buster e avaliou o rapaz com vista a uma utilização futura. Havia duas hipóteses. Primeiro, na opinião de Spicer, os telefones não estavam a ser devidamente utilizados na fraude de Angola. Os Confrades eram velhos que escreviam cartas como se fossem novos. Seria demasiado arriscado um deles telefonar a Quince Garbe, no Iowa, por exemplo, e fingir que era Ricky, um jovem robusto de vinte e oito anos. Mas com um miúdo como Buster a trabalhar para eles, conseguiriam convencer qualquer potencial vítima. Havia muitos jovens em Trumble, e Spicer pensara em alguns.

Mas eram criminosos e não lhe mereciam confiança. Buster acabara de chegar, parecia inocente e fora pedir-lhes ajuda. O rapaz podia ser manipulado.

A segunda hipótese era uma consequência da primeira. Se Buster se juntasse ao plano deles, estaria na prisão quando Joe Roy fosse libertado. A fraude estava a revelar-se demasiado rentável para ser abandonada. Beech e Yarber eram soberbos a escrever cartas, mas não

tinham jeito para o negócio. Talvez Spicer pudesse ensinar o jovem Buster a ocupar o seu lugar e a enviar a sua parte para o exterior.

Era só uma ideia.

– Tens dinheiro? — perguntou Spicer.

– Não, senhor. Perdemos tudo.

– Nem família, nem tios, primos, amigos que te ajudem a pagar honorários? – Não, senhor. Que tipo de honorários? – Em geral, cobramos uma quantia por revermos os casos e darmos uma ajuda nos recursos.

– Estou completamente sem dinheiro.

– Acho que podemos ajudar-te – disse Beech.

Spicer não trabalhava nos recursos. O homem nunca terminara o liceu.

– Referes-te a uma espécie de caso oficioso? – perguntou Yarber a Beech.

– Oficioso como? – perguntou Spicer.

– Oficioso. – O que é isso? – Apoio jurídico gratuito – respondeu Beech.

– Apoio jurídico gratuito. Prestado por quem? – Por advogados – explicou Yarber. – É de esperar que todos os advogados cedam algumas horas do seu tempo para ajudar as pessoas que não podem contratá-los.

– Faz parte da antiga lei ordinária inglesa – acrescentou Beech, tornando a situação ainda mais nebulosa.

– Nunca foi aplicada aqui, pois não? – disse Spicer.

– Vamos reapreciar o teu caso – disse Yarber a Buster. – Mas, por favor, não sejas optimista.

– Obrigado.

Saíram do refeitório em grupo, três ex-juizes de toga verde seguidos por um jovem recluso assustado. Atemorizado, mas também muito curioso.

VINTE E DOIS

A resposta de Brant, vinda de Upper Darby, Pa., tinha um tom urgente: Caro Ricky, Uau! Mas que fotografia! vou para baixo ainda mais

cedo. Chego no dia 20 de Abril. Estás disponível? Se estiveres, teremos a casa só para nós porque a minha mulher fica aqui mais duas semanas. Pobre mulher! Estamos casados há vinte e dois anos e ela não desconfia de nada.

Aqui vai uma fotografia minha. É o meu Learjet em segundo plano, um dos meus brinquedos favoritos. Andaremos nele, se quiseres.

Escreve-me imediatamente, por favor.

Cumprimentos, Brant Continuava a não haver apelido, embora isso não fosse problema. Não tardariam a descobrir.

Spicer inspecionou o carimbo e, por instantes, pensou que o correio era muito rápido entre Jacksonville e Filadélfia. Mas foi a fotografia que lhe chamou a atenção. Era um instantâneo cândido, de dez por quinze, muito semelhante a um anúncio para enriquecer depressa, em que o publicitário era retratado com um sorriso orgulhoso, ladeado pelo seu avião a jato, pelo seu Rolls e talvez pela sua última mulher. Brant encontrava-se ao lado de um avião, a sorrir, de calções de ténis e blusão, sem nenhum Rolls à vista mas com uma mulher atraente, de meia idade, a seu lado.

Era a primeira fotografia da coleção cada vez maior dos Confrades em que um dos parceiros incluía a mulher. Estranho, pensou Spicer, mas Brant falara-lhe dela nas duas cartas. Nada o deixara mais admirado. A fraude iria durar para sempre porque havia uma quantidade infínita de potenciais vítimas dispostas a ignorar os riscos.

Brant estava bronzeado e em boa forma. Tinha o cabelo curto, preto, com manchas grisalhas e usava bigode. Não era particularmente atraente, mas o que interessava isso a Spicer? Porque havia um homem com tanto dinheiro de ser tão descuidado? Porque sempre se arriscara e nunca fora apanhado. Porque era um modo de vida. E depois de eles o espremerem e lhe extorquirem o dinheiro, Brant abrandaria durante uns tempos. Evitaria os anúncios pessoais e os amantes anónimos. Mas um tipo agressivo como ele não levaria muito tempo a regressar aos seus velhos hábitos.

Spicer pensou como era emocionante descobrir parceiros ao acaso que subestimavam os riscos. Continuava a preocupá-lo o fato de, no meio de toda a gente, pensar como um homossexual.

Beech e Yarber leram a carta e examinaram a fotografia. A pequena sala atulhada estava mergulhada num silêncio total. Seria este o peixe graúdo? – Imaginem quanto custa este jato – disse Spicer, e riram-se os três. Foi um riso nervoso, como se não soubessem ao certo se acreditavam naquilo.

– Dois milhões – disse Beech. Como era do Texas e fora casado com uma mulher rica, os outros dois partiram do princípio de que ele percebia mais de aviões a jato do que eles. – É um pequeno Lear.

Spicer já se contentava com um pequeno Cessna, qualquer coisa que o levantasse do solo e o levasse dali para fora. Yarber não queria um avião. Queria bilhetes, de primeira classe, onde servissem champanhe, onde houvesse duas ementas e se pudessem escolher os filmes.

Primeira classe sobre o oceano, longe daquele país.

– Vamos espremê-lo – disse Yarber.

– Com quanto? – perguntou Beech, ainda a olhar para a fotografia.

– Pelo menos meio milhão – disse Spicer. – E se conseguirmos essa soma, iremos buscar mais.

Ficaram sentados em silêncio, cada um a brincar com a sua parte dos quinhentos mil dólares. O terço que cabia a Trevor estava de súbito a meter-se no caminho. O advogado arrecadava cento e sessenta e sete mil dólares à cabeça, deixando cada um deles com cento e onze mil. Nada mau para prisioneiros, mas podia ser muito mais. Porque estava o advogado a fazer tanto dinheiro? . . .

– Vamos reduzir os honorários do Trevor – anunciou Spicer. – Há algum tempo que ando a pensar nisto. com eleitos imediatos, o dinheiro passa a ser dividido em quatro partes. Ele recebe uma parte igual.

– Ele não vai aceitar – disse Yarber.

– Não tem alternativa.

– É apenas uma questão de justiça – disse Beech. – Nós fazemos o trabalho e ele recebe mais do que cada um de nós. Repito que devemos reduzir a parte dele.

– vou tratar disso na quinta-feira. , Daí a dois dias, Trevor chegou a Trumble pouco depois das quatro horas com uma ressaca particularmente difícil, uma das que não fora amortecida nem por duas horas de almoço nem por uma hora de sono.

Joe Roy mostrou-se particularmente irascível. Entregou-lhe a correspondência a expedir, mas reteve um envelope vermelho, muito grande.

– Estamos prontos para espremer este tipo – disse ele, tamborilando na mesa.

– Quem é ele?

– Brant qualquer coisa, perto de Filadélfia. Anda a esconder-se atrás dos correios, e portanto você tem de o obrigar a aparecer.

– Quanto?

– Meio milhão de dólares.

Os olhos vermelhos de Trevor semicerraram-se, e o homem ficou de boca aberta. Fez as contas, cento e sessenta e sete mil dólares no seu bolso. De repente, a sua carreira de velejador parecia mais próxima. Talvez não precisasse de um milhão de dólares para fechar a porta do escritório e partir para as Caraíbas. Talvez meio milhão chegasse. E estava tão perto.

– Está a brincar – respondeu, sabendo que Spicer não estava. Spicer não tinha senso de humor e levava o seu dinheiro muito a sério.

– Não estou. E vamos alterar a sua percentagem.

– Uma ova é que vão. Um acordo é um acordo.

– Os acordos podem ser alterados. Daqui em diante, você recebe o mesmo que nós. Um quarto.

– Nem pensar nisso.

– Então está despedido.

– Não podem me despedir.

– Acabei de o fazer. Julga que não conseguimos arranjar outro advogado que nos trate da correspondência?

– Eu sei demais – disse Trevor, corando de súbito com a boca seca.

– Não se superestime. Não é assim tão valioso.

– Sou sim. Sei tudo o que se está a passar aqui.

– E nós também, espertalhão. A diferença é que nós estamos na cadeia. Você é quem tem mais a perder. Banque duro comigo e acabará sentado deste lado da mesa.

Trevor sentiu dores agudas na testa e fechou os olhos. Não estava em condições de discutir.

Por que ficara até tão tarde no Pete's na noite anterior? Tinha de estar bem acordado quando se ia ao encontro de Spicer. Em vez disso,

estava exausto e semiembriagado.

Tinha a cabeça a andar à roda e admitiu que pudesse vomitar outra vez. Fez as contas.

Discutiam a diferença entre cento e setenta e sete e cento e vinte e cinco mil dólares.

Francamente, ambas as quantias lhe pareciam boas. Não podia arriscar-se a ser despedido, porque conseguira afastar os poucos clientes que tinha. Passava menos tempo no escritório; não respondia aos telefonemas deles. Encontrara uma fonte de rendimento muito maior, por isso que fosse para diabo o movimento insignificante ao longo das praias.

E não era pessoa para medir forças com Spicer. O homem não tinha consciência. Era mau, falso e estava desesperado para extorquir todo o dinheiro que pudesse.

– O Beech e o Yarber concordam com isso? – perguntou ele, sabendo que estavam e que, mesmo que não estivessem, nunca o saberia.

– Claro. Eles é que estão a fazer o trabalho todo. Porque havia você de receber mais do que eles? Parecia um pouco injusto.

– Está bem, está bem – disse Trevor, ainda com dores.

– Há uma boa razão para estarem na prisão.

– Você anda a beber demais?

– Não! Por que pergunta?

– Conheci bêbados. Muitos. Está com muito mau aspecto.

– Obrigado. Cuide da sua vida, que eu cuido da minha.

– Combinado. Mas ninguém quer um advogado bêbado. Lida com o nosso dinheiro e em circunstâncias altamente ilegais. Se se descuidar a conversar num bar, alguém pode começar a fazer perguntas.

– Eu sei comportar-me.

– Ainda bem. Tenha cuidado consigo, também. Estamos a extorquir pessoas, a fazê-las sofrer. Se eu estivesse do outro lado da nossa pequena golpada, seria tentado a tentar obter algumas respostas antes de vomitar o dinheiro.

– Eles estão demasiado assustados.

– De qualquer modo, mantenha os olhos abertos. É importante que se mantenha sóbrio e alerta.

– Muito obrigado. Mais alguma coisa?

– Sim, tenho uns jogos para você.

Em cheio no que era importante. Spicer abriu um jornal e começaram a fazer apostas.

Trevor comprou uma cerveja num estabelecimento à saída de Trumble e bebeu-a enquanto se dirigia para Jacksonville. Tentou a todo o custo não pensar no dinheiro deles, mas não tinha controlo nos seus pensamentos. Entre a sua conta e a deles, havia apenas mais de duzentos e cinquenta mil dólares depositados offshore; era dinheiro a que poderia deitar a mão quando quisesse. Se lhe juntasse meio milhão de dólares – bem, não conseguia deixar de somar –, eram setecentos e cinquenta mil dólares! Nunca seria apanhado a roubar dinheiro sujo; essa era a parte bonita. As vítimas dos Confrades não se queixavam por que se sentiam demasiado envergonhadas. Não estavam a infringir qualquer lei. Em contrapartida, os Confrades estavam a cometer crimes. Portanto, de quem iriam atrás se o dinheiro deles desaparecesse? Trevor tinha de abandonar estes pensamentos.

Mas como podiam os Confrades apanhá-lo? Andaria num veleiro, a navegar entre ilhas de que nunca tinham ouvido falar. E quando acabassem por ser libertados, teriam energia, dinheiro e força de vontade para ir à procura dele? Evidentemente que não. Seriam velhos.

Talvez Beech morresse em Trumble.

– Acaba com isso!-gritou a si próprio.

Foi a pé até Beach Java, bebeu um café triplo e regressou ao escritório para fazer qualquer coisa de produtivo. Entrou online e descobriu os nomes de vários detectives em Filadélfia.

Eram quase seis horas quando começou a telefonar. Os dois primeiros telefonemas foram parar a gravadores.

O terceiro, para os escritórios de Ed Pagnozzi, foi atendido pelo próprio detective. Trevor explicou que era advogado na Florida e que precisava de um trabalho rápido em Upper Darby.

– Está bem. Que tipo de trabalho?

– Ando a tentar seguir uma correspondência aqui – disse Trevor, loquaz. Dissera o mesmo tantas vezes que estava bem ensaiado. – Um grande caso de divórcio. Eu tenho a mulher e estou convencido que o marido anda a esconder dinheiro. De qualquer modo, preciso de alguém que descubra quem é que aluga uma certa caixa postal.

– Deve estar a brincar.

– Não. Estou a falar muito a sério.
– Quer que eu vá farejar uma caixa de correio?
– Trata-se de trabalho básico de detective.
– Ouça, amigo, estou muito ocupado. Telefone a outra pessoa qualquer. Pagnozzi desligou para se dedicar a assuntos mais importantes. Trevor amaldiçoou-o em surdina e ligou o número seguinte. Tentou mais dois e desligou quando lhe responderam gravadores.

Voltaria a tentar no dia seguinte.

Do outro lado da rua, Klockner ouviu a conversa breve com Pagnozzi mais uma vez e depois telefonou para Langley. A última peça encaixara no puzzle e Mr. Deville havia de querer saber imediatamente.

Apesar de estar dependente de belas palavras, falinhas mansas e fotografias irresistíveis, a fraude era elementar no seu modo de funcionamento. Agarrava-se ao desejo humano e recompensava com o terror. A sua mecânica fora resolvida pelo dossiê de Mr. Garbe, pela fraude simulada de Brant White e pelas outras cartas interceptadas.

Só havia uma pergunta que ficara sem resposta: se eram utilizados nomes falsos para alugar caixas postais, como é que os Confrades descobriam os verdadeiros nomes das suas vítimas? Os telefonemas para Filadélfia tinham-lhes fornecido a resposta. Trevor limitara-se a contratar um detective particular local, um menos ocupado do que Mr. Pagnozzi, evidentemente.

Eram quase dez horas quando Deville pôde finalmente ver Teddy. Os norte-coreanos tinham matado mais um soldado americano no DMZ e Teddy estava a tratar das consequências desde o meio-dia. Estava a comer queijo e bolachas de água e sal e a beber uma Diet Coke quando Deville entrou no abrigo.

Depois de um resumo rápido, Teddy disse: – É o que eu pensava.

Os seus instintos eram estranhos, em especial quanto ao que devia ter sido feito.

– Isso significa, evidentemente, que o advogado conseguiu contratar alguém daqui para descobrir a verdadeira identidade de Al Konyers.

– Mas como?

– Podemos pensar em várias hipóteses. A primeira é a vigilância, do mesmo modo que nós apanhamos o Lake a ir à caixa postal às

escondidas. É um pouco arriscado, porque é bem possível que sejamos detectados. A segunda é o suborno. Quinhentos dólares pagos a um funcionário dos correios dão resultado em muitos locais. A terceira é o registo informático.

Esta matéria não é altamente confidencial. Um dos nossos conseguiu infiltrar-se na central dos correios em Evansville, Indiana, e obteve a lista de todos os alugueres de caixas postais.

Foi um teste que não demorou mais de uma hora. É alta tecnologia. Baixa tecnologia é forçar a entrada na estação dos correios, durante a noite, e dar uma vista de olhos.

– Quanto é que ele paga por isso?

– Não sei, mas temos de descobrir quando ele contratar um detetive.

– Tem de ser neutralizado.

– Eliminado?

– Por enquanto não. Prefiro comprá-lo primeiro. Ele é a nossa janela. Se estiver a trabalhar para nós, então ficamos a saber tudo e afastamo-lo do Konyers. Concebemos um plano.

– E quanto à eliminação dele?

– Avance e planeie-a, mas não temos pressa. Pelo menos por enquanto.

VINTE E TRÊS

O Sul gostava mesmo de Aaron Lake, com o seu amor por armas, bombas, conversa dura e militares a postos. Lake inundou a Florida, Mississippi, Tennessee, Oklahoma e Texas com anúncios ainda mais ousados do que os primeiros. E a gente de Teddy inundou os mesmos estados com mais dinheiro do que alguma vez mudara de mãos na noite anterior a uma eleição.

O resultado foi outra derrota total, com Lake a conseguir 260 dos 312 delegados em jogo na pequena Super Terça-feira. Depois da contagem dos votos, em 14 de Março estavam decididos 1.301 dos 2.066 delegados.

Lake levava uma vantagem considerável em relação ao governador Tarry – 801 para 390.

A corrida terminara, impedindo uma catástrofe imprevista.

O primeiro trabalho de Buster em Trumble foi manejar um corta-relva, o que lhe rendia um salário inicial de vinte cêntimos à hora. Ou isso ou limpar o chão do refeitório. Buster escolheu o corte da relva porque gostava de Sol e não queria que a sua pele ficasse tão branca como a de alguns reclusos descorados que vira. Nem havia de engordar como eles. Isto é uma prisão. Como podem eles estar tão gordos?-repetia constantemente a si próprio.

Trabalhava arduamente ao Sol, mantinha o tom bronzeado, jurava que não havia de criar barriga e tentava corajosamente requerer uma medida judicial. Mas, dez dias depois, Buster percebeu que não iria durar quarenta e oito anos.

Quarenta e oito anos! Nem conseguia imaginar tanto tempo. Quem conseguia? Chorou durante as primeiras quarenta e oito horas.

Há treze meses, ele e o pai tratavam do seu ancoradouro, trabalhavam nos barcos e iam à pesca no Golfo, duas vezes por semana.

Buster trabalhava lentamente à volta da vedação de cimento do campo de basquetebol em que decorria um jogo turbulento. Depois passou para a grande caixa de areia onde às vezes jogavam voleibol. Ao longe, um vulto solitário dava a volta à pista, um homem de aspecto envelhecido com os longos cabelos grisalhos apanhados num rabo-de-cavalo e sem camisa.

Pareceu-lhe vagamente familiar. Buster aparou os dois lados de um passeio e foi-se aproximando da pista.

O caminhante solitário era Finn Yarber, um dos juizes que estavam a tentar ajudá-lo.

Contornava o espaço oval com um passo firme, com a cabeça, as costas e os ombros direitos. Não era a imagem do atleta, mas não estava mal para um homem de sessenta anos.

la descalço e em tronco nu e o suor escorria-lhe pela pele lustrosa.

Buster desligou o corta-relva e pousou-o no chão. Quando Yarber se aproximou, viu o rapaz e disse: – Olá, Buster. Como vai isso? -Ainda aqui estou! Importa-se que o acompanhe?-perguntou Buster.

– De maneira nenhuma – respondeu Finn sem alterar o ritmo da marcha.

Só depois de percorrerem duzentos metros é que Buster teve coragem de perguntar: – Então como vão os meus recursos? – O juiz Beech está a analisar o assunto. A sentença parece estar em ordem, o que não é uma boa notícia. Há muitos tipos aqui cujas sentenças contêm erros, e em geral conseguimos fazer uns requerimentos e reduzir alguns anos. Não é o teu caso. Lamento. – Não faz mal. Que importância têm uns anos quando estão em causa quarenta e oito? Vinte e oito, trinta e oito, quarenta e oito, o que interessa isso? – Ainda tens os recursos. Há uma possibilidade de a decisão ser revista. »«...

– Uma possibilidade remota.

– Não podes perder a esperança, Buster — disse Yarber, sem o mínimo vestígio de convicção.

Manter uma certa esperança implicava manter uma certa fé no sistema. Yarber não tinha nenhuma. Fora apanhado e trucidado pelas mesmas leis que defendera no passado.

Mas pelo menos Yarber tinha inimigos, e quase conseguia compreender por que motivo é que eles o perseguiam.

Aquele pobre rapaz não fizera nada de mal. Yarber lera o suficiente do seu processo para acreditar que Buster estava totalmente inocente e que era mais uma vítima de um delegado do Ministério Público com excesso de zelo.

Aparentemente, a avaliar pelo processo, talvez o pai do miúdo tivesse escondido algum dinheiro, mas não fora nada de grave. Nada que justificasse uma acusação de 160 páginas por envolvimento em associação criminosa.

Esperança. Sentiu-se um hipócrita só de pensar na palavra. Os recursos estavam agora colados a conceitos de leite ordem e era raro um caso de droga ser revogado. Tinham metido na gaveta o recurso do rapaz e dito a si próprios que estavam a contribuir para aumentar a segurança nas ruas.

O maior cobarde fora o juiz. Era de esperar que os delegados do Ministério Público acusassem o mundo inteiro, mas os juizes deviam fazer a triagem dos arguidos. Buster e o pai deviam ter sido separados dos

colombianos e dos seus acólitos e enviados para casa antes de o julgamento começar.

Agora um estava morto. O outro arruinado. E ninguém no sistema criminal federal se importava com isso. Era apenas mais um caso de associação criminosa aliada à droga.

Na primeira curva da pista oval, Yarber abrandou e depois parou. Olhou ao longe, para além de um prado bordejado por um renque de árvores. Buster olhou também. Há dez dias que olhava para o perímetro de Trumble e via o que lá não estava – vedações, arame farpado e torres de vigia.

– O último tipo que saiu daqui atravessou aquelas árvores – disse Yarber, de olhos em alvo. – O arvoredado estende-se por alguns quilômetros e depois chegamos a uma estrada rural.

– Quem era ele? – Um tipo chamado Tommy Adkins. Era empregado bancário na Carolina do Norte e foi apanhado em flagrante. .,M – O que lhe aconteceu?

– Deu em maluco e um dia fugiu. Só seis horas depois é que deram pela falta dele. Daí a um mês, encontraram-no no quarto de um motel em Cocoa Beach, não os polícias mas as empregadas.

Estava deitado no chão, em posição fetal, nu, com o dedo na boca e completamente louco.

Internaram-no num manicômio qualquer.

– Seis horas, hem?

– Sim, isto acontece mais ou menos uma vez por ano. Alguém se vai embora. Eles notificam a polícia da nossa terra e introduzem o nosso nome na rede nacional de computadores, o costume.

– Quantos é que são apanhados?

– Quase todos.

– Quase.

– Sim, mas são apanhados porque fazem disparates. Embebedam-se em bares. Conduzem automóveis sem luzes traseiras. Vão ter com as namoradas.

– Então, se tivermos miolos, conseguimos? – Claro. com um planeamento cuidadoso e algum dinheiro, seria fácil. Recomeçaram a andar, um pouco mais devagar.

– Diga-me uma coisa, Mr. Yarber – disse Buster. – Se o senhor tivesse quarenta e oito anos à sua frente, raspava-se?

– Sim.

– Mas eu não tenho um chavo.

– Tenho eu.

– Então vai ajudar-me.

– Veremos. Espera algum tempo. Instala-te aqui. Eles andam mais de olho em ti porque és novo, mas com o tempo esquecem-te.

Buster sorriu. A sua sentença acabara de sofrer uma redução drástica.

– Sabes o que acontece se fores apanhado? – perguntou Yarber.

– Sei, eles acrescentam mais uns anos. Grande negócio. Talvez chegue aos cinquenta e oito.

Não, senhor, se for apanhado, dou um tiro nos miolos.

– Era o que eu faria. Tens de estar preparado para sair do país.

– E ir para onde?

– Para qualquer lado em que te pareças com a gente da terra, e em que não te extraditem para os Estados Unidos.

– Algum sítio em especial?

– Argentina ou Chile. Sabes falar espanhol?

– Não.

– Começa a aprender. Temos aqui aulas de espanhol, sabias? São dadas por rapazes de Miami.

Durante algum tempo, caminharam em silêncio, enquanto Buster repensava o seu futuro.

Sentia os pés mais leves, os ombros mais direitos e não conseguia deixar de sorrir.

– Por que me está a ajudar? – perguntou ele.

– Porque tens vinte e três anos. És muito novo e muito inocente.

Foste lixado pelo sistema, Buster. Tens o direito de ripostar como puderes. Tens namorada?

– Mais ou menos.

– Esquece-a. Só te arranjará sarilhos. Além disso, julgas que ela vai esperar quarenta e oito anos?

– Ela disse que esperava.

– Está a mentir. Já anda a fazer planos. Esquece-a, a menos que queiras ser apanhado.

Sim, talvez ele tivesse razão, pensou Buster. Ainda não recebera uma única carta e, apesar de ela viver apenas a quatro horas de Trumble, ainda não o fora visitar. Tinham falado duas vezes ao telefone, e só parecia preocupada em saber se ele fora atacado.

– Há filhos? – perguntou Yarber.

– Não. Que eu saiba, não.

– E a tua mãe?

– Morreu quando eu era pequeno. Foi o meu pai que me criou. Éramos só nós os dois.

– És o tipo ideal para fugir.

– Eu gostava de me ir embora já.

– Tem paciência. Vamos planear a coisa com cuidado.

Mais um período de silêncio e Buster teve vontade de desatar a correr. Nada lhe escapara em Pensacola. Tivera boas notas em Espanhol no liceu e, apesar de não se lembrar de nada, não tivera dificuldades. Havia de aprender depressa. Havia de tirar o curso e de se entender com os latinos.

Quanto mais andava, mais queria afirmar a sua convicção. E quanto mais depressa, melhor.

Se o seu recurso fosse aceite, seria obrigado a submeter-se a outro julgamento, e não tinha confiança no júri.

Buster tinha vontade de fugir, de atravessar o prado até chegar ao renque de árvores, de atravessar o bosque até chegar à estrada secundária, onde não saberia ao certo o que havia de fazer. Mas se um empregado bancário louco conseguira fugir e chegar a Cocoa Beach, também havia de conseguir.

– Porque não fugiu? – perguntou ele a Yarber.

– Tenho pensado nisso. Mas daqui a cinco anos deixam-me sair. Posso esperar. Terei sessenta e cinco anos, estarei de boa saúde e terei uma esperança de vida de dezesseis anos. É para isso que vivo, Buster, para os últimos dezesseis anos. Não quero olhar para trás.

– Para onde vai?

– Ainda não sei. Talvez para uma aldeola em Itália. Talvez para as montanhas do Peru.

Tenho o mundo inteiro à minha disposição e todos os dias passo horas a sonhar com isso.

– Então tem muito dinheiro? – Não, mas lá chegarei.

Isto suscitava uma série de perguntas, mas Buster não as fez. Estava a aprender que, na prisão, tinha de guardar a maior parte das perguntas para si próprio.

Quando Buster se cansou de andar, parou junto do seu corta-relva.

– Obrigado, Mr. Yarber – disse.

– Não há problema. Esta conversa não sai daqui.

– Com certeza. Estou pronto sempre que o senhor quiser.

Finn afastou-se e caminhou durante mais algum tempo. Tinha os calções ensopados em suor e o rabo-de-cavalo grisalho a pingar. Buster viu-o afastar-se e em seguida deitou uma olhadela ao prado e às árvores.

Nesse momento, via o caminho até à América do Sul.

VINTE E QUATRO

Durante dois longos e árduos meses, Aaron Lake e o governador Tarry tinham andado taco a taco, de costa a costa, em vinte e seis estados com quase vinte e cinco milhões de votos na mira. Trabalhavam dezoito horas por dia, com agendas brutais, viagens constantes, a loucura típica de uma corrida à presidência.

No entanto, tinham feito igualmente um grande esforço para evitar um debate frente a frente. Tarry não queria nenhum no início das primárias porque levava vantagem. Tinha a organização, o dinheiro e as sondagens favoráveis. Para quê legitimar a oposição? Lake não queria nenhum porque era um recém-chegado à cena nacional, um aprendiz nas altas paradas da campanha, e além disso era muito mais fácil esconder-se atrás de um guião e de uma câmara simpática e fazer anúncios sempre que fosse necessário. Os riscos de um debate em direto eram pura e simplesmente demasiado altos.

Teddy também não gostava de pensar nisso.

Mas as campanhas mudam. Os candidatos que vão à frente desaparecem, as pequenas questões tornam-se grandes e a imprensa

consegue criar uma crise apenas à custa do enfado.

Tarry concluiu que precisava de um debate porque estava derrotado e a perder as primárias, umas atrás das outras. «O Aaron Lake está a tentar comprar estas eleições. E eu quero defrontá-lo, de homem para homem», dizia ele vezes sem conta. Parecia uma boa ideia, e a imprensa insistira furiosamente nela.

– Ele anda a fugir de um debate – declarava Tarry, e a ideia também agradava à sua equipa.

– O governador anda a esquivar-se a um debate desde o Michigan era a resposta habitual de Lake.

E assim, durante três semanas, andaram a fugir um do outro até que as suas equipas começaram a tratar dos pormenores sem fazerem barulho.

Lake mostrava-se relutante, mas também precisava de um foro. Apesar de estar a ganhar há várias semanas, estava a trucidar um opositor que se encontrava em declínio há muito tempo. As suas sondagens e as do CAP-D mostravam que havia muitos eleitores interessados nele, mas essencialmente por ser novo, atraente e aparentemente elegível.

Desconhecidas do grande público, as sondagens também revelavam algumas áreas muito sensíveis. A primeira dizia respeito à questão da campanha monodirecionada de Lake. Os gastos com a defesa só conseguem entusiasmar os eleitores durante algum tempo, e as sondagens revelavam que o eleitorado estava muito interessado no que Lake pensava acerca de outras questões.

Segundo, Lake ainda estava cinco pontos atrás do vice-presidente no hipotético confronto de ambos em Novembro. Os eleitores estavam cansados do vice-presidente, mas pelo menos sabiam quem era. Lake continuava a ser um mistério para muita gente. Além disso, os dois iriam discutir várias vezes antes de Novembro. Lake, que tinha a nomeação na mão, tinha de passar por essa experiência.

Tarry não ajudava com as suas perguntas constantes: «Quem é Aaron Lake?» com alguns dos escassos fundos que lhe restavam, autorizou a impressão de autocolantes para os para-choques com a agora célebre pergunta: «Quem é Aaron Lake?» (Era uma pergunta que Teddy fazia a si próprio quase de hora a hora, mas por um motivo diferente.) O cenário do debate foi na Pennsylvania, num pequeno colégio luterano com uma

assistência acolhedora, uma boa acústica e iluminação e uma multidão controlável. As duas fações cuidaram dos mais ínfimos pormenores, mas como ambas as partes precisavam agora de um debate, foram alcançados alguns consensos. O formato exato quase provocara confrontos físicos, mas depois de resolvidos os problemas todos ficaram com alguma coisa.

Os órgãos de informação enviaram três repórteres para o palco, para fazerem perguntas diretas durante uma parte do debate. Os espetadores conseguiram vinte minutos para fazerem toda a espécie de perguntas, sem reservas. Tarry, que era advogado, quis cinco minutos para comentários iniciais e uma declaração de dez minutos no final. Lake quis trinta minutos para o debate com Tarry e nada de restrições, ninguém a arbitrar, só os dois a discutirem sem regras. Isto aterrara a equipa de Tarry e ia destruindo o acordo.

O moderador era uma figura pública da rádio local e quando disse «Boa-noite e bem-vindos ao primeiro e único debate entre o governador Wendell Tarry e o congressista Aaron Lake», cerca de dezoito milhões de pessoas estavam a ver o programa.

Tarry vestia um fato azul-escuro escolhido pela mulher, com a tradicional camisa azul e a habitual gravata vermelha e azul. Lake levava um fato castanho-claro, uma camisa branca de colarinho comprido e uma gravata castanha e vermelha e com mais meia-dúzia de cores.

Todo o conjunto fora montado por um consultor de moda e concebido para complementar as cores do cenário. O cabelo de Lake levava uma pintura. Os dentes tinham sido branqueados. Lake passara quatro horas numa marquesa para se bronzear. Tinha um ar leve e fresco e estava ansioso por entrar no palco.

O governador Tarry era um homem atraente. Apesar de ter apenas mais quatro anos do que Lake, a campanha estava a exigir-lhe um elevado preço. Tinha os olhos cansados e vermelhos. Ganhara alguns quilos, sobretudo na cara. Quando começou a falar, gotas de suor escorreram-lhe pela testa e brilharam com as luzes.

De acordo com a sabedoria convencional, Tarry tinha mais a perder porque já perdera muito. No princípio de Janeiro, profetas tão prescientes como a Time tinham afirmado que a nomeação estava ao seu alcance. Há três anos que iniciara a corrida. A sua campanha contava com o apoio da população rural e do cidadão comum. Todos os presidentes dos círculos

eleitorais e todos os especialistas de sondagens de Iowa e New Hampshire tinham tomado café com ele. A sua organização era impecável.

Depois chegara Lake com os seus anúncios engenhosos e a sua magia unívoca.

Tarry precisava desesperadamente de ter um desempenho surpreendente ou de uma enorme gafe de Lake. Nenhuma destas duas coisas aconteceu. Por moeda ao ar, foi o primeiro a entrar em cena.

Tropeçou nos seus comentários iniciais enquanto se deslocava no palco, crispado e tentando desesperadamente mostrar-se descontraído, mas esquecendo-se do que diziam os apontamentos. É verdade que em tempos fora advogado, mas a sua especialidade eram os seguros. Quando começou a esquecer-se dos pontos, uns atrás dos outros, voltou ao seu tema habitual. «Mr. Lake está aqui a tentar comprar as eleições porque não tem nada para dizer.» Depressa criou um tom desagradável. Lake sorria com elegância, como um pato a sacudir a água das penas.

O começo frágil de Tarry encorajou Lake, deu-lhe um acréscimo de confiança e convenceu-o a ficar atrás do pódio, onde estava em segurança e onde se encontravam os seus apontamentos. Começou por dizer que não estava ali para atacar ninguém e que respeitava o governador Tarry, mas tinham acabado de o ouvir falar durante cinco minutos e onze segundos e não dissera nada de positivo.

Depois, ignorou o seu opositor e, em poucas palavras, aflorou três assuntos que precisavam de ser discutidos. Redução dos impostos, reforma da assistência social e défice comercial.

Nem uma palavra sobre a defesa. A primeira pergunta do painel de repórteres foi dirigida a Lake, e tinha a ver com o excedente orçamental. O que devia ser feito com o dinheiro? Era um ponto suave, levantado por um repórter simpático, e Lake excedeu-se. Salvar a Segurança Social, respondeu ele, e depois, numa impressionante exibição de discurso financeiro, explicou em traços largos como é que o dinheiro devia ser gasto. Recorreu a números, percentagens e projeções, tudo de memória.

O governador Tarry respondeu apenas que se deviam reduzir os impostos. Devolver o dinheiro às pessoas que o tinham ganho.

Foram poucos os pontos afluídos durante o interrogatório. Os dois candidatos estavam bem preparados. A surpresa foi que Lake, o

homem que queria dominar o Pentágono, era igualmente versado em todos os outros assuntos.

O debate centrou-se no habitual dar e tirar. As perguntas dos espetadores foram totalmente previsíveis. O furor começou quando os candidatos foram autorizados a fazer perguntas um ao outro. Tarry foi o primeiro e, como seria de esperar, perguntou a Lake se ele estava a tentar comprar as eleições.

– Você não estava preocupado com o dinheiro quando tinha mais do que todos os outros – disparou Lake, e o público vibrou.

– Eu não tinha cinquenta milhões de dólares – respondeu Tarry.

– Nem eu – disse Lake. – Estou mais perto dos sessenta milhões, e o dinheiro chega tão depressa que nem conseguimos contá-lo. Vem dos trabalhadores e de pessoas com um rendimento médio. Oitenta por cento dos nossos apoiantes são pessoas que ganham menos de quarenta mil dólares por ano. Tem alguma coisa contra essas pessoas, governador Tarry? – Devia haver um limite para o montante dos gastos de um candidato.

– Concordo. E votei oito vezes a favor desse limite no Congresso. Em contrapartida, o senhor nunca se referiu a limites senão quando ficou sem dinheiro.

O governador Tarry fitou a câmara como se fosse Quayle, com o olhar imóvel de um veado diante dos holofotes. Ouviram-se risos de alguns dos apoiantes de Lake na assistência.

As gotas de suor voltaram à testa do governador quando consultou os seus enormes blocos de apontamentos. Não era um governador em exercício mas, mesmo assim, preferia o título. Na realidade, há nove anos que os eleitores de Indiana o tinham mandado passear, logo após o primeiro mandato. Lake não utilizou esta arma durante alguns minutos.

– Não me lembro de cinquenta e quatro impostos – disse Lake. Mas muitos deles eram sobre o tabaco, o álcool e o jogo. Também votei contra o aumento dos impostos sobre o rendimento das pessoas singulares, dos impostos sobre as empresas, dos impostos federais e das taxas da Segurança Social. Não me envergonho disso. E por falar de impostos, governador, durante os seus quatro anos em Indiana, como explica o fato de os escalões dos impostos individuais terem subido seis por cento em média? Não surgiu qualquer resposta pronta, e Lake

continuou: – O senhor quer reduzir as despesas federais, mas durante os quatro anos que passou no estado de Indiana, as despesas aumentaram dezoito por cento. Quer reduzir os impostos das empresas, mas durante os seus quatro anos em Indiana os impostos das empresas aumentaram três por cento. Quer acabar com a assistência, mas quando era governador foram acrescentadas quarenta mil pessoas às listas da assistência em Indiana. Como explica isto? Cada ataque vindo de Indiana fazia sangue, e Tarry estava pelos cabelos.

– Discordo dos seus números – conseguiu dizer. – Nós criamos postos de trabalho em Indiana.

– Ai sim? – disse Lake num tom sardônico.

Tirou uma folha de papel da sua estante como se fosse uma acusação formal do estado de Indiana contra o governador Tarry.

– Talvez tenha criado, mas durante o seu mandato de quatro anos houve cerca de sessenta mil trabalhadores que se inscreveram no desemprego – anunciou, sem olhar para o papel.

Era verdade que Tarry tivera uns quatro anos maus como governador, mas a economia não o ajudara. Ele explicara tudo isto antes e adorava voltar a fazê-lo, mas – bolas! – só dispunha de alguns minutos para falar na televisão nacional. Decerto não ia desperdiçá-los referindo-se a ninharias que pertenciam ao passado.

– Esta corrida não diz respeito a Indiana – disse ele, sorrindo com esforço. – Diz respeito a todos os cinquenta estados. A todo o povo trabalhador que espera pagar mais impostos para financiar os seus projetos megalômanos de defesa, Mr. Lake. O senhor não pode estar a falar a sério quando promete duplicar o orçamento do Pentágono.

Lake deitou um olhar implacável ao seu opositor.

– Estou a falar muito a sério. E se o senhor quisesse umas forças armadas fortes, também falaria a sério.

Em seguida, desfiou um rosário de estatísticas, que se encadeavam umas nas outras. Era a prova conclusiva da impreparação das forças armadas americanas, e quando terminou os militares americanos teriam sofrido grandes pressões para invadir as Bermudas.

Mas Tarry tinha um estudo de sentido contrário, um manuscrito grosso e lustroso produzido por um instituto dirigido por antigos generais. Agitou-o diante das câmaras e defendeu que tal espalhafato era

desnecessário. O mundo estava em paz, com exceção de alguns conflitos cívicos e regionais, disputas em que não estavam envolvidos quaisquer interesses nacionais, e os Estados Unidos eram de longe a única superpotência que se situava à esquerda. A Guerra Fria passara à história. Os chineses estavam a décadas de alcançarem qualquer coisa que se parecesse de longe com a paridade. Para quê sobrecarregar os contribuintes com dezenas de biliões de dólares gastos em novos equipamentos? Durante algum tempo discutiram sobre o modo de o pagarem, e Tarry focou pontos de interesse menor. Mas estavam no terreno de Lake, e à medida que o assunto se arrastava tornava-se evidente que Lake sabia muito mais do que o governador.

Lake deixou o melhor para o fim. Nos seus dez minutos finais, regressou a Indiana e continuou a enumerar a lista infeliz dos erros de Tarry durante o seu único mandato. O tema era simples e muito eficaz: se não conseguira governar Indiana, como havia de conseguir governar todo o país? – Não estou a criticar as pessoas de Indiana – disse Lake em determinado momento. – A verdade é que elas tiveram o bom senso de devolver Mr. Tarry à vida privada logo ao fim de um mandato. Elas sabiam que ele estava a fazer um péssimo trabalho. Por isso é que só trinta e oito por cento votaram nele quando lhes foram pedidos mais quatro anos. Trinta e oito por cento! Devemos confiar nas pessoas de Indiana. Elas conhecem este homem. Elas viram-no governar. Elas cometeram um erro e livraram-se dele. Seria triste que o resto do país cometesse o mesmo erro.

As sondagens instantâneas deram uma vitória sólida a Lake. O CAP-D telefonou a um milhar de eleitores logo após o debate. Quase setenta por cento considerou que Lake era o melhor dos dois.

– Num voo tardio de Pittsburgh para Wichita, foram abertas várias garrafas de champanhe na Air Lake e iniciou-se uma pequena festa. Os resultados da sondagem sobre o debate estavam a chegar, cada um melhor do que o anterior, e o ambiente era de vitória.

Lake não proibira o álcool no seu Boeing, mas desincentivara-o. Se e quando um membro da sua equipa tomava um copo, era sempre às pressas e sempre às escondidas. Mas havia momentos que mereciam ser celebrados. Lake bebeu duas taças de champanhe. Só os seus colaboradores mais próximos é que estavam presentes. Lake agradeceu-lhes e felicitou-os, e só por graça eles viram os destaques do debate

enquanto abriam outra garrafa de champanhe. Imobilizavam o vídeo sempre que o governador Tarry se mostrava particularmente confuso, e as gargalhadas eram mais sonoras.

Mas a festa foi breve; o cansaço era grande. Eram pessoas que dormiam cinco horas por noite há várias semanas. A maioria dormira ainda menos na noite anterior ao debate. O próprio Lake estava exausto. Acabou de beber a terceira taça – há muitos anos que não bebia tanto – e instalou-se na sua poltrona de couro reclinável com uma pesada manta por cima do corpo. Viam-se corpos espalhados por todo o lado na escuridão da cabina.

Lake não conseguiu dormir; raramente conseguia pregar olho nos aviões. Tinha demasiadas coisas em que pensar e com que se preocupar. Era impossível não saborear a vitória no debate e, enquanto se mexia debaixo da manta, reviveu os pontos altos da noite. Fora brilhante, algo que nunca admitiria diante de mais ninguém.

A nomeação era sua. Seria exibido na convenção e depois, durante quatro meses, com o vice– presidente lutariam lado a lado segundo a maior das tradições americanas.

Lake acendeu a pequena luz de leitura por cima de si. Havia mais alguém a ler no corredor, junto da cabina de pilotagem. Mais alguém com insónias que acendera a única outra luz da cabina. As pessoas ressonavam debaixo dos cobertores, dormiam o sono próprio de jovens apressados e sujeitos a uma pressão enorme.

Lake abriu a pasta e tirou um pequeno dossiê de couro cheio de cartões destinados à sua correspondência pessoal. Eram de dez, por quinze, pesados, branco-sujo e com o nome de «Aaron Lake» impresso a negro em cima. Com uma caneta Mont Blanc grossa e antiga, Lake escreveu umas linhas ao seu colega de quarto da universidade, que era agora professor de Latim num pequeno colégio do Texas. Agradeceu ao moderador do debate e ao seu coordenador de Oregon. Lake adorava os romances de Clancy. Acabara de ler o último, ainda mais grosso, e escreveu um bilhete ao autor, a felicitá-lo.

Às vezes, alongava-se e era por isso que tinham cartões lisos, do mesmo tamanho e da mesma cor, mas sem o nome. Olhou à volta para se certificar de que estavam todos a dormir profundamente, e escreveu à pressa:

Caro Ricky,

Creio que é melhor pormos fim à nossa correspondência.

Desejo-te felicidades na tua recuperação.

Cumprimentos, Al

Escreveu o endereço num envelope liso. O nome de Aladdin North surgiu de memória. Em seguida, voltou aos seus cartões personalizados e escreveu uma série de bilhetes a agradecer contribuições de vulto. Escreveu vinte antes de o cansaço finalmente se instalar.

Com os cartões ainda à sua frente e a luz acesa, cedeu à exaustão e daí a pouco adormeceu.

Estava a dormir há menos de uma hora quando foi acordado por vozes em pânico. As luzes estavam acesas, as pessoas andavam de um lado para o outro e havia fumo na cabina. Um alarme qualquer soava na cabina do piloto e, assim que despertou por completo, Lake percebeu que o nariz do Boeing estava apontado para baixo. O pânico total instalou-se rapidamente quando as máscaras de oxigênio foram projectadas de cima. Depois de vários anos a assistir às demonstrações de rotina antes da descolagem, as malditas máscaras iam de fato ser usadas. Lake pôs a sua e inalou com força. *..-.

O piloto anunciou que iriam fazer uma aterragem de emergência em St. Louis. As luzes vacilaram e alguém gritou. Lake tinha vontade de se deslocar na cabina e de sossegar toda a gente, mas a máscara não o deixava mexer-se. Atrás dele, iam duas dúzias de repórteres e outros tantos elementos dos serviços secretos. < Talvez as máscaras de oxigênio não tivessem caído lá atrás, pensou ele, sentindo-se culpado.

O fumo tornou-se mais espesso e as luzes apagaram-se. Depois do pânico instalado, Lake conseguiu ter um ou dois pensamentos racionais, ainda que por pouco tempo. Guardou à pressa os cartões e os envelopes. O que era destinado a Ricky mereceu a sua atenção e foi enfiado num envelope dirigido a Aladdin North. Lake fechou-o e guardou o dossiê na pasta. As luzes estremeceram de novo e depois apagaram-se para sempre.

O fumo fazia-lhes arder os olhos e aquecia-lhes a cara. O avião estava a descer rapidamente. Ouviam-se campainhas de aviso e sirenes vindas da cabina de pilotagem.

Isto não pode estar a acontecer, pensou Lake, agarrando-se aos braços do assento. Estou prestes a ser eleito presidente dos Estados Unidos. Pensou em Rocky Marciano, Buddy Holly, Otis Redding, Thurman

Munson, no senador Tower do Texas, em Mickey Leland de Houston, um seu amigo. E em J. K. Kennedy Júnior e em Ron Brown.

De repente, o ambiente arrefeceu e o fumo dissipou-se rapidamente. Encontravam-se abaixo dos dez mil pés, e o piloto conseguiu ventilar a cabina. O avião endireitou-se e, das janelas, avistaram luzes no solo.

– Por favor, conservem as máscaras de oxigênio – disse o piloto às escuras. – Dentro de alguns minutos estaremos no solo. A aterragem deverá decorrer sem incidentes.

Sem incidentes? Devia estar a brincar, pensou Lake. Precisava de ir urgentemente à casa de banho.

O alívio instalou-se dificilmente no avião. Precisamente antes de aterrarem, Lake avistou as luzes intermitentes de inúmeros veículos de emergência. Oscilaram um pouco, como era habitual nas aterragens, e quando o aparelho se imobilizou no fim da pista as portas de emergência abriram-se.

A saída foi precipitada mas controlada e, daí a alguns minutos, todos os passageiros foram conduzidos para ambulâncias pelo pessoal de socorro. O incêndio que deflagrara no porão do Boeing continuava a lavrar. Quando Lake saiu do avião, os bombeiros precipitaram-se para o aparelho. Via-se fumo a sair de baixo das asas.

Mais uns minutos e estaríamos mortos, pensou Lake.

– Foi mesmo à justa, senhor – disse um paramédico quando a ambulância arrancou.

Lake agarrou-se à pasta, com as cartas lá dentro, e pela primeira vez ficou rígido de horror.

Aquilo que ia sendo uma catástrofe e a barreira obrigatória aos órgãos de informação que se lhe seguiu teriam contribuído pouco para aumentar a popularidade de Lake. Mas a publicidade não foi contraproducente. Lake era uma figura omnipresente nos noticiários da manhã, ora a falar da sua vitória decisiva no debate com o governador Tarry, ora a fornecer pormenores sobre aquele que poderia ter sido o seu último voo.

– Creio que andarei de autocarro durante uns tempos – disse, soltando uma gargalhada.

Recorreu ao humor na medida do possível e optou por fazer de conta que nada se passara.

Os membros da sua equipa contaram várias histórias sobre a inalação de oxigênio às escuras enquanto o fumo se tornava mais espesso e quente. E os repórteres que iam a bordo constituíram fontes de informação muito solicitadas, fazendo relatos pormenorizados do terror vivido.

Teddy Maynard assistiu a tudo do seu abrigo. Três dos seus homens iam no avião e um deles telefonou-lhe do hospital em St. Louis.

Fora um acontecimento surpreendente. Por um lado, Teddy continuava a acreditar na importância de ter Lake como presidente. A segurança da nação dependia disso.

Por outro, um desastre não teria sido propriamente uma catástrofe. Lake e a sua vida dupla teriam desaparecido. Teria sido o fim de uma grande dor de cabeça. O governador Tarry fora o primeiro a conhecer o poder do dinheiro ilimitado. Teddy podia fazer um acordo com ele a tempo de vencer as eleições em Novembro.

Mas Lake continuava a existir, mais forte do que nunca. O seu rosto bronzeado vinha nas primeiras páginas de todos os jornais e fora captado por quase todas as câmaras. A sua campanha evoluíra mais depressa do que Teddy imaginara.

Então, porque havia tanta angústia no abrigo? Porque não estava Teddy a festejar? Porque ainda tinha o enigma dos Confrades para resolver. E não podia desatar a matar gente sem mais nem menos.

VINTE E CINCO

A equipa dos Documentos serviu-se do mesmo computador que usara para escrever a última carta a Ricky. Esta foi redigida pelo próprio Deville e aprovada por Mr. Maynard. Dizia o seguinte: Caro Ricky, É uma boa notícia a da tua ida para o lar, em Baltimore. Dá-me ... alguns dias e creio que te conseguirei arranjar lá um emprego a tempo inteiro. E um trabalho de escritório, não dá muito dinheiro, mas é bom para começar.

Proponho que avancemos um pouco mais devagar do que pretendes. , Talvez um bom almoço a princípio, e depois veremos como correm as coisas. Não sou pessoa para me atirar de cabeça.

Espero que continues bem. Escrevo-te na próxima semana, quando tiver os pormenores do emprego. Aguarda.

Felicidades, Al Só «Al» é que estava escrito à mão. Foi aplicado um carimbo de Washington, a carta seguiu de avião e foi entregue em mão a Klockner, em Neptune Beach.

Por acaso, Trevor encontrava-se em Fort Lauderdale, curiosamente a tentar legalizar o negócio, e a carta ficou na caixa de Aladdin North durante dois dias. Quando o advogado voltou, exausto, passou pelo seu escritório e teve uma discussão desagradável com Jan. Saiu, furioso, meteu-se no automóvel e foi aos Correios. Deliciado, foi encontrar a caixa cheia. Separou a correspondência que era para deitar fora, dirigiu-se aos correios de Atlantic Beach, que ficavam a oitocentos metros, e verificou a caixa de Laurel Ridge, a suposta clínica de reabilitação de Percy.

Depois de recolher toda a correspondência, e para grande desgosto de Klockner, foi para Trumble. Fez um telefonema no caminho para o seu agente de apostas. Perdera dois mil e quinhentos dólares em três dias, no hóquei, um desporto de que Spicer não percebia nada e no qual se recusava a apostar. Trevor escolhera os seus favoritos, com resultados previsíveis.

Spicer não respondeu à mensagem enviada para o pátio de Trumble e por isso foi Beech que recebeu Trevor na sala dos advogados.

Procederam à troca de correspondência habitual – oito cartas para expedir e catorze recebidas.

– E aquele Brant de Upper Darby? – perguntou Beech, procurando entre os envelopes.

– Que quer saber? – Quem é ele? Estamos prontos para o espremer.

– Continuo a investigar. Estive uns dias fora.

– Trate disso. Talvez esse tipo seja o mais importante.

– vou tratar disso amanhã.

Beech não tinha negócios em Las Vegas que lhe dessem que pensar e não quis jogar às cartas. Trevor saiu vinte minutos depois.

Muito depois da hora do jantar e do encerramento da biblioteca, os Confrades ficaram fechados na sua salinha, falando pouco, evitando o contato visual uns com os outros e olhando para as paredes, embrenhados nos seus pensamentos.

Em cima da mesa estavam três cartas. Uma fora escrita no computador de Al e tinha um carimbo de há dois dias, de Washington. Outra era um bilhete manuscrito de Al a pôr fim à sua correspondência com Ricky, com carimbo de St. Louis, três dias antes. Eram contraditórias, e era óbvio que tinham sido escritas por duas pessoas diferentes. Alguém andava a violar-lhes a correspondência.

A terceira carta deixara-os gelados. Leram-na e releram-na, um por um, em conjunto, em silêncio, em uníssonos. Pegaram-lhe pelos cantos, viram-na à luz e até a cheiraram. Cheirava ligeiramente a fumo, tal como o envelope e o bilhete de Al a Ricky.

Escrita à mão e a tinta, tinha data de 18 de Abril, à uma e vinte da madrugada, e era dirigida a uma mulher chamada Carol.

Querida Carol, Mas que grande noite! O debate não podia ter corrido melhor, em parte graças a ti e aos voluntários de Pennsylvania. Muito obrigado! Vamos continuar em força e ganhar isto.

Vamos à frente em Pennsylvania, e ficamos por aí. Até para a semana.

Estava assinada por Aaron Lake. O cartão tinha o nome dele impresso em cima. A letra era idêntica à do bilhete lacônico que Al enviara a Ricky.

O envelope era dirigido a Ricky em Aladdin North, e quando Beech o abriu não reparou no segundo cartão colado ao primeiro. Depois, este caiu em cima da mesa e, quando Beech lhe pegou, reparou no nome «Aaron» Lake impresso a negro.

Isto aconteceu por volta das quatro horas da tarde, não muito depois de Trevor se ter ido embora. Durante cerca de cinco horas, tinham examinado a correspondência e, nesse momento, tinham quase a certeza de que a) a carta escrita a computador era falsa, em que o nome «Al» fora assinado por algum especialista em falsificações; a assinatura forjada de «Al» era idêntica à original, e por conseguinte o falsificador conseguira ter acesso à correspondência entre Ricky e Al; e) os bilhetes dirigidos a Ricky e a Carol tinham sido manuscritos por Aaron Lake; e aquele que era dirigido a Carol fora enviado por engano.

Acima de tudo, Al Konyers era realmente Aaron Lake.

A pequena fraude dos Confrades apanhara o político mais famoso do país.

Por outro lado, outras provas menos importantes também apontavam para Lake. A sua fachada era um serviço de caixas postais existente na zona de Washington, um local onde o congressista Lake passava uma boa parte do seu tempo. Como era um funcionário eleito e com grande visibilidade, quase sempre sujeito aos caprichos dos eleitores, escondera-se atrás de um nome falso. E servira-se de um computador com impressora para esconder a sua letra. Al não enviara nenhuma fotografia, um sinal de que tinha muito a esconder.

Os Confrades consultaram jornais recentes existentes na biblioteca para compararem as datas. Os bilhetes manuscritos tinham sido enviados de St. Louis na véspera do debate, quando Lake lá se encontrava por ter deflagrado um incêndio no seu avião.

A oportunidade parecia ideal para Lake acabar com as cartas. Iniciara a troca de correspondência antes de entrar na corrida. Em três meses, tomara de assalto o país e tornara-se muito famoso. Agora tinha muito a perder.

A pouco e pouco, sem se preocuparem com o tempo, os Confrades construíram uma teoria contra Aaron Lake. E quando ela lhes pareceu consistente, tentaram destruí-la. A maior oposição veio de Finn Yarber.

Suponham, disse ele, que alguém da equipa de Lake teve acesso a esta correspondência.

Não era uma má hipótese, e durante cerca de uma hora pensaram nela. Al Konyers não seria capaz de tal coisa para se esconder? E se vivesse em Washington e trabalhasse para Lake? E se Lake, um homem muito ocupado, tivesse confiado no assistente para escrever bilhetes pessoais em vez dele? Yarber não se lembrava de ter dado tal confiança a um assistente quando era juiz-presidente. Beech nunca permitira que alguém escrevesse os seus bilhetes pessoais. Spicer nunca se entregara a tais disparates. Era para isso que serviam os telefones.

Mas Yarber e Beech desconheciam a tensão e o frenesi de qualquer coisa que se parecesse vagamente com uma campanha presidencial. Tinham sido homens ocupados no seu tempo, constataram com amargura, mas nada que se parecesse com Lake.

E se fosse um assistente de Lake? Até então, estava totalmente coberto porque não lhes contara quase nada. Não lhes enviara nenhuma fotografia. Os pormenores acerca da carreira e da família eram muito vagos. Gostava de filmes antigos e de comida chinesa, e isto era tudo o que lhe tinham arrancado. Konyers constava da lista de correspondentes a atacar por ser demasiado tímido. Porque havia ele de acabar com a relação naquele momento? Não havia nenhuma resposta pronta.

E a discussão foi frustrante. Beech e Yarber concluíram que ninguém na posição de Lake, ninguém com uma hipótese de vir a ser presidente dos Estados Unidos permitiria que outra pessoa escrevesse e assinasse bilhetes pessoais. Lake tinha dezenas de elementos da sua equipa para processar cartas e memorandos que poderiam ser rapidamente assinados por si.

Spicer levantara uma questão mais grave. Porque havia Lake de arriscar-se a enviar um bilhete manuscrito? As suas cartas anteriores tinham sido datilografadas em papel branco e enviadas num envelope sem quaisquer elementos de identificação. Eles sabiam identificar um cobarde pela escolha do papel, e Lake era tão medroso como os outros que tinham respondido ao anúncio. A campanha, rica como era, tinha muitos computadores e máquinas de escrever, sem dúvida de tecnologia recente.

Para responder à pergunta, os Confrades concentraram-se nas poucas provas de que dispunham. A carta a Carol fora escrita à uma e vinte

da madrugada. Segundo um jornal, a aterragem de emergência registara-se cerca das duas e um quarto, menos de uma hora depois, – Ele escreveu-a no avião – disse Yarber. – Era tarde, o avião ia cheio de gente, quase sessenta pessoas, segundo o jornal, que estavam exaustas. Talvez ele não tivesse acesso a nenhum computador.

– Então porque não esperou? – perguntou Spicer. Provara que era excelente a fazer perguntas a que ninguém sabia responder, sobretudo ele.

– Cometeu um erro. Julgou que estava a ser esperto e talvez não estivesse. Misturou a correspondência.

– Olhem para o que é importante – disse Beech. – A nomeação está no papo. Ele acabou de aniquilar o seu único opositor, na presença de uma audiência nacional, e está convencido de que ganha as eleições em Novembro. Mas tem este segredo. Tem o Ricky e há várias semanas que anda a pensar no que há-de fazer com ele. O rapaz vai ter alta e quer marcar um encontro, etc. Lake sente a pressão em duas frentes, do Ricky e da consciência de que pode vir a ser presidente. Por isso resolve dar com os pés no Ricky. Escreve um bilhete que tem uma hipótese num milhão de ser interceptado e, depois, o avião incendeia-se. Comete um pequeno erro que se transforma num monstro.

– E não sabe. Por enquanto – acrescentou Yarber.

A teoria de Beech fazia sentido. Os Confrades absorveram-na no silêncio pesado da sua pequena sala. A gravidade da descoberta abateu-se sobre as suas palavras e os seus pensamentos. As horas passavam e ela ia assentando lentamente.

Quanto à segunda grande questão, foram confrontados com a realidade surpreendente de que alguém andava a intrometer-se na sua correspondência. Quem? E porque havia alguém de querer fazer tal coisa? Como tinha interceptado as cartas? O enigma parecia não ter solução.

Mais uma vez, admitiram a possibilidade de o culpado ser alguém muito próximo de Lake, talvez um assistente com acesso às cartas. E talvez tentasse proteger Lake de Ricky, apoderando-se da correspondência, com o objectivo de um dia arranjar maneira de pôr termo à relação.

Mas havia muitos elementos desconhecidos para que pudessem construir uma teoria.

Coçaram a cabeça, roeram as unhas e por fim admitiram que teriam de dormir sobre o assunto. Não podiam planear o que fariam a

seguir porque a situação que se lhes deparava tinha mais enigmas do que respostas.

Dormiram pouco e tinham os olhos vermelhos e a barba por fazer quando voltaram a reunir-se pouco depois das seis da manhã, à volta de chávenas descartáveis de café fumegante. Fecharam a porta à chave, pegaram nas cartas, colocaram-nas exatamente no mesmo sítio da noite anterior e começaram a pensar.

– Acho que devíamos verificar a caixa de Chevy Chase – disse Spicer. – É fácil, seguro e geralmente é rápido. O Trevor tem conseguido fazê-lo quase sempre. Se soubéssemos quem é que a aluga, teríamos resposta para muitas perguntas.

– Custa a acreditar que um homem como Aaron Lake alugasse uma caixa postal para esconder cartas como estas – disse Beech.

– Não se trata do mesmo Aaron Lake – disse Yarber. – Quando ele alugou a caixa postal e começou a escrever ao Ricky, era um simples congressista, um dos quatrocentos e trinta e cinco. Nunca tínhamos ouvido falar dele. Agora a situação alterou-se drasticamente.

– E é exatamente por isso que ele está a tentar acabar com a relação – disse Spicer. – As coisas agora são muito diferentes. Tem muito mais a perder.

O primeiro passo seria conseguir que Trevor investigasse a caixa postal em Chevy Chase.

O segundo passo não era tão claro. Estavam preocupados que Lake – e partiam do princípio de que Lake e Al eram uma e a mesma pessoa se apercebesse do erro que cometera com as cartas. Ele tinha dezenas de milhares de dólares (um fato que decerto não tinham ignorado) e podia facilmente usar uma parte para ir no encalço de Ricky. Dada a dimensão do que estava em jogo, se se apercebesse do seu erro, faria tudo para neutralizar Ricky.

Por isso, discutiram se haviam de lhe escrever um bilhete, no qual Ricky pediria a Al que não batesse com a porta daquela maneira. Ricky precisava da sua amizade e de mais nada, etc. O objectivo seria dar a impressão de que tudo estava bem, que não havia nada de anormal.. Esperavam que Lake a lesse, coçasse a cabeça e perguntasse a si próprio para onde fora aquele maldito cartão que enviara a Carol.

Concluíram que tal bilhete era imprudente porque havia mais alguém a ler as cartas. Até saberem de quem se tratava, não podiam arriscar-se a ter mais contatos com Al. «— Acabaram de tomar o café e foram para o refeitório. Comeram sozinhos, cereais, fruta e iogurte, alimentos saudáveis, porque daí em diante voltariam a viver virados para o exterior. Deram quatro voltas à pista sem fumar, juntos, em passo lento, e depois regressaram à sua sala para acabarem a manhã a pensar a fundo.

Pobre Lake! Andava a saltar de estado para estado com cinquenta pessoas atrás, sempre atrasado, com uma dúzia de adjuntos a segredarem-lhe aos ouvidos. Não tinha tempo para pensar em si próprio.

E os Confrades tinham o dia todo, horas e horas para se confrontarem com os seus pensamentos e planos. Era um confronto desigual.

VINTE E SEIS

Havia dois tipos de telefones em Trumble, os seguros e os inseguros. Em teoria, todas as chamadas feitas de linhas inseguras eram gravadas e sujeitas a revisão por pequenos diabretes instalados algures num cubículo, que não faziam mais nada a não ser escutar um milhão de horas de conversas inúteis. Na realidade, cerca de metade dos telefonemas eram de fato gravados, ao acaso, e só cinco por cento é que eram escutados por alguém que trabalhava para a prisão. Nem sequer o governo federal conseguia contratar diabretes suficientes para proceder a todas as escutas.

Sabia-se que os traficantes de droga davam instruções aos seus grupos a partir de linhas inseguras. Sabia-se que os chefes da mafia ordenavam ataques aos seus rivais. As hipóteses de serem apanhados eram mínimas.

As linhas seguras eram poucas em número e, por lei, não podiam ser alvo de escutas. As linhas seguras destinavam-se apenas aos advogados, sempre na presença de um guarda.

Quando chegou finalmente a vez de Spicer fazer uma chamada segura, o guarda fora-se embora.

– Escritório de advogados – disse uma voz rude do mundo livre.
– Sim, fala Joe Roy Spicer. Estou a falar da prisão de Trumble e preciso de falar com o Trevor.

– Ele está a dormir. Era uma e meia da tarde.

– Então vá acordar esse filho da mãe – rosnou Spicer.

– Espere.

– Despache-se, por favor. Estou a falar ao telefone de uma prisão.

Joe Roy olhou à sua volta e perguntou a si próprio, mais uma vez, que tipo de advogado tinham eles arranjado.

– Porque está a telefonar? Foram as primeiras palavras de Trevor.

– Não interessa. Precisamos de uma coisa com pressa.

Nesse momento, o apartamento em frente do escritório de Trevor estava em delírio. Aquele era o primeiro telefonema de Trumble.

– O que é?

– Precisamos que verifique uma caixa. Depressa. E queremos que a traga debaixo de olho. Não vá embora senão quando acabar.

– Por que eu?

– Faça o que lhe digo, com os diabos. Este caso pode ser o mais importante.

– Onde é?

– Chevy Chase, Maryland. Tome nota. Al Konyers, Caixa Postal , Mailbox America, 39380 Western Avenue, Chevy Chase. Tenha muito cuidado porque esse tipo pode ter amigos, e é bem possível que já esteja alguém a vigiar a caixa. Leve dinheiro e contrate dois bons detectives.

– Tenho muito que fazer aqui.

– Pois, desculpe tê-lo acordado. Faça isto imediatamente, Trevor. Parta hoje. E não volte enquanto não souber quem é que alugou a caixa.

– Está bem, está bem.

Spicer desligou e Trevor voltou a pôr os pés em cima da secretária e aparentemente retomou a sua sesta. Mas estava apenas a pensar no assunto. Pouco depois, gritou a Jan que soubesse como estavam os voos para Washington.

Há catorze anos que Klockner era chefe de divisão e nunca vira tanta gente a vigiar uma pessoa que fazia tão pouco. Fez um telefonema rápido a Deville, em Langley, e o apartamento entrou em ação. Chegara o momento de Wes e Chap se mostrarem.

Wes atravessou a rua e franqueou a porta rangente de Mr. L. Trevor Carson, Advogado e Conselheiro. Ia vestido de caqui, com uma camisola por cima e calçava mocassins sem meias. Quando Jan o contemplou com o sorriso trocista habitual, não percebeu se era um turista ou uma pessoa da terra.

– Que deseja? – perguntou ela.

– Preciso de falar com Mr. Carson – disse Wes com ar desesperado.

– Tem marcação? – perguntou ela, como se o patrão estivesse tão ocupado que ela até perdia a conta às reuniões dele.

– Bem, não, é uma espécie de emergência.

– Ele está muito ocupado – disse ela, e Wes quase ouviu as gargalhadas no apartamento em frente.

– Por favor, tenho de falar com ele.

Ela rolou os olhos nas órbitas e não se mexeu.

– De que se trata? -Acabei de enterrar a minha mulher-disse ele, à beira das lágrimas, e Jan cedeu um pouco.

– Lamento – disse ela. Pobre tipo! – Ela morreu num acidente de automóvel no 1-95, mesmo a norte de Jacksonville.

Nesse momento, Jan levantou-se e lamentou não ter café feito há pouco.

– Lamento profundamente. Quando foi isso? – perguntou ela.

– Há doze dias. Foi um amigo que me recomendou Mr. Carson. Não devia ser muito amigo, pensou Jan.

– Quer um café? – perguntou ela, acabando de pintar as unhas. Há doze dias, pensou. Como todas as boas secretárias de advogado, lia os jornais e mostrava-se particularmente atenta aos acidentes.

Talvez aparecesse alguém à porta.

Nunca ninguém aparecera à porta de Trevor. Até aí.

– Não, obrigado – respondeu ele. – Foi um camião da Texaco que a atropelou. O motorista vinha embriagado.

– Oh, meu Deus! – exclamou ela tapando a boca com a mão. Até Trevor seria capaz de tomar conta deste caso.

bom dinheiro, honorários altos, mesmo ali na recepção, e aquele idiota estava a risonhar depois do almoço.

– Ele está a recolher um depoimento – disse ela. – Deixe-me ir ver se o posso interromper. Sente-se, por favor.

Jan teve vontade de ir fechar a porta principal à chave para o homem não fugir.

– O meu nome é Yates. Yates Newman – disse ele, tentando ajudá-la.

– Está bem – respondeu ela, correndo pelo corredor. Bateu delicadamente à porta de Trevor e depois entrou.

– Acorde, palerma! – disse ela entredentes, suficientemente alto para Wes ouvir na recepção.

– O que é? – perguntou Trevor, levantando-se, pronto para o confronto físico. Afinal, não estava a dormir. Estava a ler uma Peoplejá antiga.

– Adivinhe! Tem um cliente.

– Quem é?

– Um homem cuja mulher foi atropelada por um camião da Texaco há doze dias. Ele quer vê-lo imediatamente.

– Está aqui?

– Está. Custa a acreditar, não é? com trezentos advogados em Jacksonville e este pobre homem vem cair aqui. Ele disse que foi um amigo que o recomendou.

– O que lhe disse você?

– Disse-lhe que tinha de arranjar novos amigos.

– Não, a sério. O que lhe disse?

– Que estava a recolher um depoimento.

– Não recolho um depoimento há oito anos. Mande-o entrar. - Tenha calma. vou fazer-lhe um café. Finja que está a terminar qualquer coisa importante. Porque não dá uma arrumação a isto?

– Veja lá se ele não se vai embora.

– O motorista estava bêbado – disse ela. – Não dê cabo disto. Trevor ficou imóvel, boquiaberto, de olhos em alvo, e a sua mente embotada regressou à vida. Um terço de dois milhões de dólares, de quatro milhões, bolas, de dez milhões se o homem estava mesmo bêbado e o dinheiro da indemnização viesse.

Trevor teve vontade de arrumar a secretária, mas não se conseguiu mexer.

Wes espreitou pela janela da frente e olhou para o apartamento onde se encontravam os colegas. Manteve-se de costas para o rebuliço que

havia ao fundo do corredor porque tentava manter-se sério. Ouviu passos e depois Jan disse: – Mr. Carson recebe-o daqui a pouco.

– Obrigado – respondeu em voz baixa, sem se virar.

Pobre homem, continua a sofrer, pensou ela. Em seguida, dirigiu-se à cozinha imunda para fazer café.

O depoimento terminou num abrir e fechar de olhos, e os outros participantes desapareceram como que por milagre, sem deixar rasto. Wes seguiu Jan até ao gabinete atravancado de Mr. Carson. Fizeram-se as apresentações. Jan levou-lhes café acabado de fazer e, quando ela saiu, Wes fez um pedido invulgar.

– Há por aqui algum sítio onde se possa tomar um café bem forte?

– Ora essa, com certeza, sim, claro – disse Trevor, cujas palavras saíam em catadupa. – Há um sítio chamado Beach Java a uns quarteirões daqui.

– Pode mandá-la buscar um? Evidentemente. Fosse o que fosse! – Sim, claro. Grande ou duplo? – Grande.

Trevor saiu do gabinete a cambalear e, pouco depois, Jan saiu pela porta principal e praticamente desceu a rua a correr. Quando ela desapareceu, Chap saiu do apartamento e encaminhou-se para o escritório de Trevor. A porta principal estava fechada e ele abriu-a com uma chave sua. Lá dentro, fechou a corrente para que a pobre Jan ficasse espedada no apêndice com uma chávena de café a ferver na mão.

Chap desceu o corredor e entrou de repente no gabinete do advogado.

– Desculpe – disse Trevor.

– Não faz mal. Ele veio comigo – disse Wes.

Chap fechou a porta à chave, tirou uma pistola de nove milímetros do casaco e quase a apontou ao pobre Trevor, que ficou de olhos esbugalhados e ia sofrendo uma paragem cardíaca.

– O que... – conseguiu ele dizer com uma voz aguda e penosa.

– Cale-se – disse Chap, entregando a pistola a Wes, que estava sentado.

O olhar desvairado de Trevor seguiu a pistola, que entretanto desapareceu. Que fiz eu? Quem são estes matulões? Todas as minhas dívidas de jogo estão pagas.

Tinha muito prazer em estar calado. O que eles quisessem.

Chap encostou-se à parede, muito perto de Trevor, como se ele pudesse atacá-lo a qualquer momento.

– Temos um cliente-disse ele. – Um homem rico que foi apanhado na pequena fraude montada por si e pelo Ricky.

– Oh, meu Deus – disse Trevor em voz baixa. O seu pior pesadelo.

– É uma ótima ideia – disse Wes.– Extorquir dinheiro a homossexuais ricos que ainda se escondem. Não se podem queixar. O Ricky já está na prisão e, portanto, o que tem a perder? – Um esquema quase perfeito – disse Chap. – Até o momento em que vocês apanharam o peixe errado, que foi exatamente o que fizeram.

– A ideia não foi minha – disse Trevor, ainda com uma voz duas oitavas acima do normal e procurando a pistola com o olhar.

– Sim, mas não funcionava sem si, pois não? – perguntou Wes. Tinha de ser um vigarista de um advogado no exterior a transportar a correspondência. E o Ricky precisa de alguém para encaminhar o dinheiro e fazer um trabalhinho de investigação.

– Vocês não são polícias, pois não? – perguntou Trevor.

– Não. Somos detectives particulares – respondeu Chap.

– Porque se forem polícias, acho que não quero dizer mais nada.

– Não somos polícias.

Trevor recomeçou a respirar e a pensar, mas respirava muito mais depressa do que pensava.

– Acho que vou gravar isto. Não vá vocês serem polícias.

– Já disse que não somos polícias.

– Não confio em polícias, sobretudo no FBI. Os tipos seriam capazes de entrar por aqui dentro, como vocês, de mostrar uma pistola e de jurar que não eram do FBI. Não gosto de polícias, pronto. vou gravar isto.

Não te preocupes, pá, apeteceu-lhes dizer. Estava tudo a ser gravado, em direto e em cor digital de alta densidade, por uma câmara minúscula instalada no tecto, um pouco atrás do sítio em que estavam sentados. E havia microfones ligados em toda a parte na secretária atafalhada de Trevor, de tal modo que, quando ele ressonava ou arrotava, ou fazia estalar os nós dos dedos, alguém o ouvia do outro lado da rua.

A pistola reapareceu. Wes agarrou-a com as duas mãos e examinou-a com cuidado.

– Você não vai gravar coisa nenhuma – disse Chap. – Como já lhe disse, somos detectives privados. E está mesmo a pedir um tirinho.

O homem deu mais um passo encostado à parede. Trevor espreitava-o com um olho e ajudava Wes a examinar a pistola com o outro.

– Por sinal, viemos em paz – disse Chap.

– Temos algum dinheiro para si – disse Wes, afastando a maldita coisa outra vez.

– Dinheiro para quê? – perguntou Trevor.

– Queremos estar do seu lado. Queremos contratar os seus serviços.

– Para fazer o quê? -Para nos ajudar a proteger o nosso cliente – disse Chap. – Vamos explicar como vemos a situação. Você colabora num plano de extorsão que opera a partir de uma prisão federal e que foi descoberto por nós. Nós podíamos contatar as autoridades federais, conseguir que você e o seu cliente fossem apanhados e você apanharia trinta meses, talvez em Trumble, onde ficaria muito bem.

Automaticamente ficaria impedido do exercício da advocacia, o que significa que perderia tudo isto.

Chap fez um gesto com a mão direita, ignorando a desordem, a poeira e as pilhas de antigos processos em que ninguém tocava há anos. Wes interveio de imediato.

– Estamos dispostos a contatar as autoridades federais imediatamente, e é provável que consigamos impedir que a correspondência saia de Trumble. Talvez o nosso cliente fosse poupado a incômodos. Mas há um elemento de risco que o nosso cliente não pretende aceitar. E se o Ricky tem outro colega, dentro ou fora de Trumble, alguém que ainda não descobrimos e que consegue expor o nosso cliente para se vingar? Chap já estava a abanar a cabeça.

– É demasiado arriscado. Preferimos trabalhar consigo, Trevor. Preferimos comprá-lo e acabar com a fraude a partir deste escritório.

– Não posso ser comprado – disse Trevor com pouca convicção.

– Então contratamos os seus serviços durante um tempo, o que é que acha? – disse Wes. – Afinal, os advogados não são todos contratados à hora, não é verdade?

– Suponho que sim, mas estão a pedir-me que traia um cliente.

– O seu cliente comete crimes todos os dias no interior de uma prisão. E você é tão culpado como ele. Não sejamos hipócritas.

– Quando alguém se torna criminoso, Trevor, perde o privilégio de ser farisaico – disse Chap, muito sério. – Não nos pregue sermões. Sabemos que se trata apenas de uma questão de dinheiro.

Por instantes, Trevor esqueceu-se da arma e da sua carteira profissional que estava pendurada na parede atrás de si, um pouco torta. Como fazia tantas vezes nos últimos tempos, quando era confrontado com mais um contratempo decorrente do exercício da advocacia, fechou os olhos e sonhou com o seu veleiro de doze metros, ancorado nas águas quentes e calmas de uma baía isolada, com jovens semi-nuas na praia a cem metros, e consigo próprio, quase despido, a tomar uma bebida no convés. Era como se cheirasse a água salgada, sentisse a brisa suave, saboreasse o rum e ouvisse as jovens.

Abriu os olhos e tentou concentrar-se em Wes, do outro lado da secretária.

– Quem é o seu cliente? – perguntou ele.

– Não vamos tão depressa – disse Chap. – Façamos primeiro o acordo.

– Que acordo? – Damos-lhe algum dinheiro e você trabalha como agente duplo. Nós temos acesso a tudo.

Você telefona-nos quando falar com o Ricky.

Nós lemos toda a correspondência. Você não dá um passo até falarmos do assunto.

– Porque não se limitam a pagar o dinheiro da extorsão? – perguntou Trevor. – Seria muito mais fácil.

– Pensamos nisso – disse Wes. – Mas o Ricky não faz jogo limpo. Se lhe pagássemos, voltaria a pedir mais. E mais.

– Não, não o faria.

– A sério? E o que se passou com Quince Garbe, de Iowa? Oh, meu Deus, pensou Trevor, que quase falou em voz alta. O que sabiam eles? Só conseguiu balbuciar: – Quem é?

– Ora, ora, Trevor – disse Chap. – Nós sabemos que o dinheiro está escondido nas Bahamas.

Sabemos da Boomer Realty e da sua pequena conta, que neste momento apresenta um saldo de quase setenta mil dólares.

– Procuramos até onde pudemos, Trevor – disse Wes, cujas intervenções eram de uma oportunidade perfeita. Era como se Trevor estivesse a assistir a uma partida de tênis, a olhar de um lado para o outro, de um lado para o outro. – Mas por fim conseguimos. É por isso que precisamos de si.

Para ser franco, Trevor nunca gostara de Spicer. Era um homenzinho frio, cruel e desagradável, que cometera a imprudência de reduzir a sua percentagem. com Beech e Yarber não havia problemas, mas com os diabos! Trevor não tinha muitas hipóteses neste caso.

– Quanto? – perguntou.

– O nosso cliente está disposto a pagar cem mil dólares, em dinheiro disse Chap.

– É claro que é em dinheiro – respondeu Trevor. – Cem mil é uma ninharia. Isso seria a primeira prestação do Ricky. O respeito que tenho por mim próprio vale muito mais do que cem mil.

– Duzentos mil – disse Wes.

– Vamos fazer o seguinte – respondeu Trevor, tentando obstinadamente abrandar o ritmo cardíaco. – Quanto é que vale o fato de o seu cliente ter o seu segredinho enterrado?

– E você está disposto a enterrá-lo?

– Estou.

– Dê-me um segundo – disse Wes, tirando um telefone minúsculo do bolso. Marcou vários números ao mesmo tempo que abria a porta e entrava no corredor. Em seguida, pronunciou várias frases que Trevor não conseguiu ouvir.

Wes olhava para a parede, com a arma pousada tranquilamente ao lado da cadeira. Trevor não a via, apesar dos seus esforços.

Chap voltou e olhou muito sério para Wes, como se as suas sobrancelhas e rugas fossem capazes de enviar uma mensagem crucial. No meio dessa breve hesitação, Trevor atacou.

– Creio que isso vale um milhão de dólares – disse. – Podia ser o meu último caso. Estão a pedir-me que divulgue informações confidenciais de um cliente, um ato odioso para um advogado, que me custaria a exclusão do foro num instante.

O velho Trevor estava a um passo da exclusão do foro, mas Wes e Chap ignoraram o comentário dele. Nada de bom adviria de uma discussão

acerca do valor da sua carteira profissional.

– O nosso cliente paga um milhão de dólares – disse Chap.

E Trevor soltou uma gargalhada. Não pôde evitá-la. Cacarejava como se tivesse acabado de ouvir a piada perfeita, e do outro lado da rua, no apartamento, os homens também se riram com a gargalhada de Trevor.

Trevor conseguiu controlar-se. Deixou de rir mas não conseguiu afastar o sorriso. Um milhão de dólares. Em dinheiro. Livre de impostos. Escondido offshore, noutra banco, evidentemente, longe das garras das Finanças e de todas as outras ramificações do governo.

Depois, conseguiu arranjar uma expressão mais consentânea com um advogado, um pouco envergonhado por ter reagido com tanta falta de profissionalismo. Ia a dizer qualquer coisa importante quando se ouviu alguém a raspar energeticamente no vidro da fachada.

– Ah, devem ser os cafés – disse ele.

– Ela tem de sair daqui – disse Chap.

– vou mandá-la para casa – respondeu Trevor, levantando-se pela primeira vez, um pouco atordoado.

– Não. Para sempre. Despeça-a.

– O que sabe ela? – perguntou Wes.

– É estúpida como um pneu – respondeu Trevor, satisfeito.

– Isto faz parte do acordo – disse Chap. – Ela vai-se embora, e é já. Temos muitas coisas a discutir e não queremos que ela ande por aqui.

As pancadas aumentaram de intensidade. Jan deu a volta à chave mas deparou com a corrente de segurança.

– Trevor! Sou eu! – gritou ela através da fresta.

Trevor desceu lentamente o corredor, a coçar a cabeça e à procura das palavras. Deu de caras com ela ao postigo da porta principal e ficou muito confuso.

– Abra a porta. O café está quente – rosnou ela.

– Eu quero que vá para casa – disse ele.

– Por quê?

– Por quê?

– Sim, por quê?

– Porque, bem, hum... – As palavras faltaram-lhe momentaneamente, mas depois lembrou-se do dinheiro. A saída dela fazia parte do acordo. – Porque está despedida – respondeu.

– O quê?

– Já disse que está despedida! – gritou, suficientemente alto para que os dois homens o ouvissem nas traseiras.

– Não pode me despedir! Deve-me muito dinheiro!

– Não lhe devo nada!

– E os mil dólares de salários atrasados?

As janelas do apartamento encheram-se de caras escondidas pelo vidro fosco de um só lado. As vozes ressoaram no silêncio da rua.

– Você está doida! – gritou Trevor. – Não lhe devo nem um cêntimo!

– Mil e quarenta dólares, para ser exata!

– Está maluca.

– Seu filho da mãe! Estou aqui a aturá-lo há oito anos, a ganhar o salário mínimo, e quando consegue um caso chorudo despede-me. É isso que está a fazer, Trevor?

– Mais ou menos! Agora ponha-se a andar!

– Abra a porta, seu covarde!

– Vá embora, Jan!

– Só quando levar as minhas coisas!

– Volte amanhã. Estou em reunião com Mr. Newman.

Dizendo isto, Trevor recuou. Quando ela viu que ele não abria a porta, perdeu as estribeiras.

– Seu filho da mãe! – gritou ainda mais alto, atirando o café à porta. O postigo frágil abanou mas não se partiu e ficou imediatamente coberto de um líquido cremoso.

Trevor, a salvo no interior, afastou-se e fitou, horrorizado, aquela mulher que tão bem conhecia. Ela afastou-se, corada e a praguejar, e deu alguns passos até reparar numa pedra. Era o que restava de um projecto paisagístico barato e há muito esquecido que ele aceitara em tempos, por insistência dela. Jan agarrou nela, cerrou os dentes, soltou mais umas pragas e depois atirou-a à porta.

Wes e Chap tinham conseguido o feito notável de manter a compostura, mas quando a pedra atravessou o postigo não puderam deixar de rir.

Trevor gritou: – Sua doida! Os dois homens riram-se outra vez e evitaram olhar um para outro, tentando controlar-se.

Seguiu-se um silêncio. A paz instalara-se lá dentro e na zona da recepção.

Trevor apareceu à porta do seu gabinete, incólume, sem ferimentos visíveis.

– Desculpem aquilo – disse em voz baixa, dirigindo-se para a sua cadeira.

– Está bem? – perguntou Chap.

– Claro. Não há problema. E o café?

– Não pense mais nisso.

Os pormenores foram acertados durante o almoço, que decorreu no Pete's por insistência de Trevor. Conseguiram arranjar uma mesa ao fundo da sala, junto das máquinas de jogos.

Wes e Chap estavam preocupados com a privacidade, mas depressa se aperceberam de que ninguém os ouvia porque ninguém discutia negócios no Pete's.

Trevor emborcou três cervejas com as suas batatas fritas. Wes e Chap beberam refrigerantes e comeram hamburgeres.

Trevor queria todo o dinheiro na mão antes de trair o seu cliente. Concordaram em entregar-lhe cem mil dólares em dinheiro nessa tarde e em ordenar uma transferência do restante logo a seguir. Trevor exigiu outro banco, mas eles insistiram em manter o Geneva Trust, em Nassau. Garantiram que se limitavam apenas a vigiar a conta; não podiam mexer no dinheiro. Além disso, o dinheiro chegaria lá ao fim da tarde. Se mudassem de banco, a operação poderia demorar um ou dois dias. Ambas as partes estavam ansiosas por concluir o acordo. Wes e Chap queriam a proteção total e imediata do seu cliente. Trevor queria a sua fortuna. Depois de três cervejas, já estava a gastá-la.

Chap saiu rápido para ir buscar o dinheiro. Trevor pediu uma cerveja para levar e entraram no automóvel de Wes para darem uma volta pela cidade. O plano consistia em encontrarem-se com Chap num sítio qualquer para que Trevor recebesse o dinheiro. Ao dirigirem-se para sul, para a auto-estrada A 1 A, ao longo da praia, Trevor começou a conversar.

– Não é espantoso? – disse, com os olhos escondidos atrás de óculos escuros baratos e a cabeça encostada ao apoio.

– O que é que é espantoso? – Os riscos que as pessoas estão dispostas a correr. O seu cliente, por exemplo. Um homem rico. Podia

contratar todos os rapazes que lhe apetecesse, mas responde a um anúncio numa revista de homossexuais e começa a escrever cartas a um desconhecido.

– Não percebo – respondeu Wes, e os dois homens uniram-se por instantes. – Não me compete fazer perguntas.

– Creio que a emoção está no desconhecido – disse Trevor, bebendo um golinho.

– Sim, talvez. Quem é o Ricky?

– Digo-lhe quando receber o dinheiro. Quem é o seu cliente?

– Quem é? com quantas vítimas é que trabalha neste momento?

– O Ricky tem andado ocupado ultimamente. Talvez com cerca de vinte.

– Quantos é que vocês já burlaram?

– Dois ou três. É um negócio sórdido.

– Como é que se meteu nisto? -Sou o advogado do Ricky. Ele é muito inteligente, está muito aborrecido e conseguiu arquitectar este plano para espremer homossexuais ainda não assumidos. Assinei contra a minha vontade.

– Ele é homossexual? – perguntou Wes.

Sabia os nomes dos netos de Beech. Sabia o grupo sanguíneo de Yarber. Sabia com quem é que a mulher de Spicer andava no Mississipi.

– Não – respondeu Trevor.

– Então é tarado.

– Não, é bom tipo. E quem é o seu cliente?

– Al Konyers.

Trevor fez um aceno de cabeça e tentou lembrar-se do número de cartas trocadas entre Ricky e Al.

– Que coincidência. Tencionava ir a Washington para fazer algum trabalho de bastidores em relação a Mr. Konyers. Esse não é o verdadeiro nome dele, evidentemente.

– Evidentemente que não.

– E sabem o verdadeiro nome dele?

– Não. Fomos contratados por gente da sua equipa.

– Que interessante! Então nenhum de nós sabe quem é o verdadeiro Al Konyers?

– Exatamente. E tenho a certeza de que vai continuar a ser assim. Trevor apontou para uma loja de conveniência e disse: – Pare ali. Preciso de uma cerveja.

Wes esperou junto das bombas de gasolina. Estava decidido que não falariam do seu hábito de beber senão quando o dinheiro mudasse de mãos e Trevor lhes contasse tudo. Haviam de ganhar uma certa confiança e depois, com cuidado, tentariam que ele se tornasse mais sóbrio. A última coisa de que precisavam era que Trevor se instalasse todas as noites no Pete's, a beber e a falar de mais.

Chap estava à espera num carro alugado, em frente de uma lavandaria, oito quilómetros a sul de Ponte Vedra Beach. Entregou a Trevor uma pasta estreita e barata e disse: – Está tudo aí. Cem mil dólares. Vou ter convosco ao escritório.

Trevor nem o ouviu. Abriu a pasta e começou a contar o dinheiro. Wes virou-se e olhou para norte. Dez maços de mil dólares, tudo em notas de cem.

Trevor fechou a pasta e atravessou para o outro lado.

VINTE E SETE

A primeira tarefa de Chap como novo assistente de Trevor foi organizar o espaço da recepção e ver-se livre de qualquer objecto que lembrasse vagamente uma mulher. Guardou as coisas de Jan numa caixa de cartão, tudo, desde o baton ao verniz das unhas, bombons e vários romances obscenos.

Havia um envelope com oitenta dólares e uns trocos. O patrão afirmou que era dele, que era dinheiro de caixa.

Chap embrulhou as fotografias dela em jornais velhos e guardou-as cuidadosamente noutra caixa, a par das bugigangas quebráveis que se encontram na maioria das secretárias de recepção. Copiou o conteúdo da agenda dela para saberem quem iria aparecer no futuro. O movimento seria reduzido, constatou Chap sem surpresa. Nem uma audiência no tribunal no horizonte. Duas reuniões no escritório nessa semana, duas na seguinte, e depois nada. À medida que Chap examinava as agendas, era

óbvio que Trevor abrandara o ritmo mais ou menos quando chegara o dinheiro de Quince Garbe.

Sabiam que Trevor jogara mais nas últimas semanas e que talvez tivesse exagerado na bebida.

Várias vezes Jan dissera aos amigos ao telefone que Trevor passava cada vez mais tempo no Pete's do que no escritório.

Enquanto Chap se afadigava na recepção, a embalar as coisas de Jan, a arrumar a secretária, a limpar o pó, a aspirar e a deitar fora revistas velhas, o telefone tocava de vez em quando. Fazia parte das suas atribuições atender o telefone, e estava perto do aparelho. A maioria das chamadas eram para Jan, e ele explicou delicadamente que ela já não trabalhava ali. «Ainda bem para ela», parecia ser o sentimento geral.

Um agente vestido de carpinteiro chegou cedo para substituir a porta principal. Trevor ficou maravilhado com a eficiência de Chap.

– Como é que o encontrou tão depressa? – É preciso procurar nas páginas amarelas – respondeu Chap.

Outro agente disfarçado de serralheiro chegou depois do carpinteiro e substituiu as fechaduras todas do prédio.

O acordo incluía a obrigatoriedade de Trevor não receber novos clientes pelo menos nos trinta dias subsequentes. O advogado argumentou fortemente contra isto, como se tivesse uma grande reputação a defender. Que pensassem em todas as pessoas que podiam precisar dele, queixou-se Trevor. Mas eles sabiam como os últimos trinta dias tinham sido mortos, e pressionaram-no até ele aceitar. Quiseram ficar sozinhos no escritório. Chap telefonou aos clientes que tinham reuniões marcadas e disse-lhes que Mr. Carson ficaria retido no tribunal no dia em que deveriam aparecer. Seria difícil marcar outra data, explicou Chap, mas ele telefonar-lhes-ia quando houvesse um intervalo na atividade do advogado.

– Julguei que ele não ia ao tribunal – disse um deles.

– Vai, sim – respondeu Chap. – É um caso muitíssimo importante. Quando a lista de clientes foi reduzida, ficou apenas um caso que exigia uma visita ao escritório. Era um caso de pensão de alimentos que estava pendente e Trevor representava a mãe da criança há três anos. Não podia mandá-la embora pura e simplesmente.

Jan passou por lá para arranjar sarilhos e levou uma espécie de namorado. Era um jovem magro, de pêra, calças de poliéster, camisa

branca e gravata, e, pelos cálculos de Chap, devia ser vendedor de carros usados. Não havia dúvida de que não teria dificuldade em arrumar Trevor, mas não quis nada com Chap.

– Queria falar com o Trevor-disse Jan, olhando para a sua secretária arrumada.

– Desculpe. Ele está numa reunião.

– E quem diabo é você? – Sou um estagiário.

– Pois, recebe o seu dinheiro adiantado.

– Obrigado. As suas coisas estão naquelas duas caixas – disse Chap, apontando.

Ela reparou que as estantes das revistas tinham sido limpas e arrumadas, que o cesto dos papéis estava vazio e que os móveis tinham sido polidos. Cheirava a desinfetante, como se tivessem fumigado o local que ela ocupara. Já não era precisa.

– Diga ao Trevor que me deve mil dólares de salários atrasados disse ela.

– Direi – respondeu Chap. – Mais alguma coisa? – Sim, aquele novo cliente de ontem, o Yates Newman... Diga ao Trevor que verifiquei os jornais.

Nas duas últimas semanas, não houve acidentes mortais no 1-95. Nem morreu nenhuma mulher de apelido Newman. Passa-se qualquer coisa estranha.

– Obrigado. Eu digo-lhe.

Jan deu uma última vista de olhos e sorriu ao ver a porta nova. O namorado deitou um olhar furibundo a Chap, como se se preparasse para lhe partir o pescoço, mas o olhar dissipou-se quando se encaminhou para a porta. Saíram os dois sem fazer estragos e desceram o passeio, cada um com a sua caixa.

Chap viu-os partir e depois começou a preparar-se para o desafio do almoço.

O jantar da véspera fora ali perto, numa nova marisqueira muito concorrida, a dois quarteirões de Sea Turtle Inn. Dado o tamanho das doses, os preços eram proibitivos, e fora exatamente por isso que Trevor, o mais recente milionário de Jacksonville, insistira para que comessem ali.

Evidentemente que a noite era sua, e o homem não se poupou a despesas. Ficou embriagado depois do primeiro martini e não se lembrava

do que comera. Wes e Chap tinham-lhe explicado que o seu cliente não os autorizava a beber. Beberam água e deixaram os copos cheios de vinho.

– Eu tratava de arranjar outro cliente – disse Trevor, rindo-se do seu próprio humor.

– Acho que vou ser obrigado a beber pelos três – disse a meio do jantar, e depois continuou a fazer exatamente isso.

Muito aliviados, os dois agentes verificaram que ele era um bêbado dócil. Continuaram a servi-lo, tentando ver até onde é que iria. Trevor ficou cada vez mais calado, afundando-se na cadeira, e muito depois da sobremesa deu ao criado uma gorjeta de trezentos dólares. Ajudaram-no a ir para o carro e levaram-no a casa.

Trevor dormiu com a pasta em cima do peito. Quando Wes lhe apagou a luz, estava deitado na sua cama com as calças e a camisa de algodão branco amarrotadas, o lacinho desfeito, os sapatos calçados, a ressonar e agarrado à pasta com as duas mãos.

A transferência chegara antes das cinco horas. O dinheiro estava na conta. Klockner dissera-lhes que o embebedassem, que vissem como ele se comportava nesse estado e que começassem a trabalhar de manhã.

Às sete e meia da manhã, voltaram a casa dele. Abriram a porta com a chave e encontraram-no exatamente como o tinham deixado. Descalçara um sapato e estava deitado de lado, agarrado à pasta como se esta fosse uma bola de futebol.

– Vamos embora! Vamos embora! – gritara Chap, enquanto Wes acendia as luzes, abria as persianas e fazia o máximo de barulho possível.

Diga-se em abono da verdade que Trevor saltou da cama, correu para a casa de banho, tomou um duche rápido e vinte minutos depois entrou no seu gabinete com um lacinho novo e sem uma ruga.

Tinha os olhos levemente inchados, mas sorria e estava determinado a passar o dia a trabalhar.

O milhão de dólares ajudava. De fato, nunca uma ressaca lhe passara tão depressa.

Comeram um pãozinho e tomaram um café forte em Beach Java. Depois atacaram o pequeno escritório com vigor. Enquanto Chap se ocupava da recepção, Wes manteve Trevor no gabinete.

Algumas peças do puzzle tinham encaixado depois do jantar. Finalmente, os nomes dos Confrades tinham sido arrancados a Trevor e

Wes e Chap tinham feito um trabalho soberbo, fingindo-se admirados.

– Três juizes? – repetiram ambos, com uma aparente incredulidade. Trevor sorria e fizera um sinal afirmativo, muito ufano, como se ele e só ele tivesse sido o arquitecto daquele plano genial. Queria que eles acreditassem que tivera inteligência e habilidade para convencer três ex-juizes a passar o tempo a escrever cartas a homossexuais solitários para que ele, Trevor, conseguisse arrecadar um terço do que extorquiam. com os diabos, era praticamente um gênio.

Outras peças do puzzle permaneceram obscuras e Wes estava decidido a manter Trevor fechado até saber as respostas.

– Vamos falar de Quince Garbe – disse ele. – A caixa postal dele foi alugada a uma empresa fictícia.

Como é que você soube a identidade dele? – Foi fácil – respondeu Trevor, muito orgulhoso de si próprio. Agora, não só era um gênio, como era um homem muito rico. Acordara na manhã da véspera com uma dor de cabeça e passara a primeira meia hora na cama, preocupado com o que perdera ao jogo, com o estado periclitante da sua carreira e com a dependência cada vez maior dos Confrades e da sua fraude. Vinte e quatro horas depois, acordara com uma dor de cabeça pior, mas sobre a qual o milhão de dólares tinha o efeito de um bálsamo.

O homem estava eufórico, estonteado e ansioso por concluir a tarefa que tinha em mãos para poder agarrar a vida.

– Descobri um detective particular em Dês Moines – disse ele, a beber café, com os pés em cima da secretária, como de costume. Enviei-lhe um cheque de mil dólares. Ele passou dois dias em Bakers... Já foram a Bakers? – Já.

– Eu estava com receio de ter de lá ir. O plano funciona melhor se for possível apanhar um tipo importante e com dinheiro. Ele paga seja o que for para nos calarmos. De qualquer modo, este detective descobriu uma funcionária dos correios que precisava de dinheiro. Era mãe solteira, tinha uma casa cheia de filhos, um carro velho, uma casa pequena, estão a ver a coisa? Telefonou-lhe à noite e prometeu que lhe pagava quinhentos dólares em dinheiro se ela lhe dissesse quem é que alugara a caixa postal em nome da CMT Investments. Na manhã seguinte, telefonou-lhe para a estação. Encontraram-se num parque de estacionamento, à hora de almoço. Ela deu-lhe uma folha de papel com o nome de Quince Garbe e

ele entregou-lhe um envelope com cinco notas de cem dólares. Ela nunca perguntou quem ele era.

– Isso é vulgar? – Resultou com o Garbe. Curtis Cates, o tipo de Dálias, o segundo que enganamos, foi um pouco mais complicado. O detective que contratamos lá não conseguiu descobrir nada e teve de vigiar a estação dos correios durante três dias. O trabalho custou mil e oitocentos dólares, mas por fim viu-o e tomou nota do número.

– Quem se segue? – Talvez este tipo de Upper Darby, Pennsylvania. O nome falso dele é Brant White, e parece ser uma boa aposta.

– Alguma vez leu as cartas? – Nunca. Não sei o que uns e outros dizem; não quero saber. Quando resolvem espoliar alguém, dizem-me que vigie a caixa e que consiga saber o verdadeiro nome. Isto no caso de o parceiro deles usar um nome falso, como o seu cliente, Mr. Konyers. Nem imaginam quantos homens usam o nome verdadeiro! É inacreditável.

– Sabe quando é que eles mandam as cartas? – Sei. Eles avisam-me para eu alertar o banco nas Bahamas de que vai uma transferência a caminho.

Telefonam-me do banco assim que o dinheiro chega.

– Fale-me desse tal Brant White, de Upper Darby – disse Wes. Estava a tirar páginas de apontamentos, como se alguma coisa pudesse Calhar. Todas as palavras eram gravadas em quatro aparelhos diferentes do outro lado da rua.

– Eles estão prontos para o espoliar, é tudo o que sei. Parece que foi canja, porque trocaram apenas duas cartas. Alguns destes tipos, é como arrancar dentes, a avaliar pelo número de cartas.

– Mas você não segue o rasto das cartas? – Aqui não há arquivos. Eu tinha medo que a polícia federal aparecesse um dia com um mandado de busca e não quis provas do meu envolvimento.

– Esperto, muito esperto.

Trevor sorriu e saboreou a sua argúcia.

– Sim, bem, tenho muita experiência em Direito Criminal. Ao fim de pouco tempo, começamos a pensar como criminosos. De qualquer modo, não consegui encontrar o detective indicado na zona de Filadélfia. Continuo a tratar disso.

Brant White era uma invenção de Langley. Trevor podia contratar todos os detectives do Nordeste que nenhum conseguiria descobrir uma

pessoa por trás da caixa postal.

– Por sinal, estava a preparar-me para ir lá eu próprio quando recebi o telefonema do Spicer a dizer-me que fosse a Washington para descobrir quem era o Al Konyers – disse ele. – Depois apareceram vocês e, bem, o resto é história.

As palavras de Trevor desvaneceram-se, como se pensasse de novo no dinheiro. com certeza que era uma coincidência o fato de Wes e Chap terem entrado na sua vida precisamente umas horas antes de ir fazer a investigação ordenada pelos seus clientes. Mas Trevor não se importava. Já ouvia os gritos das gaivotas e sentia o calor da areia. Já ouvia o reggae vindo das bandas das ilhas e sentia o vento a empurrar o seu pequeno barco.

– Há mais algum contato no exterior? – perguntou Wes.

– Oh, não – respondeu, orgulhoso.-Não preciso de ajuda. Quanto menos pessoas estiverem envolvidas, melhor isto funciona. .-;<, – Muito esperto – disse Wes.

Trevor reclinou-se ainda mais na cadeira. O tecto por cima de si tinha fendas e a tinta a cair.

Precisava de uma nova pintura. Há dois dias, isso tê-lo-ia deixado aborrecido. Agora, Trevor sabia que o tecto nunca seria pintado, já que eles esperavam que ele falasse. Sairia dali um dia, muito cedo, depois de Wes e Chap terem acabado com os Confrades. Passaria um ou dois dias a escolher os processos que havia de guardar não sabia bem para quê, e desfazia-se dos livros de Direito, ultrapassados e que nunca usara. Havia de encontrar algum recém-licenciado em Direito falido e à procura de migalhas no tribunal da cidade e cedia-lhe os móveis e o computador por um preço razoável. E quando estivesse tudo tratado, ele, L. Trevor Carson, Advogado e Conselheiro, sairia do escritório e nem olharia para trás.

Que dia glorioso seria esse! Chap interrompeu o breve devaneio com uma embalagem de petiscos e de refrigerantes. O almoço não fora debatido entre os três, mas Trevor já olhara para o relógio, antecipando outra refeição prolongada no Pete's. Contrafeito, tirou um petisco e sentiu-se agitado. Precisava de uma bebida.

– Acho que é uma boa ideia pôr de lado o álcool ao almoço – disse Chap quando se reuniram à volta da secretária de Trevor, fazendo o possível por não entornar o feijão preto e a carne picada.

– – Façam como quiserem – disse Trevor.

– Estava a referir-me a si – disse Chap. – Pelo menos nos próximos trinta dias.

– Isso não fez parte do nosso acordo.

– Mas passa a fazer. Precisa de estar sóbrio e atento.

– Por quê, exatamente? – Porque o nosso cliente quer que seja assim. E está a pagar-lhe um milhão de dólares.

– Ele quer que eu vá à casa de banho duas vezes por dia e coma espinafres? – vou perguntar-lhe.

– Diga-lhe que vá levar no eu.

– Não exagere, Trevor – disse Wes. – Limite-se a cortar na bebida durante uns dias. Será benéfico para si.

Se o dinheiro o libertara, estes dois começavam a sufocá-lo.

Tinham passado vinte e quatro horas juntos e não davam sinais de se irem embora. Por sinal, estava a acontecer o contrário. Estavam a instalar-se.

Chap saiu cedo para ir buscar a correspondência. Tinham convencido Trevor de que era muito desordenado nos seus hábitos, e por isso é que o tinham arrastado com tanta facilidade. E se houvesse outras vítimas escondidas lá fora? Trevor não se incomodara muito para descobrir os verdadeiros nomes das vítimas. Porque não haviam elas de fazer o mesmo à pessoa que estava por detrás de Aladdin North e Laurel Kidje? Daí em diante, Wes e Chap revezar-se-iam na recolha da correspondência. Misturariam as coisas, iriam à estação dos correios a horas diferentes, usariam disfarces verdadeiramente bizarros.

Trevor acabou por concordar. Aparentemente, sabiam o que estavam a fazer.

Havia quatro cartas para Ricky nos correios de Neptune Beach e duas para Percy em Atlantic Beach. Chap deu as suas voltas rapidamente, com uma equipa atrás dele, atenta a qualquer pessoa que pudesse andar a vigiá-lo. As cartas foram levadas para o apartamento, onde foram abertas à pressa, fotocopiadas e fechadas de novo nos envelopes.

As fotocópias foram lidas e analisadas por agentes ansiosos por fazer qualquer coisa. Klockner também as leu. Dos seis nomes, cinco já eram conhecidos. Eram todos homens de meia idade, solitários, que tentavam reunir coragem para dar o passo seguinte com Ricky ou com Percy.

Nenhum parecia especialmente agressivo.

Uma das paredes de um quarto improvisado no apartamento fora pintada de branco e nela fora gravado a stencil um grande mapa dos cinquenta estados americanos. Os parceiros de Ricky estavam assinalados com pinos vermelhos. Os nomes e a terra natal dos correspondentes estavam gravados a negro por baixo dos pinos.

As redes estavam a alargar-se. Ricky tinha vinte e três homens que lhe escreviam; Percy, dezoito.

Estavam representados trinta estados. Os Confrades refinavam a sua aventura de semana para semana. Publicavam anúncios em três revistas, tanto quanto Klockner se apercebia. Mantinham-se fiéis ao seu perfil e, de um modo geral, à terceira carta já sabiam se o novo parceiro tinha dinheiro.

Ou mulher.

Era fascinante assistir àquele jogo, e agora que tinham acesso total a Trevor não podiam falhar uma carta.

A correspondência diária era resumida em duas páginas e depois entregue a um agente que a levava a Langley. Deville tinha-a na sua posse por volta das sete horas da tarde.

O primeiro telefonema da tarde chegou às três e dez, quando Chap estava a lavar as janelas. Wes ainda estava no gabinete de Trevor, a atormentá-lo com uma ou outra pergunta. Trevor estava cansado. Não dormira a sesta e precisava desesperadamente de uma bebida.

– Escritório de advogados – respondeu Chap.

– É do escritório do Trevor? – perguntaram do outro lado da linha.

– É. Quem fala?

– Quem é você?

– Sou o Chap, o novo estagiário .

– O que aconteceu à rapariga?

– Já não trabalha aqui. Em que posso ajudá-lo?

– Fala Joe Roy Spicer. Sou cliente do Trevor e estou a ligar de

Trumble.

– A ligar de onde?

– De Trumble. É uma prisão federal. O Trevor está?

– Não. Foi a Washington e deve voltar dentro de duas horas.

– Está bem. Diga-lhe que volto a telefonar às cinco.

– Sim, senhor.

Chap desligou e respirou fundo, tal como Klockner, do outro lado da rua. A CIA acabara de ter o seu primeiro contato direto com um dos Confrades.

O segundo telefonema chegou às cinco horas em ponto.

Chap atendeu o telefone e reconheceu a voz. Trevor estava à espera no seu gabinete.

– Trevor, fala Joe Roy Spicer.

– Olá, juiz.

– O que descobriu em Washington? – Ainda estamos a trabalhar nisso. Vai ser difícil, mas temos de o encontrar.

Seguiu-se uma longa pausa, como se Spicer não tivesse gostado da notícia e não soubesse ao certo o que havia de dizer.

– Vem cá amanhã? – Estarei aí às três horas.

– Traga cinco mil dólares em dinheiro.

– Cinco mil dólares? – Foi o que eu disse. Arranje o dinheiro e traga-o. Todo em notas de vinte e de cinquenta.

– O que é que vai fazer...

– Não faça perguntas estúpidas, Trevor. Traga o maldito dinheiro. Meta-o num envelope com a outra correspondência. Já não é a primeira vez que o faz.

– Está bem.

Spicer desligou sem dizer mais nada. Em seguida, Trevor passou uma hora a falar da economia de Trumble. O dinheiro era proibido. Todos os reclusos tinham uma ocupação e o salário era creditado nas suas contas. Os gastos, como telefonemas para longe, despesas com alimentação, fotocópias e selos, eram todos debitados na conta.

Mas o dinheiro existia, apesar de raramente ser visto. Entrava à socapa e era escondido e utilizado para pagar dívidas de jogo e para subornar os guardas em troca de pequenos favores. Trevor tinha medo disso. Se, como advogado, fosse apanhado a entrar com dinheiro, os seus privilégios quanto às visitas acabariam para sempre. Já entrara duas vezes com dinheiro às escondidas, ambas com quinhentos dólares, em notas de dez e de vinte.

Não fazia ideia para que queriam eles cinco mil dólares.

VINTE E OITO

Depois de tropeçar e de andar à roda de Wes e de Chap durante três dias, Trevor precisava de um intervalo. Eles queriam tomar o pequeno-almoço, almoçar e jantar juntos. Queriam levá-lo a casa e ir buscá-lo para o trabalho, de manhã muito cedo. Estavam a destruir o que restava da sua carreira – Chap como estagiário e Wes como chefe de escritório pressionavam-no com perguntas constantes porque a atividade jurídica a desenvolver era escassa.

Por isso, Trevor não se admirou quando lhe anunciaram que o levariam a Trumble. Não precisava de motorista, explicou. Fizera a viagem muitas vezes, no seu fiel carocha, e iria sozinho. Isso aborreceu-os, e os dois homens ameaçaram-no de telefonar ao seu cliente para este lhes dizer o que haviam de fazer.

– Telefonem ao maldito cliente, que não me ralo – gritou-lhes Trevor, e eles abrandaram. – Não é o seu cliente que orienta a minha vida.

Mas era, e todos o sabiam. Naquele momento, só o dinheiro era importante. Tal como Judas, Trevor já cometera a sua traição.

Saiu de Neptune Beach no seu carocha, sozinho, seguido por Wes e Chap num carro alugado. Atrás deles, ia uma carrinha branca ocupada por gente que Trevor nunca veria. Nem queria. Por capricho, fez uma viragem repentina na direção de uma loja de conveniência para comprar uma embalagem de seis cervejas e riu-se quando o resto da caravana travou a fundo para evitar um acidente. Já fora da localidade, conduziu muito devagar, bebendo a sua cerveja, saboreando a sua privacidade e pensando no que iria sofrer nos trinta dias seguintes. Estava disposto a sofrer fosse o que fosse por um milhão de dólares.

Ao aproximar-se de Trumble, o remorso atormentou-o pela primeira vez. Conseguiria ver-se livre dele? Estava prestes a enfrentar Spicer, um cliente que confiava nele, um prisioneiro que precisava dele, um parceiro no crime. Conseguiria manter-se impassível e comportar-se como se tudo estivesse bem, enquanto todas as palavras estavam a ser captadas por um microfone de alta frequência instalado na sua pasta? Conseguiria

trocar as cartas com Spicer como se nada tivesse mudado, sabendo que a correspondência estava a ser vigiada? Além disso, estava a deitar fora a sua carreira de advogado, para a qual muito trabalhara e de que se orgulhara no passado.

Estava a vender a sua ética, os seus princípios e até a sua moral por dinheiro. A sua alma valia um milhão de dólares? Agora era demasiado tarde. O dinheiro estava no banco. Bebeu um gole de cerveja e afastou os tênues vestígios de culpa.

Spicer era um criminoso, assim como Beech e Yarber, e ele, Trevor Carson, era igualmente culpado. Não havia honra entre ladrões, repetia em silêncio.

Link apanhou um bafo de cerveja exalado por Trevor quando ambos desceram o corredor em direção à sala das visitas. Ao chegar à sala dos advogados, Trevor espreitou lá para dentro. Viu Spicer, parcialmente oculto por um jornal, e de repente ficou nervoso. Qual o advogado miserável que levava um aparelho eletrônico de escuta para uma reunião confidencial com um cliente? O remorso atingiu Trevor como um tijolo, mas era impossível voltar atrás.

O microfone era quase do tamanho de uma bola de golfe e fora meticulosamente instalado por Wes no fundo da pasta de couro gasta de Trevor. Era extremamente potente e transmitiria com facilidade tudo o que se passasse aos jovens sem rosto que se encontravam no interior da carrinha. Wes e Chap também lá estavam, a postos com os seus auscultadores, ansiosos por ouvir tudo.

– Boa-tarde, Joe Roy – disse Trevor.

– Igualmente – respondeu Spicer.

– Deixe-me ver a pasta – disse Link.

O guarda deu uma vista de olhos apressada e depois disse: – Parece estar tudo em ordem.

Trevor avisara Wes e Chap de que, às vezes, Link dava uma vista de olhos à pasta. O microfone estava coberto por um monte de papéis.

– Aqui está a correspondência – disse Trevor.

– Quantas são? – perguntou Link.

– Oito.

– Tem alguma? – perguntou Link a Spicer.

– Não. Hoje não – respondeu Spicer.

– Estarei lá fora – disse Link.

A porta fechou-se; seguiu-se um arrastar de pés e, de súbito, o silêncio. Um silêncio muito prolongado. Nem uma palavra entre o advogado e o cliente. No interior da carrinha, os homens esperaram uma eternidade, até ser evidente que alguma coisa correria mal.

Quando Link saiu da pequena sala, Trevor apressou-se a pôr a pasta do lado de fora da porta, no chão, onde ficou tranquilamente durante o resto da conferência advogado-cliente.

Link reparou e não pensou no assunto.

– Para que fez você aquilo? – perguntou Spicer.

– A pasta está vazia – respondeu Trevor, encolhendo os ombros.

– Deixe que o circuito fechado a veja. Não temos nada a esconder.

Trevor fora acometido de um derradeiro e breve ataque de ética.

Talvez gravasse a conversa seguinte com o seu cliente, mas não esta. Diria a Wes e a Chap que o guarda levava a pasta, o que acontecia de vez em quando.

– Como queira – disse Spicer, remexendo a correspondência até descobrir dois envelopes que eram um pouco mais grossos. – Isto é o dinheiro?

– É. Tive de trazer algumas notas de cem.

– Por quê? Eu disse expressamente que queria notas de vinte e de cinquenta.

– Foi o que pude arranjar. Não podia adivinhar que ia precisar de tanto dinheiro.

Joe Roy examinou os endereços das outras duas cartas. Depois perguntou, com um ar bastante cáustico: – Então o que se passou em Washington?

– É um caso difícil. Uma daquelas empresas que alugam caixas nos subúrbios, aberta vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, sempre com alguém de serviço, e muito movimento. A segurança é apertada. Havemos de conseguir.

– Quem é que está a usar?

– Uma empresa em Chevy Chase.

– Dê-me um nome.

– O que quer dizer com isso de «dê-me um nome»?

– Dê-me o nome do detective em Chevy Chase.

Trevor teve uma ausência; faltou-lhe a imaginação. Spicer desconfiava de qualquer coisa, e os seus olhos negros e líquidos tinham um brilho intenso.

– Não consigo lembrar – respondeu Trevor.

– Onde ficou hospedado?

– O que é isto, Joe Roy?

– Dê-me o nome do seu hotel.

– Por quê?

– Tenho o direito de saber. Sou o cliente. Estou a pagar-lhe as despesas. Onde ficou?

– No Ritz-Carlton.

– Qual deles?

– Não sei. No Ritz-Carlton.

– Há dois. Em qual deles foi?

– Não sei. Não foi no centro.

– Em que voo é que foi?

– Vamos lá, Joe Roy. O que é isto?

– Em que companhia aérea?

– Delta.

– O número do voo?

– Não me lembro.

– Regressou ontem. Há menos de vinte e quatro horas. Qual era o número do seu voo?

– Não me recordo.

– Tem a certeza de que foi a Washington? – Claro que fui – disse Trevor, mas a sua voz cedeu um pouco por falta de sinceridade. Não planeara as mentiras e elas falhavam no momento em que ele as dizia.

– Não sabe o seu número de voo, nem em que hotel ficou, nem o nome do detective com quem passou os dois últimos dias. Deve julgar que sou estúpido.

Trevor não respondeu. Só conseguia pensar no microfone que estava na pasta e na sorte que tivera em deixá-la lá fora. Wes e Chap não podiam ouvi-lo a ser atacado desta maneira.

– Tem andado a beber, não tem? – perguntou Spicer, ao ataque.

– Tenho – respondeu Trevor, fazendo uma pausa temporária nas mentiras. – Parei e comprei uma cerveja.

– Ou duas.

– Sim, duas.

Spicer apoiou-se nos cotovelos, com a cara no meio da mesa.

– Tenho más notícias, Trevor. Está despedido.

– O quê?

– Acabou. Na rua. Para sempre.

– Não pode me despedir.

– Acabei de o fazer. Com efeitos imediatos. Por votação unânime dos Confrades. Vamos avisar ao guarda para que o seu nome seja retirado da lista de advogados. Quando sair hoje, Trevor, não volte.

– Por quê?

– Mentiras, bebida em excesso, maus hábitos, uma falta de confiança generalizada da parte dos seus clientes.

Parecia verdade, mas mesmo assim Trevor aceitou mal a notícia. Nunca lhe passara pela cabeça que tivessem coragem para o despedir. Cerrou os dentes e perguntou: – E a nossa pequena empresa? – É uma ruptura. Fica com o seu dinheiro e nós ficamos com o nosso.

– E quem trabalhará no exterior?

– Deixe isso por nossa conta. Poderá continuar a viver honestamente, se conseguir.

– O que sabe você de uma vida honesta?

– Por que não vai embora, Trevor? Levante-se e saia. Foi um prazer.

– Com certeza – respondeu entredentes, com a mente embotada, mas na qual se destacavam dois pensamentos. Primeiro, Spicer não levara cartas, o que era a primeira vez que acontecia há muitas semanas. Segundo, o dinheiro. Para que precisavam de cinco mil dólares? Talvez para subornar o advogado seguinte. Tinham preparado bem a emboscada, o que era sempre uma vantagem porque dispunham de muito tempo. Três homens muito inteligentes, com muitas horas de ócio. Não era justo.

O orgulho obrigou Trevor a levantar-se. Estendeu a mão e disse: – Desculpe por isto ter acontecido.

Spicer correspondeu ao cumprimento com relutância. Fora daqui, quis dizer.

Quando olharam um para o outro pela última vez, Trevor disse, quase em surdina: – Konyers é o homem. Muito rico. Muito poderoso. Ele sabe da vossa existência.

Spicer saltou como um gato. Quando o rosto de ambos ficou apenas a alguns centímetros de distância, perguntou, também em voz baixa: – Ele anda a vigiá-lo?

Trevor fez um sinal afirmativo e piscou o olho. Depois abriu a porta. Pegou na pasta sem dar uma palavra a Link. O que havia de dizer ao guarda? Desculpa, meu velho, mas acabaram-se os mil dólares por mês que recebias por baixo da mesa. É pena, não é? Então pergunta ao juiz Spicer por que é que isso aconteceu.

Mas não disse nada. Estava a cambalear e quase tonto, e o álcool não ajudava. O que iria dizer a Wes e a Chap? Essa é que era a questão do momento. Iriam fustigá-lo com perguntas assim que o apanhassem.

Despediu-se de Link, Vince, Mackey e Rufus na portaria, como de costume, mas agora pela última vez, e saiu.

O automóvel de Wes e Chap estava estacionado mais abaixo. Os agentes queriam conversar mas tomaram precauções. Trevor ignorou-os quando atirou a pasta para o banco do pendura e entrou no carocha. A caravana afastou-se da prisão atrás dele e desceu lentamente a auto-estrada até chegar a Jacksonville.

A decisão de prescindirem de Trevor fora tomada com a máxima ponderação jurídica. Tinham passado horas escondidos na sua saleta a estudar o dossiê de Konyers até saberem todas as cartas de cor. Percorreram quilômetros à volta da pista, só os três, construindo cenários uns atrás dos outros. Comiam juntos, jogavam às cartas juntos, sempre a inventar novas teorias em surdina acerca da pessoa que poderia andar a vigiar-lhes a correspondência.

Trevor era o acusado mais próximo e o único que podiam controlar. Se as vítimas se descuidassem, não podiam fazer nada por isso. Mas se o advogado se desorientasse, tinha de ser despedido. Não era pessoa para despertar grande confiança. Quantos advogados bons e atarefados estariam dispostos a arriscar a sua carreira num esquema de extorsão de homossexuais? A única coisa que os levava a hesitar em livrarem-se de Trevor fora o medo do que o advogado poderia fazer com o dinheiro deles. Esperavam que ele o roubasse e, sinceramente, não podiam impedi-lo. Mas estavam dispostos a correr esse risco em troca de um melhor resultado com Mr. Aaron Lake. Para chegarem a Lake, sentiam que tinham de eliminar Trevor.

Spicer forneceu-lhes os pormenores da reunião, palavra a palavra. A mensagem final de Trevor, em surdina, deixou-os estupefatos. Konyers andava a vigiar Trevor. Konyers sabia da existência dos Confrades. Significava isto que Lake sabia da existência dos Confrades? Quem era realmente Konyers? Porque é que Trevor dissera aquilo e porque é que deixara a pasta do lado de fora da porta? com a análise que só uma equipa de juizes entediados podia fazer, as perguntas sucederam-se. E depois as estratégias. » » Trevor estava a fazer café na sua cozinha recém-limpa e reluzente quando Wes e Chap entraram sem fazer barulho e foram ter com ele.

– Que aconteceu? – perguntou Wes.

Os dois homens franziam o sobrolho e davam a impressão de estarem atormentados há algum tempo.

– Que querem dizer com isso? – perguntou Trevor, como se a situação fosse esplêndida.

– Que aconteceu ao microfone?

– Ah, isso!

O guarda pegou a pasta e deixou-a lá fora.

Os dois homens olharam um para o outro e franziram ainda mais o sobrolho. Trevor deitou a água na máquina de café. O fato de serem quase cinco horas e de estar a fazer café foi registado pelos agentes.

– Por que é que ele fez uma coisa dessas?

– É a rotina. Mais ou menos uma vez por mês, o guarda fica com a pasta durante a visita.

– Ele revistou-a?

Trevor entreteve-se a ver o café a cair. Não havia problema nenhum.

– Fez o seu exame rápido, como de costume, o que me parece que faz de olhos fechados. Tirou as cartas que eram para entregar e depois pegou. O microfone não sofreu nada.

– Reparou nos envelopes grossos?

– Evidentemente que não. Descontraíam-se.

– E a reunião correu bem?

– Como de costume, mas o Spicer não tinha correspondência para expedir, o que não tem sido muito vulgar ultimamente, mas acontece. Volto lá daqui a dois dias e ele tem uma pilha de cartas e o guarda nem

sequer toca na mala. Vocês vão ouvir tudo. Querem café? Os agentes descontraíram-se em simultâneo.

– Obrigado, mas é melhor irmos andando – disse Chap.

Havia relatórios a fazer, perguntas a responder. Dirigiram-se para a porta, mas Trevor impediu-lhes a passagem.

– Ouçam lá, rapazes – disse, muito delicadamente. – Sou perfeitamente capaz de me vestir sozinho e de comer uma tigela de cereais sozinho. E não gosto de abrir o meu escritório antes das nove. Como o escritório é meu, abrimos às nove e nem um minuto antes. Vocês são bem-vindos aqui a essa hora, mas não às oito e cinquenta e nove. Afastem-se da minha casa e deste escritório até às nove. Entendido? – com certeza – respondeu um deles.

Saíram os dois. Não era uma questão importante para eles. Tinham microfones por todo o lado no escritório, em casa, no carro e até na pasta. Sabiam onde Trevor comprava a pasta de dentes.

Trevor bebeu uma cafeteira cheia de café e ficou sóbrio. Em seguida, iniciou os seus movimentos, todos cuidadosamente planeados. Começara a prepará-los assim que saíra de Trumble. Partiu do princípio de que eles estavam à espreita, junto dos rapazes da carrinha branca. Estes é que tinham os aparelhos e os brinquedos, os microfones, e com certeza que Wes e Chap sabiam usá-los. O objectivo não era o dinheiro. Trevor convenceu-se de que eles sabiam tudo, deixou a sua imaginação à solta e assumiu que ouviam todas as palavras, seguiam todos os passos e sabiam exatamente onde se encontrava a todo o momento.

Quanto mais paranóico estivesse, mais hipóteses tinha de fugir.

Meteu-se no carro e parou numa alameda a vinte e três quilómetros dali, perto de Orange Park, a sul de Jacksonville. Andou a pé sem destino, viu as montras e comeu pizza num estabelecimento quase vazio. Era difícil não desatar a correr, esconder-se atrás de uma prateleira de roupa num armazém e esperar que anoitecesse. Mas resistiu. Numa Radio Shack, comprou um pequeno telemóvel. O pacote incluía um mês de chamadas nacionais com serviço local. Era do que Trevor precisava.

Regressou a casa depois das nove, certo de que estavam a vigiá-lo. Ligou a televisão no volume máximo e fez mais café. Na casa de banho, encheu os bolsos de dinheiro.

À meia-noite, com a casa às escuras e em silêncio e Trevor a dormir, evidentemente, saiu pela porta das traseiras. A atmosfera estava fresca, a lua-cheia e Trevor tentou dar a entender que ia apenas até à praia. Vestia calças largas com bolsos que nasciam na cintura, duas camisas de ganga e um blusão enorme com dinheiro enfiado no forro. Ao todo, Trevor escondera oitenta mil dólares no corpo e encaminhava-se para sul, sem destino, pela beira-mar, como qualquer outro vagabundo a passear à noite.

Depois dos primeiros mil e quinhentos metros, estugou o passo. Ao fim de cinco quilómetros, estava exausto, mas com muita pressa. O sono e o descanso teriam de esperar.

Saiu da praia e dirigiu-se à recepção de um motel degradado. Não havia trânsito na auto-estrada A1A; não estava nada aberto, excepto o motel e uma loja de conveniência ao longe.

A porta chiou o suficiente para o empregado acordar.

Algues nas traseiras havia um televisor a funcionar. Um jovem gordo que não tinha mais de vinte anos apareceu e disse: – Boa-noite. Precisa de um quarto? – Não – respondeu Trevor. Lentamente, tirou a mão de um bolso e mostrou um grande rolo de notas.

Começou a contá-las e colocou-as em fila em cima do balcão. – Preciso que me faça um favor.

O empregado ficou a olhar para o dinheiro e rolou os olhos nas órbitas. A praia atraía todo o tipo de gente.

– Estes quartos não são assim tão caros – disse ele.

– Como se chama? – perguntou Trevor.

– Oh, não sei, digamos que sou o Sammy Sosa.

– Muito bem, Sammy. Estão aqui mil dólares. São seus se me levar de automóvel a Daytona Beach. Demora hora e meia.

– Serão três horas porque tenho de voltar para trás.

– Como queira. São mais de trezentos dólares a hora. Qual foi a última vez que ganhou trezentos dólares a hora?

– Há muito tempo. Não posso fazer uma coisa dessas. Estou no turno da noite. Estou de serviço das dez às oito.

– Quem é o patrão?

– Está em Atlanta.

– Qual foi a última vez que passou por aqui?

– Nunca o vi.
– Evidentemente que não. Se tivesse um monte de esterco como este, passava por aqui?
– Não é assim tão mau. Temos TV a cores gratuita e os aparelhos de ar condicionado funcionam quase todos.
– Isto é um monte de esterco, Sammy. Pode fechar aquela porta à chave, meter-se no carro e voltar três horas depois que ninguém dará por isso.

Sammy olhou para o dinheiro outra vez.
– Anda a fugir das autoridades ou qualquer coisa assim?
– Não. E não estou armado. Estou apenas com pressa.
– Então o que se passou?
– Um divórcio que está a correr mal, Sammy. Tenho algum dinheiro. A minha mulher quer-o todo e contratou uns advogados mafiosos. Tenho de sair daqui.

– Tem dinheiro, mas não tem automóvel? – Ouça, Sammy. Quer o acordo ou não? Se disser que não, desço a rua, entro na loja de conveniência e hei-de encontrar alguém que seja suficientemente esperto para aceitar o meu dinheiro.

– Dois mil.
– Faz isso por dois mil?
– Faço.

O automóvel era pior do que Trevor esperava. Era um velho Honda, que nunca fora limpo nem por Sammy nem pelos cinco proprietários anteriores. Mas a auto-estrada estava deserta e a viagem até Daytona Beach demorou exatamente noventa e oito minutos.

Às três e vinte da madrugada, o Honda parou em frente de um restaurante que estava aberto toda a noite e Trevor saiu. Agradeceu a Sammy, despediu-se e viu-o afastar-se. Lá dentro, tomou café e conversou com a empregada o tempo suficiente para a convencer a ir buscar uma lista telefônica da zona. Pediu panquecas e serviu-se do seu novo telemóvel para saber como havia de dar a volta à localidade.

O aeroporto mais próximo era o Daytona Beach International. Pouco depois das quatro horas, o seu táxi parou junto do terminal. Viam-se dezenas de pequenos aviões alinhados na pista. Trevor ficou a olhar para

eles quando o táxi se afastou. com certeza que conseguiria alugar um deles por pouco tempo. Só precisava de um, de preferência um bimotor.

VINTE E NOVE

O quarto das traseiras do apartamento fora transformado em sala de reuniões, com quatro mesas desmontáveis juntas para formarem uma grande. Estava coberta de jornais, revistas e caixas de donuts. Todas as manhãs, às sete e meia, Klockner e a sua equipa se reuniam para passar em revista a noite e planear o dia, enquanto tomavam café e comiam bolos. Wes e Chap estavam sempre presentes, além de mais seis ou sete elementos, consoante quem viera de Langley. Às vezes, os técnicos da sala da frente juntavam-se-lhes, apesar de Klockner não exigir a sua presença. Agora que Trevor estava do lado deles, precisavam de menos gente para o vigiar.

Ou assim o julgavam. A vigilância não detectou movimento em casa do advogado antes das sete e meia, o que não era totalmente invulgar para um homem que muitas vezes ia para a cama bêbado e acordava tarde. Às oito, quando Klockner ainda estava em reunião nas traseiras, um técnico telefonou para a casa da frente com o pretexto de que se enganara no número. Depois de três toques, ouviu-se o gravador e Trevor anunciou que não estava em casa e que deixassem mensagem. Isto acontecia uma vez por outra quando tentava adormecer tarde, mas em geral funcionava bem para o arrancar da cama.

Klockner foi avisado às oito e meia de que a casa estava totalmente silenciosa; nem duche, nem rádio, nem televisão, nem aparelhagem estereofônica, nem um som próprio da rotina normal.

Era muito possível que Trevor tivesse chegado a casa embriagado, sozinho, mas sabiam que ele não passara a última noite no Pete's. Fora passear para a avenida e regressara aparentemente sóbrio.

– Pode estar a dormir – disse Klockner, despreocupado. – Onde está o carro dele? – Na rampa.

Às nove horas, Wes e Chap bateram à porta do escritório de Trevor e, como ninguém respondeu, abriram-na. No apartamento, foi o frenesi

quando anunciaram que não havia sinais do advogado e que o carro dele ainda lá estava. Sem entrar em pânico, Klockner enviou alguns elementos da sua equipa à praia, aos cafés junto da Sea Turtle e até ao Pete's, que ainda não estava aberto. Passaram a pente fino a zona à volta da casa e do escritório de Trevor, a pé, de carro, e não viram nada.

Às dez horas, Klockner telefonou a Deville, para Langley. O advogado desaparecera, foi a mensagem.

Todos os voos para Nassau foram verificados; nada, nem sinais de Trevor Carson. Deville não conseguiu localizar o seu contato na alfândega das Bahamas nem o supervisor do banco que andavam a subornar.

Teddy Maynard estava no meio de uma comunicação sobre movimentos de tropas norte-coreanas quando foi interrompido por uma mensagem urgente, segundo a qual Trevor Carson, o advogado bêbado de Neptune Beach, Florida, desaparecera.

– Como é que podem perder um idiota como ele? – rosnou Teddy a Deville, numa rara demonstração de fúria.

– Não sei.

– Não acredito nisto! – Desculpe, Teddy.

Teddy mudou de posição e fez um esgar de dor.

– Encontrem-no, com os diabos! – sibilou.

O avião era um Beech Baron, um bimotor pertencente a uns médicos e fretado por Eddie, o piloto que Trevor convencera a levantar-se da cama às seis da manhã com a promessa de dinheiro a pronto e de mais algum por baixo da mesa. A cotação oficial era de dois mil e duzentos dólares por uma viagem de ida e volta entre Daytona Beach e Nassau duas horas por cada viagem, num total de quatro, a quatrocentos dólares à hora, além das despesas de aterragem, da Imigração e do tempo de espera do piloto. Trevor atirava mais dois mil e duzentos dólares para o bolso de Eddie se a viagem se fizesse imediatamente.

O Geneva Trust Bank, no centro de Nassau, abriu às nove horas locais, e Trevor estava à espera quando as portas se abriram. Irrompeu pelo gabinete de Mr. Brayhears e exigiu atendimento imediato. Tinha quase um milhão de dólares na sua conta – novecentos mil de Mr. Al Konyers, pagos através de Wes e de Chap, e cerca de sessenta e oito mil dos seus negócios com os Confrades.

Com um olho na porta, obrigou Brayshears a ajudá-lo a transferir o dinheiro, e depressa. O dinheiro pertencia a Trevor Carson e a mais ninguém. Brayhears não teve alternativa. Havia um banco nas Bermudas cujo gerente era seu amigo e que convinha mesmo a Trevor. Este não confiava em Brayhears e tencionava continuar a transferir o dinheiro até se sentir seguro.

Por instantes, Trevor deitou um olhar guloso à conta da Boomer Realty, cujo saldo era de cento e oitenta e nove mil dólares e uns trocos. Estava na sua mão, nesse momento fugaz, levar também o dinheiro deles. Não passavam de criminosos – Beech, Yarber e o odioso Spicer, todos criminosos. E tinham sido arrogantes ao ponto de o despedir. Tinham-no obrigado a fugir. Trevor tentara odiá-los para lhes levar o dinheiro, mas desistiu e sentiu uma certa compaixão por eles. Três velhos a consumirem-se numa prisão.

Um milhão era suficiente. Além disso, Trevor estava com pressa. Se Wes e Chap aparecessem de repente, armados, não ficaria surpreso. Agradeceu a Brayhears e saiu do edifício a correr.

Quando o Beech Baron descolou da pista do aeroporto de Nassau, Trevor não pôde deixar de se rir. Riu-se do golpe, da fuga, da sua sorte, de Wes e de Chap e do cliente rico que tinha agora um milhão a menos, do seu pequeno e miserável escritório que agora se encontrava desativado. Riu-se do seu passado e do seu futuro glorioso.

A três mil pés de altitude, olhou lá para baixo, para as águas azuis e calmas das Caraíbas.

Um veleiro solitário navegava, com o capitão ao leme e uma senhora pouco vestida ao lado.

Dentro de alguns dias, seria ele que estaria ali.

Descobriu uma cerveja num frigorífico portátil. Bebeu-a e caiu a dormir. Aterraram na ilha de Eleuthera, um sítio que Trevor vira numa revista de viagens que comprara na noite da véspera. Havia praias, hotéis e toda a espécie de desportos náuticos. Pagou a Eddie em dinheiro e depois esperou uma hora por um táxi, à saída do pequeno aeroporto.

Comprou roupas numa loja para turistas em Governor's Harbour e em seguida dirigiu-se para um hotel na praia. Divertia-o o fato de se ter livrado de embaraços tão depressa. É claro que Mr. Konyers tinha muito dinheiro, mas ninguém se podia dar ao luxo de possuir um exército secreto

suficientemente numeroso para seguir alguém até às Bahamas. O seu futuro seria de deleite total. Não ia destruí-lo olhando para trás.

Bebeu rum à beira da piscina assim que a empregada do bar lha levou. com quarenta e oito anos, Trevor Carson recebeu a sua nova vida quase na mesma situação em que deixara a anterior.

O escritório do advogado Trevor Carson abriu a horas e as coisas decorreram como se nada faltasse.

O proprietário fugira, mas o estagiário e o chefe do escritório estavam prontos a tomar conta de qualquer assunto que pudesse evoluir de forma inesperada. O telefone tocou duas vezes antes do meio-dia, dois pedidos de informações errados de pessoas perdidas nas páginas amarelas. Nem um único cliente precisava de Trevor. Nem um único amigo telefonava a dar sinal de vida. Wes e Chap passaram o tempo a vasculhar as poucas gavetas e os dossiês que ainda não tinham inspecionado.

Não encontraram nada de importância.

Outra equipa passou revista a todos os cantos da residência de Trevor, sobretudo à procura do dinheiro que recebera. Não o encontraram, o que não os surpreendeu. A pasta barata estava num roupeiro, vazia. Não havia vestígios do dinheiro. Trevor partira com ele.

O funcionário do banco nas Bahamas foi seguido até Nova Iorque, onde se encontrava para tratar de um assunto do governo. Mostrou-se relutante em envolver-se a uma distância tão grande, mas pouco depois fez os seus telefonemas. Por volta da uma hora da tarde, confirmou que o dinheiro fora transferido. O titular da conta levantara-o pessoalmente, e o funcionário não divulgou mais nada.

Para onde fora o dinheiro? Fora transferido por via telegráfica, e foi tudo o que disse a Deville. A reputação do banco da sua terra dependia do sigilo e não podia revelar mais nada. Era corrupto, mas tinha os seus limites.

As autoridades alfandegárias dos Estados Unidos colaboraram após uma certa relutância inicial. O passaporte de Trevor fora examinado no Aeroporto Internacional de Nassau nesse dia de manhã, e até então o advogado não saíra das Bahamas, pelo menos oficialmente. O seu passaporte constava de uma lista especial. Se o utilizasse para entrar noutra país, as autoridades alfandegárias dos Estados Unidos seriam informadas daí a duas horas.

Deville fez rapidamente um ponto da situação a Teddy e a York, o quarto nesse dia, e depois ficou à espera de mais instruções.

– Ele vai cometer um erro – disse York.– Vai usar o passaporte em qualquer lado, e vamos apanhá-lo. Não sabe quem é que o anda a seguir.

Teddy espumou, mas não disse nada. A sua agência derrubara governos e matara reis, mas continuava a surpreendê-lo que as pequenas coisas muitas vezes fracassassem. Um advogado presumido e estúpido de Neptune Beach escapara à rede quando uma dúzia de pessoas deviam estar a vigiá-lo. Teddy considerava isto surpreendente.

O advogado deveria ser a ligação deles, a ponte para o interior de Trumble. Por um milhão de dólares, julgavam que podiam confiar nele. Não fora elaborado nenhum plano de contingência para a sua fuga repentina. Agora estavam a tentar desenvolver algum.

– Precisamos de alguém dentro da prisão – disse Teddy.

– Estamos perto – respondeu Deville. – Estamos a trabalhar com a Justiça e com o Gabinete das Prisões.

– Perto como?

– Bem, à luz do que aconteceu hoje, creio que teremos um homem lá, dentro de Trumble, daqui a quarenta e oito horas.

– Quem é ele?

– Chama-se Argrow, trabalhou onze anos com a agência, tem trinta e nove anos e credenciais sólidas.

– Qual é a sua história?

– Vai ser transferido para Trumble de uma prisão federal nas Ilhas Virgens. Os seus documentos vão ser levantados pelo Gabinete aqui em Washington para que o diretor não faça mais perguntas. É apenas mais um prisioneiro federal que pediu uma transferência.

– E está pronto a partir? – Quase. Dentro de quarenta e oito horas.

– Trate disso já.

Deville saiu, mais uma vez com o fardo de uma tarefa difícil que, de repente, tinha de ser executada de um dia para o outro.

– Temos de apurar o que eles sabem-disse Teddy, quase em surdina.

– Sim, mas não temos motivos para acreditar que desconfiam de alguma coisa. – disse York.

– Lemos toda a correspondência deles. Nada indica que estejam particularmente entusiasmados com o Konyers. Ele é apenas uma das suas potenciais vítimas. Compramos o advogado para o impedir de andar a farejar a caixa postal do Konyers. Agora ele fugiu para as Bahamas, embriagado com o dinheiro, e portanto não constitui uma ameaça.

– Mas mesmo assim vamos livrar-nos dele – disse Teddy. Não era uma pergunta.

– Com certeza.

– Sentir-me-ei melhor quando ele desaparecer – disse Teddy.

Um guarda fardado mas desarmado entrou na seção de Direito da biblioteca a meio da tarde. Começou por encontrar Joe Roy Spicer, que estava à porta.

– O diretor quer falar consigo – disse o guarda. – Consigo, com o Yarber e com o Beech.

– Acerca de quê? – perguntou Spicer.

Estava a ler um velho exemplar de Field & Stream.

– Isso não é da minha conta. Ele quer vê-los agora. Sigam.

– Diga-lhe que estamos ocupados.

– Não lhe vou dizer nada. Venham.

Os homens seguiram-no até ao edifício da administração e cruzaram-se com outros guardas no caminho. Quando saíram do elevador, encontraram-se à frente da secretária do diretor. A secretária, sozinha, conseguiu escoltar os Confrades até ao gabinete enorme em que Emmitt Broon os aguardava. Quando ela saiu, ele disse sem mais nem menos: – Fui notificado pelo FBI de que o seu advogado desapareceu. Não houve reação visível dos três, mas todos pensaram instantaneamente no dinheiro escondido offshore.

O diretor continuou: – Desapareceu esta manhã, e falta dinheiro. Não tenho pormenores. Dinheiro de quem?, apeteceu-lhes perguntar. Ninguém sabia da sua pequena fortuna escondida. Teria Trevor roubado mais alguém? – Porque nos está a dizer isso? – perguntou Beech.

O motivo era que o Departamento de Justiça de Washington pedira a Broon que informasse os três.

Mas o motivo que ele apresentou foi: «Pensei que quisessem saber, caso precisassem de lhe telefonar.» Os Confrades tinham despedido

Trevor na véspera e ainda não tinham informado a administração de que ele já não era o seu advogado.

– O que havemos de fazer para encontrar um advogado? – perguntou Spicer, como se a vida não pudesse continuar.

– O problema é seu. Francamente, diria que os senhores já receberam apoio jurídico que dá para muitos anos.

– E se ele nos contatar? – perguntou Yarber, sabendo perfeitamente que nunca mais ouviriam falar de Trevor.

– Devem informar-me imediatamente. Eles concordaram. O que o diretor quisesse. Broon mandou-os embora.

A fuga de Buster foi menos complicada do que uma ida à mercearia. Esperaram pela manhã seguinte, depois do pequeno-almoço, quando quase todos os reclusos estavam entretidos com os seus trabalhos humildes. Yarber e Beech estavam na pista, a duzentos metros de distância um do outro para que um estivesse sempre a olhar para a prisão enquanto o outro observava o bosque ao longe. Spicer escondeu-se junto do campo de basquetebol, não fosse aparecer algum guarda.

Sem vedações, nem torres nem grandes preocupações de segurança, os guardas não constituíam um problema em Trumble. Spicer não viu nenhum.

Buster estava perdido na chiadeira do seu corta-relva, que manejava lentamente em direção à pista.

Fez uma pausa para limpar a cara e olhar à volta. Spicer, a cinquenta metros de distância, ouviu-o desligar a máquina. Virou-se e fez um sinal rápido com o polegar, um sinal para ele se despachar.

Buster entrou na pista, aproximou-se de Yarber e deram alguns passos juntos.

– Tens a certeza de que queres fazer isto? – perguntou Yarber.

– Sim. Absoluta.

O miúdo parecia calmo e preparado.

– Então, vai agora. Acalma-te. Mantém-te frio.

– Obrigado, Finn.

– Não sejas apanhado, filho.

– Nem pensar nisso.

Ao chegar à esquina, Buster continuou a andar, saiu da pista, atravessou a relva acabada de aparar, a cem metros de uns arbustos, e

depois desapareceu. Beech e Yarber viram-no ir e depois viraram-se para a prisão. Spicer dirigia-se tranquilamente para eles. Não havia sinais de alarme nos pátios, nos dormitórios nem em qualquer dos outros edifícios no perímetro da prisão. Não se via um único guarda. Andaram quase cinco quilômetros, doze voltas, ao ritmo lento de quinze minutos por cada mil e quinhentos metros, e quando se fartaram retiraram-se para a frescura da sala para se descontraírem e ouvirem a notícia da fuga. Só daí a algumas horas é que ouviriam falar do assunto.

O ritmo de Buster era muito mais rápido. Já na floresta, começou a correr sem olhar para trás.

Guiando-se pelo Sol, seguiu para sul durante meia hora. A floresta não era grande; o mato era ralo e não o atrasou. Passou por um posto de observação de veados a seis metros de altura, em cima de um carvalho, e depressa descobriu um caminho que ia para sudoeste.

No bolso das calças, do lado esquerdo, levava dois mil dólares em dinheiro, que lhe tinham sido oferecidos por Finn Yarber. Na algibeira do outro lado tinha um mapa que Beech desenhara à mão. E no bolso de trás, levava um envelope amarelo dirigido a um homem chamado Al Konyers, de Chevy Chase, Maryland. Os três eram importantes, mas o envelope fora o que recebera mais atenção dos Confrades. Uma hora depois, parou para descansar e pôs-se à escuta. A auto-estrada 30 era o seu primeiro ponto de referência. Seguia para leste e para oeste e, pelos cálculos de Beech, deveria encontrá-la ao fim de duas horas. Buster não ouvia nada e desatou a correr outra vez.

Tinha de manter um ritmo uniforme. Havia uma hipótese de a sua fuga ser detectada logo depois do almoço, quando os guardas iam fazer uma pequena inspeção aos campos, de vez em quando. Se um deles desatasse a procurar Buster, poderiam seguir-se outras perguntas. Mas depois de duas semanas a observar os guardas, nem Buster nem nenhum dos Confrades admitia tal possibilidade.

Por isso, Buster dispunha pelo menos de quatro horas. E talvez de muitas mais porque o seu dia de trabalho terminava às cinco, altura em que regressava com o seu corta-relva. Se não aparecesse, começariam a procurá-lo na prisão. Duas horas depois, informariam as esquadras locais de que fugira mais um recluso de Trumble. Nunca andavam armados e não eram perigosos, e ninguém se exaltava demasiado. Não havia equipas de

busca. Nem cães-polícias. Nem helicópteros a sobrevoar a floresta. O chefe da polícia da zona e os seus adjuntos patrulhariam as estradas principais e avisariam os cidadãos para trancarem as portas.

O nome do fugitivo era registado na rede nacional de computadores. Vigiavam-lhe a casa e a namorada, e esperavam que cometesse qualquer ato estúpido.

Depois de noventa minutos de liberdade, Buster parou por instantes e ouviu a buzina de um semi-reboque, não muito longe. A floresta terminava abruptamente numa vala à direita e começava a auto-estrada. De acordo com o mapa de Beech, a localidade mais próxima ficava a vários quilómetros a oeste. O plano era seguir a pé ao longo da auto-estrada, escondendo-se do trânsito em valas e pontes, até encontrar qualquer tipo de civilização.

Buster vestia as roupas da prisão, constituídas por umas calças de caqui e uma camisa de manga curta cor de azeitona, ambas manchadas de suor. A população local sabia o que os prisioneiros usavam e, se fosse visto a descer a pé a auto-estrada 30, alguém chamaria a polícia. Chega à cidade, tinham-lhe dito Beech e Spicer, e muda de roupa. Depois, compra um bilhete de autocarro e continua a fugir.

Buster levou três horas a esconder-se atrás de árvores e a saltar bermas de estrada antes de avistar os primeiros edifícios. Afastou-se da auto-estrada e atravessou um campo de feno. Um cão rosnou-lhe quando entrou numa rua ladeada de autocaravanas. Atrás de uma delas, viu uma corda com roupa a secar na atmosfera sem vento. Tirou uma camisola vermelha e branca e deitou fora a camisa cor de azeitona.

No centro, não havia mais do que dois quarteirões de apartamentos, duas bombas de gasolina, um banco, uma espécie de câmara e uma estação de correios. Buster comprou umas calças de ganga, uma t-shirt e um par de botas numa loja de desconto, e mudou de roupa no vestiário dos • empregados. Encontrou a estação dos correios no interior da Câmara. B • Sorriu e agradeceu aos seus amigos em Trumble quando enfiou o precioso 'envelope na ranhura de Outros Destinos.

Buster apanhou um autocarro para Gainesville, onde, por quatrocentos e oitenta dólares, adquiriu o direito de andar de autocarro nos Estados Unidos durante sessenta dias. Foi para oeste. Queria perder-se no México.

TRINTA

As primárias de Pennsylvania, no dia 25 de Abril, seriam o último grande esforço do governador Tarry. Sem se deixar desanimar pela sua prestação infeliz no debate de há quinze dias, conduzia a campanha com grande entusiasmo, mas com muito pouco dinheiro.

«O Lake é que o tem todo», afirmava ele onde quer que parasse, fingindo-se orgulhoso por ser pobre. Não saiu do estado durante onze dias seguidos. Condenado a viajar numa grande caravana Winnebago, comia em casa de apoiantes, pernoitava em hotéis baratos e esfalfava-se a apertar mãos e a palmilhar os subúrbios.

– Falemos dos problemas – defendia ele. – Não de dinheiro.

Também Lake trabalhava arduamente na Pennsylvania. O seu jato era dez vezes mais rápido do que o meio de transporte de Tarry. Lake distribuía mais apertos de mão, fazia mais discursos e gastava com certeza mais dinheiro.

O resultado era previsível. Lake recebeu 71 por cento dos votos, uma maioria esmagadora tão embaraçosa para Tarry que este falou abertamente em desistir. Mas prometeu manter-se pelo menos mais uma semana, até às primárias de Indiana. Os colaboradores tinham-no abandonado. Tinha onze milhões de dólares de dívidas. Fora despejado da sua sede de campanha em Arlington.

No entanto, queria que a boa gente de Indiana tivesse a oportunidade de ver o seu nome nos boletins de voto.

E, quem sabe, talvez o novo e reluzente avião a jato de Lake se incendiasse, como o anterior.

Tarry lambeu as suas próprias feridas e no dia seguinte ao das primárias prometeu continuar a lutar.

Lake quase teve pena dele e admirou a sua determinação em continuar até à convenção.

Mas, como toda a gente, Lake sabia fazer contas.

Precisava apenas de mais quarenta delegados para assegurar a convenção, e ainda havia quase quinhentos lá fora. A corrida terminara.

Depois de Pennsylvania, os jornais de todo o país confirmaram a sua nomeação. O seu rosto atraente e feliz estava em toda a parte, um milagre político. Foi elogiado por muitos como um símbolo da operacionalidade do sistema – um desconhecido com uma mensagem, que viera não se sabia de onde e que captara a atenção das pessoas. A campanha de Lake dava esperança a todos aqueles que sonhavam em concorrer à presidência. Não implicara meses a calcorrear as estradas secundárias do Iowa. Saltara New Hampshire que, de qualquer modo, era um pequeno estado.

E Lake foi condenado por ter comprado a sua nomeação. Antes da Pennsylvania, calculava-se que tivesse gasto quarenta milhões de dólares. Era difícil obter um número mais preciso porque o dinheiro estava a ser queimado em muitas frentes. Tinham sido gastos mais vinte milhões pelo CAP-D e por meia-dúzia de outros grupos de pressão poderosos, todos a trabalharem para Lake.

Nunca outro candidato gastara nada que se aproximasse.

As críticas atingiram Lake e perseguiram-no de noite e de dia. Mas ele preferia ter o dinheiro e a nomeação do que sofrer a alternativa.

As grandes somas de dinheiro não eram tabu. Os empresários online estavam a fazer milhões. De todas as entidades presumidas, o governo era aquela que apresentava um excedente! Quase toda a gente tinha emprego, uma hipoteca acessível e dois automóveis. As sondagens ininterruptas de Lake levaram-no a acreditar que as grandes somas de dinheiro ainda não constituíam um problema para os eleitores. Num confronto com o vice-presidente em Novembro, Lake estava agora praticamente equilibrado.

Mais uma vez regressou a Washington, afastando-se das guerras do Oeste, como um herói triunfante. Aaron Lake, um modesto congressista do Arizona, era agora o homem do dia.

Depois de um pequeno-almoço tranquilo e muito prolongado, os Confrades leram o matutino de Jacksonville, o único jornal permitido em Trumble. Ficaram muito satisfeitos por Aaron Lake. Na realidade, estavam verdadeiramente entusiasmados com a sua nomeação. Contavam-se agora entre os seus adeptos mais fervorosos. Corre, Aaron, corre.

A notícia da caminhada de Buster para a liberdade quase não provocara agitação. Tanto melhor para ele, afirmaram os reclusos. Era

apenas uma criança com uma longa sentença.

Corre, Buster, corre.

A fuga não fora noticiada no jornal da manhã. Os Confrades fizeram uma leitura atenta, ignorando apenas os anúncios e os obituários. Agora estavam à espera. Não escreveriam mais cartas; mais nenhuma daria entrada em Trumble, porque eles tinham perdido o seu mensageiro. O seu pequeno golpe estava suspenso até receberem notícias de Mr. Lake.

Wilson Argrow chegou a Trumble numa carrinha verde igual a tantas outras, algemado e acompanhado por dois oficiais de polícia que lhe agarravam os cotovelos. Ele e a sua escolta voaram de Miami para Jacksonville, a expensas dos contribuintes, evidentemente.

De acordo com os seus documentos, cumprira quatro meses de uma sentença de sessenta por fraude bancária. Pedira transferência por motivos que não eram claros, mas com os quais ninguém se preocupou em Trumble. Era apenas mais um prisioneiro de baixa segurança no sistema federal. Andavam sempre de um lado para o outro.

Tinha trinta e nove anos, divorciado, frequentara a universidade e, para efeitos de registo prisional, residia em Coral Gables, Florida. O seu verdadeiro nome era Kenny Sands, um veterano com onze anos de CIA, e apesar de nunca ter visto o interior de uma prisão tivera missões muito mais duras do que Trumble. Ficaria ali um ou dois meses e depois pediria uma nova transferência.

Argrow manteve a fachada impassível de um velho prisioneiro quando foi citado, mas sentiu uma volta no estômago. Tinham-lhe garantido que a violência não era tolerada em Trumble e que poderia tomar conta de si próprio com toda a certeza. Mas uma prisão era uma prisão. Durante uma hora, ouviu as instruções de um diretor-adjunto, e depois levaram-no a dar uma volta rápida pelos terrenos da prisão. Começou a descontrair-se quando viu Trumble sozinho. Os guardas não andavam armados e a maioria dos reclusos pareceram-lhe inofensivos.

O seu companheiro de cela era um velho de barbas grisalhas, com um percurso criminal que conhecera muitas prisões e que adorava Trumble. Confidenciou a Argrow que tencionava morrer ali. O homem levou Argrow a almoçar e explicou-lhe as excentricidades da ementa. Mostrou-lhe a sala de jogo, onde grupos de homens corpulentos se

juntavam à roda de mesas desmontáveis a estudar as suas cartas, todos com um cigarro colado aos lábios.

– O jogo a dinheiro é ilegal – disse o companheiro de cela. Foram até à zona de pesos e halteres ao ar livre, onde os mais jovens transpiravam ao sol, afinando o bronzado da pele enquanto desenvolviam os músculos. O velho apontou para a pista ao longe e disse: – És obrigado a adorar o sistema federal.

Mostrou-lhe a biblioteca, um local que não frequentava, e apontou para um canto, dizendo: – Aqui é a seção de Direito.

– Quem é que se serve dela? – perguntou Argrow.

– Em geral, vêm aqui alguns advogados. Neste momento, também temos alguns juizes.

– Juizes? – Três.

O velho não mostrou interesse pela biblioteca. Argrow seguiu-o até à capela, e depois deram uma nova volta pelos campos.

Argrow agradeceu-lhe o passeio. Em seguida, desculpou-se e voltou à biblioteca, que não tinha ninguém, excepto um recluso que limpava o chão. Argrow aproximou-se do canto e abriu a porta que dava acesso à seção de Direito.

Joe Roy Spicer interrompeu a leitura da sua revista e viu um homem que nunca vira.

– Procura alguma coisa? – perguntou, sem fazer qualquer esforço para ser prestável.

Argrow reconheceu o rosto que vira no dossiê. Um ex-juiz de paz apanhado em flagrante a ser subornado. Mas que porca de vida!

– Sou novo aqui – disse, forçando um sorriso. – Acabei de chegar. Esta é a seção de Direito?

– É.

– Calculo que qualquer pessoa a possa utilizar, não é assim?

– Creio que sim – respondeu Spicer. – É advogado?

– Não, sou empregado bancário.

Há uns meses, Spicer tê-lo-ia aliciado a fazer alguns trabalhos, por baixo da mesa, evidentemente. Mas não agora. Já não precisavam de explorar a arraia miúda. Argrow olhou à sua volta e não viu Beech nem Yarber. Desculpou-se e voltou para o seu quarto.

O contato estava feito.

O plano de Lake para se ver livre de quaisquer recordações de Ricky e da sua correspondência azarada dependia de mais alguém. Ele, Lake, estava demasiado assustado e era demasiado famoso para voltar a esgueirar-se de madrugada, disfarçado, no banco traseiro de um táxi, para ir a uma caixa postal dos subúrbios, acessível durante toda a noite. Os riscos eram demasiado grandes; além disso, Lake duvidava seriamente que pudesse continuar a enganar os serviços secretos. Não conseguia contar os agentes cuja missão era protegê-lo. Nem contar, nem sequer vê-los todos.

A jovem chamava-se Jayne. Juntara-se à campanha no Wisconsin e depressa conseguira penetrar no círculo mais restrito. Entrara como voluntária, mas nesse momento ganhava cinquenta e cinco mil dólares por ano como assistente pessoal de Mr. Lake, que depositava nela uma confiança total.

Raramente o abandonava e já por duas vezes tinham aflorado um futuro emprego de Jayne na Casa Branca.

No momento exato, Lake entregaria a Jayne a chave da caixa postal alugada por Mr. Al Konyers e diria que fosse buscar a correspondência, mesmo à saída das instalações, e que não deixasse endereço. Diria que se tratava de uma caixa postal que alugara para tentar acompanhar a venda de contratos secretos no domínio da defesa, numa época em que estava convencido de que os iranianos comprava informações que nunca chegariam a ver. Ou outra história qualquer. Ela acreditaria nele porque queria acreditar.

Se tivesse muita sorte, não haveria mais cartas de Ricky. A caixa ficaria encerrada para sempre. E se estivesse alguma carta à espera de Jayne, e se ela fosse minimamente curiosa, Lake diria apenas que não fazia ideia de quem se tratava. Ela não faria mais perguntas. A obediência cega era a sua maior qualidade.

Lake esperou pelo momento certo. Esperou de mais.

TRINTA E UM

Chegou sã e salva com mais um milhão de cartas, quilos de papelada enviada para a capital para manter o governo mais um dia. A

triagem foi feita por código postal e depois por rua. Três dias depois de Buster a ter expedido, a última carta de Ricky para Al Konyers chegou a Chevy Chase.

Foi uma equipa de vigilantes que a encontrou durante uma inspeção de rotina efetuada à Mailbox America. O envelope foi examinado e depois rapidamente levado para Langley.

Teddy estava sozinho no seu gabinete, no intervalo de duas reuniões, quando Deville entrou de rompante com um dossiê fino na mão.

– Conseguimos isto há meia hora – disse ele, entregando-lhe três folhas de papel. – É uma fotocópia.

O original está no dossiê.

O diretor ajustou os óculos bifocais e olhou para as fotocópias antes de começar a ler. Tinham o carimbo da Florida, como sempre. A letra era-lhe familiar. Percebeu que se tratava de um caso grave antes de iniciar a leitura.

Caro Al, Na tua última carta tentaste pôr fim à nossa correspondência.

Desculpa, mas não será assim tão fácil. vou direito ao assunto. Não sou o Ricky e tu não és o Al.

Estou numa prisão e não numa clínica de reabilitação.

Sei quem tu és, Mr. Lake. Sei que estás a atravessar um período formidável, envolvido na nomeação e tudo, e que estás a nadar em dinheiro. Dão-nos jornais para ler, aqui em Trumble, e tenho acompanhado o teu sucesso com muito orgulho.

Agora que sei quem é o Al Konyers, tenho a certeza de que gostarias que eu não divulgasse o nosso pequeno segredo. Terei muito gosto em ficar calado, mas isso vai-te sair muito caro.

Preciso de dinheiro e quero sair da prisão. Sou capaz de guardar segredos e sei negociar.

O dinheiro é a parte fácil, porque tens muito. A minha libertação será mais complicada, mas estás a congregar toda a espécie de amigos muito poderosos. Estou certo de que pensarás em alguma coisa.

Não tenho nada a perder e estou disposto a destruir-te se não negociares comigo.

Chamo-me Joe Roy Spicer. Estou detido na Prisão Federal de Trumble. Arranja uma maneira de me contatares e despacha-te.

Não mudarei de ideias.

Cumprimentos Joe Roy Spicer

A reunião seguinte foi cancelada. Deville foi à procura de York e, dez minutos depois, estavam ambos fechados no abrigo. Matá-los foi a primeira opção discutida. Argrow podia encarregar-se disso desde que tivesse os meios adequados: comprimidos, venenos, etc. Yarber podia morrer durante o sono. Spicer podia cair morto no passeio. Beech, o hipocondríaco, podia ser contemplado com um erro de aviamento na farmácia da prisão. Os homens não eram particularmente aptos nem saudáveis, e não podiam competir com Argrow. Uma queda desastrada, um pescoço partido. Havia muitas maneiras de fazer com que o acontecimento parecesse natural ou acidental.

A coisa teria de ser feita rapidamente, enquanto continuavam à espera de uma resposta de Lake.

Mas criar-se-ia uma situação confusa e indevidamente complicada. Três cadáveres ao mesmo tempo, num estabelecimento prisional pequeno e inofensivo como Trumble. E os três eram amigos íntimos que estavam quase sempre juntos, e cada um morreria de maneira diferente num curto espaço de tempo. O que criaria uma avalanche de suspeitas. E se desconfiassem de Argrow? Para começar, o seu passado era desconhecido.

E o fator Trevor assustava-os. Onde quer que o homem se encontrasse, havia a hipótese de ter conhecimento das mortes. A notícia assustá-lo-ia ainda mais, mas também poderia torná-lo imprevisível. Era possível que soubesse mais do que julgavam.

Deville apostava num plano para os libertar, mas Teddy mostrou-se muito relutante. Não tinha escrúpulos em mandar assassinar os três, mas não estava convencido de que isso protegesse Lake.

E se os Confrades tivessem contado a mais alguém? Havia demasiados elementos desconhecidos. Elabore os planos, disseram a Deville, mas só devem ser usados quando não houver mais nenhuma opção.

Todos os cenários estavam em cima da mesa. York sugeriu, a bem da discussão, que a carta fosse devolvida à caixa para que Lake a recebesse. Para começar, o problema era dele.

– Ele não saberia o que fazer – disse Teddy.

– E nós sabemos? – Por enquanto, não.

Pensar que Aaron Lake reagiria à emboscada e tentaria silenciar os Confrades era quase divertido, mas havia uma forte componente de justiça nisso. Fora Lake que criara esta confusão; que se amanhasse com ela.

– Por sinal, fomos nós que criamos esta confusão, e vamos resolvê-la – disse Teddy.

Não podiam prever e, conseqüentemente, não podiam controlar o que Lake faria. De certo modo, o palerma esquivara-se à rede que lhe tinham lançado durante o tempo suficiente para escrever a Ricky. E fora tão estúpido que os Confrades sabiam quem ele era.

Já para não falar do que era óbvio: Lake era o tipo de pessoa que trocava cartas em segredo com um homossexual. Levava uma vida dupla e não era digno de muita confiança.

Por instantes, admitiram confrontar Lake com a situação. York defendia uma revelação desde a primeira carta vinda de Trumble, mas Teddy não estava convencido. Há muito tempo que as noites perdidas por causa de Lake eram sempre preenchidas com pensamentos e de esperanças de pôr fim à correspondência. De resolver o problema com calma e de ter uma conversa com o candidato.

Oh, como gostaria de confrontar Lake! Adorava sentá-lo ali numa cadeira e começar a mostrar-lhe cópias de todas aquelas malditas cartas num ecrã. E uma cópia do anúncio na Out and About. Falar-lhe de Mr. Quince Garbes em Bakers, Iowa, outro idiota que caíra na esparrela, e de Curtis Vann Gates, em Dálias. «Como é que pôde ser tão estúpido?», apetecia-lhe gritar a Aaron Lake.

Mas Teddy concentrou-se na questão mais importante. Os problemas com Lake eram pequenos quando comparados com a urgência da defesa nacional. Os russos estavam a chegar, e quando Natty Chenkov e o novo regime tomassem o poder, o mundo mudaria para sempre.

Teddy neutralizara homens muito mais poderosos do que três juizes desonestos que apodreciam numa prisão federal. O planeamento meticuloso era o seu maior trunfo. Um planeamento paciente e cansativo.

A reunião foi interrompida por uma mensagem vinda do gabinete de Deville. O passaporte de Trevor Carson fora detectado num balcão de partidas do aeroporto de Hamilton, nas Bermudas. O homem partira para San Juan, Porto Rico, e o avião devia aterrar dentro de cerca de cinquenta minutos.

– Sabíamos que ele estava nas Bermudas? – perguntou York.
– Não, não sabíamos – respondeu Deville.
– É evidente que entrou sem se servir do passaporte.
– Talvez não seja tão viciado no álcool, como julgávamos.
– Temos alguém em Porto Rico? – perguntou Teddy, com uma voz um pouco mais entusiasmada.

– Claro que temos – respondeu York.
– Vamos investir nesta pista.
– Os planos alteraram-se para o velho Trevor? – perguntou Deville.
– Não, de modo nenhum. De modo nenhum – respondeu Teddy.

Deville saiu para ir tratar da mais recente crise de Trevor. Teddy telefonou a uma assistente e pediu um chá de hortelã-pimenta. York relia a carta. Quando ficaram a sós, perguntou: – E se os separássemos?

– Sim, estava a pensar nisso. Faça isso depressa, antes que tenham tempo de conferenciar.

Envie-os para três prisões diferentes, ponha-os no isolamento durante um certo período, assegure-se de que não há privilégios quanto a telefonemas e a correspondência. E depois? Eles continuarão a guardar o seu segredinho. Qualquer deles poderia destruir o Lake.

– Não sei se temos contatos no Gabinete das Prisões.

– Isso pode ser ultrapassado. Se for necessário, terei uma conversa com o procurador-geral.

– Desde quando é que o senhor e o procurador-geral são amigos?

– É uma questão de segurança nacional.

– Três juízes desonestos numa prisão federal da Florida podem afectar a segurança nacional? Gostaria de ouvir essa conversa.

Teddy tomou o seu chá de olhos fechados, com as duas mãos a agarrar a chávena.

– É demasiado arriscado – disse ele em voz baixa. – Vamos enfurecê-los e isso torna-os ainda mais erráticos. Não podemos correr riscos neste caso.

– Suponha que o Argrow consegue descobrir o arquivo deles disse York. – Pense nisso... São vigaristas, criminosos condenados. Ninguém vai acreditar na história deles acerca do Lake, a menos que tenham provas. A prova é a documentação, papéis, originais e cópias da correspondência. A prova existe em algum lugar. Nós a achamos, pegamos e depois quem dará

ouvidos? Mais um gole de olhos fechados, mais uma longa pausa. Teddy mexeu-se um pouco na cadeira e fez um esgar de dor.

– Isso é verdade – respondeu em voz baixa. – Mas preocupa-me que haja alguém cá fora, alguém cuja existência ignoramos. Estes tipos estão um passo à nossa frente e estarão sempre. Estamos a tentar descobrir o que eles já sabem há algum tempo. Não sei se os conseguiremos apanhar. Talvez se tenham lembrado de perder os seus dossiês. Tenho a certeza de que há regras na prisão quanto à conservação dessa papelada, e portanto já andam a escondê-la. As cartas do Lake são demasiado valiosas para não serem copiadas outra vez e postas cá fora.

– O Trevor era o carteiro deles. Vimos todas as cartas que ele foi buscar a Trumble no mês passado.

– Estamos convencidos de que as vimos. Mas não temos a certeza.

– Mas quem poderia ser? – Spicer tem mulher. Tem ido visitá-lo. O Yarber está a divorciar-se, mas quem sabe o que andam a fazer? Ela foi visitá-lo nos últimos três meses. Ou talvez andem a subornar guardas para lhes expedirem a correspondência. Não podemos partir do princípio de que sabemos tudo o que fazem. E se cometermos um erro aqui, se partirmos do princípio de que sabemos de mais, então Mr. Aaron Lake será desmascarado à força.

– Como? Como o fariam? – Talvez contactando um repórter e entregando-lhe uma carta de cada vez até ele ficar convencido.

Resultaria.

– A imprensa ficaria louca.

– Isso não pode acontecer, York. Não podemos permitir que aconteça. Deville voltou, à pressa. A Alfândega dos Estados Unidos fora notificada pelas autoridades das Bermudas dez minutos depois de o avião partir de San Juan. Trevor aterraria dentro de dezoito minutos.

Trevor ia apenas atrás do seu dinheiro. Memorizara à pressa os elementos essenciais das transferências e agora aperfeiçoava a arte. Nas Bermudas, enviara metade para um banco na Suíça e a outra metade para um banco em Grand Cayman. Este ou oeste? Essa fora a grande questão. O primeiro avião a descolar das Bermudas ia para Londres, mas a ideia de andar a esconder-se em Heathrow assustava-o.

Não era um homem procurado pelas autoridades, pelo menos não pelo governo. Não havia acusações formais nem pendentas. Mas os

ingleses eram muito eficientes na Alfândega.

Trevor iria para oeste e arriscaria as Caraíbas.

Aterrou em San Juan e foi direito a um bar, onde pediu uma caneca de cerveja e estudou os voos. Não tinha pressa, não estava sujeito a pressões e tinha os bolsos cheios de dinheiro.

Podia ir para qualquer lado, fazer qualquer coisa e demorar-se o tempo que quisesse. Pediu outra cerveja e resolveu passar alguns dias em Grand Cayman, com o seu dinheiro. Dirigiu-se ao balcão da Air Jamaica e comprou um bilhete. Depois, voltou ao bar porque eram quase cinco horas e faltava meia hora para o embarque.

Viajava em primeira classe, evidentemente. Embarcou cedo para tomar mais uma bebida, e quando observava os outros passageiros reparou num rosto que já vira.

Onde estava ele agora? Há pouco, estava algures no aeroporto. Era um rosto alongado e magro, com uma pêra manhosa e umas frestas estreitas que eram os olhos, atrás de óculos quadrados. Os olhos observaram-no o tempo suficiente para se cruzarem com os de Trevor, e depois concentraram-se no corredor, como se não tivessem visto nada.

Isto acontecera junto do balcão da companhia aérea, quando Trevor se virara, depois de comprar o bilhete. O rosto observava-o. O homem estava próximo e examinava as partidas.

Quando fugimos, os olhares vagos, insistentes ou erráticos parecem ainda mais suspeitos. Vemos um rosto uma vez e nem sequer o conhecemos. Vemos outra vez meia hora depois, e alguém vigia todos os nossos passos.

Deixa de beber, ordenou Trevor a si próprio. Pediu um café depois de o avião descolar e tomou-o à pressa. Foi o primeiro passageiro a sair em Kingston. Atravessou rapidamente o terminal e passou pela Imigração. Não havia sinais do homem atrás de si.

Pegou nas duas malas e correu para a praça de táxis.

TRINTA E DOIS

O jornal de Jacksonville chegava a Trumble todos os dias por volta das sete horas da manhã. Quatro exemplares iam para a sala de jogos para serem lidos por alguns dos reclusos que se interessavam pela vida lá fora. Joe Roy Spicer era quase sempre o único que já estava à espera às sete, e em geral ficava com um jornal para si porque precisava de estudar as apostas durante o dia. A cena raramente mudava: Spicer com uma grande chávena descartável de café, os pés em cima da mesa, à espera que Roderick, o guarda, trouxesse os jornais.

Por isso, Spicer foi o primeiro a ver a notícia, ao fundo da primeira página. Trevor Carson, um advogado americano que desaparecera por qualquer motivo não esclarecido, fora encontrado morto à saída de um hotel em Kingston, Jamaica, com dois tiros na cabeça, na véspera, pouco depois do anoitecer. A notícia não era acompanhada de nenhuma fotografia de Trevor, reparou Spicer. Porque havia o jornal de ter alguma nos seus arquivos? Porque havia alguém de se ralar com a morte de Trevor? Segundo funcionários jamaicanos, Carson era um turista que aparentemente fora roubado. Uma fonte não identificada junto do local sondara a polícia quanto à identidade de Mr, Carson, visto que a sua carteira desaparecera. A fonte parecia saber muita coisa.

O parágrafo em que se retocava a carreira profissional de Trevor era muito breve. Uma antiga secretária, Jan qualquer-coisa, não fizera comentários. A notícia fora composta à pressa e inserida na primeira página só porque a vítima era um advogado assassinado.

Finn estava no extremo do passeio, a dar a volta, e caminhava a passo rápido na atmosfera úmida do princípio da manhã, já sem camisa. Spicer esperou que ele voltasse e entregou-lhe o jornal sem dizer uma palavra.

Encontraram Beech na fila de espera do refeitório, com o tabuleiro de plástico na mão e a olhar para o amontoado de ovos mexidos há pouco.

Sentaram-se juntos a um canto, longe de toda agente, a comer e a falar em voz baixa.

- Se ele ia a fugir, de quem seria?
- Talvez o Lake o perseguisse.
- Ele não sabia quem era o Lake. Ele não tinham nenhuma pista, pois não?

– Bem, então ia a fugir do Konyers. Da última vez que cá esteve, disse que o Konyers era o homem da massa. Disse que o Konyers sabia tudo a nosso respeito, e depois desapareceu no dia seguinte.

– Talvez estivesse apenas assustado. O Konyers confrontou-o, ameaçou expor o papel que ele desempenhava no nosso golpe e Trevor, que para começar não era das pessoas mais estáveis, resolveu roubar tudo o que pôde e desaparecer.

– O que gostava de saber é a quem pertencia o dinheiro que desapareceu.

– Ninguém sabe da existência do nosso dinheiro. Como podia ele desaparecer?

– Talvez o Trevor tenha roubado toda a gente que pôde e depois se tenha eclipsado. Isso está sempre a acontecer. Os advogados metem-se em sarilhos e entram em depressão. Deitam a mão às ações dos clientes e fogem.

– A sério? – perguntou Spicer.

Beech lembrou-se de três exemplos e Yarber acrescentou mais dois, por precaução.

– Então quem é que o matou?

– Havia uma boa hipótese de se encontrar apenas no sítio errado da cidade.

– À porta do hotel Sheraton? Não me parece.

– Muito bem, e se foi o Konyers que lhe limpou o sebo?

– É possível. De certo modo, foi o Konyers que obrigou o Trevor a sair da toca, sabendo que ele era o contato de Ricky lá fora. Pressionou-o, ameaçou deitar-lhe a mão ou fosse lá o que fosse, e o Trevor fugiu para as Caraíbas. O Trevor não sabia que o Konyers e o Aaron Lake eram uma e a mesma pessoa.

– E com certeza que o Lake tinha dinheiro e poder para arrasar um advogado bêbado.

– E nós? Agora, o Lake sabe que o Ricky não é o Ricky, que aqui o Joe Roy é que é o homem e que tem amigos na prisão.

– A pergunta é se ele consegue chegar até nós.

– Acho que vou ser o primeiro a descobrir – disse Spicer com uma gargalhada nervosa.

– E há sempre a hipótese de o Trevor estar na Jamaica e andar a passear pela parte errada da cidade, talvez embriagado e a tentar caçar uma mulher, e ter levado um tiro.

Que descanse em paz. Mas só se não lhes tivesse roubado o dinheiro.

Separaram-se mais ou menos por uma hora. Beech foi para a pista, andar e pensar. Yarber estava de serviço, a ganhar vinte cêntimos por hora, tentando reparar um computador no gabinete do capelão.

Spicer foi para a biblioteca, onde encontrou Mr. Argrow a ler livros de Direito.

A seção de Direito estava aberta. Não eram necessárias marcações, mas a regra tácita consistia em pedir a um dos Confrades para utilizar os livros. Argrow era novo na casa e, como era óbvio, ainda não conhecia as regras. Spicer resolveu desculpá-lo.

Cumprimentaram-se com um aceno de cabeça, e depois Spicer começou a arrumar as mesas e a endireitar os livros.

– Diz-se que vocês prestam apoio jurídico – disse Argrow do outro lado da sala. Mais ninguém estava presente.

– Aqui diz-se muita coisa.

– O meu caso está em recurso.

– O que aconteceu no julgamento?

– O júri acusou-me de três casos de fraude bancária, de esconder dinheiro offshore, nas Bahamas. O juiz condenou-me a sessenta meses. Já cumpri quatro. Não sei se aguento mais cinquenta e seis.

Preciso de ajuda nos meus recursos.

– Qual tribunal?

– Nas Ilhas Virgens. Eu trabalhava para um grande banco em Miami. com muito dinheiro da droga.

Argrow era loquaz, rápido e estava ansioso por falar, o que irritou ligeiramente Spicer. A referência às Bahamas chamou-lhe a atenção.

– Por qualquer motivo, criei um fascínio pela lavagem de dinheiro. Lidava com dezenas de milhões todos os dias, o que era intoxicante. Conseguia transferir dinheiro sujo mais depressa do que qualquer funcionário no Sul da Florida. Ainda consigo. Mas fiz algumas más amizades e más opções.

– Admite que é culpado? – com certeza.

– O que o coloca em minoria aqui.

– Não, errei, mas considero que a sentença foi demasiado pesada.

Alguém me disse que vocês conseguem reduzir algum tempo.

Spicer já não estava preocupado com as mesas desarrumadas nem com os livros desorganizados. Puxou uma cadeira e arranhou tempo para falar.

– Podemos dar uma vista de olhos aos seus papéis – disse ele, como se tivesse um milhar de recursos entre mãos.

És um idiota, teve vontade de dizer Argrow. Saíste do liceu no décimo ano e roubaste um carro aos dezenove anos. O teu pai mexeu uns cordelinhos e conseguiu que retirassem a queixa. Foste eleito juiz de paz com os votos de gente morta e graças ao preenchimento de votos de abstencionistas, e agora estás enfiado numa prisão federal e tentas dar o grande golpe.

E, reconheceu Argrow, agora, Mr. Spicer, tens o poder de derrubar o próximo presidente dos Estados Unidos.

– Quando é que isso vai custar? – perguntou Argrow.

– Quanto é que você tem? – perguntou Spicer, como um verdadeiro advogado.

– Não tenho muito.

– Julguei que você sabia esconder dinheiro offshore.

– Oh, e sei, acredite. Em dado momento, tinha uma boa maquia, mas deixei-o voar.

– Então, não pode pagar nada? – Não muito. Talvez uns dois mil dólares.

– E o seu advogado?

– Foi ele que fez com que fosse condenado. Não tenho dinheiro suficiente para contratar outro.

Spicer pensou na situação. Reconheceu que Trevor lhe fazia falta. As coisas seriam muito mais simples se ele estivesse lá fora para receber o dinheiro.

– Ainda tem contatos nas Bahamas?

– Tenho contatos em toda a zona das Caraíbas. Por quê?

– Porque terá de transferir o dinheiro. Aqui é proibido.

– Quer que eu transfira dois mil dólares?

– Não. Quero que transfira cinco mil dólares. São os nossos honorários mínimos.

– Onde é o seu banco?

– Nas Bahamas.

Argrow semicerrou os olhos. Franziu o sobrolho e, tal como Spicer, embrenhou-se nos seus pensamentos. A mente de ambos estava em vias de aproximação.

– Por quê as Bahamas? – perguntou Argrow.

– Pelo mesmo motivo que você utilizou as Bahamas. Os pensamentos agitaram-se na mente de ambos.

– Deixe-me perguntar-lhe uma coisa – disse Spicer. – Você disse que podia transferir dinheiro mais depressa do que outra pessoa qualquer.

Argrow fez um sinal afirmativo e disse: – Não há problema. ; – Ainda pode fazer isso? – Daqui, é o que quer dizer? – Sim. Daqui.

Argrow riu-se e encolheu os ombros como se nada fosse mais fácil.

– Com certeza. Ainda tenho alguns amigos.

– Venha ter comigo daqui a uma hora. Talvez tenha uma proposta a fazer-lhe.

Uma hora depois, Argrow voltou à seção de Direito e encontrou os três juizes já a postos, atrás de uma mesa com papéis e livros de Direito espalhados, como se estivesse a decorrer uma sessão no Supremo Tribunal da Florida. Spicer apresentou-o a Beech e a Yarber, e ele sentou-se do outro lado da mesa. Não estava mais ninguém presente.

Durante algum tempo, falaram do recurso de Argrow, que foi suficientemente vago nos pormenores. O seu processo estava em trânsito, vindo do outro estabelecimento prisional, e não podiam fazer grande coisa sem ele.

O recurso era um tópico preliminar da conversa, e ambas as partes o sabiam.

– Mr. Spicer disse-nos que você é especialista em transferir dinheiro sujo – disse Beech.

– Era, até ser apanhado – respondeu Argrow com modéstia. Aposto que têm algum.

– Temos uma pequena conta offshore, dinheiro que ganhamos a prestar apoio jurídico e a fazer algumas outras coisas acerca das quais não

nos podemos abrir muito. Como sabe, não podemos cobrar dinheiro por prestar apoio jurídico.

– Mas fazemos assim mesmo – acrescentou Yarber. – E somos pagos para isso.

– Quanto é que está na conta? – perguntou Argrow, que conhecia o saldo exato da véspera até ao cêntimo.

– Vamos devagar-disse Spicer.

– Há uma boa hipótese de o dinheiro ter desaparecido.

Argrow deixou as palavras a pairar por instantes e conseguiu fingir-se confuso.

– Como? – disse.

– Nós tínhamos um advogado – explicou Beech devagar, medindo as palavras. -Ele desapareceu e é possível que tenha levado o dinheiro.

– Compreendo. E essa conta está aberta num banco nas Bahamas?

– Estava. Não sei se ainda está.

– Duvidamos que o dinheiro ainda lá esteja – acrescentou Yarber.

– Mas gostaríamos de ter a certeza – disse Beech.

– Qual é o banco? – perguntou Argrow.

– É o Geneva Trust, em Nassau – respondeu Spicer, olhando para os colegas.

Argrow fez um gesto de cabeça com um ar convencido, como se estivesse a par de pequenos segredos inconfessáveis acerca do banco.

– Conhece o banco? – perguntou Beech.

– Claro – respondeu, deixando-os suspensos um longo segundo.

– E? – disse Spicer.

Argrow, cheio de autocomplacência e de saber, levantou-se com dramatismo e deu uma volta pela pequena biblioteca, embrenhado nos seus pensamentos. Depois, aproximou-se da mesa outra vez.

– O que pretendem que faça? Vamos direitos ao assunto.

Os três olharam para ele e depois uns para os outros, e era óbvio que não tinham a certeza de duas coisas: a) até que ponto confiavam no homem que acabavam de conhecer, e b) o que pretendiam exatamente dele.

Mas estavam convencidos de que o dinheiro desaparecera e, portanto, não tinham nada a perder. Yarber disse: – Não somos muito versados em transferências de dinheiro sujo. Não foi esse o nosso pedido

inicial, percebe? Desculpe a nossa falta de conhecimentos, mas é possível verificar se o dinheiro ainda está onde estava? – Não temos a certeza de que o advogado o tenha roubado – acrescentou Beech.

– Querem que eu verifique o saldo de uma conta secreta? – perguntou Argrow.

– Sim, é isso – respondeu Yarber.

– Calculamos que ainda tenha alguns amigos no meio – disse Spicer, avançando. – E temos curiosidade em saber se isso é possível.

– Têm sorte – disse Argrow, deixando assentar as palavras.

– Porquê? – perguntou Beech.

– Escolheram as Bahamas.

– Por sinal, foi o advogado que escolheu as Bahamas – esclareceu Spicer.

– De qualquer modo, lá os bancos são muito negligentes. Há muitos segredos que são revelados. Há muitos funcionários subornados. A maior parte dos tipos que fazem lavagem de dinheiro a sério afastam-se das Bahamas. O que está a dar atualmente é o Panamá e, evidentemente, Grand Cayman continua a ser terreno firme.

Evidentemente, evidentemente, concordaram os três com um gesto de cabeça. Offshore era offshore, não é verdade? Mais um exemplo das consequências de terem confiado num idiota como o Trevor.

Argrow viu a confusão estampada no rosto daqueles homens e pensou como estavam perdidos. Para três indivíduos capazes de destruir o processo eleitoral americano, pareciam terrivelmente ingênuos.

– Não respondeu à nossa pergunta – disse Spicer.

– Tudo é possível nas Bahamas.

– Então pode fazer isso?

– Posso tentar. Não garanto.

– Aqui vai a proposta – disse Spicer. – Verifica a conta e nós tratamos do recurso gratuitamente.

– Não é mau – disse Argrow.

– Foi o que pensamos. Concorda?

– Concordo.

Durante uns instantes embaraçosos, os dois homens olharam um para o outro, orgulhosos do seu acordo mútuo, mas sem saberem qual

deles .daria o passo seguinte. Por fim, Argrow disse: – vou precisar de saber umas coisas acerca da conta.

– Como por exemplo? – perguntou Beech.

– O nome ou o número.

– A conta está em nome de Boomer Realty, Ltd. O número é 144DXN-9593. 4.

Argrow tomou alguns apontamentos numa folha de papel.

– É curioso – disse Spicer, enquanto os três o observavam de perto.

– Como é que consegue comunicar com os seus contatos no exterior?

– Pelo telefone – respondeu Argrow sem levantar a cabeça.

– Não por estes telefones – disse Beech.

– Estes telefones não são seguros – disse Yarber.

– Não pode usar estes telefones – respondeu Spicer, agastado.

Argrow sorriu e reconheceu que as preocupações deles se justificavam.

Em seguida, olhou por cima do ombro e tirou do bolso das calças um aparelho, não maior do que um canivete. Segurou-o entre o polegar e o indicador e disse: – Isto é um telefone, meus senhores.

Os três homens ficaram a olhar, incrédulos, enquanto ele o abria, por cima, por baixo e por um dos lados. Mesmo assim, depois de aberto, continuava a parecer muito pequeno para manter uma conversa importante.

– É digital – explicou Argrow. – Muito seguro.

– Quem é que recebe a fatura mensal? – perguntou Beech.

– Tenho um irmão em Boca Raton. O telefone e o serviço foram um presente dele.

Argrow fechou-o rapidamente e o aparelho desapareceu. Em seguida, apontou para a pequena sala de reuniões atrás deles, para o gabinete dos Confrades.

– O que há ali dentro? – perguntou.

– É apenas uma sala de reuniões.

– Não tem janelas, pois não?

– Não, excepto aquele postigo na porta.

– Muito bem. Vou para ali, pego no telefone e começo a trabalhar.

Vocês três ficam aqui, de guarda. Se alguém entrar na biblioteca, batam à porta.

Os Confrades concordaram prontamente, embora não acreditassem que Argrow fosse bem sucedido.

O telefonema foi parar à carrinha branca, estacionada a dois quilômetros de Trumble, numa estrada de cascalho cuja manutenção era assegurada pelos serviços camarários. A estrada ficava ao lado de um campo de feno, tratado por um homem que ainda não conheciam. Os limites da propriedade do governo federal ficavam a quatrocentos metros, mas, do sítio em que a carrinha se encontrava, não se avistava nenhuma prisão.

Só dois técnicos é que estavam na carrinha, um a dormir no banco da frente e outro a dormir na retaguarda, com uns auscultadores na cabeça. Quando Argrow carregou num botão do seu aparelhinho mágico, foi ativado um receptor na carrinha e os dois homens acordaram.

– Olá – disse ele. – Daqui fala Argrow.

– Sim Argrow, daqui Chevy One, continue – disse o técnico que estava na retaguarda.

– Estou junto dos três palhaços, em plena ação, supostamente a fazer telefonemas aos amigos no exterior para verificar a existência da conta deles offshore. Até agora, as coisas estão a andar ainda mais depressa do que esperava.

– Parece que sim.

– Roger. Contato mais tarde.

Carregou no botão End, mas manteve o telefone junto da cara, como se estivesse embrenhado na conversa. Sentou-se na beira da mesa, depois deu umas voltas e de vez em quando olhava para os Confrades.

Spicer não pôde deixar de espreitar pela janela da porta.

– Ele está a fazer telefonemas – disse ele, excitado.

– O que esperavas que estivesse a fazer? – perguntou Yarber, que estava a ler decisões recentes dos tribunais.

– Acalma-te, Joe – disse Beech. – O dinheiro desapareceu com o Trevor.

Passaram vinte minutos, e a situação era tão monótona como de costume. Enquanto Argrow se afadigava ao telefone, os juizes matavam o tempo, esperando a princípio e depois retomando assuntos mais prementes. Há seis dias que Buster partira com a carta. A falta de notícias significava que Buster conseguira fugir, que expedira a correspondência

para Mr. Konyers e que agora se encontrava algures muito longe. Eram precisos três dias para a carta chegar a Chevy Chase e, pelos cálculos deles, nesse momento Mr. Aaron Lake devia estar a engendrar um plano para lidar com eles.

A prisão ensinara-os a ter paciência. Só havia um prazo que os preocupava. Lake tinha a nomeação, o que significava que estaria vulnerável à chantagem até Novembro. Se ganhasse, teriam quatro anos para o atormentar. Mas se perdesse, apagar-se-ia rapidamente, como todos os que perdiam.

– Onde está o Dukakis neste momento? – perguntara Beech. Não tencionavam esperar até Novembro. A paciência era uma coisa, o relaxe era outra. Lake era a primeira oportunidade fugaz que tinham de saírem com dinheiro suficiente para viajarem para sempre.

Tencionavam esperar uma semana, e depois escreveriam outra carta a Mr. Al Konyers, em Chevy Chase. Não sabiam ao certo como haviam de a fazer sair, mas haviam de ter alguma ideia. Link, o guarda da portaria que Trevor subornara durante meses, era a primeira hipótese.

O telefone de Argrow constituía uma opção.

– Se nos deixar utilizá-lo, podemos telefonar ao Lake, para a sede de campanha, para o gabinete no Congresso, para todos os números que vierem na lista. Deixamos a mensagem de que o Ricky da clínica de reabilitação precisava mesmo de se encontrar com Mr. Lake.

Isso vai pregar-lhe um susto dos diabos.

– Mas o Argrow terá um registo de todos os nossos telefonemas, ou pelo menos o irmão – disse Yarber.

– E depois? Pagamos-lhe as chamadas, e se souberem que estamos a tentar telefonar ao Aaron Lake? Actualmente, metade do país está a tentar telefonar-lhe. O Argrow não sabe por que motivo é estamos a fazer isso.

Uma ideia brilhante, na qual ponderaram durante muito tempo. O Ricky da clínica de reabilitação podia fazer telefonemas e deixar mensagens. Spicer podia fazer o mesmo em Trumble. O pobre Lake é que sofreria.

Pobre Lake! O homem recebia dinheiro tão depressa que nem conseguia contá-lo.

Uma hora depois, Argrow saiu do gabinete e anunciou que estava a fazer progressos.

– Tenho de esperar uma hora e depois faço mais uns telefonemas disse ele. – E se fôssemos almoçar? Estavam ansiosos por continuar a discussão que fizeram acompanhar de café fraco e de salada de repolho cru.

TRINTA E TRÊS

Na sequência das instruções precisas de Mr. Lake, Jayne meteu-se no carro e foi a Chavy Chase, sozinha. Descobriu o centro comercial em Western Avenue e estacionou em frente de Mailbox America. com a chave de Mr. Lake, abriu a caixa, tirou oito folhetos de publicidade e guardou-os num dossiê. Não havia cartas pessoais. Dirigiu-se ao balcão e informou a funcionária de que queria prescindir da caixa em nome do patrão, Mr. Al Konyers.

A funcionária dedilhou um teclado durante algum tempo. Os ficheiros indicavam que um homem chamado Aaron L. Lake alugara a caixa em nome de Al Konyers há cerca de sete meses. O aluguer fora pago por doze meses, e portanto nada mais era devido.

– É o candidato à presidência? – perguntou a funcionária, quando lhe entregou o formulário.

– É – respondeu Jayne, assinando onde lhe indicavam.

– Não há nenhum endereço de envio?

– Não.

Jayne saiu com o dossiê e dirigiu-se para sul, de regresso à cidade. Nem se interrogara sobre o que levara Lake a alugar a caixa, numa tentativa clandestina de desmascarar uma fraude no Pentágono. Não lhe interessava, nem tinha tempo para fazer uma série de perguntas. Lake fazia-os correr dezoito horas por dia, e ela tinha coisas muito mais importantes em que pensar.

Ele estava à espera no seu gabinete de campanha, momentaneamente sozinho. Os gabinetes e os corredores à sua volta estavam repletos de assistentes de toda a espécie, todos a correr de um

lado para o outro, como se a guerra estivesse iminente. Mas Lake gozava um período de calma. Jayne entregou-lhe o dossiê e saiu.

Lake contou oito folhetos de publicidade – entrega de refeições ao domicílio, serviços à distância, lavagens de automóveis, talões para isto e para aquilo. E nada de Ricky. A caixa estava fechada e não havia endereço de envio. O pobre rapaz teria de encontrar outra pessoa que o ajudasse a desvencilhar-se na sua nova vida. Lake atirou os folhetos e o documento de cancelamento para uma pequena máquina de destruir papel que tinha debaixo da secretária, e depois parou por instantes a contar as suas bênçãos. O fardo da sua vida não era pesado, e cometera poucos erros. Escrever a Ricky fora um disparate, mas mesmo assim saíra ileso. Que homem de sorte! Sorriu e quase se riu sozinho. Em seguida, levantou-se da cadeira, pegou no casaco e contornou o seu séquito. O candidato tinha reuniões e depois um almoço com empresários do sector da defesa.

Oh, que homem de sorte! Argrow voltou ao canto da seção de Direito, onde os seus três novos amigos guardavam o perímetro como sentinelas ensonada. Dedilhou o telefone o suficiente para os convencer de que estava a puxar cordelinhos no mundo sombrio e lamacento dos bancos offshore. Duas horas a andar de um lado para o outro, a falar em voz baixa e com o telefone encostado à cabeça como um corretor frenético. Por fim, saiu da sala.

– Boas notícias, meus senhores – disse ele com um sorriso cansado. Os homens juntaram-se à sua volta, ansiosos pelos resultados.

– Ainda lá está – disse ele.

Seguiu-se a grande questão, aquela que tinham planeado, aquela que iria provar se Argrow era um impostor ou um brincalhão.

– Quanto? – perguntou Spicer.

– Cento e noventa mil e uns trocos – respondeu Argrow.

Os Confrades respiraram fundo em unísono. Spicer sorriu. Beech desviou o olhar. Yarber fitou Argrow de sobrolho franzido, com uma expressão estranha mas bastante agradável.

De acordo com os seus cálculos, o saldo era de cento e oitenta e nove mil dólares, além da taxa de lucro miserável que o banco estava a pagar.

– Ele não o roubou – disse Beech em voz baixa.

Todos recordaram com agrado o advogado morto, que de repente deixou de ser o demônio que tinham feito dele.

– Não sei por que não o fez – gracejou Spicer, quase para si próprio.

– Bem, ainda lá está – disse Argrow. – É muito apoio jurídico. Assim parecia, e como nenhum dos três conseguiu inventar uma mentira pronta, ignoraram o comentário.

– Sugiro que o transfiram, se não se importam que diga isto – disse Argrow. – Este banco é conhecido pelas fugas de informação.

– Transferi-lo para onde? – perguntou Beech.

– Se o dinheiro fosse meu, transferia-o imediatamente para o Panamá. Era uma nova questão, um raciocínio que não tinham desenvolvido porque estavam obcecados com Trevor e com o seu suposto roubo. Mas ponderaram o assunto com todo o cuidado, como seja o tivessem discutido muitas vezes.

– Porquê transferi-lo? – perguntou Beech. – Ele está seguro, não está?

– Creio que sim – apressou-se a responder Argrow. Sabia para onde ia, e eles não. – Mas reparem como a confidencialidade pode ser torneada. Eu não recorreria a bancos nas Bahamas nos tempos que vão correndo, pelo menos a este.

– E não sabemos se o Trevor falou no dinheiro a alguém – disse Spicer, sempre ansioso por apanhar o advogado em falta.

– Se querem o dinheiro protegido, transfiram-no – disse Argrow. Leva menos de um dia e não terão de se preocupar com isso. E ponham o dinheiro a funcionar. Essa conta está ali a render uns patacos de juro. Entreguem-na a um gestor de fundos e deixem-na render quinze ou vinte por cento. Não vão utilizar o dinheiro tão depressa.

Isso é o que tu julgas, pá, pensaram. Mas fazia sentido.

– Presumo que consegue transferi-lo... – disse Yarber.

– É claro que posso. Agora duvidam de mim? Os três abanaram a cabeça. Não senhor, não duvidavam dele.

– Tenho bons contatos no Panamá. Pensem nisso.

Argrow olhou para o relógio de pulso, como se tivesse perdido o interesse pela conta deles e tivesse uma centena de assuntos urgentes a tratar noutro lado. Aproximava-se o desfecho, e não queria forçar.

– Temos pensado nisso – disse Spicer. – Vamos transferi-lo agora. Argrow enfrentou os três pares de olhos, todos pregados em si.

– Há honorários envolvidos – disse ele, como se fosse experiente em lavagem de dinheiro.

– Que tipo de honorários? – perguntou Spicer.

– Dez por cento, pela transferência.

– Quem é que recebe dez por cento?

– Eu.

– Isso é bastante puxado – disse Beech.

– É uma escala. Qualquer coisa abaixo de um milhão, dez por cento. Acima de cem milhões, um por cento. É muito vulgar no meio, e é exatamente por isso que ando com uma camisa cor de azeitona e não com um fato de mil dólares.

– Isso é bastante inconsistente – disse Spicer, o homem que lesara uma instituição de caridade.

– Não preguemos sermões, está bem? Estamos a falar de uma pequena fatia de dinheiro já marcado, tanto num lado como noutro. É pegar ou largar.

O tom de Argrow era desinteressado, como um veterano frio que já fizera acordos muito mais chorudos.

Eram apenas dezenove mil dólares, e de uma quantia que já tinham dado como perdida.

Depois de retirados os 10 por cento de Argrow, ainda ficariam com cento e setenta mil dólares, mais ou menos sessenta mil cada um, e ainda poderiam ter mais se o safado do Trevor não tivesse rapado tanto à cabeça. E, além disso, havia ganhos mais vultuosos no horizonte. O dinheiro das Bahamas era para os alfinetes.

– Está combinado – disse Spicer, olhando para os outros dois em busca de aprovação.

Os dois homens concordaram com um gesto de cabeça lento. Estavam todos a pensar na mesma coisa. Se a extorsão de Aaron Lake corresse como desejavam, então receberiam dinheiro a sério. Iam precisar de um sítio para o esconder e talvez de alguém para os ajudar.

Queriam confiar neste novo tipo, o Argrow. Tinham de lhe dar uma oportunidade.

– Além disso, tratam dos meus recursos – disse Argrow.

– Sim, trataremos dos recursos. Argrow sorriu e disse: – Não é um mau acordo. Deixem-me fazer mais alguns telefonemas.

– Há uma coisa que deve saber – disse Beech.

– Está bem.

– O advogado chamava-se Trevor Carson. Ele é que abriu a conta, fez os depósitos e fez tudo, na realidade. E foi assassinado há duas noites em Kingston, na Jamaica.

Argrow perscrutou o rosto dos três homens, à espera de mais alguma coisa. Yarber estendeu-lhe um exemplar do jornal, que ele leu deliberadamente.

– Porque desapareceu ele? – perguntou Argrow, depois de um longo silêncio.

– Não sabemos – respondeu Beech. – Saiu da cidade e soubemos pelo FBI que ele desaparecera. Partimos do princípio de que tinha roubado o nosso dinheiro.

Argrow devolveu o jornal a Yarber e cruzou os braços. Baixou a cabeça, semicerrou os olhos e fez um ar desconfiado. Deixá-los suar.

– Trata-se de dinheiro sujo? – perguntou, como se eventualmente não se quisesse envolver no assunto.

– Não é dinheiro da droga – apressou-se a responder Spicer, na defensiva, como se qualquer outro dinheiro fosse limpo.

– Não podemos dizer – respondeu Beech.

– Você aceitou um acordo. É pegar ou largar – disse Yarber. Boa jogada, meu velho, pensou Argrow.

– O FBI está envolvido nisto? – perguntou.

– Só no desaparecimento do advogado – disse Beech. – As autoridades federais não sabem nada da conta offshore.

– Deixem-me ver se percebo. Vocês têm um advogado morto, o FBI e uma conta offshore onde escondem dinheiro sujo, não é assim? Em que se meteram? – Nem queira saber – disse Beech.

– Acho que tem razão.

– Ninguém o obriga a meter-se nisto – disse Yarber.

Portanto, tinham de tomar uma decisão. Para Argrow, o desafio estava lançado e o campo de minas assinalado. Se avançasse, fazia-o sabendo que os seus três novos amigos podiam ser perigosos. O que, evidentemente, não tinha importância para si. Mas para Beech, Spicer e

Yarber, a brecha aberta na sua pequena e coesa sociedade, por muito pequena que fosse, significava que estavam a admitir mais um elemento na sua trama. Nunca lhe falariam do seu golpe, e muito menos de Aaron Lake, nem ele veria mais um cêntimo do seu dinheiro, a menos que o ganhasse à custa das transferências. Mas Argrow já sabia mais do que devia.

Eles não tinham alternativa.

A decisão dos Confrades não estava isenta de desespero. com Trevor, tinham ganho acesso ao exterior, tinham confiado. Agora que desaparecera, o universo deles ficara consideravelmente reduzido.

Apesar de ainda não o terem reconhecido, tinham cometido um erro ao despedir o advogado. com uma lucidez perfeita em relação ao que se passara, deviam tê-lo avisado e contado tudo acerca de Lake e da correspondência falsificada. Ele estivera longe de ser perfeito, mas precisavam de toda a ajuda possível.

Talvez devessem ter voltado a contratá-lo um ou dois dias depois, mas não tiveram oportunidade. Trevor saíra à pressa, e agora partira para sempre.

Argrow tinha acesso ao exterior. Tinha um telefone e amigos; tinha coragem e sabia como se faziam as coisas. Talvez precisassem dele, mas queriam avançar a pouco e pouco.

Argrow coçou a cabeça e franziu o sobrolho, como se ela lhe doesse.

– Não me digam mais nada. Não quero saber – disse ele. Voltou para a sala de reuniões e fechou a porta. Em seguida, empoleirou-se na ponta da mesa e mais uma vez fez menção de telefonar para as Caraíbas.

Eles ouviram-no rir duas vezes. Talvez gracejasse com um velho amigo admirado por ouvir a sua voz. Ouviram-no jurar uma vez, mas não imaginavam com quem nem qual o motivo.

A voz dele subia e descia de tom e, por muito que tentassem ler decisões do tribunal, limpar o pó de velhos livros e estudar as apostas, não conseguiam ignorar o ruído que vinha da sala ao lado.

Argrow deu um belo espetáculo e, depois de uma hora de conversa inútil, saiu e disse: – Acho que consigo acabar isto amanhã, mas precisamos de uma declaração assinada por um de vocês, na qual afirmam que são os únicos proprietários da Boomer Realty.

– Quem é que vê a declaração? – perguntou Beech.

– Só o banco nas Bahamas. Acabaram de saber o que aconteceu a Mr. Carson e querem verificar a titularidade da conta.

A ideia de assinarem qualquer tipo de documento em que admitiam que estavam ligados ao dinheiro sujo aterrava-os. Mas o pedido fazia sentido.

– Há algum fax por aqui? – perguntou Argrow.

– Não. Para nós, não – respondeu Beech.

– Estou certo que o diretor tem um – disse Spicer. – Vá lá acima e diga-lhe que precisa de enviar um documento para o seu banco offshore.

Era um sarcasmo desnecessário. Argrow fulminou-o com o olhar e depois ignorou-o.

– Muito bem, digam-me como é que a declaração vai daqui para as Bahamas. Como é que funciona a correspondência? – O advogado era o nosso mensageiro – respondeu Yarber. – Tudo o resto está sujeito a inspeção.

– Com que rigor inspecionam a correspondência jurídica?

– Olham para ela. Mas não podem abrir – respondeu Spicer.

Argrow começou a andar de um lado para o outro, pensativo. Depois, para benefício do seu público, enfiou-se entre duas estantes para não ser visto de fora da seção de Direito da biblioteca. Abriu o aparelho, marcou os números e colou-o ao ouvido.

Disse: – Sim, daqui fala Wilson Argrow. O Jack está? Sim, diga-lhe que é importante.

– Quem diabo é o Jack? – perguntou Spicer do outro lado da sala. Beech e Yarber estavam à escuta, mas vigiavam quem passava.

– É o meu irmão que está em Boca – respondeu Argrow. – É advogado, especializado em Direito de Propriedade. Vem visitar-me amanhã.

Depois, virou-se para o telefone e disse: – Olá, Jack, sou eu. Vens cá amanhã? Ótimo, podes vir de manhã? Ótimo. Por volta das dez. Tenho umas cartas para enviar. Ótimo. Como está a mamãe? Ótimo. Até amanhã.

A perspectiva de recomeçarem a expedir correspondência intrigou os Confrades. Argrow tinha um irmão que era advogado. E tinha telefone, miolos e coragem.

Argrow guardou o aparelho no bolso e afastou-se das estantes.

– Amanhã, entrego a declaração ao meu irmão. Ele envia-a por fax para o banco. Por volta do meio-dia, o dinheiro estará no Panamá, são e salvo e a render quinze por cento. É canja.

– Podemos confiar no seu irmão? – perguntou Yarber.

– Com a vida – respondeu Argrow, quase ofendido com a pergunta, encaminhando-se para a porta. – Até logo. Preciso de ar puro.

TRINTA E QUATRO

A mãe de Trevor chegou de Scranton. Vinha com a irmã, a tia Helen de Trevor. Tinham ambas setenta e tal anos e gozavam mais ou menos de boa saúde. Perderam-se quatro vezes entre o aeroporto e Neptune Beach e andaram a vaguear pelas ruas durante uma hora até darem com a casa de Trevor, um local aonde a mãe não ia há seis anos. Não via Trevor há dois anos. A tia Helen não o via pelo menos há dez, embora não sentisse particularmente a sua falta.

A mãe estacionou o automóvel alugado atrás do pequeno carocha e teve um ataque de choro antes de sair.

Mas que seca, disse a tia Helen com os seus botões.

A porta principal não estava fechada à chave. A casa estivera abandonada mas, muito antes de o dono fugir, os pratos tinham-se acumulado no lava-louças, o lixo não fora recolhido e o aspirador não saíra da despensa.

O cheiro obrigou a tia Helen a sair em primeiro lugar, seguida pela mãe de Trevor. Não sabiam o que haviam de fazer. O corpo ainda estava na Jamaica, numa morgue superlotada, e, segundo o jovem antipático com quem falara no Departamento de Estado, o seu repatriamento custava seiscentos dólares. As companhias aéreas colaboravam, mas a documentação estava retida em Kingston.

Andaram meia hora às voltas até encontrarem o escritório. Nesse momento, já toda a gente sabia. Chap, o estagiário, estava à espera na recepção, tentando mostrar-se triste e ocupado ao mesmo tempo. Wes, o chefe de escritório, estava numa sala das traseiras, apenas a escutar e a observar. O telefone não parara de tocar no dia em que se soube da

notícia, mas depois de uma ronda de condolências de outros advogados e de um ou dois clientes, calara-se de novo.

À porta principal estava uma coroa de flores barata, paga pela CIA.

– Que bonito! – disse a mãe, quando subiam o passeio. Outra seca, pensou a tia Helen.

Chap cumprimentou-as e apresentou-se como estagiário de Trevor. Estava a tentar encerrar o escritório, uma tarefa muito difícil.

– Onde está a rapariga? – perguntou a mãe com olhos vermelhos.

– Foi-se embora há algum tempo. O Trevor apanhou-a a roubar.

– Oh, meu Deus! – Querem um café? – Sim, se não se importa.

Sentaram-se no sofá poeirento e irregular, enquanto Chap enchia três chávenas de café acabado de fazer. Sentou-se em frente delas, numa cadeira de vime instável. A mãe estava desorientada. A tia era curiosa, e os seus olhos percorreram o gabinete à procura de qualquer sinal de prosperidade. Não eram pobres mas, na sua idade, nunca conseguiriam alcançar a abundância.

– Lamento o que aconteceu ao Trevor – disse Chap.

– É terrível – disse Mrs. Carson, com o lábio a tremer.

A chávena estremeceu e o café entornou-se no vestido. Ela nem reparou.

– Ele tinha muitos clientes? – perguntou a tia Helen.

– Sim, era uma pessoa muito ocupada. Um bom advogado. Um dos melhores com quem trabalhei.

– E você é secretário? – perguntou Mrs. Carson.

– Não. Sou estagiário. Frequento a faculdade de Direito à noite.

– Está a tratar dos assuntos dele? – perguntou a tia Helen.

– Bem, não exatamente – respondeu Chap. – Estava à espera que as senhoras cá viessem.

– Oh, nós somos muito velhas – disse a mãe.

– Quanto é que ele deixou? – perguntou a tia.

Chap ficou de sobreaviso. A velha era metedida.

– Não faço ideia. Eu não lhe mexia no dinheiro.

– Quem é que o fazia?

– Creio que era o contabilista.

– Quem é o contabilista?

– Não sei. O Trevor era muito reservado na maioria das coisas.

– Sem dúvida – disse a mãe com um ar triste. – Mesmo em criança. Voltou a entornar o café, desta vez no sofá.

– É você que paga as contas por aqui, não é? – perguntou a tia.

– Não. O Trevor é que tomava conta do dinheiro.

– Bem, ouça, jovem, eles querem seiscentos dólares para o trazerem da Jamaica, de avião.

– Por que é que ele lá estava? – perguntou a mãe.

– Tirou umas pequenas férias – respondeu Chap.

– Ela não tem os seiscentos dólares – concluiu Helen.

– Ai isso é que tenho.

– Oh, há aqui algum dinheiro – disse Chap, e a tia Helen mostrou-se satisfeita.

– Quanto? – perguntou ela.

– Pouco mais de novecentos dólares. O Trevor gostava de ter muito dinheiro em caixa.

– Dê-mo – exigiu a tia Helen.

– Achas que devemos? – perguntou a mãe.

– É melhor levarem-no – disse Chap, muito sério. – Se não o levarem, vai parar aos bens dele e as Finanças levam-no todo.

– O que mais entra nos bens dele? – perguntou a tia.

– Tudo isto – disse Chap, apontando para o gabinete, enquanto se dirigia para a secretária.

Tirou um envelope amarrotado cheio de notas de toda a espécie, dinheiro que trouxera do apartamento do outro lado da rua. Entregou-o a Helen, que lho tirou das mãos e o contou.

– Novecentos e vinte e uns trocos – disse Chap.

– Qual era o banco dele? – perguntou Helen.

– Não faço ideia. Como disse, ele era muito reservado quanto ao dinheiro. E num aspecto Chap estava a dizer a verdade. Trevor transferira os novecentos mil dólares das Bahamas para as Bermudas, e a partir daqui o rasto desaparecera. O dinheiro estava agora escondido algures num banco, numa conta numerada à qual só Trevor Carson tinha acesso. Sabiam que ele fora para Grand Cayman, mas os bancos locais eram célebres pelo sigilo. Dois dias de buscas intensas não tinham revelado nada. O homem que o atingira a tiro levava-lhe a carteira e a chave do quarto e, enquanto a polícia inspecionava o local do crime, o assaltante revolveu o quarto do

hotel. Havia cerca de oito mil dólares escondidos numa gaveta e mais nada digno de nota. Nem uma pista quanto ao local em que Trevor guardara o dinheiro.

Era ponto assente em Langley que Trevor, por qualquer motivo, desconfiava que andava a ser seguido de perto. A maior parte do dinheiro desaparecera, embora fosse possível que o tivesse depositado num banco das Bermudas. O quarto do hotel fora alugado sem reserva. Trevor limitou-se a entrar e pagou uma noite em dinheiro.

Uma pessoa em fuga, a transferir novecentos mil dólares de uma ilha para outra, devia ter provas da sua atividade bancária no corpo ou no meio dos seus haveres. Trevor não tinha nenhuma.

Enquanto a tia Helen se ocupava daquele que seria o único dinheiro que conseguiriam levar dali, Wes pensou na fortuna perdida algures nas Caraíbas.

– O que fazemos agora? – perguntou a mãe de Trevor. Chap encolheu os ombros e disse: – Acho que têm de o sepultar.

– Pode ajudar-nos? – Não é uma coisa que eu faça. Eu...

– Devemos levá-lo para Scranton? – perguntou Helen.

– Isso é convosco.

– Quanto é que isso custa? – perguntou Helen.

– Não faço ideia. Nunca tive nada a ver com uma coisa destas.

– Mas todos os amigos dele estão aqui – disse a mãe, levando um lenço de papel aos olhos.

– Ele saiu de Scranton há muito tempo – disse Helen, olhando em todas as direções, como se houvesse uma longa história por detrás da saída de Trevor de Scranton.

Sem dúvida, pensou Chap.

– Tenho a certeza de que os amigos dele vão querer um serviço fúnebre – disse Mrs. Carson.

– Por sinal, já foi marcado um – disse Chap.

– Foi? – perguntou ela, entusiasmada. – Sim, amanhã às quatro horas.

– Onde? – Num sítio chamado Pete's, mesmo ao fundo da rua.

– Pete's? – perguntou Helen.

– Bem, é uma espécie de restaurante.

– Um restaurante. E que tal uma igreja?

– Não creio que ele frequentasse igrejas.

– Quando era pequeno, frequentava – disse a mãe, na defensiva.

Em memória de Trevor, as cinco horas começariam às quatro e prolongar-se-iam até à meia-noite. Canecas de cerveja de cinquenta cêntimos, as que Trevor preferia.

– Devemos ir? – perguntou Helen, pressentindo sarilhos.

– Não me parece.

– Por quê? – perguntou Mrs. Carson.

– A frequência pode ser desagradável. Um grupo de advogados e de juizes, estão a ver? Chap franziu o sobrolho a Helen, que compreendeu a mensagem.

As duas mulheres fizeram perguntas acerca de casas mortuárias e de talhões de cemitério, e Chap sentiu-se cada vez mais arrastado para os problemas delas. A CIA matara Trevor.

Seria de esperar que lhe fizesse um funeral como devia ser?

Klockner pensava que não.

Depois de as mulheres saírem, Wes e Chap acabaram de retirar as câmaras, os fios, os microfones e os bocais dos telefones. Limparam o local e, quando fecharam as portas à chave pela última vez, o escritório de Trevor nunca estivera tão arrumado.

Metade da equipa de Klockner já saíra da cidade. A outra metade acompanhava Wilson Argrow em Trumble. E aguardava.

Quando os falsificadores de Langley concluíram o processo de Argrow, meteram-no numa caixa de cartão e enviaram-no para Jacksonville, num pequeno avião a jato com três agentes. Dele constava, entre muitas outras coisas, uma acusação formal de cinquenta e uma páginas entregue por um grande júri de Dade County, um dossiê de correspondência cheio de cartas do advogado de defesa de Argrow e do gabinete do procurador-geral, um dossiê grosso com moções e outras manobras anteriores ao julgamento, memorandos, uma lista de testemunhas e de resumos dos seus depoimentos, uma síntese do julgamento, a análise do júri, um resumo do julgamento, relatórios anteriores à leitura da sentença e a sentença final. Estava razoavelmente bem organizado, embora não muito, para não levantar suspeitas. Havia cópias manchadas, folhas a menos e agrafos caídos, pequenos toques de realidade cuidadosamente acrescentados pela boa gente dos Documentos

para criar autenticidade. Beech e Yarber não precisariam de noventa por cento daquilo, mas o volume total era impressionante. Até a caixa de cartão tinha um aspecto usado.

A caixa foi entregue em Trumble por Jack Argrow, um advogado de Boca Raton, Florida, na pré-reforma e irmão do recluso. O diploma do advogado Argrow fora enviado por fax para o funcionário administrativo adequado em Trumble, e o seu nome constava da lista de advogados Credenciados.

Jack Argrow era Roger Lyter, um homem de trinta anos com uma licenciatura em Direito do Texas. Nunca vira Kenny Sands, que era Wilson Argrow. Os dois homens apertaram a mão enquanto Link olhava, desconfiado, para a caixa de cartão que estava em cima da mesa.

– O que é que está ali dentro? – perguntou ele.

– É o meu processo – respondeu Wilson.

– É só papelada – esclareceu Jack.

Link enfiou a mão na caixa e mexeu em alguns dossiês. Poucos segundos depois, a busca acabou e saiu da sala.

Wilson fez deslizar um papel por cima da mesa e disse: – Esta é a declaração. Transfere o dinheiro para o banco do Panamá e depois arranja-me uma autenticação escrita para eu ter alguma coisa para lhes mostrar.

– Menos dez por cento.

– Sim, isso é o que eles pensam.

O Geneva Trust Bank de Nassau não fora contactado.

Fazê-lo teria sido inútil e arriscado. Nenhum banco autorizaria o levantamento de fundos nas circunstâncias que Argrow estava a criar. E haveria perguntas se tentasse fazê-lo.

A transferência para o Panamá foi em dinheiro novo.

– Em Langley estão muito ansiosos – disse o advogado.

– Eu vou adiantado em relação ao programa – respondeu o funcionário bancário.

A caixa foi esvaziada em cima de uma mesa na seção de Direito da biblioteca. Beech e Yarber começaram a fazer a triagem do conteúdo, enquanto Argrow, o seu novo cliente, os observava com um interesse simulado. Spicer tinha mais que fazer. Estava no meio do seu jogo de póquer semanal.

– Onde está o relatório da sentença ? – perguntou Beech, procurando na pilha de documentos.

– Quero ver a acusação – disse Yarber em voz baixa, para si próprio.

Encontraram o que pretendiam e instalaram-se ambos nas suas cadeiras para uma boa tarde de leitura. A escolha de Beech era bastante monótona, mas não a de Yarber.

A acusação parecia a narrativa de um crime. Argrow e mais sete funcionários bancários, cinco contabilistas, cinco corretores de seguros, dois advogados, onze homens identificados apenas como traficantes de droga e seis homens da Colômbia tinham constituído e gerido uma empresa complicada, destinada a receber lucros provenientes do tráfico de droga em dinheiro e a transformá-los em depósitos respeitáveis. Pelo menos quatrocentos milhões de dólares tinham sido lavados antes de se terem registado infiltrações no círculo, e, aparentemente, Argrow estava mesmo no centro das operações. Yarber admirava-o. Se as alegações fossem verdadeiras, Argrow era um financeiro muito inteligente e de grande talento.

Argrow começou a ficar enfastiado com o silêncio, saiu e foi dar uma volta pela prisão.

Quando Yarber acabou de ler a acusação, interrompeu Beech e obrigou-o a lê-la. Beech também gostou.

– Com certeza que ele tem uma parte do dinheiro escondido em qualquer lado – disse ele.

– Bem sabes que tem – concordou Yarber. – Quatrocentos milhões de dólares, e foi só o que conseguiram encontrar. E o recurso dele.

– Não me parece bom. O juiz seguiu as normas. Não detecto nenhum erro.

– Pobre tipo.

– Pobre tipo, uma ova. Sai quatro anos antes de mim.

– Não me parece, Mr. Beech. Foi o último Natal que passamos na prisão.

– Acreditas mesmo nisso? – perguntou Hatlee.

– Acredito mesmo.

Beech pousou a acusação em cima da mesa, depois levantou-se, espreguiçou-se e começou a andar à volta da sala.

– A esta hora já devíamos ter notícias – disse ele muito baixinho, embora não estivesse mais ninguém ali.

– Paciência.

– Mas as primárias estão quase a acabar. Ele está quase sempre em Washington. Recebeu a carta há uma semana.

– Ele não pode ignorá-la, Hatlee. Está a pensar no que há-de fazer. Só isso.

O último memorando do Gabinete das Prisões, em Washington, deixou o diretor perplexo.

Quem diabo é que não tinha mais nada que fazer do que olhar para um mapa das prisões federais e resolver com qual havia de se meter nesse dia? O diretor tinha um irmão que ganhava cento e cinquenta mil dólares a vender carros usados, e ali estava ele, que ganhava metade, a dirigir uma prisão e a ler memorandos idiotas de mangas-de-alpaca que ganhavam cem mil dólares e que não faziam nada de produtivo. Estava farto daquilo! Assunto: Visitas de Advogados, Prisão Federal de Trumble.

Não considere a ordem anterior, aquela que restringe as visitas dos advogados às terças, quintas e sábados, das 3 às 6 horas da tarde.

Os advogados podem agora fazer visitas sete dias por semana, das 9 às 7 horas da tarde.

– É preciso morrer um advogado para os regulamentos serem alterados – resmungou ele.

TRINTA E CINCO

Numa garagem subterrânea, levaram Teddy Maynard para a sua carrinha e trancaram as portas. York e Deville sentaram-se ao lado dele. Um motorista e um guarda-costas ocupavam-se da carrinha, que tinha um televisor, uma aparelhagem estereofônica e um pequeno bar com água engarrafada e soda. Tudo isto Teddy ignorava. Estava abatido e temia a hora seguinte. Sentia-se cansado – cansado do trabalho, da luta, de se obrigar a viver mais um dia, e depois outro. Aguenta isto mais seis meses, depois desiste e deixa que outra pessoa qualquer se preocupe com a salvação do mundo, dizia ele a si próprio. Iria tranquilamente para a sua pequena quinta em West Virgínia, onde se sentaria à beira do lago, a ver as folhas a caírem na água, e à espera do fim. Estava cansado de tantas dores.

Havia um automóvel preto à frente deles e um cinzento atrás. O pequeno cortejo deu a volta ao nó rodoviário, depois virou para leste, atravessou a Ponte Roosevelt e entrou em Constitution Avenue.

Teddy ia em silêncio e, conseqüentemente, York e Deville também não falavam. Sabiam como ele odiava o que o esperava.

Falava com o presidente uma vez por semana, em geral à quarta-feira de manhã, sempre pelo telefone se Teddy levasse a melhor. Tinham-se encontrado pela última vez há nove meses, quando Teddy estava no hospital e o presidente precisou de ser informado da situação.

Em geral, os favores eram recíprocos, mas Teddy detestava estar ao mesmo nível de qualquer presidente. Conseguia o favor que queria, mas o fato de o pedir humilhava-o.

Em trinta anos, sobrevivera a seis presidentes, e a sua arma secreta fora a concessão de favores. Recolher as informações, acumulá-las, raramente dizer alguma coisa ao presidente e, de vez em quando, embrulhar um pequeno milagre e entregá-lo na Casa Branca.

O presidente ainda estava amuado com o malogro humilhante de um tratado de não proliferação nuclear que Teddy ajudara a sabotar. Na véspera, o Senado rejeitara-o, a CIA divulgara um relatório confidencial a suscitar preocupações legítimas acerca do tratado e o presidente fora

ultrapassado no meio do barulho. Estava a terminar o mandato, e preocupava-se mais com o seu legado do que com os assuntos prementes do país.

Teddy já lidara com presidentes não reelegíveis, e eles eram insuportáveis. Como não voltariam a encarar os eleitores, apoiavam-se nas grandes questões. Na fase final do mandato, gostavam de viajar, com muitos amigos, para países estrangeiros, onde realizavam cimeiras com outros presidentes nas mesmas circunstâncias. Preocupavam-se com as suas bibliotecas presidenciais. E com os seus retratos. E com as suas biografias; por isso passavam muito tempo com historiadores. E à medida que o tempo avançava, tornavam-se mais sábios e filosóficos e os seus discursos eram mais imponentes. Falavam do futuro, dos desafios e da maneira como as coisas deviam ser, ignorando convenientemente o fato de terem tido oito anos para fazer tudo o que era preciso ser feito.

Não havia nada pior do que um presidente não reelegível. E Lake seria igualmente mau se e quando tivesse essa oportunidade.

Entraram pela Ala Oeste, onde Teddy sofreu a indignidade de um agente dos serviços secretos lhe examinar a cadeira de rodas. Em seguida, levaram-no para uma pequena sala ao lado do gabinete. Uma secretária atarefada explicou, sem apresentar desculpas, que o presidente estava atrasado. Teddy sorriu, despachou-a e resmungou entredentes que aquele presidente nunca chegava a horas a coisa nenhuma. Tivera uma dúzia de secretárias meticolosas exatamente como ela, na mesma posição em que ela se encontrava, e as outras há muito que se tinham ido embora. A mulher conduziu York, Deville e os outros à sala de jantar, onde comeriam sozinhos.

Teddy ficou à espera, como já sabia que iria acontecer. Leu um relatório grosso, como se o tempo não tivesse importância. Passaram dez minutos. Levaram-lhe um café. Há dois anos, o presidente visitara Langley e Teddy fizera-o esperar vinte e um minutos. Nessa altura, era o presidente que precisava de um favor, que um assunto sem grande importância fosse mantido em sigilo.

A única vantagem de ser deficiente era não ter de se levantar quando o presidente entrasse na sala. Por fim, este chegou, à pressa, com os adjuntos atrás, como se isso impressionasse Teddy Maynard. Os dois homens apertaram as mãos e trocaram os cumprimentos da praxe

enquanto se viam livres dos adjuntos. Entrou um criado que colocou pequenas saladas à frente de cada um.

– Tenho muito gosto em vê-lo – disse o presidente com uma voz suave e um sorriso meloso.

Deixa isso para a televisão, pensou Teddy, que não pôde deixar de retribuir a mentira.

– O senhor está com bom aspecto – disse ele, só porque em parte era verdade.

O presidente tinha uma nova cor de cabelo e parecia mais novo. Comeram as saladas e o silêncio instalou-se entre eles. Nenhum desejava um almoço prolongado.

– Os franceses andam outra vez a vender brinquedos aos norte-coreanos – disse Teddy, para fazer conversa.

– Que tipo de brinquedos? – perguntou o presidente, embora estivesse perfeitamente a par do tráfico. E Teddy sabia que estava.

– É a versão deles do radar não detectável, o que é uma estupidez porque ainda não o aperfeiçoaram. Mas os norte-coreanos são ainda mais estúpidos porque estão a pagá-lo.

Compram seja o que for à França, sobretudo aquilo que os franceses tentam esconder. Os franceses sabem-no, evidentemente, são todos medidas, e os norte-coreanos pagam o couro e cabelo.

O presidente carregou num botão e o criado veio tirar os pratos. Outro trouxe frango com massa.

– Como vai a sua saúde? – perguntou o presidente.

– Mais ou menos na mesma. É provável que saia ao mesmo tempo que o senhor.

Isto agradava a ambos, a perspectiva de o outro também sair. Sem motivo aparente, o presidente entregou-se a uma conversa sinuosa acerca do seu vice-presidente e do trabalho excepcional que ele iria desenvolver na Sala Oval. Ignorou o almoço e acentuou muito a sua opinião segundo a qual o homem era boa pessoa, um pensador brilhante e um líder capaz. Teddy brincava com o seu frango.

– O que acha da campanha? – perguntou o presidente.

– Sinceramente, não me interessa – respondeu Teddy, mentindo outra vez. – Como lhe disse, estou prestes a sair de Washington, como o senhor presidente. Vou retirar-me para a minha pequena quinta, onde não

há televisão, jornais, nada, a não ser umas horas de pesca e muito repouso. Estou cansado.

– O Aaron Lake assusta-me – disse o presidente. E não sabes da missa a metade, pensou Teddy.

– Por quê? – perguntou, dando uma dentada no frango. Come e deixa– -o falar.

Só fala de um tema. A defesa e mais nada. Se der recursos ilimitados ao Pentágono, estafam tudo a alimentar o Terceiro Mundo. E todo aquele dinheiro me preocupa.

Nunca te preocupou. A última coisa que Teddy desejava era uma conversa longa e inútil sobre política. Estavam a perder tempo. Quanto mais depressa acabassem o assunto, mais depressa voltaria à segurança de Langley.

– Estou aqui para lhe pedir um favor – disse ele devagar.

– Sim, eu sei. Em que posso ajudá-lo? O presidente sorria e mastigava, saboreando o frango e o raro momento de se encontrar em vantagem.

– É um pouco fora do vulgar. Gostava de pedir clemência para três prisioneiros federais.

O presidente parou de mastigar e de sorrir, por ter sido apanhado de surpresa. Em geral, a clemência era uma questão simples, a menos que envolvesse espiões, terroristas ou políticos infames.

– São espiões? – perguntou o presidente.

– Não. Juizes. Um da Califórnia, outro do Texas e outro do Mississippi.

Estão a cumprir pena juntos numa prisão federal da Florida.

– Juizes?

– Sim, senhor presidente.

– E conheço essa gente?

– Duvido. O da Califórnia foi em tempos presidente do supremo tribunal daqui. Foi destituído e depois teve um pequeno problema com a administração fiscal.

– Creio que me recordo disso.

– Foi acusado de evasão fiscal e condenado a sete anos. Cumpriu dois. O do Texas era um juiz do tribunal comum, nomeado pelo Reagan. Embriagou-se e matou um casal de peões em Yellowstone.

- Lembro-me disso, mas vagamente.
- Foi há vários anos. O do Mississipi era juiz de paz e foi apanhado num desfalque.
- Deve-me ter passado esse. e Seguiu-se uma longa pausa, como se ambos ponderassem nos assuntos.

O presidente sentia-se confuso e não sabia por onde começar. Teddy não sabia ao certo o que sairia dali. Acabaram de comer em silêncio. Nenhum deles quis sobremesa.

O pedido era simples, pelo menos para o presidente. Os criminosos eram praticamente desconhecidos, como se fossem vítimas. Qualquer libertação seria rápida e indolor, sobretudo para um político cuja carreira estava a menos de sete meses do fim. Fora pressionado para conceder indultos muito mais difíceis. Os russos tinham sempre alguns espiões que tentavam recuperar. Havia dois empresários mexicanos detidos em Idaho por tráfico de droga, e sempre que uma negociação do gênero estava em cima da mesa o perdão era um dado adquirido. Havia um judeu canadiano a cumprir uma sentença de prisão perpétua por espionagem e os israelitas estavam determinados a conseguir a sua libertação.

Três juizes desconhecidos? O presidente podia assinar o seu nome três vezes e o assunto ficaria resolvido. Teddy ficaria em dívida para com ele.

E seria uma questão simples, mas isso não era motivo para facilitar a vida a Teddy.

– Tenho a certeza de que há uma boa razão por trás desse pedido disse ele.

- Evidentemente.
- É um problema grave de segurança nacional?
- Não exatamente. Apenas uns favores a uns velhos amigos.
- Velhos amigos? Conhece esses homens?
- Não. Mas conheço os amigos deles.

A mentira era tão óbvia que o presidente quase reagiu. Como podia Teddy conhecer os amigos de três juizes que cumpriam pena ao mesmo tempo? Nada adviria do fato de interrogar Teddy Maynard, a não ser a frustração. E o presidente não iria descer tão baixo. Não iria suplicar informações que nunca conseguiria obter.

Fossem quais fossem os motivos de Teddy, levá-los-ia para o túmulo.

– Isso é um pouco confuso – disse o presidente, encolhendo os ombros.

– Eu sei. Fiquemos por aqui.

– Quais são as consequências?

– Nada de especial. As famílias dos dois jovens que morreram em Yellowstone poderiam ripostar, e não as censuraria.

– Há quanto tempo foi isso?

– Há três anos e meio.

– Quer que eu indulte um juiz federal republicano?

– Ele já não é republicano, senhor presidente. Eles têm de jurar que põem de lado a política quando entram na magistratura. Agora que foi condenado, nem sequer pode votar. Tenho a certeza que, se o senhor o indultasse, ele passaria a ser um grande admirador seu.

– Não duvido.

– Se isso facilitar as coisas, os três homens comprometem-se a sair do país pelo menos durante dois anos.

– Porquê? – Pode parecer mal eles voltarem para casa. As pessoas perceberão que conseguiram sair mais cedo. Isto pode ser feito com discrição.

– O juiz da Califórnia pagou os impostos a que tentou fugir?

– Pagou.

– E o tipo do Mississippi repôs o dinheiro que roubou?

– Sim, senhor.

Todas as perguntas eram superficiais. Ele tinha de perguntar qualquer coisa.

O último favor estava relacionado com a espionagem nuclear. A CIA tinha em seu poder um relatório que documentava uma ampla infiltração de espiões chineses praticamente a todos os níveis do programa de armamento nuclear dos Estados Unidos. O presidente soube da existência do relatório poucos dias antes de uma visita à China, onde iria participar numa cimeira alvo de todas as atenções. Pediu a Teddy que fosse almoçar com ele e, enquanto comia o mesmo frango com massa, solicitou-lhe que o relatório fosse suspenso durante algumas semanas. Teddy concordou. Mais tarde, quis que o relatório fosse alterado no sentido de lançar mais

culpas sobre anteriores administrações. Foi o próprio Teddy que o refez. Quando o documento foi divulgado, o presidente declinou a maior parte idas responsabilidades.

A espionagem chinesa e a segurança nacional contra três ex-juízes desconhecidos. Teddy sabia que conseguiria os indultos.

– Se eles saírem do país, para onde irão? – perguntou o presidente.

– Ainda não sei ao certo.

O criado trouxe os cafés. Quando ele saiu, o presidente perguntou:

– Isso afetará de algum modo o vice-presidente? Com o mesmo rosto inexpressivo, Teddy respondeu: – Não. Como poderia afetar?

– Você é que sabe. Não sei o que você anda a fazer.

– Não há motivos para se preocupar, senhor presidente. Estou a pedir um pequeno favor. Com um pouco de sorte, ninguém falará deles.

Beberam o café e ambos tinham vontade de se separar. O presidente tinha a tarde preenchida com assuntos mais agradáveis. Teddy precisava de dormir uma sesta. O presidente estava aliviado por o pedido ser tão benigno. Teddy pensava se tu soubesses...

– Dê-me alguns dias para me organizar – disse o presidente. Estes pedidos chovem, como deve calcular. Parece que toda a de apontamentos, a trabalhar febrilmente, sem dúvida a tentar redigir o seu último e frágil recurso.

Spicer estava a rearrumar livros de Direito, fingindo-se muito ocupado. Beech estava no gabinete a escrever qualquer coisa. Yarber não estava.

Argrow tirou uma folha de papel branco dobrada do bolso e entregou-a a Spicer.

– Acabei de estar com o meu advogado – disse em voz baixa.

– O que é isso? – perguntou Spicer, pegando no papel.

– É uma confirmação da transferência. O seu dinheiro já está no Panamá.

Spicer olhou para o advogado que se encontrava do outro lado da sala, mas o homem estava concentrado no seu bloco de apontamentos.

– Obrigado – disse ele em surdina.

Argrow saiu da sala e Spicer entregou o papel a Beech, que o examinou com todo o cuidado.

O dinheiro estava agora a salvo no First Coast Bank, do Panamá.

TRINTA E SEIS

Joe Roy perdera mais quatro quilos, só fumava dez cigarros por dia e fazia em média quarenta quilômetros por semana na pista. Argrow foi encontrá-lo lá, a andar a passo ao calor do fim da tarde.

– Mr. Spicer, precisamos de conversar – disse Argrow.

– Só mais duas voltas – disse Joe Roy, sem abrandar o passo.

Argrow ficou a olhar para ele durante alguns segundos. Depois percorreu cinquenta metros até o apanhar.

– Importa-se que o acompanhe? – perguntou.

– De modo nenhum.

Entraram na primeira curva, com o passo acertado.

– Acabei de me encontrar com o meu advogado outra vez – disse Argrow.

– O seu irmão? – perguntou Spicer, ofegante.

O seu andar não era tão gracioso como o de Argrow, um homem vinte anos mais novo do que ele.

– Sim. Ele falou com Aaron Lake.

Spicer parou, como se tivesse chocado com um muro. Fitou Argrow e depois olhou para qualquer coisa ao longe.

– Como disse, precisamos de conversar.

– Creio que sim – disse Spicer. – vou ter convosco à biblioteca dentro de meia hora – disse Argrow, afastando-se.

Spicer observou-o até ele desaparecer. – Não havia nenhum Jack Argrow, advogado em Boca Raton, nas Páginas Amarelas, o que a princípio causou preocupação. Finn Yarber, recorrendo ao telefone inseguro, procurou freneticamente obter informações sobre o Sul da Florida. Quando perguntou por Pompano Beach, a operadora respondeu: «Um momento, por favor», e Finn sorriu. Tomou nota do número e depois ligou. Respondeu-lhe uma gravação: «Fala do escritório de advogados de Jack Argrow. Mr. Argrow só recebe por marcação. Por favor, deixe o seu nome, número do telefone e uma breve descrição da propriedade em que está interessado. Entraremos em contato consigo.» Finn desligou e atravessou

apressadamente o relvado em direção à biblioteca, onde os colegas estavam à espera. Argrow já estava atrasado dez minutos.

Pouco antes de ele chegar, o mesmo ex-advogado entrou na sala com um dossiê volumoso, obviamente pronto a passar ali umas horas para tentar salvar a pele. Pedir-lhe que saísse daria origem a uma discussão e levantaria suspeitas. Além disso, o homem não era do tipo de respeitar juizes. Um a um, retiraram-se para a pequena sala de reuniões, onde Argrow se lhes juntou. A sala ficava atravancada quando Beech e Yarber iam para lá trabalhar. com quatro pessoas lá dentro e toda a pressão envolvida, a sala nunca estivera tão cheia.

Sentaram-se à volta da pequena mesa, quase em cima uns dos outros.

– Só sei o que me disseram – disse Argrow. – O meu irmão é advogado a tempo parcial em Boca Raton. Tem algum dinheiro e há anos que é ativista republicano no Sul da Florida.

Ontem, foi abordado por algumas pessoas que trabalham para o Aaron Lake. Tinham feito umas certas averiguações e sabiam que eu era irmão dele e que estava em Trumble com Mr. Spicer. Fizeram promessas, fizeram-no jurar sigilo e agora ele obrigou-me a jurar sigilo.

Agora que é tudo confidencial, creio que podem juntar dois mais dois.

Spicer não tomara duche. Ainda tinha o rosto e a camisa molhados, mas o ritmo respiratório abrandara. Beech e Yarber não produziam o mais pequeno som. Os Confrades estavam num transe colectivo. Continua, diziam eles com o olhar.

Argrow olhou para o rosto dos três homens e chegou-se mais para a frente. Meteu a mão no bolso e tirou uma folha de papel, que desdobrou e pôs à frente deles. Era uma cópia da última carta a Al Konyers, o pedido de extorsão, assinado por Joe Roy Spicer, cujo endereço era a Prisão Federal de Trumble. Sabiam as palavras de cor e, por conseguinte, não precisaram de a ler outra vez. Reconheceram a letra, a do pobre Ricky, e compreenderam que ela acabara de descrever o círculo completo. Dos Confrades para Mr. Lake, de Mr. Lake para o irmão de Argrow e do irmão de Argrow para Trumble, tudo em treze dias.

Por fim, Spicer pegou nela e olhou para as palavras.

– Creio que sabe tudo, não é verdade? – perguntou.

– Desconheço a extensão daquilo que sei. – Conte-nos o que lhes disseram.

– Que estão a cometer uma fraude, os três. Que põem anúncios em revistas de homossexuais, mantêm relações com homens mais velhos, pelo correio, que conseguem saber a verdadeira identidade deles e que depois lhes extorquem dinheiro.

– É um bom resumo da jogada – disse Beech.

– E que Mr. Lake cometeu o erro de responder a um dos seus anúncios. Não sei quando é que ele o fez e não sei como é que descobriram quem ele era. Há algumas lacunas nesta história, no que me diz respeito.

– É melhor ficar assim – disse Yarber.

– Muito bem. Não fui eu que me ofereci para fazer este trabalho.

– O que consegue você? – perguntou Spicer.

– Sair mais cedo. Passo aqui mais umas semanas e depois transferem-me outra vez. Saio no fim do ano e, se Mr. Lake for eleito, consigo o perdão total. Não é um mau acordo. O meu irmão consegue um grande favor do próximo presidente.

– Então você é que negocia? – perguntou Beech.

– Não. Eu sou o mensageiro.

– Vamos então começar? – Os primeiros a jogar são vocês.

– Você tem a carta. Nós queremos algum dinheiro e sair daqui.

– Quanto? > – Dois milhões para cada um – respondeu Spicer, e era óbvio que o assunto já fora discutido muitas vezes.

Três pares de olhos fixaram-se em Argrow, esperando uma contração muscular, um sobrolho franzido, o choque. Mas não houve reação, apenas uma pausa em que Argrow enfrentou o olhar deles.

– Não tenho qualquer autoridade nesta matéria, percebem? Não posso dizer que sim ou que não às vossas exigências. Limito-me a transmitir os pormenores ao meu irmão.

– Nós lemos o jornal todos os dias – disse Beech. – Mr. Lake não consegue gastar todo o dinheiro que tem. Seis milhões são uma gota de água no oceano.

– Ele tem setenta e oito milhões na mão, sem dívidas – acrescentou Yarber.

– Seja o que for. Eu sou apenas o correio, o carteiro, uma espécie de Trevor.

Os três calaram-se de novo ao ouvirem a referência ao advogado morto. Deitaram um olhar fulminante a Argrow, cujas unhas lhes tinham chamado a atenção, e perguntaram a si próprios se o comentário acerca de Trevor fora uma espécie de aviso. Até que ponto o seu jogo se tornara mortífero? Estavam atordoados de tanto pensarem em dinheiro e em liberdade, mas até que ponto estavam seguros naquele momento? Até que ponto estariam seguros no futuro? Saberiam sempre o segredo de Lake.

– E como é que seria pago o dinheiro? – perguntou Argrow.

– É muito simples – respondeu Spicer. – Todo à cabeça, todo transferido para um pequeno paraíso, talvez o Panamá.

– Está bem. E quanto à vossa libertação? – O quê? – perguntou Beech.

– Não há sugestões? – Não. Pensamos que Mr. Lake poderia tratar disso. Ele tem muitos amigos atualmente.

– Sim, mas ainda não é presidente. Ainda não se pode encostar às pessoas certas.

– Não vamos esperar até Janeiro, quando tomar posse-disse Yarber.

– Por sinal, nem vamos esperar até Novembro para ver se ele ganha.

– Então querem ser libertados agora? – O mais depressa possível – respondeu Spicer.

– É importante o modo como serão libertados? Ficaram a pensar e depois Beech respondeu: – Tem de ser um processo limpo. Não queremos passar o resto da vida a fugir, a espreitar por cima do ombro.

– Saem juntos?

– Sim – respondeu Yarber. – E temos alguns planos definidos quanto a isso. Mas, primeiro, temos de chegar a acordo quanto às coisas importantes: o dinheiro e a data exata em que sairemos daqui.

– Certo. Por este lado, vão querer os seus processos, todas as cartas, bilhetes e documentos da vossa jogada. Como é óbvio, Mr. Lake tem de receber garantias de que os segredos serão enterrados.

– Se conseguirmos o que pretendemos, não tem nada de que se preocupar-disse Beech. – Teremos o maior prazer em nos esquecermos

que ouvimos falar de Aaron Lake. Mas devemos avisá-lo, para você avisar Mr. Lake, de que, se nos acontecer alguma coisa, a história será divulgada.

– Temos um contato lá fora – disse Yarber.

– É uma reação retardada – acrescentou Spicer, como se ajudasse a explicar o inexplicável. – Se nos acontecer alguma coisa, por exemplo, o mesmo que aconteceu ao Trevor, alguns dias depois rebenta uma pequena bomba. Mr. Lake é desmascarado.

– Isso não vai acontecer – disse Argrow.

– Você é o mensageiro. Não tem que saber o que vai ou não vai acontecer – disse Beech, pregando. – Essas são as mesmas pessoas que mataram o Trevor.

– Vocês não têm a certeza disso.

– Não, mas temos as nossas opiniões.

– Não vamos discutir uma coisa que não podemos provar, meus senhores – disse Argrow, terminando a sessão. – Amanhã de manhã encontro-me com o meu irmão às nove horas. Reunimos aqui às dez.

Argrow saiu da sala, deixando-os sentados como que em transe, mergulhados nos seus pensamentos, a contarem o dinheiro mas com receio de começarem a gastá-lo. Encaminhou-se para a pista, mas afastou-se ao ver um grupo de reclusos a correr. Vagueou pelos campos até encontrar um local isolado atrás do refeitório. Em seguida, telefonou a Klockner.

Daí a uma hora, Teddy foi informado.

TRINTA E SETE

Às seis horas da manhã, a campainha tocava em Trumble, atravessando os corredores dos dormitórios e os relvados, contornando os edifícios e ouvindo-se na floresta em redor. A maioria dos reclusos garantia que o toque durava exatamente trinta segundos, e quando terminava ninguém continuava a dormir. Acordava-os, como se estivessem marcados acontecimentos importantes para esse dia e eles tivessem pressa de se aprontar. Mas a única coisa que os pressionava era o pequeno-almoço.

A campanha sobressaltou Beech, Spicer e Yarber, mas não acordou Argrow. O sono fora ilusório e os motivos eram óbvios. Dormiam em camaratas diferentes, mas, o que não era de admirar, encontraram-se na bicha para o café às seis e dez. com as chávenas altas na mão e sem dizerem uma palavra, dirigiram-se para o campo de basquetebol, sentaram-se num banco e aspiraram o ar da manhã. Olharam para o recinto da prisão; a pista ficava atrás deles.

Durante quantos dias mais vestiriam as camisas cor de azeitona e se sentariam ao calor da Florida, receberiam alguns cêntimos por hora para não fazerem nada, ficariam à espera, a sonhar e a beber chávenas de café que nunca mais acabavam? Um, dois meses? Estariam agora a falar de dias? Estas hipóteses tinham-lhe roubado o sono.

– Só há duas possibilidades – dizia Beech. Era o juiz federal, e escutavam-no atentamente, embora já soubessem o que ele ia dizer. – A primeira é voltar à jurisdição da sentença e requerer a redução da pena. Em circunstâncias muito especiais, o juiz pode libertar um recluso. Mas é raro.

– Alguma vez o fizeste? – perguntou Spicer.

– Não.

– Idiota.

– Por que motivos? – perguntou Yarber.

– Só quando o prisioneiro fornece novas informações sobre velhos crimes. Se o prisioneiro cooperar substancialmente com as autoridades, pode conseguir uns anos a menos.

– Isso não é encorajador – disse Yarber.

– E qual é a outra possibilidade? – perguntou Spicer.

– Somos enviados para uma unidade de reabilitação, das boas, onde ninguém espera que vivamos de acordo com os regulamentos. Só o Gabinete das Prisões é que tem autoridade para dispor dos reclusos. Se os nossos novos amigos em Washington forem devidamente pressionados, o gabinete pode libertar-nos e esquecer-se de nós.

– Não temos de viver numa unidade de recuperação? – perguntou Spicer.

– Sim, na maior parte dos casos. Mas são todas diferentes.

Algumas fecham as portas à noite e têm regras rígidas. Outras são muito

permissivas. Podes telefonar uma vez por dia, ou por semana. Tudo isso é com o gabinete.

– Mas continuamos a ser condenados – disse Spicer.

– Isso não me incomoda-respondeu Yarber. – Nunca mais voltarei a votar.

– Tenho uma ideia – disse Beech. – Lembrei-me dela ontem à noite. Como parte do acordo, obrigamos o Lake a indultar-nos se for eleito.

– Também pensei nisso – disse Spicer.

– Também eu – disse Yarber. – Mas o que interessa que tenhamos provas? A única coisa que interessa é que sejamos libertados.

– Perguntar não ofende – replicou Beech.

Durante alguns minutos, concentraram-se no café.

– O Argrow está a enervar-me – disse Finn.

– Por quê?

– Cai aqui vindo sabe-se lá donde e, de repente, torna-se o nosso melhor amigo. Faz um truque mágico com o nosso dinheiro e consegue que ele seja transferido para um banco mais seguro. Agora, é o nosso contato com o Aaron Lake. Metam na cabeça que há alguém lá fora que andou a ler a nossa correspondência. E não foi o Lake.

– Ele não me incomoda – disse Spicer. – O Lake tinha de arranjar alguém para falar conosco. Puxou uns cordelinhos, fez umas averiguações e descobriu que o Argrow estava aqui e que tinha um irmão com quem podiam chegar à fala.

– Isso é muito conveniente, não achas? – perguntou Beech.

– E tu?

– Talvez. O Finn tem razão. Sabemos que houve mais alguém metido nisto.

– Quem?

– Isso é que nos falta saber – disse Finn. – Por isso é que não durmo há uma semana. Há mais alguém lá fora.

– E que nos interessa isso? – perguntou Spicer. – Se o Lake nos conseguir tirar daqui, ótimo. Se mais alguém nos conseguir tirar daqui, o que há de mal nisso?

– Não te esqueças do Trevor – disse Beech. – Duas balas na nuca.

– Talvez este sítio seja mais seguro do que julgamos. Spicer não ficou convencido. Acabou de beber e disse: – Acham que o Aaron Lake, um

homem que está prestes a ser eleito presidente dos Estados Unidos, mandaria matar um advogado insignificante como o Trevor?

– Não – respondeu Yarber.

– Não o faria. É demasiado arriscado. E não nos mataria. Mas o homem-mistério, sim. O tipo que matou o Trevor é o mesmo que leu a nossa correspondência.

– Não estou convencido disso.

Estavam juntos onde Argrow esperava encontrá-los, na seção de Direito da biblioteca, e pareciam estar à espera. Ele entrou à pressa e, quando teve a certeza de que estavam sós, disse: – Acabei de ver o meu irmão. Vamos conversar.

Correram para a pequena sala de reuniões, fecharam a porta e reuniram-se à volta da mesa.

– As coisas estão a acontecer muito depressa – disse Argrow com nervosismo. – O Lake paga o dinheiro. Será transferido para onde vocês quiserem. Posso ajudar, se quiserem; caso contrário, façam dele o que vos apetecer.

Spicer pigarreou.

– Dois milhões para cada um?

– Foi o que pediram. Não conheço Mr. Lake, mas é evidente que ele é rápido a agir. – Argrow olhou para o relógio e depois espreitou para a porta por cima do ombro. – Está cá gente dos darão a boa notícia. Finjam-se admirados, está bem?

– Não há problema.

– Isso será fácil.

– Como é que conseguiu estas cópias? – perguntou Yarber.

– Deram-nas ao meu irmão. Não faço ideia como. O Lake tem amigos poderosos. De qualquer modo, o acordo é o seguinte: vocês vão ser libertados a qualquer momento. Uma carrinha leva-vos para Jacksonville, para um hotel onde o meu irmão estará à vossa espera.

Vocês esperam lá que as transferências sejam confirmadas e depois entregam todos os seus dossiês sujos. Tudo. Entendido? Fizeram um sinal afirmativo ao mesmo tempo. Por dois milhões de dólares, fariam tudo.

– Saem já do país e não voltam pelo menos durante dois anos.

– Como é que podemos sair do país? – perguntou Beech. – Não temos passaportes, nem documentos.

– O meu irmão tratará disso tudo. Terão novas identidades, com um jogo completo de documentos, incluindo cartões de crédito. Estará tudo à vossa espera.

– Dois anos? – perguntou Spicer, e Yarber fitou-o como se ele tivesse perdido o juízo.

– Exatamente. Dois anos. Faz parte do acordo. Entendido?

– Não sei – disse Spicer, com a voz a tremer. Spicer nunca saíra dos Estados Unidos.

– Não sejas parvo – disparou Yarber. – Um perdão total, um milhão de dólares por ano durante dois anos para viver no estrangeiro. Sim, aceitamos o acordo.

De súbito, alguém bateu à porta e ficaram aterrados. Dois guardas olhavam lá para dentro.

Argrow pegou nas cópias dos indultos e meteu-as no bolso.

– Estamos de acordo, meus senhores? – Fizeram um gesto afirmativo e apertaram-lhe a mão.

– Ainda bem – disse ele. – Não se esqueçam de se mostrarem surpreendidos.

Os três homens foram conduzidos pelos guardas ao gabinete do diretor, onde foram apresentados a dois indivíduos de Washington, muito sérios, um da Justiça e outro do Gabinete das Prisões. O diretor concluiu as apresentações formais sem confundir os nomes e em seguida entregou um documento de formato legal a cada um. Eram os originais dos que Argrow lhes mostrara.

– Meus senhores – anunciou o diretor com o maior dramatismo de que foi capaz. – Acabam de ser indultados pelo presidente dos Estados Unidos.

Sorriu cordialmente como se fosse responsável pela boa notícia.

Os Confrades ficaram a olhar para os indultos, ainda em estado de choque, ainda atordoados com mil e uma perguntas, a principal das quais era: como é que o Argrow se antecipou ao diretor e lhes mostrou os documentos primeiro?

– Não sei o que dizer – conseguiu balbuciar Spicer, e os outros tartamudearam outra coisa qualquer.

O homem da Justiça disse: – O presidente reviu os seus casos e concluiu que já tinham cumprido uma pena suficiente. Está convencido de que têm mais a oferecer ao seu país tornando-se de novo cidadãos produtivos.

Os três ficaram a olhar para ele. Aquele pateta não sabia que iriam assumir novos nomes e manter-se afastados do seu país e das suas comunidades pelo menos durante dois anos? De que lado estava ele? E por que os indultava o presidente depois de terem tentado destruir Aaron Lake, o homem mais bem posicionado para derrotar o vice-presidente? Era Lake que os queria silenciar e não o presidente. Não é verdade? Como é que Lake conseguira convencê-lo a indultá-los? Como é que Lake conseguira convencer o presidente a fazer fosse o que fosse, naquela fase da campanha? Agarraram nos indultos e não disseram nada, com o rosto crispado, como se as perguntas os atormentassem.

O homem do gabinete disse: – Deviam sentir-se honrados. Os atos de clemência são muito raros. Yarber conseguiu concordar com ele com um gesto rápido de cabeça, mas continuava a pensar: quem é que está à nossa espera lá fora? – Acho que ficamos em estado de choque – disse Beech.

Era a primeira vez que tal coisa acontecia em Trumble, que o presidente resolvia indultar reclusos tão importantes. O diretor estava muito orgulhoso dos três, mas não sabia ao certo como havia de comemorar o momento.

– Quando gostariam de sair? – perguntou, como se eles quisessem ir a uma festa.

– Imediatamente – respondeu Spicer.

– Muito bem. Vamos levá-los a Jacksonville.

– Não, obrigado. Temos quem nos venha buscar. – Bem, então, há uma certa burocracia a cumprir.

– Despache-se – disse Spicer.

Entregaram a cada um uma mochila de lona para guardarem os objetos pessoais. Quando iam a atravessar os campos, apressados e ainda todos muito juntos e com o passo acertado, com um guarda atrás deles, Beech disse, em surdina: – Então quem é que nos arranjou os indultos? – Não foi o Lake – disse Yarber, suficientemente alto para ser ouvido.

– Evidentemente que não foi o Lake – disse Beech. – O presidente não faria nada que o Aaron Lake lhe pedisse.

Estugaram o passo.

– O que interessa isso? – perguntou Spicer.

– Não faz sentido – disse Yarber.

– Então o que vais fazer, Finn? – perguntou Spicer sem olhar para ele. – Ficar aqui durante uns dias a pensar na situação? E depois, se descobrires quem foi o responsável pelo perdão, talvez não o aceites? Não me lixes.

– Há outra pessoa por trás disto – disse Beech.

– Então adoro essa pessoa, está bem? – disse Spicer. – Não vou perder tempo a fazer perguntas.

Deram a volta aos quartos numa correria e nem abrandaram para se despedir de ninguém. A maioria dos amigos encontravam-se espalhados pelas instalações.

Tinham de se apressar, antes que o sonho acabasse ou que o presidente mudasse de ideias.

Às onze e um quarto, saíram pela porta principal do edifício da administração, a mesma por onde tinham entrado há anos, e ficaram à espera no passeio aquecido pelo sol. Nenhum dos três olhou para trás.

A carrinha era conduzida por Wes e Chap, que no entanto se apresentaram com outros nomes. Usavam tantos! Joe Roe Spicer recostou-se no banco de trás e tapou os olhos com o braço, resolvido a não ver nada senão quando estivesse longe dali. Apetecia-lhe chorar e gritar, mas estava apático com a euforia, uma euforia total, completa, descarada. Tapou os olhos e fez um sorriso enlevado. Apetecia-lhe uma cerveja e uma mulher, de preferência a sua.

la telefonar-lhe. A carrinha já estava em movimento.

A libertação súbita deixara-os agitados. A maioria dos reclusos contavam os dias e, ao fazê-lo, sabiam com um certo rigor quando chegaria o momento. E sabiam para onde iam e quem tinham à espera.

Mas os Confrades sabiam tão pouco! E não acreditavam no pouco que sabiam. Os indultos eram um embuste. O dinheiro não passava de um isco. Estavam a ser levados para o matadouro, como o pobre Trevor. A carrinha iria parar a qualquer instante e os dois matulões que iam à frente

iriam revistar-lhes as mochilas, encontrariam os dossiês sujos e assassiná-los-iam na berma de uma estrada.

Talvez. Mas, nesse momento, não sentiam a falta da segurança de Trumble. Finn Yarber ia sentado atrás do motorista e observava a estrada à sua frente. Levava o indulto na mão, pronto a apresentá-lo a alguém que os mandasse parar e lhe dissesse que o sonho tinha acabado. A seu lado ia Hatlee Beech que, alguns minutos depois de se porem a caminho, desatou a chorar, baixinho, mas com os olhos fechados e a boca a tremer.

Beech tinha motivos para chorar. com quase oito anos e meio por cumprir, o indulto era mais importante para ele do que para os seus dois colegas juntos.

Ninguém pronunciou uma palavra entre Trumble e Jacksonville. Quando se aproximaram da cidade e as estradas se tornaram mais largas e o trânsito mais denso, os três observaram o que os rodeava com grande curiosidade. As pessoas andavam de automóvel, deslocavam-se de um lado para o outro. Havia aviões no ar. Barcos nos rios. A situação voltara à normalidade.

Abriram caminho no meio do trânsito de Atlantic Boulevard, saboreando cada momento do engarrafamento. O tempo estava quente, os turistas andavam na rua e viam-se mulheres de pernas compridas e bronzeadas. Os três viam as marisqueiras e os bares com tabuletas a anunciar cerveja fresca e ostras a bom preço. Quando a rua terminou, começou a praia.

Pararam debaixo da varanda da Sea Turtle. Atravessaram a recepção atrás de um dos homens que os escoltavam e foram alvo das atenções de algumas pessoas porque ainda estavam todos vestidos de igual. Subiram ao quinto andar e, à saída do elevador, Chap disse: – Os seu quartos são aqui, estes três. – Apontou para o fundo do corredor. – Mr. Argrow gostaria de os ver o mais depressa possível.

– Onde está ele? – perguntou Spicer. Chap apontou outra vez.

– Ali, na suite do canto. Está à espera. – Vamos – disse Spicer.

Seguiram Chap até ao canto, com as mochilas a baterem umas nas outras.

Jack Argrow não era nada parecido com o irmão. Era muito mais baixo e tinha o cabelo louro e ondulado, enquanto o do irmão era preto e ralo. Tratou-se apenas de uma conversa informal, mas os três retiveram-na

e falaram dela mais tarde. Argrow apertou-lhes a mão à pressa, mas só por delicadeza. Estava impaciente e falava muito depressa.

– Como está o meu irmão? – perguntou.

– Está bom – respondeu Beech.

– Vimo-lo esta manhã – acrescentou Yarber.

– Eu quero-o fora da prisão – disse Argrow. – Ouçam, não sei como nem porque estou metido nisto. Estou muito nervoso. Estou aqui em nome de Mr. Aaron Lake, um homem em cuja eleição acredito e que dará um grande presidente. Creio que depois conseguirei tirar o meu irmão da prisão. Mas de qualquer modo, nunca vi Mr. Lake. Alguns dos seus homens abordaram-me há uma semana e pediram-me que me envolvesse num assunto muito secreto e delicado. É por isso que estou aqui. É um favor, hem? Não sei de nada, percebem? As frases eram sincopadas e rápidas. O homem falava com as mãos e com a boca, e não conseguia estar quieto.

Os Confrades não deram resposta, nem ninguém esperava tal coisa.

Duas câmaras ocultas gravavam a cena e enviavam-na imediatamente para Langley, onde Teddy, York e Deville a acompanhavam num grande ecrã montado no abrigo. Os ex-juízes, agora ex-reclusos, pareciam prisioneiros de guerra recém-libertados, atordoados e submissos, ainda fardados, ainda incrédulos. Sentaram-se muito juntos, a assistir ao espetáculo extraordinário do Agente Lyter.

Depois de tentarem imaginá-los e manobrá-los do exterior durante três meses, era fascinante vê-los. Teddy examinou os seus rostos e admitiu, contrafeito, que tinha uma certa admiração por eles. Tinham sido astutos e felizes ao ponto de conseguirem apanhar a vítima certa; agora estavam livres e prestes a serem bem recompensados pela sua ingenuidade.

– Está bem, olhem, a primeira coisa é o dinheiro – rosnou Argrow.

– Dois milhões para cada um. Onde o querem? Não era o tipo de pergunta a que estivessem muito habituados a responder.

– Quais são as hipóteses? – perguntou Spicer.

– Têm de o transferir para qualquer lado – respondeu Argrow.

– E se for para Londres? – perguntou Yarber.

– Londres?

– Gostaríamos que o dinheiro, todo, os seis milhões, fosse transferido ao mesmo tempo para uma única conta, para um banco em

Londres disse Yarber.

- Podemos transferi-lo para qualquer lado. Para que banco?
- Pode ajudar-nos nos pormenores? – perguntou Yarber.
- Disseram-me que podemos fazer tudo o que vocês quiserem.

Terei de fazer uns telefonemas. Por que não vão para os seus quartos, tomam um duche e mudam de roupa? Dêem-me um quarto de hora.

- Não temos roupa – disse Beech.
- Há algumas coisas nos seus quartos.

Chap acompanhou-os até ao fundo do corredor e entregou-lhes as chaves.

Spicer estendeu-se na sua cama enorme e olhou para o tecto. Spicer pôs-se à janela do quarto e olhou para norte, para os quilômetros de praia, para as ondas de água azul que se desfaziam na areia branca. As crianças brincavam junto das mães. Casais passeavam de mão dada. Um barco de pesca avistava-se no horizonte. Finalmente livre, pensou Spicer.

Finalmente livre.

Yarber tomou um grande duche quente – privacidade total, sem limite de tempo, sabonete à descrição, toalhas felpudas. Alguém colocara uma série de artigos de higiene no toucador-desodorizante, creme de barbear, lâminas, dentífrico, escova de dentes, creme. Yarber não se apressou. Em seguida, vestiu umas bermudas e uma t-shirt branca e calçou umas sandálias. Seria o primeiro a sair e precisava de encontrar uma loja de roupa.

Vinte minutos depois, voltaram a encontrar-se na suite de Argrow e levaram a coleção de dossiês cuidadosamente embrulhados na fronha de uma almofada. Argrow estava tão ansioso como antes.

– Há um grande banco em Londres chamado Metropolitan Trust. Podemos transferir o dinheiro para lá, e depois fazem o que quiserem dele.

- Está bem – disse Yarber. – A conta fica apenas em meu nome.

Argrow olhou para Beech e para Spicer, que fizeram um gesto de aprovação.

- Muito bem. Calculo que tenham um plano qualquer.

– Temos – respondeu Spicer. – Mr. Yarber parte para Londres esta tarde e, quando lá chegar, vai ao banco e toma conta do dinheiro. Se tudo correr bem, partiremos pouco depois.

- Garanto que as coisas vão correr bem.

– E nós acreditamos em si. Estamos apenas a ser cautelosos.
Argrow entregou duas folhas de papel a Finn.
– Preciso da sua assinatura para fazer a transferência e abrir a conta. Yarber assinou.
– Já almoçaram? – perguntou.
Eles abanaram a cabeça. Pensavam no almoço, mas não sabiam o que haviam de fazer.
– Agora são homens livres. Há uns bons restaurantes a uns quarteirões daqui. Divirtam-se.
Dêem-me uma hora para fazer a transferência. Encontramo-nos às duas e meia.
Spicer tinha a fronha na mão. Agitou-na na direção de Argrow e disse: – Estão aqui os dossiês.
– Está bem. Deixe-os ali em cima do sofá.

TRINTA E OITO

Saíram do hotel a pé, sem escolta, sem restrições, mas com os indultos no bolso, por precaução. E apesar de o sol estar mais quente na praia, a atmosfera era mais leve. O céu estava mais claro. O mundo era belo outra vez. A esperança pairava no ar. Os Confrades sorriam e riam-se de quase tudo. Passearam em Atlantic Avenue e misturaram-se facilmente com os turistas.

O almoço foi bife e cerveja numa esplanada ao ar livre, debaixo de um guarda-sol, o que lhes permitiu observar os transeuntes. Pouco falaram enquanto comiam e bebiam.

Observavam tudo, sobretudo as jovens de calções e de tops reduzidos. A prisão transformara-os nuns velhos. Agora, estavam ansiosos por se integrarem.

Em especial Hatlee Beech. Tivera dinheiro, estatuto e ambição e, como juiz federal, tivera o que era impossível perder: um cargo vitalício. Estatelara-se, perdera tudo e, durante os dois primeiros anos em Trumble, vivera em depressão. Aceitara o fato de que morreria ali, e pensara seriamente no suicídio. Agora, com cinquenta e seis anos, emergia das

trevas numa esplêndida forma física. Pesava menos sete quilos e meio, estava bem bronzeado, gozava de boa saúde, divorciara-se de uma mulher que só tinha dinheiro para oferecer, e estava prestes a receber uma fortuna. Não era mau para um homem de meia idade, pensou. Sentia a falta dos filhos, mas eles tinham ido atrás do dinheiro e esquecido o pai.

Hatlee Beech estava pronto para se divertir um pouco.

Spicer Nunca sairia de lá. Nunca voltaria ao seu país natal. Tinha sessenta anos, estava em boa forma física, tinha agora muito dinheiro e apetecia-lhe andar por Itália e pela Grécia nos dez anos seguintes.

Do outro lado da rua, descobriram uma pequena livraria e compraram vários guias de viagens. Num estabelecimento de roupa de praia, encontraram os óculos escuros adequados. Depois, chegou a hora de voltarem a encontrar-se com Jack Argrow e de concluírem o acordo.

Klockner e companhia viram-nos regressar à Sea Turtle. Klockner e companhia estavam cansados de Neptune Beach, do Pete's, da Sea Turtle e do apartamento apinhado. Ainda lá estavam seis agentes, incluindo Chap e Wes, todos muito ansiosos por outra missão. A unidade descobrira os Confrades, tirara-os de Trumble, levava-os para a praia e agora queria apenas que eles saíssem do país.

Jack Argrow não tocara nos dossiês, ou pelo menos era o que parecia. Ainda estavam embrulhados na fronha, em cima do sofá, no mesmo sítio em que Spicer os deixara.

– A transferência vai a caminho – anunciou Argrow quando eles se instalaram na suite Teddy continuava a observá-los de Langley. Os três vestiam agora roupa de praia. Yarber tinha um boné à pescador com uma pala de quinze centímetros. Spicer tinha um chapéu de palha e uma t-shirt amarela. Beech, o republicano, vestia uns calções de caqui, uma camisola e um boné de golfe.

Em cima da mesa, estavam três grandes envelopes. Argrow entregou um a cada um dos Confrades.

– Lá dentro encontram a vossa nova identidade. Certidões de nascimento, cartões de crédito e cartões da Segurança Social.

– E os passaportes? – perguntou Yarber.

– Temos uma câmara instalada no quarto ao lado. Os passaportes e as cartas de condução vão precisar de fotografias. Isso demora trinta

minutos. Dentro desses pequenos envelopes também estão cinco mil dólares em dinheiro.

– Eu sou Harvey Moss? – perguntou Spicer, olhando para a sua certidão de nascimento.

– É. Não gosta do nome de Harvey? – Acho que agora gosto.

– Tens mesmo cara de Harvey – disse Beech.

– E quem és tu? – Bem, eu sou James Nunley.

– Muito prazer, James.

Argrow nunca sorria; não se descontraía nem um segundo.

– Preciso de saber quais são os seus planos de viagem. As pessoas de Washington querem mesmo que saiam do país.

– Tenho de saber quais são os voos para Londres – disse Yarber.

– Já tratei disso. Daqui a duas horas parte um avião de Jacksonville para Atlanta. Às sete e dez da tarde de hoje, há um voo para Heathrow que chega amanhã de manhã cedo.

– Pode arranjar-me um lugar? – Já está reservado. Em primeira classe. Finn fechou os olhos e sorriu.

– E vocês? – perguntou Argrow, olhando para os outros dois.

– Eu gosto disto aqui – disse Spicer.

– Lamento. Fizemos um acordo.

– Seguimos nos mesmos voos amanhã à tarde – disse Beech.

Partindo do princípio de que tudo corre bem com Mr. Yarber.

– Querem que façamos as reservas? – Sim, por favor.

Chap entrou no quarto sem fazer barulho e tirou a fronha que estava em cima do sofá. Saiu com os dossiês.

– Vamos tirar as fotografias – disse Argrow.

Finn Yarber, que agora viajava como Mr. William McCoy, de San José, Califórnia, partiu para Atlanta sem incidentes. Durante uma hora, passeou pelo aeroporto, andou de autocarro e gostou muito do frenesi e do caos de se encontrar no meio de uma multidão apressada.

O lugar em primeira classe era uma poltrona de couro, reclinável. Depois de beber duas taças de champanhe, começou a pairar e a sonhar. Tinha medo de adormecer porque receava acordar. Tinha a certeza de que voltaria ao seu beliche superior, a olhar para o tecto e a descontar mais um dia passado em Trumble.

Joe Roy conseguiu finalmente apanhar a mulher por um telefone público perto de Beach Java. A princípio, ela julgou que o telefonema era uma brincadeira e recusou-se a aceitar o pagamento no destino.

– Quem fala? – perguntou ela.

– Sou eu, querida. Já não estou na prisão.

– Joe Roy?

– Sim, agora escuta. Saí da prisão. Estás aí?

– Acho que sim. Onde estás?

– Estou num hotel nos arredores de Jacksonville, Florida. Saí da prisão esta manhã.

– Saíste? Mas como...

– Não faças perguntas. Depois explico tudo. Parto amanhã para Londres. Quero que vás aos correios logo de manhã e peças um impresso para o passaporte.

– Londres? Disseste Londres?

– Sim.

– Em Inglaterra?

– Exatamente. Tenho de passar lá algum tempo. Faz parte do acordo.

– Quanto tempo?

– Dois anos. Escuta, eu sei que é difícil acreditar, mas estou livre e vamos viver dois anos no estrangeiro.

– Que tipo de acordo? Fugiste, Joe Roy? Disseste que seria fácil.

– Não. Fui libertado.

– Mas ainda tens mais de vinte meses a cumprir.

– Agora já não. Escuta, vai buscar o impresso para o passaporte e segue as instruções.

– Para que preciso eu de um passaporte?

– Para nos encontrarmos na Europa.

– Durante dois anos?

– Sim, isso mesmo.

– Mas a mãe está doente. Não posso simplesmente fugir e abandonar a mãe.

Spicer pensou em todas as coisas que gostaria de dizer acerca da mãe dela, mas calou-se.

Suspirou e deitou uma olhadela à rua.

- Vou-me embora. Não tenho alternativa – disse ele.
- Vem para casa – disse ela.
- Não posso. Depois explico-te.
- Uma explicação seria agradável.
- Amanhã telefono-te.

Beech e Spicer comeram marisco num restaurante a abarrotar de gente mais nova.

Deambularam pelos passeios e pouco depois foram dar ao Pete's Bar and Grill, onde ouviram os Braves e gozaram o ruído.

Finn encontrava-se algures sobre o Atlântico, atrás do dinheiro dos três. Em Heathrow o funcionário da Alfândega mal olhou para o passaporte de Finn, um prodígio de falsificação. Tinha um aspecto usado e acompanhara Mr. William McCoy por todo o mundo. De fato, Aaron Lake tinha amigos poderosos.

Finn apanhou um táxi para o hotel Basil Street, em Knightsbridge, e pagou em dinheiro o quarto mais pequeno que havia. Ele e Beech tinham escolhido o hotel ao acaso num guia de viagens. Era um edifício de outra época, cheio de antiguidades, e a decoração variava consoante os pisos. No pequeno restaurante, num piso superior, Finn tomou um pequeno-almoço constituído por café, ovos e salsichas. Em seguida, foi dar um passeio. Às dez horas, o seu táxi parou em frente do Metropolitan Trust, na City. A recepcionista não se importou com as suas roupas -jeans e um pulôver mas quando percebeu que se tratava de um americano, encolheu os ombros e deu mostras de tolerar a situação.

Fizeram-no esperar uma hora, mas não se importou. Finn estava nervoso, mas não o mostrava. Esperara dias, semanas, meses, para receber o dinheiro. Aprendera a ser paciente.

Mr. MacGregor, o responsável pela transferência, veio finalmente ter com ele. O dinheiro acabara de chegar; que desculpasse o atraso. Os seis milhões de dólares tinham atravessado o Atlântico em segurança e encontravam-se agora em solo britânico. Mas não por muito tempo.

– Quero transferi-lo para a Suíça – disse Finn, com a dose adequada de confiança e de experiência.

Nessa tarde, Beech e Spicer apanharam um avião para Atlanta. Tal como Yarber, deambularam pelo aeroporto com liberdade total enquanto aguardavam o voo para Londres.

Viajaram em primeira classe, comeram e beberam durante horas, viram filmes e tentaram dormir durante a travessia do oceano.

Ficaram muito admirados ao ver que Yarber os esperava quando passaram na Alfândega de Heathrow. Ele deu-lhes a ótima notícia de que o dinheiro chegara e partira. Estava escondido na Suíça. Yarber surpreendeu-os de novo com a ideia de partirem imediatamente.

– Eles sabem que nós estamos cá – disse, quando tomavam um café no bar do aeroporto. – Vamos livrar-nos deles.

– Estás convencido de que eles vêm atrás de nós? – perguntou Beech.

– Vamos partir desse princípio.

– Mas porquê? – perguntou Spicer.

Discutiram o assunto durante meia hora e depois começaram à procura de voos. O da Alitalia para Roma foi o escolhido. Em primeira classe, evidentemente.

– Fala-se inglês em Roma? – perguntou Spicer quando estavam a embarcar.

– Na verdade, fala-se italiano – respondeu Yarber.

– Acham que o papa nos recebe?

– É capaz de estar ocupado.

TRINTA E NOVE

Durante vários dias, Buster seguiu para oeste, aos ziguezagues, até que o autocarro chegou ao seu destino: San Diego. O mar atraía-o, e há vários meses que não o via. Deambulou pelas docas, à procura de trabalhos bizarros e metendo conversa com a gente local. O capitão de um navio fretado contratou-o como moço de fretes e Buster desembarcou em Los Cabos, México, na ponta meridional do Baja. O porto estava repleto de barcos de pesca caros, muito mais bonitos do que aqueles em que ele e o pai tinham negociado. Travou conhecimento com alguns dos capitães e, daí a dois dias, tinha emprego como encarregado da limpeza de convés. Os clientes eram americanos ricos do Texas e da Califórnia e passavam mais tempo a beber do que a pescar. Buster não ganhava ao mês nem à hora;

trabalhava em troca de gratificações, invariavelmente tanto maiores quanto mais os clientes bebiam. Um dia sem grande movimento rendia-lhe duzentos dólares; um dia bom, quinhentos dólares, tudo em dinheiro. Vivia num hotel barato e, alguns dias depois, deixou de olhar por cima do ombro. Los Cabos depressa passou a ser a sua terra.

De um momento para o outro, Wilson Argrow saiu de Trumble e foi enviado para uma unidade de reabilitação em Milwaukee, onde ficou exatamente uma noite antes de sair.

Como não existia, não podia ser encontrado. Jack Argrow foi ter com ele ao aeroporto e levou bilhetes. Voaram juntos para Washington. Depois de partirem da Florida, os irmãos Argrow, Kenny Sands e Roger Lyter, apresentaram-se em Langley, a postos para a missão seguinte.

Três dias antes de sair de Washington para a convenção em Denver, Aaron Lake chegou a Langley para almoçar com o diretor. Esperava-se que fosse uma ocasião alegre, em que o candidato vencedor agradeceria mais uma vez ao gênio que lhe pedira para entrar na corrida. O seu discurso de posse estava escrito há um mês, mas Teddy tinha algumas sugestões que queria discutir com ele.

Acompanharam-no ao gabinete de Teddy, onde o velho o esperava debaixo da sua manta. Estava pálido e cansado, pensou Lake. Os adjuntos desapareceram, a porta fechou-se e Lake reparou que a mesa não estava posta. Sentaram-se longe da secretária, face a face, muito perto um do outro.

Teddy gostou do discurso e fez apenas alguns comentários.

– Os seus discursos estão a tornar-se demasiado longos – disse ele tranquilamente.

Mas Lake tinha tanta coisa para dizer nesta fase!

– Ainda estamos a revê-lo – disse ele.

– Estas eleições são suas, Mr. Lake – disse Teddy, com uma voz débil.

– Sinto-me bem, mas vai ser uma luta renhida.

– Você vai ganhar por quinze pontos. Lake deixou de sorrir e apurou o ouvido.

– Ah, essa é uma boa margem.

– Você vai um pouco à frente nas sondagens. Para o mês que vem, o vice-presidente sobe. A situação oscilará até meados de outubro. Depois,

registrará uma situação ligada às armas nucleares que aterrorizará o mundo. E o senhor, Mr. Lake, será o messias.

A perspectiva assustava até o messias.

– Uma guerra? – perguntou Lake tranquilamente.

– Não. Haverá baixas, mas não serão americanos. O Natty Chenkov é que ficará com as culpas, e os bons eleitores desta república afluirão às urnas. Você pode ganhar por vinte pontos.

Lake respirou fundo. Queria fazer mais perguntas e talvez até levantar objeções ao derramamento de sangue. Mas seria inútil. O ambiente de terror que Teddy planeava para Outubro, fosse ele qual fosse, já estava em preparação. Lake nada podia dizer ou fazer para o evitar.

– Continue a bater na mesma tecla, Mr. Lake. A mesma mensagem. O mundo está prestes a enlouquecer, e nós temos de ser fortes para proteger a nossa maneira de viver.

– Até agora, a mensagem resultou.

– O seu opositor vai ficar desesperado. Vai atacá-lo com o tema único e ladrar por causa do dinheiro. Vai batê-lo e conseguir alguns pontos. Não entre em pânico. Em Outubro, o mundo fica virado de pernas para o ar. Confie em mim.

– Eu confio.

– O senhor ganhou isto, Mr. Lake. Continue a pregar a mesma mensagem.

– É o que farei.

– Ótimo – disse Teddy, e fechou os olhos por instantes, como se precisasse de dormir uma curta sesta.

Depois, abriu-os e disse: – Agora, falando de um assunto diferente, tenho uma certa curiosidade em saber quais são os seus planos depois de chegar à Casa Branca.

Lake ficou atrapalhado, e o seu rosto mostrou-o. Teddy continuou a armar a emboscada.

– O senhor precisa de uma companheira, Mr. Lake, de uma Primeira Dama, alguém que dê graça à Casa Branca com a sua presença. Alguém que dê recepções e se preocupe com a decoração, uma mulher bonita, suficientemente jovem para ter filhos. Há muito tempo que não temos crianças na Casa Branca, Mr. Lake.

– O senhor deve estar a brincar. Lake ficou pasmado.

– Gosto dessa tal Jayne Cordell da sua equipa. Tem trinta e oito anos, é bem falante e muito bonita, embora tenha de perder oito quilos. Está divorciada há doze anos, e o assunto está esquecido. Creio que daria uma boa Primeira Dama.

Lake inclinou a cabeça para o lado e, de súbito, sentiu-se furioso. Apetecia-lhe desancar Teddy, mas nesse momento faltavam-lhe as palavras. Conseguiu balbuciar: – O senhor enlouqueceu? – Sabemos do Ricky – disse Teddy, com uma grande frieza e um olhar penetrante.

O ar desapareceu dos pulmões de Lake, que suspirou e exclamou: – Oh, meu Deus! Ficou a olhar para os pés, completamente imóvel com o choque.

Para piorar as coisas, Teddy entregou-lhe uma folha de papel. Lake pegou nela e reconheceu imediatamente uma cópia do seu último bilhete a Ricky.

Caro Ricky, Creio que é melhor pormos fim à nossa correspondência. Desejo-te felicidades na tua recuperação.

Cumprimentos,

Lake ia a dizer que podia explicar tudo; as coisas não eram o que pareciam. Mas resolveu não dizer nada, pelo menos por enquanto. As perguntas inundavam-lhe a mente. O que sabiam eles? Como é que tinham interceptado a correspondência? Quem mais é que sabia? Teddy deixou-o sofrer em silêncio. Não havia pressa.

Quando os seus pensamentos se organizaram, o político que havia em Lake veio à superfície. Teddy oferecia-lhe uma saída. Era como se Teddy dissesse: «Joga bola comigo, filho, que as coisas vão correr bem. Fá-las à minha maneira.»

Por isso, Lake engoliu em seco e disse: – Na verdade, gosto dela.

– É claro que gosta. Ela é perfeita para o lugar.

– Sim. É muito leal.

– Dorme com ela?

– Não. Por enquanto, não.

– Despache-se. Dê-lhe a mão durante a convenção. Deixe que os mexericos comecem, deixe a natureza seguir o seu curso. Uma semana antes das eleições, anuncie um casamento no Natal.

– Grande ou pequeno?

– Enorme. O acontecimento social do ano em Washington.

– Isso agrada-me.

– Engravide-a rapidamente. Antes da tomada de posse, anuncie que a Primeira Dama está à espera de um filho. Isso dará uma notícia formidável. E será tão bom ver crianças outra vez na Casa Branca! Lake sorriu e fez um gesto de cabeça, como se o pensamento lhe Agradasse. De repente, franziu o sobrolho e perguntou: – Alguém virá a saber do Ricky?

– Não. Ele foi neutralizado.

– Neutralizado?

– Nunca mais escreverá outra carta, Mr. Lake. E o senhor andará tão ocupado com os seus filhos que nem terá tempo para pensar em gente como o Ricky.

– Ricky quê?

– Adiante, Lake. Adiante.

– Lamento muito, Mr. Lake. Lamento muito. Que isto não volte a acontecer.

– Evidentemente que não. Eu é que tenho o dossiê, Mr. Lake, Lembre-se sempre disso.

Teddy começou a rodar a cadeira para trás, como se a reunião tivesse acabado.

– Foi um momento de fraqueza isolado – disse Lake.

– Não se preocupe, Lake. Cuide da Jayne. Compre-lhe roupas novas. Ela trabalha muito e anda com um ar cansado. Alivie-a. Ela tem tudo para dar uma Primeira Dama maravilhosa.

– Sim, senhor. Teddy estava à porta.

– Não quero mais surpresas, Lake.

– Não, senhor.

Teddy abriu a porta e afastou-se.

No fim de Novembro, tinham-se instalado em Monte Carlo, essencialmente devido à beleza do local e ao tempo quente, mas também porque lá se falava muito inglês. E havia casinos, que eram indispensáveis a Spicer. Nem Beech nem Yarber sabiam se ele estava a ganhar ou a perder, mas estava com certeza a divertir-se. A mulher continuava a tomar conta da mãe, que ainda não morrera. A situação estava tensa, porque Joe Roy não iria para casa e ela não sairia do Mississippi.

Viviam os três no mesmo hotel, pequeno mas elegante, nos limites da cidade, e em geral tomavam o pequeno-almoço juntos duas vezes por

semana, antes de se separarem. À medida que os meses passavam e que se instalavam nas suas novas vidas, viam-se cada vez menos. Tinham interesses diferentes. Spicer queria jogar, beber e passar algum tempo com mulheres. Beech preferia o mar e gostava da pesca. Yarber viajava e estudava a história do Sul de França e do Norte de Itália.

Mas cada um sabia sempre onde os outros estavam. Se algum desaparecesse, os outros dois queriam ser informados.

Não leram nada acerca dos seus indultos. Beech e Yarber tinham passado várias horas numa biblioteca de Roma a ler jornais americanos, pouco depois de terem saído do país.

Nem uma palavra a respeito deles. Não mantinham contato com ninguém dos Estados Unidos. A mulher de Spicer afirmava que não dissera a ninguém que o marido saíra da prisão. Continuava convencida de que ele fugira.

No Dia de Ação de Graças, Finn Yarber estava a tomar um café na baixa de Monte Carlo.

Estava um dia quente e cheio de sol e Yarber lembrava-se vagamente de que havia um feriado importante no seu país. Não se importava porque não tencionava voltar. Beech estava a dormir no quarto do hotel. Spicer num casino a três quarteirões dali.

Um rosto vagamente familiar surgiu não se sabe de onde. Numa fração de segundo, o homem sentou-se em frente de Yarber e disse: – Olá, Finn. Lembra-se de mim?

Yarber tomou um gole de café tranquilamente e examinou a face do homem. Vira-o pela última vez em Trumble.

– Wilson Argrow, da prisão – disse o homem. Yarber pousou a chávena, não fosse deixá-la cair.

– Bom-dia, Mr. Argrow – disse Finn devagar, com calma, embora lhe apetecesse dizer muitas outras coisas.

– Aposto que está admirado por me ver.

– Sim, por acaso.

– A vitória esmagadora do Aaron Lake não foi uma notícia formidável? – É verdade. Em que posso ajudá-lo? – Só queria que soubesse que andamos sempre perto, caso precise de nós.

Finn riu-se e disse: – Não me parece provável.

Há cinco meses que tinham sido libertados. Tinha andado de país em país, da Grécia para a Suécia, da Polónia para Portugal, sempre a caminho do Sul à medida que o tempo mudava. Como diabo é que Argrow conseguira dar com eles? Era impossível.

Argrow tirou uma revista do bolso interior do casaco.

– Descobri isto a semana passada-disse ele, entregando-lhe a revista.

Numa das últimas páginas, via-se um anúncio assinalado a marcador vermelho: JOVEM DE 20 E TAL ANOS PROCURA CAVALHEIRO AMERICANO SIMPÁTICO E DISCRETO DE 40 OU 50 ANOS PARA CONVÍVIO.

Yarber já vira aquilo, mas encolheu os ombros como se não imaginasse do que se tratava.

– Parece familiar, não é verdade? – perguntou Argrow.

– A mim, parecem-me todos iguais – respondeu Finn.

Atirou a revista para cima da mesa. Era a edição europeia de Out and About.

– Descobrimos que o endereço da caixa postal é aqui em Monte Carlo – disse Argrow. – Uma caixa postal novinha em folha, com um nome falso e tudo. Que coincidência! – Ouça, não sei para quem é que trabalha, mas desconfio que não estamos sob a sua jurisdição. Não violamos uma única lei. Porque não desaparece? – Claro, Finn, mas dois milhões de dólares não chegam? Finn sorriu e olhou à sua volta.

Tomou um gole de café e disse: – Você conseguiu manter-se ocupado.

– Até qualquer dia – disse Argrow, levantando-se e desaparecendo. Yarber acabou de beber o café como se nada tivesse acontecido.

Durante algum tempo, ficou a olhar para a rua e para o trânsito. Em seguida, foi ter com os colegas.

Fim

Digitalização e correção
Carla Maria Ferreira dos Mártires
José Alberto Canelas

